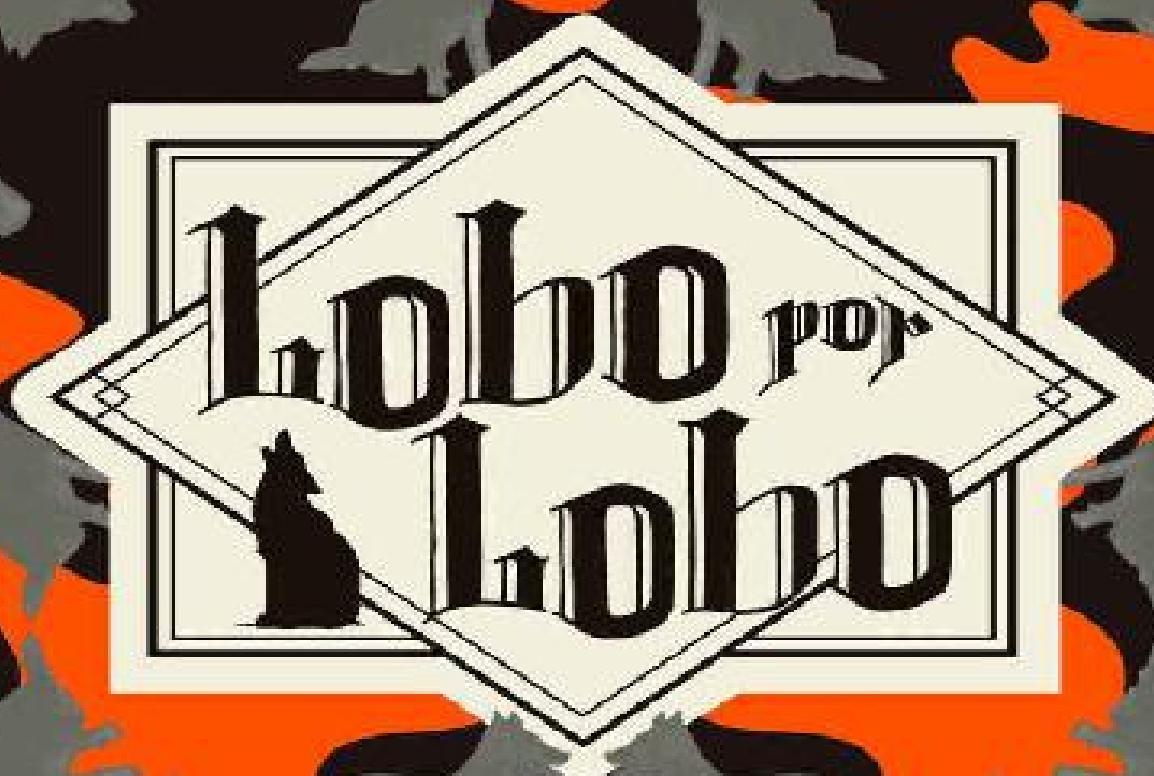


3 JANUÁRIO



RYAN
GRAUDIN

VENÇA A CORRIDA
OU MORRA TENTANDO



“Ler é aprimorar seus conhecimentos e compreender a vida ao seu redor.”

e-Livros.xyz

RYAN
GRAUDIN



Tradução
GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para David, por ficar ao meu lado
e compartilhar minhas jornadas mais importantes*

*Os ossos podres estão trêmulos,
do mundo antes da Guerra Vermelha.*

Trecho de uma das canções oficiais
da Juventude Hitlerista

Era uma vez, em outra época, uma garota que vivia no reino da morte. Lobos uivavam em seu braço. Uma matilha inteira — feita de tinta e dor, memória e perda. Era a única coisa nela que sempre continuava igual.

Sua história começa num trem.

PASSADO

OS NÚMEROS
OUTONO DE 1944

Havia cinco mil almas espremidas nos vagões, transportadas feito gado. O trem gemia e se curvava sob o peso delas, exausto das muitas viagens. (Cinco mil vezes cinco mil. De novo e de novo. Tantos e tantos.)

Sem lugar para sentar, sem ar para respirar, sem alimento para comer. Yael se recostava na mãe e em desconhecidos até seus joelhos doerem (e muito, muito além disso). Ela inspirava o cheiro de lixo e tomava goles dos baldes de água cortante de tão gelada que os guardas enfiavam pela porta aos berros. Lá embaixo, nos trilhos, um gemido lento e balbuciante sussurrava seu nome, de novo e de novo: *ya-el, ya-el, ya-el*.

— Você não vai precisar ficar em pé por muito mais tempo. Estamos quase lá — sua mãe dizia, acariciando o cabelo da filha.

Mas “quase lá” demorava cada vez mais. Um dia se transformou em dois, em três. Horas sem fim de quilômetros chacoalhantes e frestas de luz do sol que cortavam como faca por entre as tábuas velhas do vagão e pelo rosto cinzento dos passageiros. Yael se apertou contra a saia de tafetá da mãe e tentou não ouvir o choro. Soluços tão altos que seu nome era quase abafado por eles. Mas, por mais sonora que ficasse a tristeza, ela ainda conseguia ouvir o sussurro. *Ya-el, ya-el, ya-el*. Constante, firme. Um segredo sob todas as coisas.

Três dias daquilo.

Ya-el, ya-el, ya-el — piuí!

Para.

Nada.

E então as portas se abriram.

— Saiam! Rápido! — gritou um homem careca, magro, usando roupas que pareciam um pijama, e continuou gritando. Mesmo depois que começaram a sair aos montes do vagão. Ele gritava e gritava de forma que fez Yael se encolher junto à mãe. — Rápido! Rápido!

Ao redor, era só negrume e clarão. Noite e holofotes. O ar gelado ficava mais cortante graças aos gritos dos guardas, rosnados dos cães e estalos de chicotes.

— Homens de um lado! Mulheres do outro!

Empurra, empurra, aperta, empurra, gritos. Um mar de lã e pés se arrastava. Todos pareciam perdidos. Movendo-se, empurrando, chorando, sem saber. Os dedos de Yael agarraram a barra do casaco da mãe com tanta força que podiam muito bem estar costurados ali.

RÁPIDO RÁPIDO VAI, uma voz de ferro dentro de Yael lutava, empurrava e gritava. *NÃO*

SE DEIXE ARRASTAR...

Todos seguiam numa direção só. Para longe das chicotadas e da boca dos cães. Para um homem sobre uma caixa de maçãs virada de cabeça para baixo, vigiando a multidão sombria e crescente na plataforma. A luz de um holofote o banhava. O tecido branco de seu jaleco cintilava e seus braços estavam abertos como asas.

Parecia um anjo.

Todo rosto que passava era avaliado e julgado por ele. Homens e mulheres. Velhos e jovens. Ele os puxava, examinava e indicava as filas.

— Pequeno demais! Doente demais! Fraco demais! Baixo demais! Velho demais! — O homem vociferava características como se fossem ingredientes para uma receita perversa, dispensando os ofendidos com um gesto. Aqueles que aprovava recebiam um aceno de cabeça.

Quando viu Yael, não vociferou nem acenou. Apertou os olhos por trás dos óculos — olhos de uma serpente.

Yael apertou os olhos também. Havia uma agudeza no olhar delaafiada por três dias de medo e luzes fortes demais. Seus joelhos doíam e tremiam, mas ela se esforçou ao máximo para se manter firme. Não queria ser pequena demais, fraca demais, baixa demais.

O homem desceu da caixa e caminhou na direção da mãe de Yael, que se aproximou da filha para protegê-la. Mas não havia como se defender do olhar fixo do homem. Ele via tudo, observava Yael e a mãe como se fossem ternos que precisavam ser ajustados. Parecia tirar medidas com os olhos, imaginando o que alguns pontos e pregas seriam capazes de fazer.

Yael retribuiu o olhar. O homem era diferente visto de perto. Fora da luz, sob as sombras pesadas. (Elas pareciam ainda mais sombrias sobre ele, como para compensar aquela primeira impressão reluzente.) Seu cheiro também era peculiar. Limpo, sem ser. Aromas fortes e descamados. Yael o associou com alvejante, sangue e bisturis malcuidados.

Aquele homem não trabalhava com arautos, bênçãos ou milagres.

Era um anjo de outro tipo.

Os joelhos de Yael doíam, doíam, doíam. Seus olhos ardiam e lacrimejavam. Ela continuou em pé. Continuou olhando firme. Apertando a saia da mãe com os dedos insistentes.

O homem de jaleco branco lançou um olhar para o guarda perto dele, que estava ocupado tomando notas numa prancheta.

— Reserve essa menina para o Experimento 85. É de longo prazo, então ela pode ficar alojada nos barracões das internas. Apenas corte o cabelo dela, não raspe. Vou precisar de fios para as amostras.

— Sim, dr. Geyer. — O guarda pegou a mão de Yael, passou a caneta na pele dela em dois golpes rápidos. Um X marcou a sobrevivente. — E a mãe?

O homem deu de ombros.

— Parece forte o bastante — foi tudo o que ele disse antes de voltar para a caixa, sob a luz que o fazia brilhar.

Yael nunca descobriu por que o dr. Geyer a escolheu. Por que ela foi escolhida para a fila dos vivos entre todas as criancinhas que saíram cambaleando dos vagões e que se agarraram ao casaco da mãe naquela noite.

Mas não demorou para descobrir para que tinha sido marcada.

A cada duas manhãs, após a chamada das quatro horas, um guarda gritava o número de Yael. Ela precisava segui-lo pelos portões de arame farpado e atravessar os trilhos do trem até o consultório do médico.

A enfermeira sempre amarrava Yael na maca antes das injeções. Ela nunca olhava de verdade para a menina, mesmo quando virava seu braço para conferir os números ali tatuados. Aqueles olhos aguados focavam o inanimado. Coisas como manchas de sangue ainda úmidas no piso ou salpicadas em seu avental branco imaculado. O couro preto reluzente dos sapatos. A prancha na qual anotava informações sobre Yael.

INTERNA: 121358ΔX

IDADE: 6 ANOS

EXPERIMENTO: 85 — MANIPULAÇÃO DE MELANINA

SESSÃO:38

O dr. Geyer era diferente. Desde que atravessava o batente, não tirava os olhos de Yael. Sentava em seu banco com rodinhas, ligeiramente inclinado para trás, com os braços cruzados, examinando a garotinha diante dele. Não havia rugas em seu rosto — sua testa não franzia de cansaço e sua pele parecia não sentir o peso do mundo.

Ele até sorria quando fazia perguntas. Yael podia ver aqueles dentes brancos, os dois da frente levemente separados. Era ali que ela focava quando o dr. Geyer abria a boca. A lacuna. A incompletude de suas palavras calmas. A única ruptura de sua miragem paternal.

— Como você está se sentindo? — ele perguntava, debruçando-se no banquinho.

Yael nunca respondia com sinceridade. O que exatamente o dr. Geyer esperava que dissesse? O beliche que dividia com a mãe e outras três mulheres estava infestado de piolhos; à noite a temperatura caía tanto que a palha do colchão perfurava sua pele como agulhas; e ela tinha fome, sempre, por mais que a *babushka* no beliche em frente lhe desse rações extras de pão às escondidas toda noite.

NÃO OLHE PARA AS FACAS DIGA O QUE ELE QUER OUVIR.

Ela queria ser forte, corajosa, então dizia a única coisa que uma menina forte e corajosa poderia dizer:

— Bem.

O sorriso do médico sempre se abria ainda mais quando ela dizia isso. Yael queria que ele ficasse feliz. Não queria que as manchas de sangue no piso fossem dela.

Toda sessão ele examinava sua pele. Apontava uma lanterna ofuscante para seus olhos. Arrancava alguns de seus poucos fios curtos de cabelo para análise de cor. Quando a série de perguntas e respostas chegava ao fim, o dr. Geyer pegava a prancheta com a enfermeira parada no canto. Sempre folheava as páginas, deixando o cabelo castanho cair sobre os olhos enquanto decifrava a letra indelicada da mulher.

— “Indícios de declínio uniforme da produção de melanina... Notados trechos mais pálidos na pele além de uma leve mudança na pigmentação da íris. Eumelanina também em redução, como se pode ver pela coloração do cabelo da cobaia.”

Eles nunca se referiam a Yael pelo nome. Era sempre “cobaia”. Ou, se precisavam ser mais específicos, interna 121358ΔX.

— Estamos fazendo progresso. — O sorriso do dr. Geyer aumentou, como se seus lábios fossem abertos por um pé de cabra. Ele devolvia a prancheta para a enfermeira, rolava o banquinho até a mesinha prateada onde as agulhas ficavam organizadas em fileira. Dentes de prata, querendo enfiar veneno na pele de Yael. Enchê-la de mais dois dias de ardor e agonia. Mudá-la de dentro para fora. Tirar todas as cores, os sentimentos e a humanidade de dentro dela. Drenar, drenar, drenar, até não sobrar nada.

Só o fantasma de uma menina. Uma casca oca.

Progresso.

PRESENTE

9 DE MARÇO DE 1956
GERMÂNIA, CAPITAL DO TERCEIRO REICH

O sol era uma ameaça laranja no céu quando Yael saiu para a Luisenstrasse — uma artéria de asfalto no coração da cidade que já fora conhecida como Berlim. A garota tinha ficado tempo demais na cadeira do tatuador, suportando a agulha, a dor e as lembranças. Observando-o dar os últimos retoques pretos do último lobo preto.

Essa tinha sido sua quinta e última visita ao quatinho minúsculo dos fundos, com frascos de tinta e cadeiras de couro craquelado. Cinco visitas para cobrir os números tortos no braço esquerdo. Cinco visitas para cinco lobos. Eles pulavam, atacavam e uivavam no seu braço, até a altura do cotovelo. Pretos, sempre correndo, lutando contra sua pele.

Babushka, Mama, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad.

Cinco nomes, cinco histórias, cinco almas.

Ou quatro lembranças e um lembrete, um jeito diferente de fazer a conta.

Mas o lobo de Vlad *precisava* ser tão perfeito quanto os outros, o que fez com que Yael arriscasse sua sorte ao máximo, vigiando o ponteiro do relógio na parede oposta, que avançava rumo ao pôr do sol. No fim, o lobo de Vlad ficou uma ferida aberta impecável, latejando sob a gaze enrolada às pressas.

Yael estava atrasada.

A Alemanha era um lugar perigoso depois do anoitecer. O toque de recolher oficial era só dali a algumas horas, mas aquilo não impedia que as patrulhas rondassem pelas ruas da capital verificando documentos de almas aleatórias que passavam. Prontas para prender por irregularidades mínimas.

Nada de bom acontecia à noite, segundo os nacional-socialistas. O *Volk* honesto não tinha por que sair depois que as lojas e os bares fechavam. As únicas pessoas desesperadas o bastante para atuar sob a lua e as trevas pesadas eram os conspiradores da resistência, os salafrários do mercado negro e os judeus disfarçados.

Yael era as três coisas.

Os líderes da resistência iam querer matá-la. Especialmente Henryka. A polonesa baixinha com cabelo seco e descolorido espetado em todas as direções era muito mais terrível do que seus traços indicavam. Yael teria preferido a voz rígida de comandante do Exército nacional-socialista de Reiniger à combinação furacão/ mamãe-urso/ avião de guerra que era Henryka.

No mínimo, os líderes lhe dariam um sermão. (Henryka: *Como você pôde ficar na rua até tão tarde?! Achamos que você tinha morrido ou coisa pior!* Reiniger: *Você faz ideia de como*

foi egoísta? Poderia ter comprometido a resistência inteira! Estamos tão perto... Tão perto!)
Isso se as patrulhas não a encontrassem antes.

A Luisenstrasse estava vazia enquanto Yael andava sob as luzes incandescentes dos postes. Uma longa fileira de Volkswagens — idênticos, exceto pelo código da placa — estava parada no meio-fio. O mercadinho já estava trancado, com as janelas escuras. Pôsteres de propaganda política — alguns velhos e enrugados, outros ainda com a cola fresca — cobriam as paredes entre uma porta e outra, lembrando os jovens arianos loiros e fortes de participar da Juventude Hitlerista. Lembrando suas mães de produzir mais jovens arianos loiros e fortes para participar da Juventude Hitlerista.

Yael não precisava andar muito, só alguns quarteirões, até a segurança do portão secreto do bar. Mas bastava um encontro. Uma resposta apressada demais.

A necessidade de andar rápido e evitar ser descoberta subia por sua garganta conforme ela corria diante dos pôsteres, dobrando uma esquina para entrar numa ruazinha isolada.

E dar de cara com uma patrulha.

Era uma unidade-padrão: dois jovens com Mauser Kar98Ks nos ombros. Os soldados estavam recostados numa parede, dividindo um único cigarro do mercado negro. A fumaça ilegal saía em caracóis de seus lábios como dezenas de fantasmas. Branca — não preta como os vagalhões da infância de Yael. Aquela que emanava, dia e noite, das chaminés altas. Quando ela era muito pequena, pensava que um monstro vivia atrás das paredes de tijolos cobertos de fuligem. (Agora sabia a verdade. Tinha visto as fotos e as listas infindáveis de mortos. Sequências e sequências de números como aquele que seus lobos escondiam. Havia um monstro, mas ele não morava no crematório do campo de extermínio. Seu covil era muito mais elegante: uma chancelaria cheia de obras de arte roubadas e portas com fechaduras de aço.)

Aquela fumaça, a fumaça branca, desapareceu rapidamente quando os soldados a viram. O primeiro jogou o cigarro no chão, apagando-o com o calcanhar. O segundo a chamou com a voz grossa:

— Você aí! *Fräulein!*

Ela não tinha como voltar agora.

ANDE RETO NÃO DEMONSTRE O MEDO.

Quando Yael parou diante da dupla, fez a saudação obrigatória sem hesitar.

— *Heil Hitler!*

Os dois retribuíram a saudação em voz baixa. O primeiro soldado esfregou ainda mais o tabaco com o calcanhar contra a calçada. O segundo estendeu a mão.

Yael levou uma fração de segundo para entender o que ele estava pedindo. Ela havia passado por aquela situação com patrulhas antes (mais vezes do que admitiria a Henryka e Reiniger), mas a visão da fumaça, somada às horas no quatinho dos fundos do tatuador, a deixou aturdida. Não era a tinta ou a dor, mas a agulha em si. A lembrança de agulhas. Do que eram capazes de fazer. Do que tinham feito.

Em sua função mais básica, agulhas fazem duas coisas: dão e tiram. As agulhas do tatuador tiraram a pele branca e os números, e lhe deram lobos. As do dr. Geyer haviam tirado muito

mais. Mas o que deram...

Yael teve muitos rostos. Muitos nomes. Muitos documentos. Porque as substâncias químicas que o Anjo da Morte tinha enfiado nas veias dela a transformaram.

— Documentos — o segundo soldado exigiu.

Yael sabia que era melhor não discutir. Seus dedos se dirigiram ao bolso da jaqueta de couro e tiraram a caderneta correspondente ao rosto atual.

— “Mina Jager” — o soldado leu em voz alta. Olhou da foto para o rosto e de volta para a foto. Passou para a página amarelada seguinte para ler a história nada extraordinária de Mina: nascida na Alemanha, loira, membra da Juventude Hitlerista. A biografia básica de qualquer adolescente num raio de dezesseis quilômetros.

— O que a senhorita está fazendo na rua a esta hora, *Fräulein* Jager? — o primeiro soldado perguntou enquanto o outro continuava lendo.

A verdade? *Voltando de um tatuador clandestino que cobriu os números que me identificam como judia antes de entrar numa missão ultrassecreta em nome da resistência para pôr fim à Nova Ordem.* Soava tão absurdo que os soldados poderiam dar risada se Yael contasse. Seu lado insolente queria arriscar, mas ela escolheu a resposta mais adequada. A mais monótona.

— Achei que daria tempo de ir ao mercado antes que fechasse. Os ovos acabaram e minha mãe me mandou comprar mais.

— Ovos... — O primeiro soldado franziu a testa e indicou o braço dela com a cabeça. — O que é isso?

Yael olhou para a manga esquerda da jaqueta. O curativo tinha sido feito às pressas. A ponta branca desfiada da gaze aparecia por baixo do couro.

— Um curativo — ela respondeu.

Ele se debruçou. Aproximou-se, curioso. O hálito seco pela fumaça.

— Vamos dar uma olhada.

Raios, *tum, verdammt*, bateu o coração de Yael.

Ela podia manipular sua aparência da mesma forma que outras pessoas podiam trocar de roupa. Consequia modificar muitas coisas naquelas trocas de pele: sua altura, seu peso, sua cor de pele, seu cabelo, o timbre de sua voz. Mas certas coisas não, como sexo, feridas e tatuagens.

Elas ficavam.

Os lobos eram sua constante, sua única coisa sólida e segura. Meses antes, quando voltou à sede da resistência com o primeiro lobo recém-feito, Henryka teve muito a dizer a respeito (principalmente que a tatuagem “a entregava”). Chegou até a lembrar que as leis religiosas do povo de Yael proibiam tatuagens.

Mas já estava feito. Fazia mais de uma década que a tinta estava sob a pele de Yael. Ao acrescentar os lobos, ela simplesmente a tornara pessoal. Aquelas novas marcas eram muito melhores do que os números dos nacional-socialistas. Elas não bastariam para condenar Yael, mas levantariam suspeitas se a patrulha visse. Suspeitas suficientes para fazer com que fosse detida.

A única coisa que levantaria mais perguntas seria se Yael se recusasse a obedecer à ordem do soldado. Ela ergueu a manga devagar, bem devagar. A gaze subia por todo o braço. Estava

manchada com pontos cor de ferrugem e desfiada nas pontas.

O soldado apertou os olhos para examinar.

— O que aconteceu?

O coração de Yael batia mais alto agora (DROGA, *TUM*, *VERDAMMT*. DROGA, *TUM*, *VERDAMMT*), pulsando rápido com a noção de que uma gaze fina a separava de uma catástrofe. Bastava o soldado estender o braço e puxá-la. Ver a tinta, a carne viva e o sangue.

E então?

Sempre havia uma saída. Vlad tinha ensinado aquilo a ela, além de muitas outras coisas. Aqueles dois homens e seus rifles não se comparavam ao que ela havia aprendido, mesmo naquele corpo de uma jovem de dezessete anos. Yael poderia nocautear os dois e desaparecer em menos de vinte segundos.

Poderia, mas não faria aquilo. Um incidente tão perto da sede da resistência, na véspera de sua primeira missão, seria arriscado demais. Atrairia a atenção e a fúria da Gestapo. Colocaria a resistência em risco. Arruinaria tudo.

Sempre havia uma saída, mas naquela noite (mais do que em qualquer outra) precisava ser uma saída limpa.

— Foi uma mordida de cachorro — Yael respondeu. — Um vira-lata me atacou alguns dias atrás.

O soldado avaliou o curativo por mais um segundo. Sua postura agressiva relaxou. Era como se ele quisesse bater papo.

— Foi feio? — ele perguntou.

Foi feio? Yael teria preferido mil e uma mordidas de cachorro ao que realmente acontecera. Trens e cercas de arame farpado. Morte, dor e morte.

— Sobrevivi — ela disse, com um sorriso.

— Vira-latas são bons para treinar tiro ao alvo. Quase tão bons quanto comunistas e judeus. — O soldado deu risada e bateu na coronha de sua Mauser. — Vou atirar no próximo que vir por você.

Yael manteve os lábios retraídos do jeito sério e dócil de Mina. A máscara de boa *Reichling*. Só mostrava raiva nos lugares invisíveis do corpo. Ela apertava os dedos dos pés com força dentro das botas. Os das mãos estavam no bolso do casaco, onde ficava sua pistola Walther P38 de confiança.

O segundo soldado fechou a caderneta e Yael viu o selo do Reich na capa. As asas da águia eram rígidas: uma saudação dupla. A guirlanda e a cruz gamada pendiam sem esforço de suas garras. Tudo era tão negro quanto aquela fumaça monstruosa. A mesma escuridão que cresceria dentro de Yael se permitisse que as memórias voltassem.

— Parece que está tudo em ordem, *Fräulein Jager*.

Ele estendeu a caderneta para ela. Yael sentia um gosto de fuligem na garganta. Seus dedos dos pés estalavam — *pop, pop, pop* —, pequenos disparos baixos dentro das botas.

Havia uma hora e um lugar para lembrar. Havia um alvo esperando por sua fúria, sua vingança. Não aquela noite, aquela rua, aqueles homens.

Sua mão soltou a arma. Yael estendeu o braço e pegou os documentos.

— Obrigada — ela disse enquanto enfiava as páginas da vida de outra garota no bolso do casaco. — Preciso ir. Minha mãe vai ficar preocupada.

O segundo soldado assentiu.

— Claro, *Fräulein* Jager. Desculpe por atrasar a senhorita.

Ela começou a andar, com a mão enfiada no bolso do casaco, segurando firme os talismãs que guardava ali: uma tachinha velha e uma boneca de madeira do tamanho de uma ervilha com o rosto apagado. Um a um, seus dedos dos pés foram relaxando. A escuridão se retraiu, retornando ao seu sono agitado.

— Cuidado com os vira-latas! — o primeiro soldado gritou para ela.

Yael ergueu a mão para agradecer, mas não se virou. Estava cansada de soldados e vira-latas.

Tinha coisas muito piores para enfrentar.

PRESENTE

9 DE MARÇO DE 1956
GERMÂNIA, TERCEIRO REICH

Yael prendeu a respiração enquanto entrava na sala de Henryka, esperando uma enxurrada de arrulhos de mamãe-coruja e bicadas de culpa — “Onde você estava? Fiquei tão preocupada! Achei que tinha sido descoberta/ morta/ (inserir desastre aqui)!”. Mas a porta do porão se abriu e Henryka não estava lá.

Talvez ninguém tivesse sentido sua falta.

Yael soltou o ar e entrou na sala. Não era um dos lugares mais luxuosos do mundo, e parecia ainda menor com as inúmeras prateleiras, a mesa de estilo militar e a mesa de carteadado envolta por cadeiras que não combinavam. Havia papéis por toda parte: cobrindo as paredes, saindo de gavetas, empilhados em arquivos, por toda a mesa de Henryka. Documentos de operações antigas, resmas de informações secretas sobre autoridades do governo nacional-socialista e livros recuperados. (Yael havia lido toda a biblioteca de Henryka pelo menos umas seis vezes, aprendendo *Biologia da vida selvagem do deserto*, *História da civilização ocidental*, *Cálculo avançado* e tudo o que as coleções de enciclopédias gastas tivessem a oferecer.)

Mas um papel em particular sempre chamara sua atenção: o mapa de operações que ocupava a parede oposta. Toda a Europa estava manchada de vermelho. Uma onda carmesim sobre os montes Urais, sangrando rumo à Ásia. Escarlata jorrando pelo Mediterrâneo e pingando do topo da África.

Vermelho: a cor das feridas de batalha e do Terceiro Reich. A morte dura e amarga.

Sempre que Yael estudava o mapa, não conseguia deixar de se surpreender com o tamanho da vitória de Hitler. Segundo diziam, quando o Führer anunciou a seus generais sua ideia de ocupar a África e a Europa, alguns deram risada. “Impossível”, tinham dito. “Não tem como acontecer.”

Mas a palavra “impossível” não abalava um homem como ele. Hitler enviou seus exércitos marchando pela Europa; suas tropas implacáveis da SS ignoraram todas as leis de guerra “civilizada”, exterminando soldados e civis indiscriminadamente.

Alguns países, como Itália e Japão, se juntaram ao alvoroço anexador de Hitler, sedentos por territórios para si próprios. Outros, feridos demais pela guerra que havia devastado o mundo duas décadas antes, se recusaram a lutar. Não foi preciso muito para convencê-los a assinar um pacto de não agressão com o Eixo. “Paz a todo custo” era o refrão isolacionista nos jornais norte-americanos. A União Soviética também assinara o pacto, pois nem tudo estava bem em seu território. Revoltas localizadas contra os extermínios étnicos de Stálin e dissensão dentro

do governo dilapidavam a grande máquina de guerra comunista. O país estava longe de estar preparado para a batalha.

A Inglaterra foi a única grande potência que não colaborou com o Eixo e não ficou de braços cruzados. Foi também a primeira das grandes potências a cair. Seus aviões e sua determinação não foram capazes de deter a Operação Leão-Marinho. Depois que os nacional-socialistas fincaram sua bandeira sobre as ruínas do Parlamento, Hitler deu tempo ao tempo, firmando seu controle nos países conquistados enquanto mantinha o olhar atento ao Oriente.

A União Soviética cedia à tensão interna. Os opositores de Stálin se levantaram apesar das dificuldades, exclamando contra a aliança do governo com os alemães. Regiões inteiras do país se fragmentaram em revoltas. Quando o Führer finalmente quebrou o pacto de não agressão em 1942, o Exército estava reduzido demais para combater uma guerra de dois frentes. Os nacional-socialistas e os italianos derrubaram a fronteira europeia dos soviéticos enquanto os japoneses se infiltraram pela Sibéria.

Quando Hitler ficou seguro da derrota dos soviéticos, voltou sua atenção aos aliados italianos (cujos territórios recém-adquiridos ficavam na Europa e na África). Depois de seus espiões assassinarem o líder italiano Mussolini e botar a culpa nos guerrilheiros, o Führer enviou seus exércitos para a Itália e seus territórios a fim de “estabilizar a região”.

Eles nunca mais saíram de lá.

Os territórios vermelhos da Europa e da África eram chamados de Lebensraum, área de habitação para o povo ariano. A população nativa foi reduzida a cidadãos de segunda categoria, e todos os que resistiram foram enviados a campos de trabalho forçado. Judeus, ciganos, eslavos e outros que o Führer considerava *Untermenschen* eram cercados e levados a outro tipo de campo.

O carmim não era a única cor no mapa de operações de Henryka. Dois impérios distintos compunham o Eixo: o Terceiro Reich e o Japão, que liderava a Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental. O Führer e o imperador Hirohito tinham dividido o continente asiático como um bolo, cortando-o precisamente no meridiano setenta. Henryka havia escolhido um tom sombrio de cinza para colorir o território do imperador.

No alto do mapa não havia cor nenhuma. Apenas uma grande extensão branca de terras invernais, onde sobrevivia o resto do exército de Stálin. Dividido demais, sem recursos, no frio extremo, de modo que as forças do Eixo nem se preocupavam.

Por mais de uma década as cores continuavam iguais. Pegando mais, ficando mais fortes. (Embora, segundo as informações secretas da resistência, as ambições de Hitler para os nacional-socialistas e a raça ariana fossem de uma escala global. Não importava que tivesse assinado pactos de não agressão com a América ou que tivesse feito uma aliança com o imperador Hirohito. Intriga e traições políticas eram sua especialidade. E por que outro motivo as centenas de campos de trabalho forçado do Reich se dedicariam à produção de materiais de guerra?)

Mas, enquanto fitava o mapa daquela vez, Yael não via as cores ou a falta delas. Não contava as tachinhas nas principais cidades do Reich — Alemanha, Londres, Cairo, Roma, Bagdá e Paris.

Yael olhava para a estrada diante dela.

O Tour do Eixo.

A corrida de longa distância que nascera como uma atividade da Juventude Hitlerista, um treinamento para os garotos que queriam entrar para a tropa de motocicletas *Kradschützen*. Ficou tão popular que evoluiu para uma competição. Quando a guerra acabou, Joseph Goebbels — ministro da Propaganda do Reich — decidiu televisioná-la para ostentar os territórios conquistados pelos dois impérios do Eixo, comemorar a vitória e promover a aliança. Adolescentes da Juventude Hitlerista e da Grande Associação de Sinceridade Japonesa competiam anualmente, correndo de motocicletas de capital a capital. Essa jornada prendia a atenção do povo de todo o Eixo durante grande parte do mês.

Henryka havia marcado o trajeto com uma linha preta que se estendia por três continentes numa curva em U. Yael traçou o percurso com o indicador. Começando na Alemanha, descendo pela bota que um dia fora a Itália, atravessando o mar, ao longo das areias do Saara, pelas montanhas escarpadas do Oriente Médio, entrando nas selvas da Indochina, subindo pelo porto de Shanghai, por outro mar, até chegar a Tóquio. Eram vinte mil setecentos e oitenta quilômetros divididos em nove trechos percorridos por vinte corredores, todos lutando pelo menor tempo e a consequente vitória.

Era aquela jornada que ela teria de empreender. Era aquela a corrida que precisava ganhar.

A porta do porão se abriu, revelando Henryka, de olhos arregalados, carregando diversos documentos.

— Yael? — A mulher sempre a cumprimentava com um tom de pergunta. Às vezes, Henryka se queixava de que não conseguia dar conta de todos os rostos no repertório de Yael. (Na verdade, os rostos eram muito parecidos: oval, cabelo claro, olhos brilhantes, nariz longo, dentes retos e brancos. A própria Yael tinha dificuldades para reconhecer seus pseudônimos. Eles eram quase intercambiáveis, o que era péssimo.)

O dedo de Yael se afastou de Tóquio ao mesmo tempo que ela abandonou o rosto de Mina, permitindo que os traços suaves da *Fräulein* Jager fossem embora. Havia um rosto novo em sua mente, igualmente ariano, embora mais aquilino. Yael o esculpiu em segundos. O processo de estender a pele, mudar os ossos e distorcer a cartilagem era sempre doloroso, mas rápido: *clec, clec, clec*. Novas peças, uma nova garota.

Henryka observou a transformação por entre os fios rebeldes de seu cabelo oxigenado e quebradiço, fazendo cara feia.

— Onde você esteve?

Lá vamos nós... Yael podia sentir o sermão se aproximando. Aquilo quase a fez sorrir: Henryka ainda cuidava dela como se fosse uma criança, embora Yael tivesse anos de sobrevivência agressiva por conta própria além do intenso treinamento operacional de Vlad.

— Era para você ter chegado há mais de quinze minutos! Kasper está esperando com o caminhão e eu estava ficando doida de preocupação! Mais cinco minutos e teria avisado Reiniger e mandado uma equipe de busca! Ele poderia ter cancelado toda a missão! Muita coisa depende de você!

Ela tinha razão, por isso Yael não sorriu.

— Sinto muito, Henryka. — Ela parou, tentando pensar no que mais dizer sem aumentar a ruga de preocupação na pele envelhecida da mulher. — Mesmo.

A raiva de Henryka se acalmou. Dez segundos de berros pareciam consumir toda a sua energia. Yael se perguntou quanto tempo fazia que estava acordada. Vários dias sem dormir não eram raros para Henryka, que passava a maior parte deles naquele escritório secreto, coordenando operações de paraquedas e decodificando mensagens de células de todos os territórios do Eixo. Aquele lugar e aquela polonesa indomável eram o cérebro da resistência. Coletando informações, transmitindo-as pelas muitas terminações nervosas, provocando movimento.

A carga de trabalho de Henryka andava especialmente pesada com a aproximação do Tour do Eixo. Ela precisava garantir que o mundo estivesse pronto para o que aconteceria caso Yael completasse a missão: uma revolução completa. O renascimento da Operação Valquíria.

Henryka foi até sua mesa, jogando os documentos novos na avalanche de pastas. No cantinho, atrás dos arquivos e de uma máquina de escrever velha, uma televisão emitia frequências altas e granuladas. As imagens em preto e branco lançavam uma luz estranha contra a tinta descascada das paredes. Henryka parou para ver. Estavam passando imagens antigas, uma montagem do Tour do Eixo do ano anterior. Filmes curtos de motocicletas filmados da beira da estrada eram intercalados com imagens dos tempos oficiais dos corredores sendo marcados nas lousas dos postos de controle das cidades. Mas o centro da cobertura eram as entrevistas conduzidas em cada posto de controle. Conversas com os corredores que tinham conseguido chegar ao topo da lista. Havia um monte de jovens alemães citando *Mein Kampf*, orgulhosos e esbaforidos. Havia jovens japoneses de cabelo lustroso, sérios e muitíssimo honrados.

E então havia Adele Wolfe, a garota que usou os documentos do irmão gêmeo para conseguir entrar na corrida exclusiva aos homens. Que cortou o cabelo, amarrou os seios e correu como os outros. A única garota que já havia competido. A vencedora do nono Tour do Eixo.

Adele Wolfe tinha a beleza clássica do Reich: pálida, pálida, pálida com cabelo sedoso cor de milho e olhos nórdicos. Seu rosto foi exibido em toda a Reichssender (a única emissora de televisão aprovada pelo Estado) poucos dias depois de sua vitória e da confissão surpreendente de que não era Felix Wolfe, mas sua irmã. (A Cruz de Ferro quase fora revogada dela pelas autoridades da corrida, mas a loira esbelta havia causado uma boa impressão no Führer. Segundo ele, era um exemplo perfeito do esplendor e da força arianos. E ninguém ousava discordar de Hitler.) As câmeras a seguiram por toda parte, documentando dezenas de entrevistas à imprensa, uma cerimônia de premiação com vista para o monte Fuji, o tradicional Baile da Vitória no Palácio Imperial de Tóquio.

Sem seu equipamento de corrida e vestindo um quimono de seda, Adele Wolfe tinha uma aparência delicada. Era difícil imaginar *como* uma garota que parecia uma fada saída diretamente de um dos livros dos irmãos Grimm tinha vencido dezenove rapazes troncudos em condições tão extenuantes. Mesmo depois de dez meses estudando as imagens da corrida e dominando as manobras e a velocidade de sua própria motocicleta Zündapp KS601 nas

estradas do interior, Yael ainda não sabia como Adele tinha conseguido.

Mas estava prestes a descobrir.

Henryka tirou os olhos da tela e os voltou para o rosto recém-transformado de Yael.

— Você está igual a ela.

Personificações exatas costumavam levar dias de estudo. Mesmo assim, nem sempre eram precisas. Havia ajustes a serem feitos, minúsculos detalhes a corrigir. A cor exata do cabelo e dos olhos. Uma sarda a menos. O ângulo preciso do nariz. Cicatrizes fundas, largas e perturbadoras na pele.

Yael tinha dominado a aparência de Adele Wolfe numa única semana. Ela era alta (um metro e setenta e cinco), tinha cabelo quase branco e três sardas muito distintas na bochecha esquerda. Seus olhos azuis eram fantasmagóricos — como camadas de gelo glacial sobrepostas ou baixios tropicais. Copiar seus traços era fácil. O difícil era copiar todos os aspectos da vida da nona vencedora.

Fazia quase um ano que Yael vinha estudando Adele Wolfe. Respirando, dormindo, comendo, vivendo tudo sobre ela. Observando-a de perto e de longe. Imitando a forma como caminhava (como se estivesse sendo puxada por cordas de seda). Notando como torcia as pontas do cabelo quando ficava nervosa. Memorizando todos os fatos estranhos e aparentemente inúteis de seu passado.

Yael sabia o seguinte: Adele Wolfe era filha de um mecânico e de uma dona de casa e nascera na periferia de Frankfurt, na Alemanha, em 2 de maio de 1938. Seus dois irmãos — Martin (mais velho) e Felix (irmão gêmeo) — ensinaram boxe e luta livre a ela. Sua mãe a ensinou a tricotar — não muito bem (as meias sempre saíam tortas e surgiam fios soltos) — e seu pai a ensinou a correr de moto — mais do que bem, embora mulheres não pudessem participar de competições formais. Ela odiava intensamente beterraba e peixe. Sua cor favorita era amarelo, mas sempre dizia que era vermelho, para soar mais agressiva.

Adele Wolfe queria, mais que tudo, ser alguém.

Aos dez anos, começou a correr usando o nome do irmão. No começo, ia ser só uma corrida, duas no máximo. Mas ela não parava de vencer. Felix Wolfe subiu ao topo do ranking de sua categoria e chegou a ter seu nome e sua fotografia impressos no jornal *Das Reich*. Adele corria e vencia, corria e vencia, e nada parecia capaz de detê-la.

Até o dia do acidente de Martin na pista de corrida. O dia em que a família Wolfe se feriu de forma que jamais poderia cicatrizar. O dia em que os pais de Adele decidiram abandonar as corridas por completo, proibindo os filhos sobreviventes até de assistir às corridas de Nürburgring.

Mas o medo que Adele sentia da pista não era nada perto do medo de se perder. Engolida pelos sistemas de procriação do Führer para dar à luz toda uma nação de loiros. Fadada a anos de tornozelos inchados, corpo acabado e seios secos de tanto amamentar.

Aquele não seria seu destino. Assim, cinco anos depois da morte do irmão mais velho, ela pegou os documentos de Felix Wolfe, entrou para a maior corrida do Reich e venceu.

O filme mais famoso da carreira esportiva de Adele Wolfe surgiu na tela. Era o Baile de Vitória de 1955 — uma festa oferecida ao vencedor do Tour do Eixo em que compareciam a

alta sociedade de Tóquio e as maiores autoridades do Reich. Adele havia surpreendido o mundo na linha de chegada ao revelar sua verdadeira identidade, mas o que aconteceu durante o baile espantou ainda mais alguns dos telespectadores da Reichssender.

Adolf Hitler — um homem conhecido por não gostar de festas — convidou Adele Wolfe para dançar. O Führer, que só saía das grandes portas de ferro da Chancelaria duas vezes por ano (e, quando saía, estava fortemente rodeado pelos uniformes pretos e duros da SS), deixou que a pele de Adele encostasse na dele em uma valsa de cinco minutos televisionada.

Esse foi um dos muitos motivos por que Reiniger — general nacional-socialista e líder secreto da resistência — entregou o arquivo de Adele Wolfe nas mãos de Yael. A garota tinha ficado perto o bastante do Führer para enfiar uma faca entre suas costelas. E poderia ficar tão perto mais uma vez.

E, daquela vez, a arma estaria à mão.

Mas, para comparecer ao Baile da Vitória em Tóquio, Yael precisava vencer a corrida como Adele Wolfe. Para vencer como Adele Wolfe, precisava assumir seu lugar. Para assumir seu lugar, precisava raptá-la antes do toque de recolher. Logo mais.

Yael olhou ao redor. O escritório parecia pequeno e silencioso demais para tudo o que estava prestes a acontecer.

— Cadê o Reiniger?

— Erwin queria estar aqui para se despedir de você, mas ele tinha... outras obrigações.

Aquele era o código de Henryka para os deveres nacional-socialistas. Yael sabia que, mesmo quando Reiniger estava com o inimigo, estava fazendo o trabalho da resistência: infiltrando-se no partido em busca de segredos, convertendo oficiais cuja noção de horror e moralidade continuava intacta mesmo depois de todos os anos de Nova Ordem, preparando grandes partes do Exército para o golpe de Estado que estava por vir. Mas pensar que fazia reuniões com homens que dançavam sobre as cinzas e o sangue do povo dela sempre revirava seu estômago.

— Ele queria entregar isso a você. — Henryka tirou uma folha dobrada dos papéis que havia trazido e a entregou para Yael. Era uma lista de endereços e protocolos de contato em código. Havia um para cada uma das nove cidades com postos de controle ao longo da linha preta pontilhada.

Praga. Roma. Cairo. Bagdá. Nova Delhi. Daca. Hanói. Shanghai. Tóquio.

— Se precisar de alguma coisa na estrada, essas células vão ajudar você. Só se lembre de despistar qualquer rastro antes de fazer uma visitinha a elas.

Yael voltou a dobrar o papel e o guardou.

— Mais alguma coisa?

O lábio de Henryka tremeu. Seus dedos estavam trêmulos enquanto ela colocava os fios oxigenados atrás da orelha. Quando balançou a cabeça, os cachos retomaram seu aspecto selvagem de sempre.

— Vou ficar de olho em você. — Henryka indicou a tela com a cabeça. Seus olhos estavam úmidos e seu suspiro saiu carregado. Sentiu uma tristeza ao pensar nos anos que tinham passado juntas assando pães, lendo e espionando os fregueses do bar por um buraco na parede do velho quartel-general... Anos em que Yael quase se sentiu como uma adolescente normal.

— Faça o que precisa ser feito e depois volte. — A forma como ela disse isso fez Yael pensar em todos os que não haviam retornado. As tachinhas tiradas do mapa. Deixando furos minúsculos no mundo de papel carmesim.

Yael abraçou Henryka, afundando o rosto na blusa dela. O tecido fino abrigava uma estranha mistura de aromas: manteiga, farinha, papéis velhos e tinta de máquina de escrever. Os braços de Henryka eram muito mais fortes do que sua magreza indicava, apertando as costelas de Yael até uma névoa surgir em seus olhos. Yael repousou em lágrimas e no abraço por alguns segundos. Depois respirou fundo — biblioteca, pão, *casa* — e recuou.

Nenhuma delas disse adeus. Era muito difícil. Uma palavra agourenta demais em um tempo como aquele.

Yael saiu pela porta e lançou um último olhar para a parede oposta, onde os continentes esburacados estavam manchados de um sangue rubro e de uma fumaça cinza.

Era a última vez que veria o mapa daquele jeito.

Porque o dia seguinte era o começo do fim. Ela correria da Germânia até Tóquio. Venceria o Tour do Eixo e seria convidada para o Baile da Vitória. Mataria o Führer e, conseqüentemente, o Terceiro Reich.

Estava disposta a atravessar o mundo para mudá-lo.

Ou a morrer tentando.

PRESENTE

9 DE MARÇO DE 1956
GERMÂNIA, TERCEIRO REICH

Adele Wolfe morava sozinha nos arredores da Alemanha. Seu apartamento era o mais iluminado do prédio, e as luzes cintilantes da capital eram a paisagem de sua janela. Tinha sido comprado à vista no ano anterior, com parte do prêmio do Tour do Eixo.

Aquele era só mais um dos vários fatos sobre a vida de Adele. Embora Yael conhecesse todos os centímetros da casa graças à vigilância e ao estudo das plantas do prédio, nunca entrara no apartamento.

Aquilo estava prestes a mudar.

Yael se agachou na traseira do caminhão da lavanderia (que a resistência nunca usava para transportar roupas, apenas para investigações secretas e transmissão de recados e documentos), vigiando a entrada do prédio. Tudo estava quieto sob o peso do toque de recolher que se aproximava. Nos cinco minutos anteriores, só um homem de meia-idade passara, puxando um buldogue relutante e apressando-o para que fizesse logo suas necessidades enquanto batia os pés e resmungava sob a luz laranja do poste. Ele havia ido embora, e o caminho estava aberto: ruas vazias, sem carros da Gestapo. Lá no alto, bem no alto, as janelas do apartamento de Adele Wolfe lançavam uma luz forte.

— Está pronta? — Kasper, motorista e recruta, olhou para ela pela lateral do apoio de cabeça de couro rasgado.

Yael sentiu uma risada na garganta. *Pronta?* Fazia anos que estava pronta. O que tinha começado no campo de extermínio como uma sobrevivência obstinada havia se transformado em algo muito mais letal. O treinamento de Vlad a tornara brutal no combate mano a mano. Ainda mais mortal com qualquer arma. Os livros de Henryka haviam deixado um estoque de línguas e informações à sua disposição. Primeiro, ela aprendeu russo. Japonês, italiano e inglês vieram depois, além de conhecimentos básicos de árabe. Yael tinha aprendido tudo o que era possível sobre as motocicletas Zündapp KS601. Tinha estudado os outros corredores da fase de classificação, decorado biografias e táticas para trapacear. Enfiar tudo aquilo numa palavra tão curta e simples quanto “pronta” parecia... engraçado.

Por isso a risada.

— Mais que isso — ela disse a Kasper. — Vou dar um sinal da janela quando o alvo estiver seguro. Esteja preparado para ajudar a colocar a garota no caminhão.

Kasper assentiu.

— Não demore muito. O toque de recolher é daqui a uma hora. Preciso estar com ela na sala

de Henryka bem antes disso.

Yael conferiu mais uma vez que seu rosto era o de Mina Jager. Depois de uma última análise da rua (ainda vazia), saiu do caminhão para a noite fria e entrou no vestíbulo de mármore do prédio. Na ponta, havia um elevador de latão reluzente, fechado por uma treliça em X brilhante. Era o caminho mais fácil para subir, mas lembrava demais uma jaula. Havia X's demais para passar para o andar de cima.

Nunca mais.

Ela preferiu as escadas.

Não perdeu tempo ao chegar à porta do apartamento de Adele. Seu coração martelou no ritmo das batidas na porta. *Toc, toc, toc...*

...

Não houve resposta. Só o silêncio do apartamento chegando ao corredor. Evidenciando as batidas em seu peito.

Adele Wolfe não estava em casa.

Os dedos de Yael voaram para o cabelo e fisgaram dois grampos. Bastaram alguns segundos para arrombar a fechadura e entrar.

O lado de dentro abrigava uma bagunça capaz de competir com a do escritório de Henryka. Yael admitia que não era a pessoa mais organizada do mundo (quando morava na fazenda de Vlad, ele levava três meses para acabar com o hábito de deixar copos sujos na pia), mas o estado do apartamento de Adele Wolfe a fez se contrair. Havia roupas por toda parte. Jogadas sobre braços de poltronas. Amarrotadas no chão. As paredes estavam cobertas de obras de arte aprovadas pelo Reich e fotografias de Adele no Baile da Vitória numa posição cerimonial, vestindo um quimono elaborado, entre o Führer e o imperador. Gigantes do Ocidente e do Oriente sorrindo para a câmera.

Yael sentiu um calafrio percorrer sua pele. Não conseguia olhar para o rosto deles por muito tempo, então seus olhos passearam por outras imagens: aquelas em molduras espalhadas entre canecas de café deixadas pela metade.

A maior foto ficava perto do fonógrafo. Exibia uma Adele muito mais jovem com a cara fechada e os braços cruzados. Seu cabelo era a coisa mais iluminada da foto, dividido em duas tranças. Cada um de seus irmãos segurava uma das tranças, com o rosto zombeteiro. Felix e Martin eram bonitos (Yael tinha notado aquilo muito antes, quando abrira o arquivo de Adele pela primeira vez), embora fosse difícil dizer por aquela foto.

O calafrio. Daquela vez não em sua pele, mas em seu coração. Yael olhou para o rosto dos irmãos de Adele — da *família* dela — e pensou nos lobos em seu braço. Aquela matilha solitária e perdida.

Deu as costas para aquilo tudo e fechou a porta. Aparentemente, Adele ainda estava fazendo as malas. Uma olhada rápida na cozinha mostrou que havia uma chaleira numa boca acesa do fogão. (Ela tinha dado uma saidinha para encontrar alguém? Devia ter usado o elevador.) Voltaria em breve — ou então o apartamento pegaria fogo.

De fato, a chaleira soltava vapor quando a porta da frente se abriu. Yael recuou, saindo do campo de visão de quem entrava, escondendo-se no armário de casacos.

— *Scheisse!* — foi a primeira palavra que saiu da boca de Adele Wolfe. Yael observou pela fresta da porta do armário enquanto a garota corria pelo apartamento. Ela desligou o fogo, murmurando outros palavrões e soltando um gritinho alto enquanto tentava tirar a chaleira quente do fogão.

A garota estava distraída e frenética. Agitava os dedos queimados no ar. Seus xingamentos se desintegravam, de *Scheisses* a *verdammts* e outros.

Era hora de agir.

O calafrio na pele de Yael encontrou o calafrio em seu coração. Seus dedos agarraram a arma. Ela se preparou para sair de trás do armário.

— Estou vendo que as coisas não mudaram — uma voz grossa e masculina falou a apenas um metro dela, fazendo Yael parar no meio do passo. Seus dedos livres pairaram sobre a porta de madeira do armário, chocados demais para empurrá-la.

Tem alguma coisa errada. Havia meses que Yael vigiava o apartamento da vencedora, observando-a entrar e sair. Às vezes, Adele carregava sacolas do mercado com os dois braços; em outras, estava com os equipamentos de moto, pronta para dirigir. Em todas, estava sozinha.

Mas não naquela noite.

Yael cerrou os dentes e voltou a se afundar na floresta de casacos de inverno. A luz que vinha pela fresta da porta diminuiu quando o visitante passou por ela. Ele estava de costas para o armário, mas Yael pôde ver que era alto, magro e forte, com músculos visíveis mesmo sob o tecido pesado do casaco. Tinha o porte de um lutador — pés posicionados a certa distância um do outro. Mesmo se os pegasse de surpresa, não tinha certeza se conseguiria dominar Adele e ele.

Não sem barulho. Não sem sangue.

Além disso, se o rapaz desaparecesse (tendo sido visto pela última vez na companhia de Adele Wolfe), as autoridades ficariam desconfiadas. Ela não podia arriscar.

— *Scheisse! Doe!* — Adele gritou, soprando os dedos queimados.

— Deu pra perceber. — O rapaz foi até o congelador e pegou um punhado de gelo. — A Alemanha está fazendo maravilhas com seu vocabulário.

Os xingamentos de Adele diminuíram. Ela aceitou o gelo, desconfiada, como se esperasse que o rapaz fosse atacá-la a qualquer momento.

— Nós dois sabemos que você não veio aqui para criticar meus modos.

Ele não disse nada. Seus ombros estavam estranhamente tensos, como se esperasse que *ela* fosse atacá-lo.

— Vamos lá, então — Adele suspirou.

— Você não pode correr amanhã — o rapaz disse.

O olhar fixo de Adele era capaz de cortar aço. Ela cruzou os braços e tencionou o maxilar. Os dedos machucados apertaram os cubos de gelo com mais força.

— Por que não?

— Posso pensar em mil motivos: sabotagem da motocicleta, desidratação, irritação de pele, travessias de rios em época de cheia... Luka Löwe.

A garota cerrou o punho e tencionou ainda mais o maxilar. O gelo derretido escorria por

entre os dedos como lágrimas.

— E para quê? — A voz dele soava tão ardente quanto a chaleira. Sílabas raivosas. Consoantes ferventes. — Mais uma Cruz de Ferro? Mais entrevistas na Reichssender? Mais dinheiro?

— Mando a maior parte do meu dinheiro para Frankfurt. Você sabe disso.

— Não precisamos do seu dinheiro, Ad. Precisamos de você. Por favor. Está na hora de voltar para casa.

Casa. Yael se deu conta de que aquele não era um rapaz qualquer. Era o *irmão* de Adele. O *gêmeo*. Claro. O cabelo dele tinha a mesma textura sedosa e o mesmo tom de loiro. Havia outras semelhanças: a postura e o punho fechado.

Adele balançou a cabeça. Cruzou os braços com firmeza.

— Temos quase dezoito anos, Felix. O pior que pode acontecer com você é ser alistado como mecânico em uma das colônias do Lebensraum. Mas vou ser obrigada a casar ou vou ser colocada no Lebensborn. — O punho de Adele se fechou ainda mais ao falar dos programas de procriação. Um dos cubos de gelo que segurava escorregou, rodopiando pelos tacos do assoalho e parando perto da porta do armário. — Essa corrida é minha última chance de fugir desse destino. E provar que posso servir ao Reich tão bem quanto qualquer homem.

— Pensei que você já tinha feito isso ano passado — disse Felix.

O lábio de Adele Wolfe se contorceu.

— Uma vitória só não basta. Não posso ser tão boa quanto qualquer homem. Preciso ser *melhor* do que eles. Nenhum corredor ganhou duas Cruzes de Ferro antes.

Yael sabia que não tinha sido por falta de tentativa. A Cruz Dupla deixava os dois impérios com água na boca.

Ao longo dos anos, o Tour do Eixo — oficialmente uma celebração do prosseguimento da aliança do bloco — tinha se transformado no que Reiniger chamava de “competição de mijo”. A parceria do Terceiro Reich e da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental era frágil, e ruía um pouco mais a cada ano. Ainda faltava muito para uma guerra declarada, mas, em toda competição, as tensões transpareciam nos corredores e em suas vitórias.

Se você vencesse uma corrida em nome do Reich, teria dinheiro, fama e a chance de escolher um serviço no Lebensraum. Se vencesse duas, o próprio Führer ficaria em dívida com você. O mundo seria seu.

— Luka Löwe e Tsuda Katsuo vão lutar pelo mesmo privilégio — o irmão de Adele lembrou. — É o último ano que vão correr. Vão estar dispostos a tudo, e é a sua pele que vão querer arrancar primeiro.

Adele não disse nada. Seus lábios ficaram tão tensos que perderam a cor.

— Como você pode fazer isso com *Papa* e *Mama*? Depois do que aconteceu com Martin...

Martin. O irmão mais velho. Aquele que quebrou o pescoço no autódromo de Nürburgring no aniversário de doze anos dos gêmeos. Eles iam comer bolo em casa depois da corrida. Em vez disso, foram ao necrotério.

Todas aquelas lembranças perpassaram o rosto de Adele num teatro de sombras disformes. O branco de seus lábios se espalhou para as bochechas. Uma raiva que ultrapassava o rubor

surgiu.

— Não é a mesma coisa.

As mãos de Felix se contorceram nervosas atrás de suas costas.

— Verdade — ele disse. — O que você está fazendo é muito mais perigoso.

Yael começava a sentir câibras nas coxas. Ela mudou de posição o mais silenciosamente possível e pensou em Kasper no caminhão, olhando para a janela, esperando.

— Posso jogar tão sujo quanto os outros corredores — Adele disse, ainda de braços cruzados. — Sei onde estou me metendo. Além disso, o próprio Führer me deu uma aprovação especial para participar da corrida. Até mandou um telegrama dizendo que torceria por mim.

Felix virou a cabeça de leve, de modo que Yael pôde ver seu perfil. Sua expressão parecia apreensiva e tensa, como a da irmã. *Exatamente* como a da irmã. Exceto pelo maxilar ligeiramente mais marcante, pelas sardas dela e por alguns centímetros de altura, eram quase idênticos.

— Sempre fiquei quieto, sempre guardei seu segredo, sempre deixei que competisse com meu nome — Felix a lembrou. — Sabe que eu não pediria para desistir se não estivesse preocupado. Confie em mim, Ad. Por favor.

Adele Wolfe ficou quieta por tanto tempo que Yael começou a temer que concordasse. (E então? Ela deveria sair do armário e dar um susto neles? Sequestrar os dois?)

Mas a garota não concordou. Suas palavras saíram lentas e decididas:

— Vou correr com meu nome desta vez.

Os punhos de Felix se cerraram com mais força, e ele estalou os dedos. Cinco estalos na mão direita, cinco na esquerda. Aquele som fez Adele se retorcer.

— Volte para Frankfurt, Felix.

— Não sem você.

Pelo jeito, a teimosia estava no sangue dos Wolfe. Yael se encaixaria perfeitamente na família.

Adele balançou a cabeça.

— Vou correr amanhã e você não tem como me impedir.

Se fossem carneiros, os gêmeos estariam batendo de cabeça, entrançando os chifres. Em vez disso, ficaram parados, lutando uma batalha invisível. Nada era dito, tudo estava em seus olhos e em sua história.

Alguém saiu vitorioso. Adele Wolfe limpou a garganta e disse:

— O toque de recolher está para começar. É melhor você ir.

Felix levou a mão ao casaco e tirou um relógio de bolso dele. Era um acessório barato, que emitiu um som metálico ao ser aberto. A hora estava certa: *perto do toque de recolher*. Ele abandonou seu porte de lutador e foi rumo à porta. Adele o seguiu, e ambos saíram do campo de visão reduzido de Yael. Só restou a ela observar o cubo de gelo derretendo.

A porta se abriu e fechou. Se houve alguma despedida, foi sem palavras. O silêncio tomou conta do apartamento, e o gelo desapareceu.

Por fim, os passos de Adele rangeram pela sala. A televisão ganhou vida. Sons familiares da Reichssender encheram o apartamento.

— Agora vamos falar com nosso querido e venerado Führer na véspera do Tour do Eixo em uma *Conversa de Chancelaria* muito especial — anunciou uma voz neutra.

A sensação era de que formigas subiam e desciam pelo braço de Yael. Henryka adorava sua televisão, que ficava ligada por horas a fio, iluminando o escritório noite adentro com os noticiários de todos os territórios do Eixo e os programas pomposos sobre famílias arianas perfeitas. Mas nem mesmo ela aguentava ver *Conversa de Chancelaria* até o final.

O Führer era conhecido por seus discursos. Sua voz dava o sopro da vida às palavras, que penetravam as pessoas, acendiam chamas nas mentes mais vazias. Muitos anos antes — antes da Grande Vitória, antes da guerra cobrir o mundo com sua longa sombra —, ele discursava em toda parte. Bares. Teatros. Palcos. Deixando suas palavras vermelhas banharem toda a nação.

Ele não aparecia mais em público. Não precisava, já que suas palavras podiam ser transmitidas do conforto de sua Chancelaria via cabos e alto-falantes. Depois de quarenta e nove tentativas de assassinato, o Führer quase nunca abandonava sua solidão.

Havia duas exceções: o início do Tour do Eixo e o final.

— Dez. Esse, meus caros compatriotas, é o número de anos em que vivemos numa terra de paz. Um mundo de pureza. A raça ariana ascendeu à sua posição de direito divino. Domamos as regiões selvagens do Oriente e da África, expurgamos a imundície das raças menores dos buracos de nosso continente.

Palavras saídas da boca de um monstro. Envelhecido, mas ainda tinto de perversidade, embebedando as massas como um vinho forte. Yael ficou furiosa, inquieta, *pronta*.

Chegara a hora.

Ela tirou sua pistola P38 do casaco, soltou a trava de segurança e saiu de dentro do armário.

Adele estava em pé na frente da televisão, assistindo ao velho na tela — seu bigode grisalho tremia enquanto cuspiava palavras, palavras e mais palavras.

— O Tour do Eixo é nossa forma de lembrar a Grande Vitória. Vemos o ímpeto e a resistência de nossa raça nos jovens corredores premiados. Acompanhamos enquanto percorrem os territórios que conquistamos e purificamos. Somos a audiência de nosso próprio progresso.

Progresso. Yael firmou a arma na mão. Ela engoliu a raiva. Profunda. Como devia ser.

Adele ainda não tinha se virado. As palavras de Hitler eram altas demais, envolventes demais, para que ela notasse o perigo. Yael foi aproximando-se, aproximando-se... cada vez mais.

Um taco solto no chão fez barulho e a denunciou. Adele Wolfe deu meia-volta e a encarou.

Embora ainda estivesse usando o rosto e a forma de Mina, Yael sentiu como se estivesse olhando num espelho. Era familiar demais. O cabelo platinado longo o bastante para prender num rabo de cavalo fino. As sobrancelhas tão pálidas que eram quase invisíveis, meros detalhes sobre olhos de um azul cortante. A estrutura óssea de uma rainha viking.

Ficaram se encarando por um longo segundo. Com a arma entre elas.

— Sente no sofá. — A pistola de Yael refletiu a luz da lâmpada quando ela a apontou para o estofado vermelho-escuro. Enfiou a mão livre no bolso, onde os tranquilizantes repousavam

junto com a boneca e a tachinha. — Agora!

Os olhos de Adele não pareciam amedrontados ou fugidios. Só... atentos. Não abandonaram Yael enquanto ela dava a volta pela mesa de centro, atravessando montanhas de roupas sujas. Quando chegou ao sofá, Adele continuou em pé. Sua postura era a mesma do irmão: aberta, pronta para a briga.

— Não quero machucar você. — Por mais verdadeiras que fossem as palavras, Yael se arrependeu delas assim que saíram de sua boca. Faziam com que parecesse fraca, menor, fora do controle da situação.

Tudo o que ela não podia ser. Recusava-se a ser.

— Sente — Yael vociferou de novo.

Os movimentos de Adele foram rápidos como um raio. Ela pegou uma caneca de café pela metade, jogou-a na cara de Yael e saiu correndo.

O líquido estava frio e era inofensivo. Mas a caneca não. Passou raspando pelo maxilar de Yael, estilhaçando na parede oposta. Cinquenta e nove quilogramas de unhas e chutes avançaram contra o peito dela, fazendo seu mundo girar.

A pistola caiu no chão. Adele pulou para pegá-la com as mãos sedentas. Os membros de Yael dispararam. Pareciam se mover independentes dela, guiados pelas horas e horas do treinamento de combate de Vlad. Anos de dor, suor e sangue culminando num único golpe no braço de Adele.

O grito se transformou num som selvagem quando o cotovelo de Adele foi de encontro à caixa torácica de Yael. A dor zumbiu sob sua pele vívida e branca como a neve. Yael não gritou. Guardou a dor, aproveitando sua energia e retribuindo o golpe.

O corpo de Adele se estendeu ao longo do tapete turco, tentando pegar a coronha da P38. Yael avançou contra ela, enfiando fundo as unhas no punho da garota, até ela sentir o sangue começar a sair. Pegou a pistola antes da rival, apontando-a contra sua testa num movimento rápido e treinado.

Tudo ficou imóvel e em silêncio, exceto pelas respirações silvadas e pelas mentiras sedosas e velozes do Führer na televisão:

— Nossos corredores são puros. São fortes. São a próxima geração, levando a luz para os continentes deste mundo que ainda vivem sob as trevas.

Adele não suplicou. Seus olhos se estreitaram com frieza. Ela observou além da arma, os olhos de Yael.

— Quem é você?

Não “O que você quer?” ou “O que está fazendo aqui?”.

Quem é você? Quem? Quem? Quem?

Por que, entre todas as perguntas, logo essa?

Yael não respondeu. Segurou a pistola com firmeza e a desceu num golpe rápido e duro contra o crânio de Wolfe.

PRESENTE

9 DE MARÇO DE 1956
GERMÂNIA, TERCEIRO REICH

O céu da Alemanha à noite não era muito escuro. Não como nas montanhas. Onde dava para olhar para cima através do ar pungente pela neve e sentir que se estava caindo. Tombando por vazios infinitos de escuridão e estrelas.

Não havia escuridão naquela noite, quando Yael olhou pela janela de Adele Wolfe — só um misto de laranja e cinza, e algo próximo de granizo. Raios. O reflexo de Adele pairou no vidro. Encarando Yael com a mesma ferocidade com que a verdadeira Wolfe havia encarado.

Quem é você?

Uma vez, apenas uma, Henryka teve o cuidado de perguntar a Yael como era sua verdadeira aparência. Antes das agulhas do dr. Geyer. Antes da queimadura, do alvejante e das trocas de pele. Antes dos muitos rostos de outras garotas. (“Aposto que você tinha um cabelo castanho lindíssimo”, ela havia dito. “Você parece o tipo de garota com cachos. Longos cachos maravilhosos.”) Yael abriu a boca para responder e, com espanto, percebeu que não lembrava.

Ela não lembrava.

Ela não lembrava.

Que tipo de pessoa esquece o próprio rosto?

(“Não tem problema”, Henryka havia lhe dito. “O que importa é o que está dentro de você.”)

Mas *o que* estava dentro dela? Um coquetel invasivo de substâncias químicas, em que não confiava plenamente. (Havia como algo *bom* sair daquelas agulhas?) Reações em cadeia no corpo que ela havia tentado pesquisar, compreender, entender. Mas nada nos volumes de biologia e química orgânica de Henryka explicava seu metamorfismo.

O que quer que espreitasse dentro de Yael, era novo. Revolucionário.

O céu se acendeu, luminoso, as nuvens enredadas pelos raios. O clarão apagou o rosto de Adele. Apagou Adele. Tudo o que Yael viu foi a tempestade — turvando a escuridão sobre os apartamentos da Alemanha — e a silhueta do Volkshalle, um grandioso prédio que Hitler havia mandado construir depois da Grande Vitória do Eixo. (Seu domo, de duzentos e noventa metros de altura, era a única coisa que olhos distraídos veriam mirando o horizonte da Alemanha.) Ela se perguntou se o clima duraria até o dia seguinte. Se a largada do Tour do Eixo seria cheia de repórteres pingando, pompa e circunstância encharcadas.

Granizos batiam contra o vidro. Como se em resposta.

Yael fechou a cortina e voltou para a cama. Havia feito uma boa limpeza. Kasper tinha sido rápido em retirar o corpo inconsciente de Adele, enfiando-a num saco de roupas e levando-a de

volta para o caminhão, para o porão de Henryka, onde seria mantida até o final do Tour do Eixo.

As manchas de sangue foram mais difíceis de tirar. Só quando a verdadeira Adele tinha sido levada e Yael ficara sozinha no apartamento que vira o quanto de vermelho havia. O suficiente para notar. Mesmo com toalhas, sabão e uma escova, levou mais de uma hora para limpar as manchas.

Mas agora estava tudo pronto. Ela entrara na pele de Adele, falava com sua voz, dormiria na cama dela.

Yael sentou no colchão, arregaçou a manga esquerda e tirou a gaze sob a qual a matilha corria em sua pele. Vlad ainda estava inchado e em carne viva. Sensível demais para tocar.

Ela passou o dedo de leve sobre os outros, deixando seus nomes se prolongarem na ponta de sua língua.

— Babushka, *Mama*, Miriam...

Aqueles consumidos pelas cinzas.

— Aaron-Klaus, Vlad.

Yael engoliu em seco. Cinco lobos. Quatro lembranças e um lembrete.

Sua perda era maior do que aquilo... no entanto, quatro mais um era um número que conseguia lembrar. Um número com o qual conseguia lidar sem deixar que a vastidão a cortasse feito as garras de um caranguejo. Chafurdando na morte no fundo do oceano. Às vezes (muitas vezes) não restava nada para o luto se alimentar. Yael era uma tela em branco. Um cabide com uma pele bonita pendurada nele.

Quem é você? (Por dentro?)

A resposta para aquela pergunta era algo por que ela precisava lutar. Seu reflexo não era reflexo nenhum. Era um espelho estilhaçado. Algo cujas peças precisava juntar, várias e várias vezes. Memória por memória. Perda por perda. Lobo por lobo.

Era fácil — fácil demais — fingir. Ocupar aquele espaço vazio dentro dela com outras vidas. Bernice Vogt. Mina Jager. Adele Wolfe. Garotas que nunca precisaram encarar a fumaça ou as seringas na pele. Garotas que nunca precisaram encarar os olhos do Anjo da Morte. De novo e de novo e de novo.

Era fácil demais se perder.

Por isso, toda noite antes de dormir, ela arregaçava a manga, traçava os lobos e dizia o nome deles. Em algum lugar ali, naqueles fragmentos de almas e memórias perdidas, estava Yael.

Não nas substâncias químicas, mas na essência. A verdadeira Yael.

Já tinha perdido seu rosto. Não podia deixar que o resto dela (por mais sombrio, por mais falho que fosse) escapasse. Então traçava e dizia os nomes. Sofria e sentia raiva.

Ela lembrava.

Babushka era a amiga mais velha de Yael. Mais velha que a maioria das mulheres que dormiam no Barracão Sete. Seu cabelo era prateado e havia rugas profundas no canto dos olhos. (“Pés de galinha”, ela dizia, naquele seu sotaque cortante.)

Ela era um milagre, segundo a mãe de Yael. Suas rugas deveriam ter sido o suficiente para que os guardas a escolhessem para a fila das fracas demais. Mas permitiram que atravessasse os portões. Permitiram que vivesse.

Babushka era velha, mas forte. Toda manhã, no frio perverso de antes do amanhecer, levantava-se com as outras. Calçava os tamancos de madeira e caminhava até a contagem matinal, onde ficava sob os holofotes por horas a fio. Depois, seguia as demais para a sala de triagem. Lá, muitas coisas passavam por suas mãos: anéis de ouro, vestidos cobertos de fuligem, botas que não lhe dariam bolhas. Os pertences dos mortos (ou dos prestes a ser mortos) eram empilhados e passados pelas mulheres do Barracão Sete para ser saqueados pela ganância animal dos homens da SS.

Depois do dia longo, da caminhada exaustiva de volta (sob mais holofotes e a lua calejada), da sopa de legumes murchos com carne podre, Babushka sentava na ponta de seu beliche. Seus olhos castanhos estavam exauridos e vítreos, mas sempre sorria quando via Yael espiando do outro lado. Nenhum de seus dentes tinha a mesma cor. Continham o cinza das sombras, o preto da noite. Alguns poucos eram amarelados. Lembravam Yael de teclas de piano antigas.

— Volchitsa — ela sussurrou o apelido de Yael (“lobinha” em russo, uma criatura teimosa e feroz para uma criança teimosa e feroz) e acenou. — Tenho uma coisa para você. Venha cá.

Yael abriu caminho por entre os corpos das colegas de beliche (sua mãe, uma garota mais velha chamada Miriam e outras três mulheres que nunca falaram com ela). Fios de palha do colchão arranharam sua pele quando desceu.

O beliche de Babushka era igualmente cheio. Yael subiu por entre o emaranhado de membros esqueléticos e tatuados e cabeças raspadas. Havia um pequeno espaço ao lado de Babushka. O suficiente para a menina se acomodar.

A velha sorriu e enfiou a mão no tecido fino de seu vestido. Por mágica ou milagre, seus dedos seguravam um pedaço de pão. Esfarelado, tão duro que as pontas cortavam as gengivas de Yael, mas *pão*. Algo para fazê-la esquecer o tormento contínuo de seu estômago.

— Coma — mandou Babushka.

Os olhos de Yael vagaram cheios de culpa para o outro lado, onde Miriam e sua mãe dormiam. Ela enfiou a comida na boca mesmo assim, alguns gramas a mais de farinha para fortalecer seus ossinhos de pardal.

— Foi ao médico hoje?

A boca de Yael estava cheia, então ela fez que não.

A velha resmungou.

— Você tem sorte, *Volchitsa*. A maioria das crianças que entra no consultório dele não volta mais.

A casca dura do pão ficou presa na garganta de Yael. Ela pensou nos instrumentos da bandeja prateada do dr. Geyer. Não nas agulhas, mas em coisas mais cruéis. Bisturis e facas

largas que nunca eram usados nela.

Um anjo de outro tipo.

— Ele deve achar você especial — Babushka continuou. — Está salvando você. Deixando você viver.

— Odeio ele. — Yael engoliu as últimas migalhas. Fazia mais de um dia desde a última injeção, mas seu braço ainda parecia em chamas. Tanta dor e ardência para um corpo tão pequeno. Ela juntou tudo isso e transformou em palavras. — Queria que a fumaça comesse aquele médico.

Babushka não mandou que ficasse quieta, como a mãe de Yael fazia sempre que dizia coisas assim. Seus olhos pareceram tristes e sábios. Tomados pelos seus próprios monstros de fumaça.

— Fiz uma coisa para você. — A palha embaixo de Babushka farfalhou quando enfiou a mão no colchão. Aninhado na pele calosa das mãos dela estava algo que fez Yael lembrar um ovo disforme. Uma linha rude cortava o objeto no centro.

— É uma matriosca. — A velha a colocou nas mãos de Yael. Agora que estava mais perto, pôde ver que o ovo tinha a forma de uma menina. Com os olhos fundos e sem cor. Um sorriso fino rabiscado.

— Abra.

Yael obedeceu. A madeira se partiu como uma noz. Algo saiu de dentro dela. Outra boneca. Menor. Também tinha uma rachadura no centro.

Outra boneca. E outra. Todas menores que a anterior. Com um rosto diferente. Um sorriso em forma de meia-lua, outro torto como o cajado de um pastor. Olhos apertados e arregalados. Quando Yael chegou ao fim, havia muitas peças. Partes de cima e de baixo empilhadas como copinhos minúsculos de madeira sobre suas pernas nuas.

Os dedos dela se fecharam em volta da última matriosca, do tamanho de uma ervilha. Tentou pensar onde Babushka tinha achado madeira num lugar como aquele. Onde teria arranjado algo com que entalhar.

Mágica ou milagre. Babushka era cheia de coisas assim.

— Antes de tudo, meu marido era carpinteiro — explicou a velha. — Esculpia essas bonecas para os nossos filhos. Eles adoravam. Coisinhas tão bonitas e felizes. Cheias de cor... tantas cores. Vermelho-rubi, verde-grama, um azul tão profundo que parecia o céu. Amarelo da cor da manteiga. Ou do sol.

Yael conhecia o vermelho. Era a cor das manchas úmidas no piso do dr. Geyer. A cor das braçadeiras dos guardas.

Eram os outros tons que tinha dificuldades de imaginar. Não havia grama dentro das fronteiras de arame farpado. Às vezes, brotavam ervas daninhas pelas fendas dos tijolos do dormitório. Mas em geral eram cobertas de cinzas e murchavam até morrer rapidamente, de forma banal. E o azul... era daquela cor que o médico queria que os olhos dela ficassem. O motivo por que continuava enfiando agulha atrás de agulha em sua pele.

Yael imaginou que, quando era mais nova — antes do cinza encardido do acampamento, do trem, do gueto —, tinha visto todos aqueles tons. Mas as lembranças eram como fotografias:

raras, desfocadas, em preto e branco.

As cores tinham se perdido.

Babushka pegou a bonequinha miúda da palma de Yael e começou a remontar a matriosca. Elas engoliram umas às outras com um estalo. Yael observou com os olhos arregalados as peças formarem uma única boneca.

— Pronto — Babushka disse. — A menor está segura de novo.

— É para mim? Posso ficar com ela?

A velha assentiu.

— Por quê? — Yael voltou a olhar para Miriam, tão imóvel em seu sono. Levou as bonecas junto ao peito, respirando de leve contra a madeira preciosa. Sabia que poderia dividir, mas uma dureza apertava em seu peito.

— O médico está certo. Você é especial, *Volchitsa*. — Babushka disse aquilo com uma voz sábia. — Você ainda vai mudar as coisas.

Yael apertou as bonecas com mais força, sem saber por que a voz da velha estava tão firme, tão segura. Tão cheia de palavras mágicas ou milagrosas. Yael sabia que era diferente. As injeções do dr. Geyer já a tinham separado. A pele manchada e escamada sobre seus ossos finos. Seu cabelo curto como o de um garoto, a cor impossível de definir (alguns fios claros, outros escuros). Mesmo os olhos tinham uma cor estranha — um mais claro que o outro, quase fulgurante —, completamente distante do castanho de sua mãe.

Diferente, sim. Mas especial?

— Agora, vá para sua cama. — A velha estalou a língua e apontou para a pilha de suas colegas de beliche adormecidas havia muito. — Amanhã vai ser um dia difícil.

No dia seguinte, Yael lembraria daquelas palavras — as últimas palavras funestas — depois da chamada, quando observou as outras saírem por uma fresta nas portas do barracão. Elas marcharam como sempre: em fila como contas num barbante, seus tamancos de madeira atravessando pilhas de cascalho e gelo ruidosamente.

Amanhã vai ser um dia difícil.

Yael não pestanejou quando observou a velha amiga cair na terra e na neve. Viu com os dois olhos (o claro e o escuro) enquanto Babushka tombava. Foi uma queda estranha, mais como se ajoelhasse suavemente de propósito.

Ela não levantou mais. Mesmo quando o guarda berrou e a chutou. As outras mulheres continuaram a arrastar os pés, nenhuma ousou olhar para trás. Yael sentiu um aperto crescendo no peito, como se a matriosca ainda estivesse pressionada contra ele.

Quando o guarda cansou de chutar, ergueu os olhos. Encontrou o estranho olhar fixo dela. Os olhos dele eram de um cinza homogêneo — como um horizonte invernal. Parecia quase como se fosse ele quem tivesse morrido. Não o monte de tecido e pele imóvel aos seus pés.

O guarda foi a passos duros até a porta do barracão, com a mão firme na faixa do rifle.

— Por que não está com as outras? — ele vociferou.

A boca de Yael estava seca demais para contar que o dr. Geyer tinha mandado que não trabalhasse na sala de triagem, para evitar que o esforço interferisse na reação química que ele estava tentando forçar no corpo dela.

Ela não conseguiu falar, mas seus instintos sim. Gritaram dentro dela — altos e ressoantes como ferro —, como sempre faziam quando o perigo se aproximava: *O X MARCA SOBREVIVENTES MOSTRA PRA ELE MOSTRA PRA ELE.*

Yael estendeu o braço.

— “121358ΔX”? — Ele leu os números em voz alta. — A cobaia do dr. Geyer? Devia ter percebido pela sua cara.

O guarda cuspiu na neve.

NÃO SE MEXA ELE PODE ATACAR.

Yael estava de costas para a porta, preparada para o que viesse em seguida. Sentia todas as farpas da madeira entrando em sua caixa-torácica, em sua espinha. Sobre os telhados inclinados, observou a fumaça que jorrava, bloqueando o sol.

Mas o guarda não deu nem um tapa nem um chute nela. Não a pegou pela gola nem a arrastou até os prédios de tijolos de onde ninguém retornava. Em vez disso, tirou a mão da correia do rifle.

— O médico vai ver você agora. Venha comigo.

Yael o seguiu com passos rápidos. Para longe dos restos de Babushka, para longe dos monstros de fumaça negra.

Mas havia certas coisas que não ficariam para trás. As palavras mágicas ou milagrosas de sua amiga rondavam seus ouvidos. Reviravam em seu peito. Ardiam em suas veias.

Você é especial.

Você ainda vai mudar as coisas.

Quando voltou, com a solução perversa do dr. Geyer corroendo sua pele, o corpo de Babushka não estava mais lá. Mas a boneca, sim, escondida em segurança em meio à palha do colchão. Quando todas as outras finalmente tinham dormido, Yael a tirou e a pressionou contra o peito. Durante toda a noite.

E durante todas as noites escuras que viriam depois.

PRESENTE

10 DE MARÇO DE 1956
ESTÁDIO OLÍMPICO
GERMÂNIA, TERCEIRO REICH
0 KM

O estádio lotado estava em polvorosa. Gritos de mais de cem mil pessoas formavam uma trama que abafava o som da chuva da tarde, herança do granizo matinal. Yael estava no centro de tudo, o coração martelando no ritmo da agitação do público. Gotas escorriam por seu uniforme de couro, acumulando-se na braçadeira. O tecido carmesim inchava como um curativo pesado pelo sangue. Uma longa e lenta descida pela manga de Yael começava.

Ela não se deu ao trabalho de arrumá-la.

O público estava molhado, mas jorrava seus gritos sobre Yael e os demais corredores, que se mantinham em linha reta. Vinte rostos — alemães e japoneses, entre treze e dezessete anos de idade, quase todos homens — estavam voltados para o camarote do Führer em meio à tempestade.

Mal se via o homem que havia criado aquele mundo. Era uma silhueta causticada atrás do vidro turvo pela tempestade. Yael encarou firme a imagem. Estalando os dedos, com as trevas subindo dentro dela, o ódio consumindo suas veias como ácido de bateria.

Meio campo de grama, pista e bancos. Um centímetro de vidro. Era aquilo que separava o Führer de Yael — e da lâmina escondida dentro da bota dela (eram proibidas armas no Tour do Eixo, mas todos portavam alguma, porque todos os outros portavam alguma). Mas não havia como chegar até lá. Se houvesse um jeito, Reiniger teria descoberto. Ele tinha passado horas debruçado sobre listas de escalas e plantas, tentando encontrar fendas na armadura do aparato de segurança da SS do Führer. Ela tinha o ajudado quase o tempo todo, com os cotovelos segurando papéis finos e ondulados, o pescoço suando enquanto debruçava sob a lâmpada quente.

— Por que não me visto como uma criada e me infiltro na Chancelaria? — Yael tinha perguntado depois de uma sessão de treinamento especialmente frustrante na Zündapp. Suas coxas estavam assadas pela fricção e seu coração palpitava com a ideia de mais vinte mil setecentos e oitenta quilômetros naquela geringonça. — Não seria mais simples?

Reiniger nem olhou para ela. Ele virou a página para a planta seguinte.

— Precisa ser em público. Na frente das câmeras. Com muitas testemunhas.

— Por quê?

— Não é um assassinato. — A barba rala de Reiniger refletia um brilho prateado sob a luz da lâmpada. — É uma execução. Se Hitler for assassinado dentro da Chancelaria, a morte vai

ser acobertada. Vão fazer parecer que foi uma doença súbita ou um tombo feio de escada. Alguém vai assumir o lugar dele. Nada vai mudar. Os nacional-socialistas vão continuar esmagando inocentes nos campos de trabalho forçado para alimentar sua máquina de guerra. As pessoas precisam assistir à morte do Führer. Precisam saber que a resistência existe. Que não estão sozinhas.

Não estão sozinhas. Era uma ironia cruel que aquela era a mensagem que Yael deveria passar. Ela, a pessoa mais solitária de todas. A garota sem um povo. Sem um rosto. Que não era ninguém. Que podia ser qualquer uma.

Mas sabia que Reiniger tinha razão. Não podia se vestir como uma criada. Não podia colocar cianeto discretamente na taça de cristal com água dele. A morte do Führer precisava ser barulhenta, estrondosa. Um programa sangrento na Reichssender.

— Mas e durante a *Conversa de Chancelaria*? — ela insistiu. (A assadura na perna estava doendo muito.) — Tem câmeras.

— É gravado. Eles nunca levariam ao ar. — Ele fez um sinal de desprezo. — Precisa ser ao vivo. A morte dele é o sinal pelo qual todas as células de resistência estão esperando. O momento em que você atacar é o momento de nos mobilizarmos.

Vencer o Tour do Eixo e comparecer ao Baile da Vitória em Tóquio era o único jeito.

A chuva atrapalhava a visão de Yael enquanto ela observava o camarote. A silhueta do Führer era indistinguível do vidro. Tudo o que ela conseguia ver eram as cores dos estandartes do Eixo, pendurados no parapeito. O sol nascente do imperador Hirohito, vermelho e branco. A suástica de Hitler retribuía através da tempestade, como um olho que não pisca.

— Bem-vindos! — Uma voz masculina circundou o estádio. Os gritos do público foram virando conversas baixas, depois silêncio. A potência dos alto-falantes chiava pelo ar. A calma da chuva.

— Nosso venerado Führer e o imperador Hirohito dão as boas-vindas ao décimo Tour do Eixo. Dez dos melhores jovens da Pátria foram selecionados a partir de nossos mais rigorosos programas de treinamento. Eles correrão lado a lado com os dez selecionados do Coprosperidade da Grande Ásia Oriental. Suportarão as terras desérticas da África, os cumes acidentados do subcontinente indiano, as selvas intrincadas da Ásia e as ondas do Pacífico. Somente os mais fortes e puros sobreviverão. Somente o melhor vencerá.

Mais gritos. Mais chuva. O peso da medalha da vitória anterior de Adele pendia no pescoço de Yael. Ela se mantinha ereta, sem tirar os olhos da cruz gamada do estandarte do Reich.

— Correndo em nome da Pátria, temos a vencedora Adele Wolfe.

Yael deu um passo à frente. Ela sorriu como Adele sempre fazia nos cinejornais, erguendo o braço num “*Heil Hitler!*” automático. A ponta de seus dedos indicaram o camarote.

A voz continuou, crepitando sobre o alvoroço da multidão.

— O vencedor Luka Löwe.

Um corpo alto e forte chegou ao lado esquerdo de Yael, erguendo o braço feito uma prancha reta num “*Heil Hitler!*”. Ele já estava separado dos outros corredores antes mesmo de dar um passo à frente. Sua jaqueta era marrom e gasta, enquanto a de todos os outros era preta e nova. Era a mesma que havia usado nos últimos dois Tours do Eixo. Seu visual característico.

Luka Löwe. O garoto da jaqueta marrom ameaçadora. Maior ameaça da competição. Yael tinha passado muitas semanas estudando seu arquivo. Cópias de registros escolares, sua certidão de nascimento, seu livreto de desempenho na Juventude Hitlerista, um histórico completo de tempos de corrida, genealogia familiar, transcrições de suas muitas entrevistas para a Reichssender. A vida de Luka Löwe estava registrada com tinta em papel e na memória dela.

Nome: Luka Wotan Löwe

Idade: 17

Altura: 1,85 m

Peso: 92 kg

Biografia: Nasceu em Hamburgo, Alemanha, filho de Kurt e Nina Löwe. Seu pai serviu na tropa de elite de motocicletas do Reich, a Kradschützen. Luka entrou para a Juventude Hitlerista aos dez anos de idade e se dedicou a aprender todo o possível sobre motocicletas. Compete no Tour do Eixo há quatro anos, tendo vencido aos catorze anos de idade. É o mais jovem vencedor na história da corrida.

O ombro do garoto estava a poucos centímetros de distância. Embora não estivessem se tocando, Yael conseguia sentir a tensão dos músculos de Luka. Sua respiração igualmente tensa: estendida, prestes a estourar.

— Vencedor Löwe — ela murmurou entre os dentes.

Luka não se virou, mas ela sentiu os olhos dele pairarem sobre ela mesmo assim.

— *Fräulein*.

Fräulein. Aquela palavra — o peso por trás dela — afiou a respiração cortante de Yael. A braçadeira escorregava em seu braço, descendo sobre os lobos de tinta escondidos. Repousando em volta de seu punho. Uma algema de pano.

Nomes de alemães não vencedores foram chamados. Enquanto davam passos à frente, seus arquivos passavam na cabeça de Yael. Páginas e páginas de infâncias perfeitas. Garotos nascidos na Pátria. Todos arianos, a maioria sem pai (o preço da vitória é sempre alto). Membros leais da Juventude Hitlerista.

Até seus nomes se misturavam: Kurt e Karl. Lars e Hans. Rolf, Ralf e Dolf. Só um se destacou:

Hans Muller: 15. Quinto colocado no Tour do Eixo do ano passado. Seus tempos melhoraram drasticamente nas corridas classificatórias. Azarão potencialmente perigoso.

Quando o último nome do Reich estava sendo chamado, Yael já não estava mais prestando atenção.

— Felix...

Yael levou um susto. Aquele nome não estava nos arquivos. A não ser que...

— ... Wolfe, que entrou para a lista recentemente em virtude do infeliz acidente de Dirk Hermann.

Ela virou a cabeça para encarar — até o fim da linha de narizes e queixos pingando água. Felix retribuiu o olhar. Ele era o mesmo das fotografias: maxilar quadrado, cabelo pálido, uma elevação na parte superior do nariz. Mas, naquelas fotos — as que Adele tinha colocado em molduras de prata e exibia em seu apartamento —, Felix estava sempre feliz, sempre sorridente.

Agora, sua boca estava fechada, assim como a de sua irmã durante a briga da noite anterior. Seu olhar — com o mesmo tom azul frio e letal — trespassava a chuva. Até Yael.

Não sem você.

Fora por isso que ele tinha saído tão tranquilamente na noite anterior.

Yael tirou os olhos dele. De volta aos estandartes encharcados.

O locutor seguiu em frente.

— Correndo pela glória do Japão Imperial, temos o vencedor Tsuda Katsuo.

Nome: Tsuda Katsuo

Idade: 17

Altura: 1,73 m

Peso: 66 kg

Biografia: Foi enviado pelos pais para um campo de treinamento fora de Tóquio depois que descobriram seu talento para o motociclismo. Suas habilidades atraíram a atenção de colegas e instrutores. Raramente é visto sem um grupo de seguidores. Venceu seu primeiro Tour do Eixo aos quinze anos. Enfrenta uma enorme pressão em sua terra natal para ganhar a Cruz Dupla.

Katsuo deu um passo à frente e fez uma reverência formal; gotas de chuva pingavam de seu cabelo preto e liso. Sua Cruz de Ferro balançou para a frente, retornando com um baque audível ao peito quando voltou a se endireitar.

Katsuo. O terceiro e último vencedor naquela linha. Em seu último ano na disputa, lutando pela Cruz Dupla e pelas vantagens que o imperador Hirohito devia ter prometido a ele. Era outro corredor a que Yael teria de ficar atenta.

Ono Ryoko: 16. Única outra garota na competição. Despontou no circuito de corridas no Japão depois da vitória de Adele.

Watabe Takeo: 16. Terceiro colocado no Tour do Eixo do ano anterior. Frequentou o mesmo campo de treinamento de Katsuo e parece se submeter ao vencedor. Esconde uma lâmina higonokami e tem a reputação de furar o pneu dos rivais.

Oguri Iwao: 16. Segundo ano no Tour do Eixo. Costuma drogar alimentos e bebidas. Guarde suas provisões com cuidado. Também frequentou o campo de treinamento de Katsuo e parece devoto a ele.

Yamato. Taro. Hiraku. Isamu. Masaru. Norio.

A maioria mais jovem. Estreantes. Nenhuma ameaça.

— Corredores, encaminhem-se a seus veículos.

As Zündapps estavam a meio campo de distância. Motocicletas sob medida saídas diretamente da fábrica (para garantir a qualidade e evitar quaisquer modificações ilegais): cromo reluzente, tinta cinza lustrosa, alforjes carregados de provisões para as noites entre os postos de controle. A motocicleta de Yael estava estacionada à frente das outras, seguida de perto pelas de Luka e Katsuo. Uma vantagem inicial para os vencedores. (Nada mais do que uma simples formalidade. Alguns metros quase não faziam diferença quando havia milhares de quilômetros para percorrer.)

Luka levou apenas meio passo para alcançar Yael enquanto cruzavam o gramado. Ela podia ouvir a Cruz de Ferro dele batendo contra o peito conforme se aproximava. *Tum, tum, tum, tum*. Constante como a batida de um coração. Sonora como tambores de guerra.

— Transformando isso num caso de família, *Fräulein*?

Yael — sem saber como responder — franziu os lábios e continuou andando. Suas botas deixavam marcas de lama no campo ensopado.

— Não pense que esqueci o que você fez — Luka continuou.

Yael não fazia ideia do que Luka estava falando. Mas devia saber. Ela vira no rosto do garoto.

Adele Wolfe e Luka Löwe tinham uma história. Uma que os cinejornais nunca conseguiram descobrir. Uma que nunca chegou às fontes das transcrições de Henryka. E, pelo tom de voz de Luka, não era nada boa.

Yael franziu mais os lábios e apertou o passo. Como se pudesse fugir. Como se não estivesse prestes a correr cabeça a cabeça por continentes inteiros.

Splash, splash, splash, splash. Outro corredor estava ao lado dela, atravessando a lama. Não era Luka. Ele tinha ficado para trás, tomando o silêncio dela como um simples silêncio.

— Ad... — A voz de Felix estava tão retorcida quanto seu nariz duas vezes quebrado quando a segurou pelo cotovelo. — Por favor, pelo amor de Deus, esqueça isso e volte para casa.

— Por que você está aqui? — Yael murmurou, furiosa. Luka, Katsuo, os outros... estava preparada para lidar com eles. Mas Felix... ele era uma nota de rodapé. Alguns poucos parágrafos marginais no passado de Adele. Ela não havia se planejado para o aparecimento dele.

— Você sabe por quê. — Seus dedos ficaram tensos, logo abaixo da braçadeira. Os lobos na pele dela uivavam sob o couro apertado.

— Então *como* você está aqui? — ela perguntou. — Não estava nem nas corridas classificatórias!

— Você não tem mais nada a provar. E tem tudo a perder — disse Felix, a nota de rodapé. Felix, que conhecia o passado de Adele melhor do que qualquer biblioteca. Felix, agora o rosto mais perigoso da corrida.

Yael desvencilhou seu braço. Agora estava andando no asfalto, deixando um rastro de lama na forma das solas de suas botas. Ela pegou o capacete do banco, apertou a faixa embaixo do queixo, encaixou os óculos e montou na moto. Aquela Zündapp era quase igual à KS que havia

usado para treinar. Só que mais angulosa, mais nova, mais potente.

O motor roncou quando ela o ligou com um chute. Durante o treinamento, aquele som sempre a centrava, fazia com que se concentrasse na missão, na estrada adiante dela. Mas nem mesmo o ronco dos maquinismos da moto a tranquilizou. Todos os olhos no estádio estavam nela. A garota. Cintilando pela chuva e pela roupa de couro. As botas pesando nos pedais. Ansiosa. Pronta.

Todos os olhares estavam nela, mas Yael só podia sentir dois. Aqueles que cavavam, cavavam, cavavam às suas costas. Extraíndo um passado que ela não guardava em suas lembranças. Criando buracos que não era capaz de preencher.

Não pense que esqueci o que você fez.

Você não tem mais nada a provar. E tem tudo a perder.

Ela podia parecer Adele. Mas nunca conseguiria ser Adele. Yael era uma cópia feita de teias de aranha, com buracos, fios e vazios frágeis.

Uma voz diferente saiu pelos alto-falantes — a voz *dele*. A voz que levantava exércitos, derrubava nações. A voz que silenciava todo um estádio. Até as gotas de chuva penderam no céu; o ar se desanuviou num chuvisco fino.

Só havia *ele*. A voz que Yael precisava calar.

Ela não tinha apenas nascido para aquilo. Tinha sido *criada* para aquilo. Pelas agulhas *dele*. Pelos homens *dele*.

— Preparar.

O Führer ainda não sabia, mas estava dando o sinal da própria sentença de morte. (E torcendo por ela.) Yael segurou o guidão com tanta força que suas luvas pareceram prestes a rasgar.

— Apontar.

Atrás dela, dezenove motocicletas roncavam e aceleravam.

— Já!

Yael partiu.

O vento lançava o gelo cortante contra suas bochechas. Seu rosto estava dormente de tão gelado, mas os lobos queimavam sob sua pele. Segredos uivantes. Coisas ocultas que qualquer um poderia ouvir se chegasse perto demais.

Felix e Luka... eles tinham ouvidos atentos.

Yael não podia permitir que escutassem.

PRESENTE

10 DE MARÇO DE 1956
ARREDORES DA GERMÂNIA
19 KM

A chuva continuava caindo pesada e implacável, perseguindo os corredores por toda a Germânia, passando fileiras de espectadores encharcados e estandartes tortos do Eixo, adentrando a estrada. Yael acionava o acelerador. Mais firme. Mais rápido do que deveria estar indo em pistas tão escorregadias.

Mas os outros eram tão velozes quanto ela. Um olhar por cima do ombro os mostrou surgindo como vultos. Luka e Katsuo se separaram como asas indesejadas. Seu couro e seu cromo cortando os esguichos que saíam do pneu traseiro. Atrás deles, dezessete rostos sedentos.

Dispostos a tudo, como Felix disse, e era a pele dela que queriam arrancar primeiro.

A agressão deliberada contra os corredores era proibida pelas regras do Tour do Eixo (para evitar que a competição se transformasse num banho de sangue), o que nunca impediu que acontecesse na prática. Todo ano, competidores abandonavam a corrida por punhaladas, casos misteriosos de intoxicação alimentar, irritações de pele causadas por sabotagem nas motos. As autoridades costumavam fazer vistas grossas, escrevendo “acidente” nos relatórios oficiais. Afinal, aquela era uma corrida de unhas e dentes. Só os mais fortes sobreviviam. Só os mais ferozes podiam vencer.

Mas havia um limite. Cinco anos antes, um garoto fora desclassificado porque tinha cometido o erro de esfaquear outro corredor na frente de uma câmera da Reichssender. (As autoridades não podiam varrer para debaixo do tapete evidências em vídeo.) Todo ataque testemunhado pelas câmeras da Reichssender ou pelas autoridades exigia punição. Em casos extremos — como o esfaqueamento —, o agressor era desclassificado. Na maioria das vezes, porém, os transgressores eram penalizados com uma hora a mais. Aquilo nunca impedira os ataques, só os mantinha sob a superfície, à espreita, escondidos até o momento certo.

Yael não podia abaixar a guarda.

À sua direita, uma sombra. Foi avançando até Yael nem precisar virar o rosto para ver Luka. Estava perto. Perto demais. Posicionado na moto como um leão prestes a atacar. Seus pneus ficaram alinhados aos dela, esfolando a névoa.

— Vamos... diver... tir, *Fräulein!* — Yael só ouviu fragmentos das palavras de Luka cortando a torrente e a tempestade, mas o sentido delas era claro. Os braços dele se movimentaram e sua Zündapp se inclinou na direção dela. Seus pneus foram cortando o

diminuto espaço entre eles.

O coração de Yael subiu pela garganta. Quase sentiu o gosto de sangue, ferro e sal entre os dentes. Pelo canto do olho, viu de relance o sorriso psicótico de Luka. Ele estava brincando com ela. Só brincando.

Yael não lhe daria a satisfação de demonstrar medo. Manteve os olhos na estrada.

Ele se afastou no último minuto. Foi uma acrobacia idiota, orgulhosa. Abastecida pela Cruz de Ferro ainda pendurada no pescoço dele. Se quisesse, Yael poderia tê-lo puxado para fora do assento pela manga, esfolando-o vivo no asfalto da estrada.

À sua esquerda, outra sombra. Katsuo estava se aproximando. Aquele garoto não sorria. O canto de sua boca era duro. A guinada de sua moto, agressiva.

Ele não parecia muito preocupado com as regras.

Luka voltou a se aproximar dela, coincidindo com o avanço de Katsuo. Era como uma pinça, prendendo-a na ponta de sua garra metálica. Eles a mantiveram presa num impasse de engrenagens, sem ter como escapar do cheiro de borracha queimada.

Perigosa, idiota, imprudente. Não havia palavras suficientes em nenhuma das línguas que Yael sabia falar para descrever aquela manobra. Qualquer curva, qualquer movimento súbito, terminaria num emaranhado de motores e carne na estrada. A corrida deles terminaria antes mesmo que começasse de verdade.

Yael manteve os olhos nas linhas brancas pontilhadas da pista. Se continuasse reto, eles perderiam o interesse. Recuariam.

Então a luva de Katsuo surgiu em seu campo de visão. Estendendo-se na direção do punho dela, do guidão. Ele queria fazer com que caísse, girando sua moto na direção de Luka e se livrando de seus maiores concorrentes antes mesmo de atravessar as fronteiras da Alemanha.

Yael não tinha como tirar a mão dele. Não sem dar uma guinada, causando ela mesma um acidente. E Luka ainda estava perto, pilotando em seu jogo de provocação. Sem notar a queda a segundos de distância.

Ela fez a única coisa que poderia.

Os dois freios cantaram com a chuva quando os apertou. As rodas oscilaram e os dedos de Katsuo cortaram o ar à sua frente — a poucos centímetros do brilho cromático do guidão —, apontando na direção de Luka.

As botas de Yael jorraram água quando ela diminuiu a marcha e relaxou os freios. Sua moto andou devagar, então as gotas de chuva contra seu rosto ficaram mais calmas e menos ardidas. Ela tremia, sua motocicleta engasgava, e Luka e Katsuo tinham ficado na frente. Duas plumas desaparecendo na névoa deixada por suas rodas traseiras. Os outros estavam logo atrás de Yael agora, passando em alta velocidade, sozinhos ou em pares, ao lado de sua moto. Raios entalhavam o céu — uma fúria branca —, lançando luz sobre todos os corredores. A maioria a tinha ultrapassado agora, disparando feito sombras fluviais.

Yael rangeu os dentes. Precisava se recompor, sair do estado de choque, medo e tremedeira de sua quase queda. Voltar à disputa.

Outra Zündapp diminuiu a velocidade e se aproximou.

Felix não estavam nem *tentando* correr. Sua atenção estava nos olhos dela, cheio de

preocupação atrás dos óculos pontilhados pela chuva.

— Você está bem?

— Ótima. — Ela estava. Deveria estar. Tinha sido só um susto. Um flerte com a morte. Ela havia tido muitos em seus poucos anos de vida. Aquele não deveria incomodar, colando-se ao céu da boca como estava colado. Ela era a predadora daquela vez. Não a presa.

Nunca mais.

O tremor ainda não havia abandonado os dedos de Yael quando ela acionou o acelerador e saiu em disparada. Para longe do irmão de Adele, de volta à corrida.

POSTO DE CONTROLE DE PRAGA
347 KM

No fim da tarde, o céu voltou a se abrir; as nuvens de tempestade se dissolveram sob o poente. As cores dominaram o horizonte ocidental, e as nuvens lembravam garras. Um vermelho incandescente puxava a noite sobre os campanários de Praga.

Yael observou o fim do dia pelas janelas envidraçadas do posto de controle. Ela não tinha passado muito tempo na moto (duas horas e quarenta minutos, segundo o placar oficial). Germânia a Praga era, de longe, o menor trecho da corrida, mas a estrada a havia esgotado.

Um frio se acomodou sob sua pele, a uma profundidade que nem a chama crepitante da lareira conseguia alcançar. O cabelo de Adele caía translúcido diante de seus olhos, sem força, como o resto de seu corpo depois de atravessar trezentos e quarenta e sete quilômetros numa tempestade no meio de março, lutando para recuperar os segundos que as acrobacias de Luka e Katsuo lhe haviam custado.

A corrida estava apertada. Era sempre assim nos primeiros dias — queimando combustível pelas estradas planas da Europa, atravessando vilas singulares rodeadas pela Juventude Hitlerista de olhos brilhantes, passando por pastos de vacas que ruminavam alegremente.

Katsuo tinha sido o primeiro a chegar. Segundos antes de as rodas de Luka derraparem sobre a linha branca. Seus nomes e tempos foram agrupados no topo do quadro, escritos com a letra rúnica oficial. Yael tinha se esforçado para voltar ao pelotão. *Adele Wolfe* estava em nono lugar na lista, segundos entre o oitavo de Yamato e o décimo de Hans. Felix tinha se mantido atrás dela, terminando em décimo segundo lugar. O próximo trecho da competição — de Praga a Roma — seria igualmente curto. Com exceção de algum problema mecânico, as posições não mudariam muito.

— Você já deu um nome para sua moto?

Os músculos exaustos de Yael ficaram rijos. Seus olhos abandonaram o céu para se voltar a Felix, em pé perto da lareira. A luz das centelhas rebrilhava em seu cabelo pálido. Havia uma tigela de sopa em suas mãos.

Um nome para a moto? Do que ele estava falando?

A mente de Yael folheou as informações dos arquivos. Aquela em particular não estava no

romance de Adele. Ou na nota de rodapé de Felix. Era uma memória viva, algo a que somente os gêmeos tinham acesso.

Um buraco entre as teias de aranha.

— Lembra aquela BMW R35 que você tinha que vivia derrapando? Chicote? — O canto do lábio de Felix se ergueu, nostálgico. — Mas a Sinistra era minha favorita. Tinha a melhor rotação, o motor mais suave. Nunca vi nada igual.

Chicote? Sinistra? Que *Scheisse* Yael deveria dizer?

Aparentemente, Felix não precisava que ela dissesse nada. Continuou falando.

— Essas Zündapps são sólidas. Muita potência de motor. Estava pensando em dar um nome como Thor para a minha. Ou Loki.

— Como achar melhor. — As palavras de Yael se prenderam naquele fio de aranha, tensas, furiosas. Não muito diferentes do tom que Adele tinha usado na noite anterior no apartamento.

O irmão suspirou.

— Escuta, sei que você não me quer aqui. Mas, se vai ser teimosa o bastante para levar isso em frente, o mínimo que posso fazer é cuidar para que não morra de fome.

Felix ofereceu sua tigela de sopa. O vapor rodeou o rosto dela, cutucando suas narinas com o aroma forte de sopa de rabo de boi. Cravo, folha de louro e pimenta. Tomilho, salsinha e zimbro. Nacos de carne macia. A boca de Yael pesou de tanta fome, mas ela não fez nenhum movimento para pegar a tigela.

— É um erro de principiante aceitar comida de outros corredores.

— Não sou outro corredor. Sou seu irmão.

Irmão. A palavra devia significar algo para eles. Era um código de honra por onde Yael não sabia como navegar. Não quando sua verdadeira família tinha virado cinzas espalhadas ao vento.

— Agora pare de ser idiota. — Felix deixou a tigela de sopa nas mãos de Yael. — Coma. Vou pegar água para a gente.

Ela queria comer. O tempo na estrada tinha sido curto demais para os pit stops de reabastecimento onde os corredores costumavam encher a boca com barras de proteína, e fazia muitas horas desde os ovos que tinha comido no apartamento de Adele pela manhã. A fome intensa a envolvia como uma sombra. Lembrando-a de que não estava cheia.

Mas havia algo errado. O tom dele era amigável demais, leve demais, em comparação com os pedidos insistentes da noite anterior. Daquela mesma tarde. Yael sabia que ele não desistiria tão facilmente. (Ela não desistiria.)

Observou o irmão gêmeo de Adele abrir caminho pelo amplo refeitório. Ele se movia com uma elegância explosiva por entre os outros dezoito corredores debruçados sobre suas refeições. Eles tinham se juntado em grupos em torno das mesas de carvalho. Era como se o meridiano setenta tivesse sido arrancado do mapa de Henryka e colado no salão. Rostos alemães de um lado da sala. Japoneses do outro. Vizinhos inquietos, intranquilos. Assim como os impérios que representavam na competição.

A maioria estava com uma expressão tensa. A única suave era a de Ryoko. A garota estava sentada lado a lado com Nagao Yamato, que lia um livro de poesia. Ryoko tinha tentado falar

com ele algumas vezes, mas o rapaz só respondia dando de ombros, sem tirar os olhos das páginas. Os dedos de Ryoko brincavam com seu guardanapo; seu olhar fundo passeou e encontrou o de Yael. A expressão da garota — olhos solitários, sorriso vacilante — era tão sincera que Yael (mesmo sabendo que os sorrisos largos de Adele costumavam ser reservados para as câmeras) retribuiu.

— Vi que você ainda não se assusta com facilidade.

Yael se voltou na direção do fogo e encontrou Luka Löwe a alguns passos de distância dela. Ele ainda estava usando sua jaqueta característica. Ela não tinha sido curtida como a dos outros, e estava encharcada. Ficou curiosa em saber por que ele não a tirava.

— É assim que você chama sua acrobacia de hoje? Um susto? — Yael não tirou os olhos do rapaz. De acordo com um dos muitos perfis do *Das Reich*, o rosto do vencedor era bonito o bastante para arrebatrar o coração de dez mil donzelas alemãs à primeira vista. Até mesmo Yael tinha que admitir que ele era atraente. Os ângulos de seu rosto eram marcantes, não duros, destacando seus olhos cor de mar na tempestade. A barba rala, mais escura que seu cabelo dourado, cobria seu maxilar como um poente.

(Mas dez mil donzelas? Parecia exagero.)

— Só uma diversãozinha para apimentar as coisas. O primeiro dia é sempre tão sem graça...

— Luka suspirou. — Tão... inofensivo. Você sempre gostou de um pouco de selvageria.

O comentário fora feito para irritar Adele. Yael pôde ver aquilo no lábio torto do garoto e no peito estufado de orgulho.

Ela não precisava se esforçar muito para fingir raiva. Bastava olhar para a Cruz de Ferro pendendo da garganta de Luka. Para a suástica em torno de seu braço. Para os olhos azuis e o cabelo loiro que o mantiveram vivo enquanto tantos outros morriam. Não importava que também carregasse aqueles traços. O garoto representava todos eles.

Era muito fácil sentir ódio dele.

Muito fácil pegar a fornalha em seus ossos e deixar que a medula derretida vazasse em suas palavras: queima, queima, cauteriza.

— Sua idiotice quase nos matou!

Luka deu de ombros.

— Eu tinha tudo sob controle, mas parece que Katsuo não está para brincadeira desta vez.

Yael olhou para trás, na direção da mesa de Katsuo. A mesa estava lotada pelo clã do campo de treinamento dele: Takeo usava o canivete afiado para riscar o tampo da mesa. Iwao e Hiraku ouviam com fanatismo tudo o que Katsuo dizia. O vencedor contava como quase havia derrubado a moto dela de manhã, traçando o movimento e imitando o grito dos freios de Yael de uma forma que fez seus ouvintes gargalhar.

Katsuo ficou em silêncio quando encontrou os olhos dela. Seu olhar trespassou Yael, chegando até Luka. Contando histórias, declarando guerra.

— Pelo menos ele é rápido — Yael disse. — Fácil de interpretar.

— Você quer dizer que ele é sem graça. — Luka bufou e deu uma pisada como se estivesse mudando as marchas de uma moto imaginária. — Eu gosto muito da nossa dança, *Fräulein*. Sempre gostei.

Nossa dança. Do que ele estava falando? O que Yael deveria dizer? E *como* deveria dizer? Adele continuaria brava? Ignoraria o garoto por completo?

Havia muito sobre Luka (e Felix) que ela não sabia. Por um momento na estrada, quando era só ela, o asfalto e o silvo da névoa, teve a esperança de que poderia fugir deles. Mas a tática obviamente não estava funcionando — os dedos de Yael ansiaram pela lista de endereços codificados de Reiniger escondida dentro da sua camiseta. Logo mais ela teria que fazer uma visita a algum deles.

— Sai de perto da minha irmã. — Felix tinha voltado. A leveza excessiva de seu tom havia desaparecido. Os copos de água em suas mãos tremiam.

Luka ergueu as sobrancelhas. Yael notou que eram do mesmo tom escuro de sua barba rala. Uma cor que muitos tentariam oxigenar.

— Não precisa ser grosseiro, *Herr Wolfe*.

— Grosseiro? — Os dedos de Felix apertaram os copos. Yael ficou à espera de que o vidro se estilhaçasse e as mãos de Felix se dissolvessem em sangue. — Você quase a matou na pista hoje!

— Não tem por que se preocupar, *Herr Wolfe*. Pretendo manter sua irmã por perto durante um tempo. É uma corrida longa. Talvez ainda possa me divertir com ela.

Algo se estilhaçou, mas não como Yael esperava. Felix derrubou os copos, cerrando os punhos, bem a tempo de dar o primeiro soco.

Foi um soco firme, estalando contra o maxilar de Luka Löwe. Dobrando a cartilagem de seu nariz aquilino. O sangue jorrou rápido — um rastro rubi tortuoso se esparramou pela boca de Luka, descendo por seu queixo. Quando o garoto se curvou de dor, algo prateado caiu de sua camisa, emaranhando-se na Cruz de Ferro. Suas mãos pegaram aquilo rápido, enfiando de volta onde Yael não podia ver.

— Cheio de graxa esse soco. — Luka ainda estava com um sorriso sarcástico quando se endireitou. — Vou deixar essa passar, *Herr Wolfe*. Mas, se me acertar de novo, é você que vou derrubar da moto da próxima vez.

O tornozelo de Yael latejou contra a lâmina dentro da bota. Ela observou os dois garotos se encarando na frente da lareira: Felix em sua postura de boxeador, Luka olhando feio por trás da mancha vermelha em seu rosto.

O ar entre eles estava carregado: zunindo pelo calor e pelo silêncio súbito que havia caído sobre o salão. Todos observavam, prendendo o ar, esquecendo a comida. À espera do segundo golpe.

Ele estava vindo. Yael pôde ver no latejar da veia na têmpora de Felix, na tensão dos músculos de seu maxilar. O próximo soco estava prestes a cortar o ar entre eles. Começar um banho de sangue.

Os dois iam se dilacerar.

Eram adversários à altura um do outro — com a mesma força e velocidade. Nenhum dos dois fugiria de uma briga séria. Ninguém ia se recusar a entrar nela. Yael queria relaxar e deixar que acontecesse. Mas Adele... ela pouparia o irmão. Poria um fim naquilo.

Colocou a tigela de sopa no chão e caminhou até Felix. Passou a mão no braço trêmulo dele.

— Felix.

Ele olhou para ela; um chumaço branco de fios caído diante do rosto. Seu olhar era penetrante, tingido de um tom ferino. Ela conseguia sentir o coração dele pulsar através da jaqueta. Seus músculos dançavam no mesmo ritmo, ardentes, furiosos.

— Deixe — ela disse. — Ele não vale a pena.

Luka se encolheu, uma contração da bochecha que revelou dor. Passou o braço no rosto, espalhando a mancha de sangue pela bochecha e pela jaqueta. Sangue pingou no chão.

— Sei que você quer me proteger. — Yael o apertou com mais firmeza ao dizer aquilo. — Mas esse não é o caminho.

Devagar, o irmão de Adele foi se acalmando. A cara de quem tinha de provar algo abandonou seu rosto.

Sangue ainda escorria do nariz de Luka. Quando ele falou, bolhas reluzentes se formaram em seu nariz.

— Não confie demais no seu cão de guarda. Vi que ele colocou alguma coisa na sua sopa.

— Ele está mentindo. — A voz de Felix era firme, mas Yael sentiu a pulsação extra de seu braquiorradial sob seus dedos. Viu suas pupilas se dilatarem. Vlad havia treinado Yael para procurar esses sinais nos outros e esconder em si mesma.

— Talvez eu esteja. Ou talvez só não queira que nossa dança seja interrompida cedo demais. — Luka piscou (ele teve a pachorra de *piscar*) para ela e Yael nutriu uma fantasia fugaz de dar um soco na cara dele. — A decisão é sua, *Fräulein*.

Com isso, deu meia-volta e saiu do refeitório com ar de superioridade.

— Ainda não entendo por que não denunciou aquele metido filho da... — O final dos insultos de Felix foi abafado enquanto soltava seu braço da mão de Yael. Cacos de vidro estalaram sob suas botas. — Vou pegar mais água para a gente. Você devia comer.

Yael olhou para a sopa ainda no chão onde a tinha deixado. Cheia de vapor e sabotagem. Tantos ingredientes bons desperdiçados.

— Só se você tomar uma colherada antes — ela disse.

Felix fechou a cara.

— Qual é, Ad? Você não pode acreditar nele. Depois de tudo o que aconteceu entre vocês... Luka está tentando entrar na sua cabeça.

Tudo o que aconteceu. O irmão de Adele disse aquelas palavras com ardor. A veia em sua têmpora voltou a inchar, serpenteando rumo ao couro cabeludo. Yael sentiu que havia algo mais na raiva dele — não apenas as palavras que Luka Löwe havia soltado antes de sair do salão, mas uma história oculta. A mesma que tinha vislumbrado no rosto de Luka no estádio.

O que era “tudo”? O que Adele não denunciara? Os segredos de Adele e Luka ressurgiam. Davam outro nó de força no pescoço dela.

Devia ter deixado que brigassem.

— Uma colherada. — Yael ergueu um dedo. — É tudo o que estou pedindo.

Felix não respondeu. Não se moveu. O rubor desceu por suas bochechas, em volta do pescoço. Suas pupilas engoliam a luz do fogo feito buracos negros: grandes, redondas e cheias de mentiras.

Foi a resposta de que Yael precisava. Ela virou e se afastou.

— Aonde você está indo? — ele gritou, desesperado, quando ela seguiu em frente a passos duros e chutou a tigela de sopa. Pedacos de rabada rodaram no chão, misturados aos vestígios do sangramento do nariz de Luka. Parecia... errado. Toda aquela carne e aquele sangue juntos.

— Vou pegar minha própria sopa — ela disse, e continuou andando para longe.

PRESENTE

10 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE PRAGA

Não havia como visitar o endereço de Praga. Não considerando como Felix a vigiava — cheio de fúria e culpa por causa da sopa derramada ao lado da lareira. Só havia uma saída do posto de controle, e Yael não tinha dúvida de que, se tentasse usá-la, ele perguntaria aonde estava indo e tentaria impedir. Ou pior: ia segui-la.

Ela precisava se livrar dele, mas não tinha como ser ali. Só conseguiu escapar do olhar vigilante quando se trancou no banheiro. Depois de trocar a gaze sobre o lobo ainda inflamado de Vlad, sentou na tampa do vaso, tirou o chumaço de endereços da camiseta e começou a decodificar e memorizar os números de Roma. No dia seguinte, tomaria a dianteira. Pularia do nono para o primeiro lugar e correria, correria, correria até chegar em Roma. Iria ao endereço da resistência, pediria os arquivos sobre Felix e Luka, e cruzaria o segundo posto de controle do Tour do Eixo antes que o irmão de Adele (ou qualquer corredor) aparecesse.

Pelo menos, aquele era o plano inicial. O dia seguinte seria longo.

Quando Yael ergueu o travesseiro do beliche, encontrou uma estrelinha feita de papel de propaganda. Tinha sido dobrada com esmero e era tão singela que a fez sorrir. Poderia tê-la jogado fora, mas a enfiou no bolso e deixou a faca embaixo do travesseiro. Muitos dos outros corredores já estavam dormindo; sem camisa, roncando tão sonoros quanto os motores das Zündapps. Um dirigente da corrida estava sentado no canto, como se fosse um segurança, parecendo prestes a cair no sono também.

Yael dormiu de jaqueta. A menor das bonecas, a tachinha, a estrela de papel e a arma pesavam nos bolsos. Os lobos se escondiam sob a manga. Ela os traçou por cima do couro, nomeando-os em silêncio.

Babushka, Mama, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad.

Boa noite. Boa noite. Boa noite. Boa noite. Boa noite.



PASSADO

O SEGUNDO LOBO: MAMA
INVERNO DE 1945

O tempo entre as sessões foi diminuindo, descascando como escamas da pele de Yael. Não

havia mais dias de descanso. Toda manhã, sem exceção, o dr. Geyer picava o braço de Yael. Enfiava mais veneno do que seu corpo era capaz de suportar.

Ela tinha virado um bichinho rosa em carne viva. Da cor de um recém-nascido, com braços descamados e brilhantes sob a luz elétrica do consultório do dr. Geyer. Os olhos do médico também brilhavam. Ganchos invisíveis aumentavam seu sorriso toda vez que ele a examinava. Até fazia piadas com a enfermeira, que nunca sorria de volta, embora seus sapatos tivessem sola e houvesse uma camada de gordura sob sua pele pálida.

— O composto está funcionando!

Progresso. Progresso. Progresso.

A pontada da agulha não doía tanto quanto o que vinha depois: uma queimação que se espalhava do braço de Yael a todas as partes do corpo. Não havia descanso — mesmo quando o frio da noite entrava no Barracão Sete. Sua pele coçava, caía como flocos de neve. Queimando ao menor toque.

A dor ela conseguia suportar. Eram os olhares que perfuravam sua alma. A mesma visão que fazia os dentes do dr. Geyer se abrirem num suposto sorriso causava horror absoluto nos outros. As mulheres cochichavam sobre a chama estranha em seus olhos, o tom fantasmagórico de sua pele e de seu cabelo. A garota que estava desaparecendo bem diante dos seus olhos... sendo substituída por... outra coisa...

“Монстр.” “Monstre.” “Monstro.” Elas achavam que Yael não conseguia ouvir os cochichos, mas ela ouvia. Sua mãe era rápida em sufocá-los, furiosa, em todos os cantos do Barracão Sete.

— Ela é minha filha! — dizia, desafiando qualquer uma que ousasse dizer o contrário com o olhar pronto para a batalha.

Mas até mesmo a mãe observava receosa o que não estava ali antes. Seus lábios se curvavam para baixo toda vez que voltava ao beliche e encontrava a menina deitada em meio à palha e à dor, com as sobrancelhas empapadas de suor.

— Febre ainda — ela murmurava depois de pressionar os dedos frágeis sobre a pele de Yael, então se voltava para sua colega de beliche. — Miriam, pegue um pouco de neve para mim.

Sempre derretia rápido — a neve que Miriam trazia gotejava por todos os lados. Descendo por sua garganta, entrando em seu uniforme.

— Você não está com frio, Yael? — A garota mais velha sentiu um calafrio e ajeitou as mãos sob as axilas para se aquecer um pouco mais.

— Ela é diferente de nós — a mãe de Yael respondeu. Embora o cabelo da filha estivesse curto demais para acariciar, ela passou a mão nele mesmo assim. — Está doente.

Mas Yael estava com frio, sim. Calafrios cobriam sua pele enquanto ela queimava de dentro para fora. Yael sentia fogo e gelo. Ao mesmo tempo. Algo impossível.

— N-não. — Yael tossiu a palavra. — Não sou diferente. Sou a mesma.

A mãe não respondeu. Continuou acariciando a cabeça quase raspada com dedos tão finos que Yael sentia a dureza do osso no toque.

— Você parece diferente. — Miriam inclinou a cabeça

Sou a mesma, Yael quis gritar de novo. A mesma por dentro. Onde importa. A mesma

menina que recitava orgulhosa o *Ma Nishtaná* no seder do Pessach. A mesma menina que jogava bola com as outras crianças nas ruas do gueto. Que não soltou o casaco da mãe por nada quando foram empurradas para dentro do vagão do trem. Que gritou quando os números foram gravados na sua pele com agulhas e gritou ainda mais quando descobriu que não sairiam nunca.

Queria dizer aquelas coisas a elas, mas o veneno do dr. Geyer era forte demais. Yael estava deitada, mas sua cabeça girava, imagens lampejando como cacos de um espelho. Pensamentos partidos em toda parte, iluminados pela chama da febre. Orações se assomando sobre ela: “*Elna, refa na la*” (Deus, por favor, cure essa menina). A voz da mãe, a boca da mãe, a esperança da mãe. A forma das bonecas de Babushka sob seu pedaço do cobertor, fazendo uma curva em sua espinha: uma coisa sólida. A única coisa sólida.

Todo o resto estava se despedaçando. Descamando como sua pele.

Talvez eu não seja a mesma, veio o pensamento súbito. Ela não chorava mais com as agulhas (não desde a primeira sessão de injeções, quando o dr. Geyer deu um tapa em seu punho e mandou que ela parasse de choramingar). Aquilo tinha mudado.

Você ainda vai mudar.

— Babushka? — Yael empurrou a palha, apoiando-se com o cotovelo até se dar conta de que a voz era uma lembrança. O beliche do outro lado estava cheio de rostos hesitantes, mas nenhum era dela.

Não. Estava errado. Era “mudar as coisas”.

*Você ainda vai mudar
as coisas.*

Ela caiu de volta na palha que arranhava sua pele.



Uivos a despertaram. Era o mesmo coro que ouvia toda noite. Gemidos de tristeza, perdas e lamentos vindos de todos os barracões. Tramando uma música selvagem. Durante suas primeiras semanas no campo, tinha pensado que eram lobos de verdade — do outro lado do arame farpado e da cerca elétrica —, selvagens e livres.

Mas, naquela noite, os uivos estavam diferentes. A canção que emoldurava os sonhos de Yael parecia mais próxima. *Estava* mais próxima.

A madeira do beliche tremeu quando Yael se sentou. O mundo em torno dela parecia o algodão que a enfermeira às vezes passava em seu braço: limpo e frio. Nenhum calafrio arrepiante. Nenhuma chama sob sua pele.

A febre tinha passado.

Sua mãe estava de costas para ela. Encurvada de maneira que Yael poderia traçar as costelas sob o uniforme. Ela tremia com as lágrimas, os uivos, os soluços murmurados.

— *Mama?* — Yael estendeu o braço para tocar as costas dela. — Estou melhor.

Sua mãe sobressaltou com o toque, engasgando com o pranto. Fechando-se em silêncio.

Por um momento, Yael pensou que poderia estar sonhando. Mas seus dedos tocaram as

costas da mãe. Aquilo era real. Sentiu o tremor da respiração dela. A magreza de seus músculos famintos. O calor, calor, calor de sua pele.

— *Mama?* — ela voltou a chamar, prendendo a respiração.

A mulher se virou, cravando os olhos nela. Eles estavam... estranhos. Da mesma cor dos olhos da mãe (escuras como as sombras numa floresta à noite). Do mesmo formato. Mas pareciam ser de outra pessoa. Yael os encarou fundo, mas não conseguiu encontrar a mulher que a tinha parido. A mulher que a tinha criado e a abraçado enquanto o vagão de carga chacoalhava por quilômetros e quilômetros de trilhos.

— O que é você? — Sua mãe recuou, com a voz arranhada.

O espaço vazio entre os dedos de Yael estava gelado.

— Eu sou... Yael. Sua filha.

— Não! — Os olhos de Yael giraram de um lado para o outro. — Não... você não é minha filhinha. Não é.

Pica, pica, pica. Aquelas palavras eram cem agulhas de uma só vez.

— *Mama...* — ela tentou de novo.

— Não! — Seu grito agudo correu pelo barracão, acordando as moribundas. Miriam despertou de supetão e observou as colegas de beliche com os olhos turvos. — Não me chame de mãe! Não sei quem... ou o quê... é você, mas não é minha Yael.

Murmúrios se amontoaram na palha ao redor delas. Yael sentiu olhares sobre ela. Dezenas, dúzias, centenas tinham despertado.

— Rachel! — Miriam pegou a mãe de Yael pelos ombros e repetiu seu nome sem parar. Como um feitiço. — Rachel. Rachel. Fique calma.

Todo o corpo da mãe de Yael chacoalhou: sua cabeça, seus ombros. Ela recuou do toque de Miriam até suas costas ficarem contra a parede do barracão.

— Não é ela! Não é Yael!

Yael também tremia. Bombeada pelo veneno dos gritos da mãe. Eles corriam abrasadores dentro dela. Não de febre, mas de raiva. Do tipo desamparado de que as pessoas se enchem para afastar o medo.

— Pare, *Mama!* Pare! Sou EU! Sou Yael!

Ela gritou até notar Miriam encarando-a. Os olhos da garota estavam tão arregalados e fundos quanto os das matrioscas escondidas.

— Y-Yael? — Miriam a chamou com cautela. Suas mãos ainda estavam firmes nos ombros de Rachel, mas toda a sua atenção estava na menina do outro lado do beliche. — Você... mudou.

Yael seguiu o olhar fixo de Miriam em direção a seus braços. O brilho rosado tinha sumido, descamado com a pele morta. Não havia manchas ou marcas. Sua pele estava macia, branca como leite. Ela ergueu os dedos e arrancou um fio de cabelo. Estava pálido.

Como o dr. Geyer sempre quis que ficasse.

— Essa não é minha filha! É um monstro! — sua mãe uivava, tentando se soltar de Miriam. — Yael morreu! Morreu! Como todo o resto.

Agora estava certa de que era um sonho. Yael se voltou para seu braço, erguendo os

números tortuosos. Ainda estava marcada. Ainda era a interna 121358ΔX.

— Olha. — Yael tentou mostrar os números para a mãe, provar quem era, mas os olhos da mãe continuavam girando. Perdidos e vítreos.

— Ela está delirando. Não sabe o que diz. — A voz de Miriam soava exausta pelo esforço de tentar manter Rachel parada. — A pele dela está ardendo.

Febre. Agora que olhava, Yael podia ver o brilho fraco no rosto da mãe, esvaziando seus olhos. Pensou na própria doença e no toque frio da mão da mãe em sua testa. Fora ela quem tinha motivado a febre? Envenenado a mãe com sua carne? Com sua mudança?

— Sou Yael. Estou viva — ela disse para a mãe e para Miriam. Para as três colegas de beliche emudecidas, que tinham descido do colchão de palha. Para todas as centenas de mulheres que a observavam.

Mas, principalmente, Yael disse aquilo para si mesma. Porque os cochichos numa dezena de línguas a atormentavam. *Монстр. Monstre. Monstro.* A voz de sua mãe era a mais alta de todas. *Ela é um monstro!*

Sou Yael. Sou Yael. Sou Yael, ela respondeu em pensamento. *Sou especial. Ainda vou mudar as coisas.*

Mas não era assim que ela se sentia.

Sua mãe não gritava mais. Do outro lado do beliche, Miriam a confortava sobre a palha. Rachel se deitou abraçando os joelhos. Ela sempre parecera tão pequena? Tão magra? A febre parecia tão *maior* do que ela, saindo flamejante pelos cantos de sua pele. Como um espírito que tentava abandonar um corpo.

Uma das colegas silenciosas de beliche voltou com um pouco de neve e a estendeu para Miriam. A garota encostou-a na testa de Rachel, como a própria tinha feito com a filha horas antes. Mas não ajudou muito. Ela só se queixou do frio. Aqueles olhos estranhos e familiares pararam de rodar, apagaram-se.

Mortos. Como todo o resto.

As mulheres do Barracão Sete pararam de cochichar por um momento e tudo o que Yael pôde ouvir foi a agonia de tudo. A canção do campo de extermínio subiu de todos os cantos da noite. Sem lobos. Só pessoas. Chorando e chorando e chorando.

Ela uivou junto com eles.

PRESENTE

11 DE MARÇO DE 1956
DE PRAGA A ROMA

O bando se manteve próximo. Juntos numa formação intricada de rodas e motores. Os corredores se moveram como uma matilha através dos sopés pontilhados pela grama acanhada da primavera e pelos penhascos de rochas salientes, através de cidades ladeadas de gritos de torcida, cidadãos acenando com suásticas e câmeras da Reichssender à espera da imagem perfeita.

Como o primeiro e o segundo lugar, Katsuo e Luka lideraram a linha de saída do posto de controle de Praga. Os dois corredores ficaram bem à frente, pequenos como os grãos de terra pontilhando os óculos de proteção de Yael. Ela ansiava por estar com eles, apertar o acelerador e deixar a estrada desaparecer atrás de si. Metros tragados quando pisasse na quarta marcha.

Mas aquilo não poderia acontecer por três motivos. Takeo, Hiraku e Iwao. Eles estavam dispostos em leque na pista: terceiro, quarto e quinto colocados. Os mesmíssimos corredores que Katsuo havia reunido em sua mesa, ela notou. Provavelmente para planejar aquela tática. Era *planejada*. Não havia dúvidas. Desde o momento em que partiram de Praga, o trio tinha formado um bloqueio espaçado e uniforme ao longo do asfalto numa linha inabalável.

A pista estava travada.

O ritmo dos garotos era lento. A motocicleta de Yael roncava atrás deles. Sem ter como sair da terceira marcha (devagar demais, devagar demais), sua mão apertava o acelerador. Ela tinha lutado para abrir caminho pelo bando, ultrapassando Yamato, Dolf e Karl rumo ao sexto lugar. Eles ainda estavam perto, apenas um metro atrás, enquanto se aproximava da roda traseira de Hiraku.

Ele era o mais jovem dos três aliados de Katsuo. O elo mais fraco na rede mecânica. Mais cedo ou mais tarde, cometeria um deslize e, quando isso acontecesse, Yael estaria a postos.

Observando, esperando, observando, esperando. Quilômetros passaram pelo paralamas de Hiraku. As colinas se elevavam e o ar voava com o sabor das montanhas: abetos frescos, lampejos prateados de neve. O corpo de Yael começava a doer, com câibras pela tensão de estar preparada e esperar, esperar, esperar...

Mas os quilômetros continuavam passando, passando. E, em algum lugar lá na frente, Luka e Katsuo continuavam a disparar ao longe. (Ela não conseguia mais vê-los; os dois rapazes estavam entregues às curvas das pistas montanhosas.)

Outra moto chegou costurando, perigosamente perto da fumaça cor de alfazema do escapamento de Takeo. Suas rodas corroíam o espaço da pista lateral. Espaço de que Yael

precisaria para fazer uma ultrapassagem, cruzando a barreira humana de Katsuo.

— Desculpa, Ad! — o irmão de Adele gritou, montado meio em pé meio sentado. O fato de que ela conseguia ouvi-lo era prova de como estavam devagar.

Yael não sabia como Felix tinha conseguido ultrapassar tantos colocados naquela formação rígida. O soco que tinha dado em Luka havia lhe custado uma hora inteira, tornando-o o último corredor a sair de Praga. Embora todos saíssem ao mesmo tempo, sua formação era determinada pela posição no placar. O irmão de Adele estava tão longe na formação que Yael havia conseguido ignorá-lo sem nem precisar se esforçar. Mas agora ele estava logo atrás dela. Tirando sua concentração com seus olhos elétricos.

— Luka estava certo! Droguei sua sopa! — ele berrou.

Scheisse. Yael quis responder, mas não houve tempo. Hiraku estava olhando por cima do ombro, distraído pela confissão de Felix. Era o sinal pelo qual Yael estava esperando.

Um aperto no acelerador a impulsionou para a frente, fazendo sua moto avançar contra a de Hiraku. O queixo dele quase caiu de surpresa e terror. A roda de Yael nem tocou na dele, mas a manobra agressiva bastou.

A moto de Hiraku derrapou para fora da pista. Seu grito foi tão alto quanto o barulho de sua roda, fechando-se num estrondo de metal esmagado. Uma longa cicatriz rasgou a grama verde e nova: moto capotada e garoto destróado.

Seus companheiros se separaram, tentando tapar o buraco na barreira. Mas era tarde demais. Yael passou pela brecha, engatando a maior marcha da moto. A pista se abriu diante dela, uma faixa enorme de piche se encrespando rumo às presas dos Alpes. A folhagem à beira da longa estrada se misturava indistinta. O fim súbito dos gritos de Hiraku a perseguiu: silêncio, silêncio, silêncio.

Ainda tinha quilômetros a percorrer.



Cascalho e buracos. Ladeiras e curvas. Sombra e frio.

Eram assim as pistas montanhosas.

Yael voava com asas de couro e vento, a motocicleta zumbindo embaixo dela. A cada curva, cada volta em torno de um pedregulho, ela esperava dar de cara com Luka e Katsuo. Mas aqueles garotos também tinham asas que os transportavam através dos desfiladeiros. A distância entre eles não diminuía nem esticando os limites de seu motor nos trechos da pista desgastados pelo inverno.

O crepúsculo caiu cedo sobre as fendas dos Alpes. Havia sombras nos cantos dos óculos de Yael, subindo por seus membros doloridos. Mesmo quando as montanhas ficaram para trás, nada além de lembranças no horizonte distante, a escuridão foi crescendo. O cansaço se instalou, pronto para uma noite longa. Mas Yael continuou em frente.

Um a um, os outros foram ficando para trás, seus faróis se apagando na escuridão. Parando à margem de vinhedos sem frutos para comer e dormir. Era uma tática inteligente e cautelosa. Adiar a privação de sono e a exaustão total. Era o que Yael deveria ter feito — e teria feito —

se fosse uma corredora normal.

Se não tivesse todos os territórios vermelhos, vermelhos, transbordando dentro dela. Se não tivesse cinco lobos e o destino da resistência ao seu lado. Se não tivesse dois rapazes a perseguindo com um passado que não era dela. Se não tivesse um endereço romano que precisava alcançar antes de chegar ao posto de controle.

Os riscos eram mais altos do que algumas horas de exaustão. Um pouco de fome.

Você não tem mais nada a provar. E tem tudo a perder.

Aquelas palavras eram para Adele. A corredora normal.

Para Yael, era diferente: tudo, tudo.

Então ela seguiu em frente.



Roma estava tomada por um sono mortal, esquelética contra a luz da lua. Venezianas cobriam as janelas. Batentes e arcos abertos, vazios como buracos oculares. As pedras gastas das ruas lembraram Yael de dentes enterrados até o fim. O coração da cidade era feito de ruínas: o Coliseu se erguia e encontrava a lua cheia de pústulas. O pó e o tempo rolavam pelas pedras da cidade.

Quando Yael teve certeza de que não havia ninguém por perto para ver, desligou o motor da motocicleta e saiu do trajeto de corrida marcado por estandartes do Eixo, entrando num beco coberto por varais. Roupas e lençóis brancos tremulavam e se contorciam numa dança sussurrada. Yael ficou entre eles, inspirando o aroma de sabão de alfazema e umidade. O bocarrão da rua bocejou. Vazio.

Parte dela queria esperar. Deixar que a escuridão cuspsse o que quer que estivesse à espreita. Mas o posto de controle ainda estava adiante e todo minuto que esperasse seria tempo perdido. Marcado junto ao nome de Adele Wolfe no placar.

O endereço não ficava longe dali. Yael podia ir e voltar em cinco minutos. Seguir direto de moto até a porta da resistência estava fora de questão. Sua motocicleta e seu equipamento chamariam atenção demais, e a cidade estava claramente sob toque de recolher. Haveria patrulhas. Yael desafiou o capacete e desamarrou a Cruz de Ferro do pescoço. A braçadeira com a suástica foi a próxima a ser tirada, enfiada como uma tripa reluzente contra o cesto de couro. Em seguida, depois de uma olhada para o beco vazio, Yael se trocou.

Veio como uma memória, saiu como um suspiro. Sempre doloroso — troca, trava, muda. Um rosto italiano: pele morena, cabelo escuro, olhos escuros. (Não ariano pelos padrões tradicionais, embora o sistema racial de Hitler fosse baseado tanto em política como em uma pseudociência frágil. Assim como os japoneses, os italianos eram “arianos honorários” por causa de suas campanhas de guerra a favor dos nacional-socialistas.) Aquela aparência seria o bastante para evitar a identificação imediata caso encontrasse uma patrulha. Mas as ruas pavimentadas continuaram vazias enquanto as percorria.

Os números codificados de Reiniger a levaram a uma porta pequena, pintada de vermelho sangue. A escuridão pesava nas vidraças ao lado. Yael bateu quatro vezes — duas batidas

duplas separando as notas —, como o protocolo instruiu.

As sombras continuaram lambendo as cortinas. Ela ouviu passos rápidos e o destravar da fechadura. Palavras italianas sussurradas através da fresta:

— O que você quer?

— Os lobos da guerra estão se juntando — ela recitou a primeira metade da senha.

— Eles cantam a canção de ossos podres — a voz respondeu atrás da porta. A madeira gasta pelo tempo se abriu revelando um garoto pouco mais jovem que a própria Yael. Muito magro, de cotovelos salientes, com o rosto coberto de acne. O cabelo amassado pelo travesseiro, os olhos carregados de sono.

— Volchitsa — ele murmurou. Era o codinome dela. — Entre.

— Não posso ficar — Yael disse ao guerrilheiro. A sala atrás dele cheirava a cera de vela e manjerição. — O relógio está correndo. Não queria correr o risco de ser seguida do posto de controle. Preciso do seu grupo para transmitir um pedido à Alemanha. Quero todas as informações que Henryka conseguir sobre Felix Wolfe e qualquer informação suplementar sobre a relação de Luka Löwe e Adele Wolfe.

O garoto assentiu.

— Vou mandar o pedido agora mesmo.

— Diga para ela que vou buscar os arquivos na parada no Cairo. — O próximo posto de controle seria dali a alguns dias. (No mínimo.) A ideia do que poderia acontecer durante aqueles quilômetros desérticos preocupava Yael, mas não havia outra opção. Ela teria de se esforçar ao máximo para evitar Luka e Felix até lá.

— Precisa de mais alguma coisa?

Yael fez que não.

— Preciso ir. Terminar o trecho. — Ela já estava saindo enquanto falava isso. Porta fora, escuridão adentro.

— Vou ficar vendo pela Reichssender. Você é nossa esperança, Volchitsa.

Yael tentou engolir as palavras do guerrilheiro, respondendo com um aceno de despedida. Mas elas ficaram presas, cravando as garras em seus ombros. *Esperança*. Uma palavra esquisita. No passado, tinha sido leve e delicada. Quebrada tão facilmente quanto um dedo sob a bota de um guarda. Mas agora... agora, a esperança pesava muito mais, como se o próprio Coliseu tivesse desmoronado em cima dela. Argamassa e sofrimento. Tijolo e tempo. Entrando com tudo na cavidade torácica de Yael. O lugar que deveria abrigar seu coração.

As ruas ainda estavam vazias quando ela atravessou as *piazas* com fontes e esculturas reluzentes. Uma estátua de cobre do Führer, ainda cintilando de tão nova — Yael desconfiava que ali houvera uma estátua de Mussolini, substituída logo depois de seu assassinato sob os comandos megalomaniacos de Hitler —, a observou passar com o olhar vazio. Lágrimas de cocô de passarinho escorriam por suas bochechas.

Boa mira. Yael acenou para os pombos mais próximos, amontoados ombro a ombro no parapeito da janela de uma basílica. *Continuem assim*.

Só faltava virar a esquina para entrar no beco onde deixara a moto quando ouviu as vozes. Yael parou e se agachou contra as paredes do bastião da igreja, ouvindo três vozes distintas

falar num alemão apressado.

Uma patrulha. O beco não ficava tão escondido quanto imaginara.

Os dedos de Yael cavaram o reboco. Ela colocou a cabeça na esquina, tomando coragem para olhar. Os soldados estavam reunidos em volta de sua moto, como ela temia. Cutucando o couro e o cromo como abutres em volta de um cadáver. Rifles pendurados nos ombros; seus olhos fortemente protegidos pelos quepes.

A Cruz de Ferro! A braçadeira com a suástica! Os cestos estavam fechados, como ela os tinha deixado — fivelas e tiras de couro presas —, mas os soldados continuavam mexendo. Era só uma questão de tempo até arrombarem os cestos e encontrarem o equipamento nacional-socialista. Juntar as peças. Arruinar tudo.

Tempo era algo que Yael não tinha. Minutos de giz se acumulavam: tique-taque, tique-taque. Segundos que não podia se dar ao luxo de perder.

Ela não podia deixar que a vissem como Adele. A vencedora Wolfe não teria um álibi plausível para uma moto abandonada num beco escuro tão perto de um posto de controle. Qualquer história que contasse na voz dela seria picada: carne, tendão e osso. Eles bicariam e cortariam até encontrar os buracos na teia de aranha. Rasgá-la ao meio.

Sua Zündapp não tinha nenhuma marca distintiva. Aqueles homens não teriam como ligar o acontecimento a Adele Wolfe. Não se uma morena italiana arrancasse as armas de seus punhos com chutes.

Ela ainda poderia sair impune.

As pupilas vazias de cobre de *Herr* Hitler observaram-na entrar no beco.

— *Heil Hitler!*

Eles levaram um susto quando ela falou, como se sua saudação fosse um tiro. Yael aproveitou o momento para avaliar o beco. Três homens. (Dois soldados rasos. Um sargento. Todos fortes e corpulentos.) Três rifles. (Carcanos, 7,35 milímetros. Tiro potente, precisão astuta.) As roupas no varal esvoaçavam. Uma Zündapp pesada, pesada.

O soldado mais perto foi o primeiro a recuperar a compostura e o único a responder sua saudação.

— Você está na rua depois do toque de recolher — ele disse num italiano ruim.

FINJA QUE É NORMAL E NÃO UMA GAROTA OCA PREENCHIDA.

— Sim. — Yael parou embaixo de um grande lençol. As lamparinas a gás nos batentes bruxuleavam e davam forma ao ar entre eles. — Estou numa missão oficial. Tenho documentos.

Os homens se entreolharam. Os dois soldados tinham pegado os rifles, mas estavam com a postura relaxada. Não esperavam uma briga. Quem esperaria algo de uma garota sozinha num beco?

— Missão oficial? — O sargento mordeu a isca. Foi se aproximando.

E aproximando.

Yael levantou o braço. Seus dedos agarraram o tecido e o puxaram. O lençol caiu: uma avalanche de algodão em cima do sargento. Os soldados gritaram em surpresa, voltando a apontar os rifles. Yael não lhes deu chance de mirar, avançando contra o sargento e metendo

um soco em seu esterno. Ele cambaleou para trás, encontrando o primeiro soldado. Os dois tropeçaram num emaranhado de tecido branco.

O terceiro patrulheiro foi devagar, com o dedo paralisado no gatilho. Yael chutou a Carcano para longe das mãos dele e arrancou o ar de seus pulmões com uma segunda voadora. Ele caiu no chão, sem fôlego.

Era só um garoto. Pouco mais velho do que o guerrilheiro que ela tinha acabado de conhecer. Yael pôde ver seu punho tremular, temeroso contra a pele macia da garganta.

Sua faca chacoalhou na bota. Sua P38 pesava dura contra sua caixa torácica.

Soluções simples. Silêncio permanente.

Vlad tinha ensinado a arte de matar. As maneiras de extinguir a vida de um homem eram infinitas: pancada na têmpora, tiro no peito, torção no pescoço. Yael tinha aperfeiçoado todas. Ela sabia onde ficava o limite — aquela fronteira tênue entre o reino dos vivos e o crepúsculo dos mortos — e como atravessá-lo.

Mas, apesar de todo o conhecimento e de toda a habilidade, Yael nunca tinha cruzado aquela fronteira.

Os coelhos que Vlad tinha lhe ensinado a caçar e limpar não contavam. Nem as caixas e caixas de garrafas de vodka vazias que estilhara para aperfeiçoar seu tiro. Nem os bonecos de palha que havia enchido de buracos de faca.

Pessoas — vivas, respirando — eram outra coisa.

Morte. O preço da vida. Seguindo-a tão de perto quanto um par de asas. Apanhando tudo por onde passava. Tinha se tornado algo tão descuidado. Estendida ao longe e ao largo em nome do progresso. Porém, de seus muitos, muitos encontros com ela, Yael sabia que a morte não era um poder a ser usado de forma inconsequente.

Não. Era um poder a se temer. Um poder que consumia a alma, pedaço por pedaço, até não sobrar mais nada.

Ela não seria como o guarda de olhos rasos e invernais que chutara o corpo frágil de Babushka repetidas vezes. Não seria como os soldados da Alemanha, que atiravam em cachorros e judeus sem diferenciar. Quando Yael tirasse uma vida, teria um significado.

Seria uma morte para pôr fim à morte.

Por isso, ela tinha seus limites. Limites antes do limite. Suas balas e sua faca eram para três coisas: defesa, coerção e o peito do Führer.

Não havia nenhuma fronteira rígida impedindo Yael em cima do jovem soldado. Aquele cenário poderia ser considerado defesa, e ele não era exatamente inocente. Ela sacou a arma. Viu o mergulho das profundezas nos olhos do jovem soldado. Fundo, fundo, fundo, rumo a um medo que ela conhecia muito bem. Um medo que enfrentava todo dia, toda noite, quando acordava dos pesadelos de fumaça e lobos.

Ele era um *deles*.

Mas ela, não.

Yael bateu a arma com força na cabeça do soldado. Visões de morte rolaram pelos olhos dele, tão fracos quanto o resto de seu corpo.

Os outros dois estavam se soltando do lençol. Yael pulou em cima da moto e ligou o motor.

O segundo soldado avançou para pegar a arma, mas as rodas da Zündapp já estavam girando. Yael saiu em disparada sob as roupas alvoroçadas, rumo à liberdade tortuosa das ruas antigas de Roma.

PRESENTE

11 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE ROMA
1654 KM

1º: TSUDA KATSUO, 13H38MIN30

2º: LUKA LÖWE, 13H38MIN34

3º: ADELE WOLFE, 15H48MIN53

Yael sentou no refeitório do posto de controle, perguntando-se que família infeliz tinha sido despejada de sua propriedade. Quem quer que fossem, tinham gostos refinados. Pisos de mármore, candelabros de ferro forjado artesanalmente, prateleiras repletas de vinhos, garrafas verdes juntando pó. Tapeçarias cobriam todas as paredes com exceção de uma, onde ficava o placar. Ela se sentou à mesa, analisando-o. Havia um prato cheio de macarrão com molho bolonhesa suculento à sua frente, mas ela não sabia se tinha energia para pegar o garfo.

Duas horas. Dez minutos. Vinte e três segundos.

Era o tempo que ela tinha perdido. Yael observava a diferença com a respiração sibilante. Precisava ser melhor do que aquilo. Um terceiro lugar não lhe garantiria um convite para o Baile da Vitória. Não a faria dançar nos braços de Hitler, sorrindo para as câmeras, pegando a arma...

Ela precisava voltar ao primeiro lugar e ficar lá.

— Olha só quem finalmente decidiu aparecer!

Yael cerrou o maxilar de ódio ao ouvir a voz de Luka. O garoto ainda estava usando seu equipamento de motociclismo: botas e luvas sujas de lama, jaqueta marrom gasta. Parecia tão exausto quanto Yael. Sua barba estava menos rala. O uso dos óculos de proteção (durante horas) deixara círculos vermelhos em volta de seus olhos, mesclando-se aos hematomas do soco de Felix.

— O que está fazendo aqui? — Yael não se esforçou para disfarçar o rancor enquanto Luka se sentava na frente dela.

— A pista me deixou elétrico. Sempre demora algumas horas para passar. — Luka levou um cigarro amassado aos lábios e sorriu de uma forma que fez Yael se arrepender de ter aberto a boca. As palavras dela o tinham estimulado a continuar falando, mas tudo o que ela queria era que desse o fora dali. Levasse consigo seu “Sangue e honra!”, sua estirpe de orgulho.

Yael ficou encarando a comida na esperança de que seu silêncio o deixasse entediado a ponto de ir embora. Mas o rapaz ficou parado, observando-a comer, soltando fumaça de cigarro pelo nariz enfaixado.

Algo nele parecia mais tranquilo aquela noite, Yael notou entre as garfadas. Talvez fosse aquela névoa esfumada no ar ou a faixa na cara de Luka, mas o clima entre os dois não era mais ameaçador. Estava mais leve e esvoaçante. Respirações na pele e cochichos noturnos.

Não pense que esqueci o que você fez.

Depois de tudo o que aconteceu entre vocês...

Adele e Luka. Tantos lados da história.

O macarrão ficou preso na garganta dela. Precisou tossir para engolir. Luka bateu as cinzas do cigarro, que se desfizeram no ar. A ponta brilhava ardente.

— Vi que você abriu caminho pelo bloqueiozinho de Katsuo — ele disse.

Yael seguiu o olhar de Luka até o placar. Os dezesseis espaços sob o nome de Adele estavam vazios, esperando para ser preenchidos pelos corredores que tinham gastado seu tempo comendo ou descansando. Mas no fim da lista havia um nome riscado: ~~Shiina Hiraku~~. Ela leu aquilo e ouviu seus pneus cantando. Seu grito. Seu fim súbito, selvagem.

— Ele morreu? — Yael não sabia direito por que tinha perguntado. Sentia um nó na garganta.

— Você sabe que nunca se dão ao trabalho de contar essas coisas para a gente. — Luka esmagou o cigarro na mesa. Deixou uma marca preta chamuscada. — Importa?

Importava? Afinal, ela tinha seguido as regras. Mantido-se atrás dos limites. Fora um acidente. Efeito colateral.

Yael engoliu em seco. Mas o nó continuou ali.

Importava? Uma vida. Uma gota num oceano vasto de centenas, milhares, milhões.

Sim, martelou um vazio em seu peito. *Sim*, gritaram os lobos.

Importava. Todas importavam. Todas as centenas, milhares, milhões. Vasto, vasto...

Haveria um fim?

Cinco, só cinco. Foque neles. Assim pode controlar. Babushka, Mama, Miriam...

PARE!

Não era hora de juntar as peças. De se tornar Yael. Ela era Adele Valerie Wolfe e não podia deixar que o rapaz do outro lado da mesa visse além.

Mas Luka estava olhando para ela, o reflexo de Adele em sua íris azul. O canto do lábio dele se contorceu — de uma forma enganosa que Yael (apesar de todo o seu treinamento) não conseguiu interpretar. No entanto, ele interpretava a expressão dela, folheando os arquivos em seus olhos. Teias mudas de memórias.

Será que ele conseguia ver por entre as frestas?

Importava?

— Acho que não — ela respondeu finalmente com a voz de Adele, as palavras de Adele. Continuou falando, louca para mudar de assunto. — Você estava certo. Felix drogou minha sopa.

— Ficou surpresa?

— Fiquei surpresa que tenha me avisado — ela disse.

Luka tirou um maço de cigarros e jogou dois em cima da mesa. Enfiou um deles entre os lábios. O outro mandou rolando para ela.

Yael olhou para o cigarro, tentando entender como algo tão compacto e branco podia ter um cheiro tão horrível.

— O Führer não aprova.

— É assim agora? — O rosto de Luka se estreitou, olhos, lábios, tudo. Naquilo, Yael viu a verdade: Adele teria aceitado o cigarro.

Se ela fumava, tinha guardado o segredo muito bem. A informação não estava nos arquivos. E Yael nunca a tinha visto com um cigarro durante sua vigilância. Seu apartamento nem cheirava a tabaco...

— Você fez muitas coisas que eu nunca teria imaginado, mas virar um papagaiozinho? — Luka tirou uma caixa de fósforos da jaqueta. — Bastou uma valsa com *Herr* Hitler para virar mascote da sua moral?

Os olhos de Yael se voltaram para a Cruz de Ferro no pescoço de Luka. Estava sem brilho graças à poeira da estrada, tão imunda quanto ele.

— Como se não tivesse entrado na corrida para conquistar os favores do Führer.

O garoto estalou a língua, balançando a cabeça enquanto tirava um fósforo da caixinha.

— Pensei que você me conhecesse melhor. Mas, enfim, pensei que conhecia *você* melhor. É cheia das falsidades, *Fräulein*. Cheia de mentiras detestáveis e coisas bem desagradáveis.

— Inventou essa rima sozinho? — ela perguntou.

— Boa, não é? Talvez eu vire poeta depois disso tudo. — Luka acendeu o fósforo. — Avisei você do golpe da sopinha do seu irmão porque queria que continuasse na corrida. A estrada é longa e dura, *Fräulein*. Ninguém sobrevive sem aliados. Como falei para *Herr* Wolfe, pretendo manter você por perto.

— Você confiaria em mim como aliada?

— Confiar? — O fósforo de Luka apagou com a força de sua gargalhada. Ele não se deu ao trabalho de acender outro. O cigarro ficou pendurado sem chama no canto de sua boca. — Desde que consiga acabar com você. Mas precisamos um do outro. Mesmo que ache que não valho a pena.

Suas últimas palavras a pegaram de surpresa. Fizeram Yael lembrar a cara que ele fez quando as disse. O espanto que se misturou com o sangue em seu nariz quando afastou Felix furioso.

Ela tinha ferido seus sentimentos.

Uma dor como aquela não era infligida por um inimigo. Não. A expressão dele estava distorcida por uma emoção muito mais sombria e cinzenta.

Mágoa?

Luka Löwe também tinha frestas. E, através delas, Yael vislumbrou... alguma coisa... O garoto era mais do que apenas cartas e fotos em um perfil numa pasta. Mais do que palavras garbosas e sorrisos maldosos. Mais do que um mero vencedor, um garoto-propaganda do Reich.

Mas o quê?

Ela precisava daquele arquivo.

A porta principal do posto de controle se abriu. Uma multidão de autoridades de olhos

turvos entrou no saguão, com a voz nervosa.

— Tem dezesseis corredores na estrada agora. É impossível responder por todas as Zündapps. — O sotaque do operador do posto de controle romano era macarrônico, e seu rosto exibiu uma frustração vermelha. — Voltem amanhã e podemos dar uma resposta mais definitiva.

Os homens com ele... eram a patrulha do beco. O sargento e o soldado que haviam ficado presos no lençol. O jovem cuja vida ela havia poupado.

Talvez tivessem aberto os cestos da moto. Talvez tivessem visto a Cruz de Ferro e a braçadeira com a suástica. Talvez — apesar de tudo — soubessem.

Os dedos de Yael ficaram brancos em torno do garfo.

— Foi uma garota. — Os olhos do sargento percorreram o salão, prendendo-se em Yael. — Mais ou menos da idade dela.

Eles se voltaram para ela. Seus olhos estavam enormes — como os olhos dos oficiais do campo de extermínio tinham ficado quando o dr. Geyer a expôs. Exibiu seu trabalho de mudança via agulhas.

Yael não sabia o que se partiria antes, o garfo ou os dedos que o seguravam. Ela sabia muito bem que usava as mesmas roupas do beco. Sua P38 estava no bolso, pesada com as balas por disparar.

Eles sabiam. Aquele pensamento a rondou e trespassou seu peito. *Eles sabiam. Eles sabiam. Eles sabiam.*

— Mas não é ela. — O jovem soldado falou primeiro. — A garota que nos atacou tinha o cabelo escuro. Olhos castanhos.

— Está escuro — resmungou o operador do posto de controle. — Guerrilheiros enchem esses becos feito ratos. Não tem nada a ver conosco.

— Não é tão comum encontrar Zündapps KS601 por aqui. — Os olhos do sargento continuaram em Yael. — Onde você estava há uma hora, vencedora Wolfe?

— Cruzando o Tibre. — Ela conseguiu dizer com a voz mais inexpressiva possível. — A alguns minutos deste posto.

O sargento deu um passo à frente.

— Tem como provar isso?

Luka cuspiu o cigarro e se levantou da cadeira. A largura de seus ombros bloqueou a cara feia do sargento.

— Vocês podem não ter Zündapps, mas a gente não tem nenhuma morena de olho castanho. Se eu fosse você, não sairia por aí me vangloriando de ter apanhado de uma garota. Não é nenhuma vantagem para o currículo de vocês.

O rosto do sargento ficou vermelho.

— Obrigado pela opinião, vencedor Löwe.

— Tem que agradecer mesmo. — Luka cruzou os braços. — Agora, talvez você possa deixar a garota que acabou de pilotar mil e trezentos quilômetros terminar o jantar?

Um rubor cada vez mais forte desceu pelo maxilar cerrado do sargento, que olhou para o macarrão pela metade na tigela de Yael. Depois de um segundo angustiante, ele deu meia-

volta. Seus homens o seguiram; o jovem soldado lançou um último olhar por cima do ombro antes de voltar para a noite fria de Roma.

Eles se foram.

Os dedos de Yael soltaram o garfo. Ela olhou para Luka. Ele estava virado para a porta, ainda com os braços cruzados. Os fios desgrehados, loiros, longos demais para os padrões da Juventude Hitlerista, caíam em volta de seu rosto, escondendo sua expressão. Aquele garoto... era... algo... *além*.

Mas o quê?

Quando Luka finalmente se virou, seu rosto tinha mudado. *Ele devia patentear esse sorriso*, Yael pensou. *Fazer uma máscara com ele*.

— Melhor comer e ir para seu sono de beleza, *Fräulein*. O próximo trecho é uma droga.

Yael o observou sair, jogando o cigarro apagado na lixeira. O coração dela se estilhaçou como chumbo grosso na garganta.

PRESENTE

11 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE ROMA

Yael estava exausta, mas não era fácil dormir. Seu corpo doía em todos os lugares. Independente de como se posicionasse no colchão, ela sentia as molas dele — enrolando-se, apertando-se, perfurando — contra seus músculos sensíveis, e suas entranhas estavam tensas desde o refeitório. Não ajudava o fato de que, a cada quinze minutos, as dobradiças da porta do dormitório rangiam, permitindo a entrada de outro corredor exausto. Também não ajudava o fato de que seu beliche ficava de frente para o de Luka. Ele estava dormindo de costas para ela, mas apenas sua presença já mexia com os nervos de Yael.

Ela manteve os olhos cravados nas costas nuas do vencedor. Havia uma corrente de prata em seu pescoço, brilhando contra seu corpo. A Cruz de Ferro dele pendia ao pé da cama. Parecia estranha separada dele. Ou, talvez, ele parecesse estranho separado dela...

Aquilo importava?

Yael se virou para o outro lado no colchão. Era tudo tão pesado: seus músculos, a *esperança*, o risco sobre o nome de Shiina Hiraku... O peso se acumulava sobre seu peito enquanto olhava fixo para as fendas na parede do dormitório.

Em vez de carneiros, ela contava lobos.

1, 2, 3, 4, 5. 1, 2, 3, 4, 5. 1, 2, 3, 4, 5. 1, 2, 3, 4, 5. 1, 2, 3...



PASSADO
O TERCEIRO LOBO: MIRIAM
PRIMAVERA DE 1945

Com a primavera, veio o degelo. Com o degelo, o fedor. Flores cresciam em algum lugar, mas nem um vasto carpete delas conseguiria superar o cheiro de morte.

Além do mais, nada crescia ali.

Na vida anterior — a vida que Yael se esforçava para agarrar, segurar, lembrar —, a morte era chocante. Um tempo de lágrimas, rituais e recordações. Mas, quando a mãe dela faleceu, não houve obediência aos sete dias de *shivá*. Não houve tumba onde empilhar pedras de visitação. Não houve uma voz masculina baixa recitando a oração do kadish.

Houve apenas uma coisa: a mãe de Yael estava lá, e depois não estava.

Miriam tentou honrar a memória de Rachel tirando palha do colchão, fazendo uma trança

com ela e pendurando na parede. (“Finja que é uma vela queimando”, ela disse, olhando para a palha com o queixo firme. “Não podemos esquecer os mortos, Yael. Nunca devemos esquecer os mortos.”)

Depois da morte da mãe, os cochichos “*Монстр, monstre, monstro*” do Barracão Sete cessaram. Em vez deles, Yael se viu cercada por olhares silenciosos e compadecidos. Ela se manteve no canto de seu velho beliche. Agarrada às bonecas. Observando. Esperando.

Mudando.

Descobriu que, se pensasse forte o bastante, sentisse fundo o bastante, conseguia controlar a mudança. Primeiro fora tomada por lembranças da mãe que lhe mostraram o que era possível. Yael olhava para o espaço do colchão marcado por pulgas (recentemente ocupado por uma mulher com a cabeça raspada brilhante, que ainda dava chutes durante o sono como se tivesse algo por que lutar) e imaginava sua mãe ali. Como era antes, com as ondas aveludadas de seu cabelo farto. Com constelações de sardas pontuando seus antebraços.

Incendiada pela tristeza, apanhada por uma fúria sombria. A menina pegou o ardor e o enfiou no espaço vazio de seus ossos.

Levou para dentro de si.

Seu cabelo cresceu, ondulando até abaixo dos ombros. Longo e farto o bastante para fazer tranças. Uma a uma, vieram as sardas, salpicando em seu braço, surgindo por entre os números.

Ela era Yael, mas não era.

Não minha Yael. Монстр. Monstre. Monstro.

— Rachel?

Yael prendeu o fôlego. Ergueu os olhos e viu Miriam. Havia apenas sete (talvez oito) anos de diferença entre elas, mas Miriam se esforçava ao máximo para ocupar o espaço deixado por Rachel: lembrando-a de comer, mantendo-se perto para aquecê-la durante a noite, perguntando-lhe sobre suas visitas ao médico. De todas as moradoras do Barracão Sete, Miriam era a única que não se importava com os olhos cor de topázio ou os fios de fogo pálidos do cabelo de Yael.

Mas, quando Miriam parou diante do beliche delas, segurando dois pedaços de pão e olhando para o rosto de Rachel, o medo tomou conta de seus traços. Prendeu-se na linha de seu maxilar, matizando seus cachos quase raspados. Seu rosto era um fantasma de duas vias: via um e se tornava outro.

— Sou eu. — Yael sussurrou porque não tinha certeza absoluta. Os sons tinham penetrado fundo demais, vezes demais. — Yael.

As mãos de Miriam tremiam; migalhas valiosas de pão se esparramaram pelo chão. Sua pele continuou com a palidez dos mortos quando ela finalmente engoliu o espanto e subiu no beliche.

— O que está fazendo? — Miriam perguntou para Yael e se apertou junto a ela. Todo o seu corpo era como uma asa: pairando sobre a menina, abrigando-a na sombra. Yael entendeu que aquilo era para que as outras mulheres do Barracão Sete, que voltavam aos corredores, cansadas e exauridas, não pudessem ver como tinha mudado.

Miriam a estava protegendo. Da forma como as matrioscas maiores se encaixavam sobre as menores. Escondendo-as.

— Eu... não sei — Yael sussurrou. Ela continuou olhando para as sardas. As mesmas para que sempre olhava quando estava triste ou amedrontada. Quando sua mãe a abraçava junto ao peito. Era tão estranho ver algo que não existia mais, mas existia.

As sardas de sua mãe. No seu braço.

Yael. Mas não.

— Consegue fazer isso de novo? Ficar igual a outra pessoa?

Ela conseguia? Yael fechou os olhos. A primeira pessoa que viu atrás delas foi Babushka, com seus pés de galinha e seu sorriso de teclas de piano.

Mudar as coisas.

Mudar.

Yael sentiu a tristeza fria da neve. O assombro da fumaça atrás dos olhos da velha senhora. Pegou essas coisas e as enrolou dentro de si.

Quando abriu os olhos, viu rugas em sua pele — idades e anos que não tinha vivido. Dedos gastos pelas facas de entalhe. Músculos enrijecidos por serviços que não tinha feito. Os cachos fartos de sua mãe tinham sumido. Seu cabelo era grisalho e curto agora.

A primeira pergunta de Miriam não foi “Como?” nem “Por quê?”. Ela franziu a testa e puxou seus curtos cachos pretos com os dedos nervosos.

— O médico já sabe disso?

Yael fez que não.

— Você consegue voltar a como era hoje de manhã? — Miriam perguntou.

Yael tinha visto apenas pedaços daquele rosto ariano de cor pastel — aquele que era dela, mas não era. No reflexo polido da bandeja de bisturis, no brilho dos óculos do dr. Geyer, nas poças incertas da latrina. Fechou os olhos e juntou todos aqueles fragmentos, colando-os uns aos outros com o ardor que sempre sentia quando estava amarrada na maca. Não com aquele que as agulhas a faziam sentir, um mais profundo. Aquele que se contorcia e espumava sempre que os olhos do médico encontravam os dela. Aquele que desejava que a fumaça o consumisse no lugar de Babushka, de *Mama*, de todo o resto.

— Isso é bom — Miriam sussurrou quando a mudança acabou. — Fique assim. Não mostre para ninguém. Muito menos para o médico.

— Por que não? — Yael perguntou. Ela pensou na manhã em que sua mãe não se levantou com as demais, a manhã em que o dr. Geyer viu sua transformação. Ele tinha aberto um sorriso tão largo que teve medo de que o rosto dele se partisse ao meio, e lhe ofereceu um punhado de doces, como se açúcar e balas pudessem compensar tudo.

Ela não podia imaginar o que ele faria se visse aquilo.

— Isso... — Miriam fez uma pausa. — Isso é especial. Pode tirar você daqui.



— A hospedeira tem uma taxa de sucesso magnífica. Ao longo de alguns meses, eu a

infectei com uma variedade de compostos manipuladores. Tudo indica que sua melanina e seus níveis de pigmentação responderam em conformidade.

Hospedeira. Ela tinha sido promovida. Não mais “cobaia” ou “interna”. Era uma portadora, o refúgio de uma doença.

O dr. Geyer e dois oficiais formaram uma meia-lua em volta da maca. Os recém-chegados não tinham se apresentado a Yael, mas ela havia escutado seus nomes. Um era Josef Vogt, *Kommandant* do campo de extermínio. E o outro era o *Reichsführer* Heinrich Himmler, um homem de Berlim que cheirava a graxa de sapato e loção pós-barba. Seus rostos estavam tão engomados quanto suas camisas, desprovidos de qualquer emoção enquanto examinavam a menina na ponta da maca. Olhos azuis e cabelo louro. Escápulas e pavor.

— Ela parece muito... ariana. — O *Reichsführer* Himmler, o homem com a maior quantidade de medalhas costuradas no uniforme, foi o primeiro a falar. — Chega a ser perturbador. Como funciona exatamente?

O dr. Geyer estava com os braços abertos, como no dia em que Yael o vira pela primeira vez. Em sua postura de anjo. Só que, daquela vez, não a estavam recebendo, mas apresentado.

— Venho injetando um composto de minha criação feito para suprimir os níveis de melanina na hospedeira. Obviamente, isso afeta o cabelo, os olhos e a pele. Um embranquecimento de dentro para fora.

— E não tem nenhum efeito colateral? — perguntou o *Reichsführer* Himmler.

— O começo é... dramático. Febres perigosas, descamação epidérmica. Afinal, é uma infecção. Mas, se o hospedeiro for forte o suficiente para sobreviver ao enraizamento do vírus, não parece haver repercussões.

O *Reichsführer* arqueou as sobrancelhas.

— Nenhuma? Absolutamente nenhuma?

Não mostre para ninguém. Yael agradeceu o conselho de Miriam. Agradeceu a resposta negativa do dr. Geyer. Agradeceu por possuir uma coisa que nenhum daqueles homens era capaz de tocar, roubar, destruir.

O *Kommandant* Vogt pigarreou e ajeitou os óculos.

— Dr. Geyer, posso perguntar qual exatamente é o objetivo dessa pesquisa? Você pode fantasiar essa menina e a levar para passear, mas o sangue sujo continua correndo em suas veias. Ela não é pura.

Os olhos de Yael miraram os ladrilhos perto das botas recém-engraxadas do *Reichsführer* Himmler. Os pisos tinham sido alvejados para a visita dele — limpados com escovas e suor de prisioneiros até ficarem brancos. Só o reboco mantinha traços da escuridão, do sangue derramado muito antes.

Ela quis saber se o sangue deles — o “sangue puro” — era da mesma cor.

— Tem razão, *Kommandant* Vogt — concordou o dr. Geyer. — Mas pense nas possibilidades! Se uma criança judia pode parecer ariana, por que não o resto de nós? O que levaria gerações de eugenia poderia ser alcançado com algumas simples injeções! Aqueles de nós com uma linhagem impecável que queiram traços mais desejáveis poderiam ter. Ora, até o próprio Führer...

Os dois ouvintes arregalaram os olhos e o dr. Geyer percebeu seu erro. Ele engoliu as palavras com a garganta trêmula.

O *Reichsführer* Himmler salvou o consultório do silêncio estéril.

— Uma aplicação fascinante, dr. Geyer, na qual estou muito interessado. Mas vamos precisar de mais provas de que essa hospedeira não é uma anomalia. É preciso testar com outros antes de considerar infectar o público em geral. Talvez, mais para a frente, se seus experimentos continuarem produtivos, possamos fazer uma apresentação em Berlim. Acho o Experimento 85 muito promissor — continuou ele. — Continue com o bom trabalho.

Yael olhava fixo para o piso e não para os homens. Não porque tivesse medo deles, mas porque temia que as trevas e o ardor dentro dela pudessem extravasar. Despertar a mudança que não podia deixar que vissem.

Os sapatos do *Kommandant* Vogt se remexeram de uma forma que demonstrava que ele estava ansioso para ir embora.

— Ah, cavalheiros, sinto muito, mas vão precisar me desculpar. É aniversário de Bernice hoje e prometi para minha esposa que estaria em casa a tempo da festa.

— Sua filha! — A voz do *Reichsführer* Himmler era mais descontraída agora que não estava falando de trabalho e morte. — Quantos anos ela tem?

Yael ergueu os olhos para os traços transformados do *Kommandant* Vogt. Ele tirou uma carteira do bolso e mostrou um retrato de Bernice de forma que até Yael pôde ver as covinhas fundas em seu sorriso. Seu cabelo era claro — em cachos quase tão cerrados quanto os de Miriam. Uma pequena mancha de nascença marcava sua bochecha esquerda.

Yael memorizou a fotografia, guardou todos os detalhes dentro de si.

— Ela está fazendo sete hoje. Minha mulher vai fazer um bolo de chocolate de sete camadas. É o favorito de Bernice.

Chocolate. Um bolo inteiro de chocolate. O pensamento fez o estômago de Yael se contorcer, oco pela fome constante. Ela olhou para a foto de Bernice e se perguntou como era uma vida sem cercas. Com pais, festas e bolos de aniversário.

A carteira do *Kommandant* Vogt se fechou. Ele a tinha visto olhando; Yael notou pela torção nos lábios dele. Olhos que desviaram muito rápido dos dela.

Talvez fossem mais difíceis de encarar, agora que eram azuis.



Quando ela contou sobre a fotografia, Miriam chegou a sorrir e Yael pôde ver rugas no canto de seus olhos. Pés de galinha que não deviam existir naquela idade.

Miriam pousou as mãos nos ombros de Yael.

— Tem certeza de que é a filha do *Kommandant* Vogt?

— Sim. O nome dela é Bernice. Fez sete anos. Fizeram um bolo de chocolate para ela.

— E você se lembra de sua aparência?

Yael assentiu. Era difícil praticar a mudança sem um espelho de verdade, mas ela precisava. Durante os dias solitários no barracão, quando as outras estavam lá fora revirando as roupas

dos mortos em busca de itens valiosos demais para virar fumaça, ela ficava sobre as poças espumosas da latrina, entre vendo partes de si refletidas pela luz do dia. Estava conseguindo controlar melhor o ardor. Yael carregava rostos de outras pessoas na mente, costurados a seus ossos com tristeza e raiva. Nunca conseguia dizer *como* fazia aquilo. As trocas de pele eram como andar, mastigar ou chorar: metade reflexo, metade consciência. Toda dor.

Bernice era seu rosto favorito de imitar. Sempre que espiava a poça e via os cachos de boneca, podia fingir que eram dela de verdade. Assim como o bolo de chocolate.

A única coisa que não tinha dominado eram suas covinhas. Ela precisava praticar os sorrisos. Fazer com que se mostrassem.

— Sete anos. Deve ser do seu tamanho. Talvez mais alta. Mais gordinha também, se come tanto bolo — Miriam murmurou. — Vou perguntar para algumas das outras mulheres. Ver se conseguem ajudar.

Foi só na noite seguinte, quando Miriam voltou do salão de triagem, que Yael entendeu do que ela estava falando.

— Isso deve dar. — Miriam colocou a mão embaixo do tecido cinza fino de seu uniforme e tirou outro vestido dobrado cuidadosamente em quatro.

Yael o alisou com a ponta dos dedos, com medo de que, se apertasse demais, o vestido desaparecesse. O tecido era macio, desbotado. A bainha estava envolta por retalhos.

— Conseguimos sapatos e uma blusa também. — Na mesma hora, aqueles itens apareceram no colchão, deixados por diversas mãos que surgiram do afluxo sombrio das trabalhadoras.

— Você deve conseguir passar. Finja que foi chamada para o consultório. Quando chegar aos barracões médicos, mude quando ninguém estiver olhando. Finja que está procurando seu pai, o *Kommandant* Vogt.

O berro de um guarda cortou as portas do barracão. Miriam enfiou as roupas rapidamente na mesma cavidade do colchão em que as matrioscas estavam.

— Mas, Miriam... e você?

Ela não respondeu com palavras. Estendeu o braço e apertou a mão de Yael. Foi então que a menina entendeu. Miriam não iria com ela.

Seu peito gelou — tenso de medo, frio de ódio —, e as palavras ficaram presas lá dentro. Ela precisou puxar com força para saírem:

— Eu... não posso.

Havia lobos do outro lado da cerca. Ela não sabia se conseguiria enfrentá-los. Não sem Miriam, *Mama*, Babushka...

— Rachel tinha razão: este lugar é a morte. As pessoas não saem por aqueles portões. — Os olhos de Miriam vagaram para a porta, na direção do céu sempre esfumaçado. Sua mão ainda apertava a de Yael. — Mas você pode sair. Você é especial, Yael. Pode *viver*.

Viver? Num mundo de presas e solidão?

Ou morrer. Numa jaula de fumaça e agulhas.

Yael sabia que Miriam estava certa. Mas desculpas continuavam a rolar na ponta de sua língua.

— Mas meu braço tem meus números. Não consigo tirar.

— Esconda a marca embaixo da blusa. Eles não vão saber — ela disse.

— Não quero deixar você, Miriam. — Yael sentiu os lábios tremerem. — Não quero ficar sozinha.

— Você vai ter que ser corajosa. — Miriam se recostou no colchão e tirou o fruto do trabalho manual de Babushka. Ela começou a separar as matrioscas com giros pequenos e carinhosos. Da mesma forma como Babushka tinha feito. Uma a uma, as bonecas foram caindo. Até sobrar apenas a menor. — Você não vai ficar sozinha. Vou estar pensando em você. E Rachel, e Babushka, e todas as outras... elas estão vigiando.

— Você acredita mesmo nisso? — Yael estava acostumada a vigias: torres de guarda, inspeções médicas, a enfermeira de boca franzida. Não era tão difícil crer que os olhos dos mortos piscavam acima da fumaça, junto com as estrelas.

— Preciso acreditar. — Miriam pegou a boneca menor e a colocou na palma da mão de Yael. — Você não pode levar todas as bonecas. São muito grandes para seu bolso. Vou guardar as outras para você.

A bonequinha de madeira era tão pequena que quase se perdia nas dobras da mão de Yael.

— Se você se sentir sozinha — Miriam continuou —, olhe para ela e lembre que estou cuidando das outras.

Ela era tão pequena sozinha. Podia se perder se a deixasse cair...

Mas Yael não deixaria. Fechou o punho. Manteve a boneca junto ao peito e pensou em todos os olhos invisíveis. Vigiando.

— Elas vão se reencontrar algum dia. — A voz da Miriam foi se desintegrando. Era uma promessa que as duas sabiam que nunca se cumpriria.



Cair da noite. Um momento em que a feiura do acampamento só era iluminada em trechos de luz elétrica. A escuridão corria por entre os barracões, mergulhando em todas as frestas que os holofotes não conseguiam alcançar. Elas eram a trilha de Yael, seu trajeto esbaforido saindo do Barracão Sete. A menina percorreu rápido, com os ombros colados às paredes dos barracões.

A cerca foi seu primeiro obstáculo — metal eletrificado e arame farpado que cobriam o caminho para os trilhos da ferrovia. Yael a tinha ultrapassado diversas vezes atrás dos guardas. Era o único caminho para o conjunto médico. Sua saída.

Dois guardas estavam parados na frente do portão, com os olhares indo de um filão a outro de barracões. Suas grades cruzadas em Xs gigantes e fortificados de metal.

Os Xs a separavam da liberdade. Mas a deixariam passar, abririam o caminho para o consultório do dr. Geyer.

Yael encheu os pulmões com o ar cinzento e ficou sob a luz. Seu braço estava voltado para fora de maneira que a sequência de números fosse iluminada. Todo o caminho até o X.

ANDE RETO CABEÇA ERGUIDA PALAVRAS FIRMES.

— Preciso ver o dr. Geyer — ela disse aos guardas.

Os dois homens ficaram tensos. Desde a mudança, os guardas a olhavam como as mulheres do barracão a encaravam antes: com a íris adornada de medo.

— Estou me sentindo estranha. — Ela colocou os braços em volta do estômago, onde Miriam tinha amarrado os sapatos novos, junto a suas costelas. O vestido amarelo e a blusa estavam escondidos embaixo de seu uniforme largo. — O dr. Geyer me disse para vir falar com ele se isso acontecesse.

TUSSA PARA IMPRESSIONÁ-LOS.

Os guardas recuaram como se ela fosse contagiosa.

— Ele vai ficar bravo se não me deixarem passar. — Yael repetiu todas as falas que Miriam tinha indicado.

Os guardas olharam para ela e concordaram em silêncio.

O portão foi aberto.

Yael não conseguia respirar enquanto andava. Todas as partes de seu corpo estavam fortemente iluminadas pelos holofotes. Era um alvo perfeito para os rifles nas torres de vigia, seguindo seu corpo exposto. Até os pelos em seu braço cintilavam. Roupas e sapatos roubados se amontoavam sob o tecido fino de seu uniforme. Foi um milagre os guardas não notarem o que ela escondia.

Yael não conseguia ver as estrelas dali, escondidas pelas lâmpadas e pela fumaça. Imaginou Babushka logo acima dela, derramando mágicas e milagres.

ANDE RETO CABEÇA ERGUIDA SEJA CORAJOSA.

Outro milagre: ela estava caminhando sozinha. Tomando seu caminho rumo à liberdade com passinhos pequenos, inseguros. Atravessando os trilhos, entrando pelo segundo portão.

Ali Yael vacilou. O portão se fechou atrás dela com um ruído.

Os guardas mantiveram seus postos enquanto virava à esquerda. Na direção da enfermaria. Havia menos lâmpadas ali — penduradas ao longo de uma trilha vazia de álamos e tijolos —, mantendo a ilusão de uma cidade. Quando chegou perto do consultório do dr. Geyer, ela parou.

Era o mais longe que podia ir como Yael. Judia. Experimento. Cobaia. Hospedeira. Interna 121358ΔX.

Monstro.

Ela se escondeu nas sombras, tirou o uniforme e os sapatos de madeira e trocou de pele. Vestiu a roupa que Miriam havia dobrado com tanto cuidado. Seus números foram tragados pelos frágeis fios de caxemira da manga até o X ficar oculto.

Ela era Bernice Vogt agora. Com cachinhos de boneca de pano, um pai que guardava sua foto como um tesouro na carteira, uma mãe que fazia bolos de chocolate.

Yael olhou para a luz da janela da enfermaria. Tentou imaginar um pedaço do bolo entrando por sua boca. Enchendo sua barriga com o sabor aveludado do cacau.

Aquele pensamento a fez subir os degraus do bloco médico. Entrar pela porta.

ANDE RETO.

O ar no corredor parecia pesado, quente. Coagulado com cheiros de sal, vermelhidão e ferro. A roupa fazia sua pele coçar.

O médico estava lá dentro. Assim como a enfermeira de expressão amarga. Os dois estavam

de costas para a porta. Estavam em volta da maca, sobre um montículo imóvel. O vermelho corria em rios pelo piso. Criando veias ao longo do reboco. Manchando a ponta dos sapatos roubados de Yael.

PARE.

Ela parou na porta, sem conseguir tirar os olhos do sangue. Parecia tão diferente fresco. Ainda apegado à vida e ao brilho.

A maioria das crianças que entra no consultório dele não volta mais.

Está salvando você.

Deixando você viver.

As palavras mágicas e milagrosas de Babushka rodopiaram em sua cabeça. O cheiro de sangue entrou por suas narinas, prendeu-se aos seus órgãos. Deixou suas palavras quentes e gosmentas.

— *Papa* está aqui? — ela perguntou, e tentou não olhar para a mão que caía da maca. Com os dedos murchos, azuis e muito pequenos.

O dr. Geyer e a enfermeira levantaram os olhos ao mesmo tempo. Expressões iguais: arregaladas, paralisadas, horrorizadas. Havia um bisturi na mão do médico e vermelho esparramado, pontilhado, estalante como código de rádio por todo o seu jaleco. Só seu rosto estava puramente branco, esvaído como se o sangue empapando tudo fosse dele.

Continuar como Bernice era quase impossível. O bolo de chocolate imaginário se revirava em seu estômago, pedaços podres da sopa escamavam sua garganta. Ela olhou para o espaço entre os dentes do dr. Geyer e não podia esquecer o quanto o odiava.

— Ber... Bernice? O que está fazendo aqui? — Foi o medo na voz do médico que a ajudou a seguir em frente. Ela era Bernice Vogt, a filha do *Kommandant* do acampamento, diante de um mar vermelho, vendo o que nenhuma criança deveria ver. Aquelas coisas pareceram perturbar o dr. Geyer mais do que vagões de gado com famílias que separou do alto de sua caixa de maçãs, mais do que o sangue em suas mãos.

Assim, Yael se endireitou, ignorando o enjoo.

— Falaram que *Papa* estava nas instalações médicas. Me mandaram vir atrás dele.

— O *Kommandant* Vogt?

Ela fez que sim.

— O que vocês estão fazendo?

O dr. Geyer escondeu o bisturi atrás das costas — como se aquilo pudesse ocultar o pequeno corpinho fatiado na maca — e olhou zangado para a enfermeira:

— Cuide dela! E se certifique de que não comente isso com o pai!

A enfermeira guardou a prancheta. Caminhou até Yael com passos cautelosos sobre o sangue escorregadio no piso.

— Venha comigo, querida — ela falou com uma voz carinhosa enquanto pegava a mão de Yael. Não havia ossos, apenas a maciez da gordura. — Vamos levar você para casa.

A garota se perguntou se a enfermeira tinha sido tão gentil com a mãozinha na maca. Antes do anjo de jaleco ceifar sua vida... cortar e derramar. Não olhou para trás enquanto a mulher a puxava para longe. Rumo à noite onde as folhas dos álamos farfalhavam sob um vento

primaveril. Tão alto que quase abafava a canção dos barracões. Tão fresco que quase fez Yael esquecer o sangue em sua garganta.

Quase.

A saída da enfermeira foi tão fácil. Nenhum tiro. Nenhum chiado de fios elétricos ou cheiro de carne chamuscada. Portões se abriram sem uma palavra e ela os atravessou, puxando Yael consigo.

— Você não pode contar para ninguém o que viu lá dentro — a enfermeira falou por cima do ombro enquanto levava a garota pelo trajeto de cascalho. Havia uma casa no fim do caminho: janelas iluminadas alegremente, uma chaminé que soltava fumaça sem morte. O terreno era cercado por uma floresta. Pinheiros de troncos grossos, galhos brilhantes. Perfeitos para se esconder. — O dr. Geyer trabalha muito para curar as pessoas — a enfermeira continuou, puxando Yael. — Ele investiga como melhorar as coisas.

Progresso.

Mas por quê? Por quê? Por quê? Tanto sangue exigia uma resposta. Yael ansiava por ela. Sede suficiente para insistir em uma pergunta:

— Se ele estava deixando aquela pessoa melhor, por que tinha sangue em toda parte?

A enfermeira parou. Aqueles dedos gordos feito salsichas envolveram os braços de Yael. A gordura almofadada apertava os números escondidos. A máscara doce que a enfermeira havia se esforçado tanto para manter ficara para trás, revelando a mulher de pedra que Yael conhecia muito bem.

— Às vezes as pessoas precisam morrer para melhorar as coisas. É um sacrifício pelo bem de todos os outros. Você entende?

Yael entendia que aquelas eram palavras fáceis de dizer quando se era a pessoa enfiando a faca. Também entendia que Bernice Vogt assentiria, porque a menina de sete anos com o cabelo amarelo e covinhas nunca seria o sacrifício.

Então foi isso que ela fez.

— Que bom — a enfermeira disse.

O sangue percorreu as memórias de Yael, prendeu-se ao céu de sua boca. Seu braço ainda coçava embaixo da roupa, sob o aperto firme da enfermeira. Ela tirou a mão.

— Posso ir sozinha daqui.

A enfermeira não discutiu nem esperou. Deixou a menina só. Parada no meio de uma estrada larga e sem cercas. Yael criou raízes ali por um momento, um toco de incredulidade, olhando para o lugar que tinha acabado de deixar. A morte tinha aberto suas presas, permitindo que escapasse.

Colocou a mão no bolso, embalou a bonequinha de madeira na dobra da linha da vida e tentou não pensar nas partes que havia deixado para trás, embora ficasse uma ferida aberta em seu peito. Era de madeira ou carne? Importava? As duas queimariam...

O rosto de Bernice Vogt deu lugar ao da menina fantasma, que murmurou para o céu:

— Sou Yael. Estou viva.

Os céus — cheios de olhos dos mortos e de estrelas — murmurou em resposta: *Você é especial. Pode viver. Você ainda vai mudar as coisas.*

CHEGA DE ANDAR RETO AGORA CORRA NÃO OLHE PARA TRÁS.

Yael virou e desapareceu entre os pinheiros.

PRESENTE

16 DE MARÇO DE 1956
COSTA NORTE DA ÁFRICA

O deserto era lindo. Poeira e terra se abrindo sob a abóbada celeste. Dunas cor de caramelo se ondulavam, seus limites tremulando ao vento. O ar deslizava — nunca ficava parado — carregando grânulos e o *calor*.

A pista (se é que dava para chamar assim) seguia ao longo da costa, onde a areia se estendia e deslizava rumo ao mar cintilante. O trajeto que estavam percorrendo era estreito, esburacado, coberto de rochas. Não dava para pegar velocidade ali. A areia era escorregadia demais e muitos buracos talhavam a estrada. A Zündapp de Yael tremia sobre as rochas, chacoalhando tanto seus ossos que ela tinha medo que quebrassem. Depois de vários dias na moto, todo o seu corpo estava dolorido: panturrilhas, glúteos, coxas, ombros, costas, braços, pescoço, rosto, até dedos e unhas. O dia de descanso no navio que atravessou o Mediterrâneo, na opinião de Yael, só tinha agravado a dor.

Ela vinha compensando desde então. Três dias de corrida selvagem com pouco descanso. Parando raramente, nunca perdendo velocidade. Parecia um ritmo impossível, mas nem aquilo era suficiente para superar Katsuo e Luka. A dupla se mantinha na dianteira. Primeiro e segundo. Cabeça a cabeça. Nuvens de poeira corriam como fantasmas furiosos entre eles, tapando o nariz de Yael, alojando-se entre seus dentes. Ela corria usando a braçadeira como um lenço improvisado, esforçando-se para ver os buracos maiores e tentando desviar deles.

No entanto, por mais fortes que fossem suas guinadas, por mais perigoso que fosse seu envolvimento com a velocidade, Yael se mantinha firme no terceiro lugar.

Duas horas. Dez minutos. Vinte e oito segundos. O abismo entre ela e os líderes crescia de forma desencorajadora. (Ela tinha perdido mais cinco segundos na estrada para a balsa.) Estava começando a acreditar que nunca recuperaria aquele tempo. Não naquele ritmo — costurando, tremendo e sufocando no rastro de Luka. Yael continuou à espera de um escorregão, um erro, mas os dois eram impecáveis.

Por isso ela também precisava ser.

Os quilômetros passavam. Areia riscava os óculos de proteção dela, arranhava e machucava suas bochechas. Uma sede se retorcia em sua garganta como espinhos. O sol estava a pino e fazia horas desde sua última pausa. Tinha sido tempo suficiente apenas para alguns goles de água e encher o tanque numa vila costeira.

Nem mesmo o cair da tarde trouxe alívio. Com o pôr do sol, as areias abraçaram sua chama. O mundo todo derreteu em âmbar — fixando as silhuetas de Katsuo e Luka. A dupla tinha

diminuído a velocidade. Apenas sussurros de poeira descamavam de seus pneus enquanto tentavam percorrer as sombras que se estendiam. A escuridão mergulhou rápido, inundando o deserto e pavimentando a pista. O farol da motocicleta era inútil. Ele iluminava a poeira: uma cerração dourada e reluzente. Enevoava tudo até Yael não ver nada além de seus manetes e das luzes traseiras de Katsuo e Luka. Correndo sem parar.

Ela não podia diminuir a velocidade. Não podia parar.

Era hora de correr atrás do tempo perdido. Enquanto Luka e Katsuo rastejavam, ela voaria. Mesmo cansada. Mesmo machucada. Mesmo desidratada. Mesmo cega.

Ela não podia perder aquela corrida.

Sua moto caiu, contorcendo-se quando o pneu dianteiro subiu o canto entalhado de um buraco. A proteção no rosto conteve a maior parte dos xingamentos enquanto o motor da Zündapp roncava. Arrancava. Numa fração nauseante de segundo, ela teve medo que o motor pudesse morrer e que voltasse a cair no buraco. Mas o rolamento do pneu se manteve firme.

As luzes traseiras de Katsuo e Luka ficavam cada vez mais fracas. Distantes, distantes... Yael apertou o acelerador. O motor da Zündapp berrou alto, e a moto se lançou rumo ao pó fortemente iluminado. Seu pneu dianteiro se prendeu no buraco adiante com um giro. Yael saiu voando através do pó no ar e da escuridão. Os braços abertos como asas.

E então caiu.

A pista se fechou como uma concha em volta dela, deslizando seus dentes rochosos pela maciez de sua pele. A dureza do couro. *Dor*. Foi tudo o que houve por alguns segundos. A mordida da pista mergulhou mais fundo e mais fundo no corpo de Yael. Ela tentou não gritar, mas seus pulmões não funcionavam. Sem som. Sem ar.

Sem ar.

Sem ar.

Quando finalmente se recuperou, foi uma respiração cheia de nada. Coagulada de areia. Semelhante demais à fumaça.

Dor.

Yael teve medo de se mexer. Medo do que descobriria caso se movimentasse. Todos os seus nervos estavam agitados, esgotados. Era impossível saber de onde vinha a dor. Podia ter fraturado a perna. Quebrado a clavícula. Torcido o punho...

Foi o som de outro motor que finalmente a fez se mover. Um ronco, cada vez menor, até engasgar. Um farol forte. O quarto lugar estava parando, saltando da moto, indo para cima dela. Os reflexos de Yael venceram a agonia. O treinamento de Vlad tomou conta, fazendo-a girar, sacar a arma e soltar a trava de segurança. Ela olhou fixo para a mira com a respiração trêmula.

Pelo menos seus punhos não estavam quebrados.

A silhueta correu na direção dela, fortemente destacada contra a luz do farol. Yael manteve a pistola firme, apontando para o peito do quarto colocado. Mas ele não parou.

— Ah, *Scheisse!* — Era Felix. Correndo esbaforido pela areia. Yael continuou atenta. Ergueu a P38. O irmão de Adele se deteve ao ver a arma, com o rosto paralisado de terror. Seu cabelo brilhava contra a luz do farol da Zündapp.

— Ad — ele chamou devagar, com as mãos estendidas. — Sou eu. Felix. Você levou um tombo feio. Abaixei a arma.

Havia faíscas nos olhos dela, correndo como seus pensamentos. *Adele manteria a arma apontada para o irmão? Não? Sim? Talvez?*

A mão armada tremeu.

Tantas faíscas. Tão pouco ar.

NÃO PARE DE RESPIRAR.

Talvez? Sim?

Não.

Ela abaixou a arma com um grito sufocado.

Felix ajoelhou na areia, os braços ainda estendidos. Suspensos sobre ela. Agitados, mas sem tocá-la.

— Você se machucou?

Sua respiração estava mais calma agora. Inspira, expira. Inspira, expira. As faíscas foram se desfazendo, mas a dor... a dor estava por toda parte. Devagar, devagar, Yael foi testando cada membro. Braços, pernas. Pés, mãos. Esquerda, direita. Não tinha nada quebrado. Era apenas dor. E passaria. As dores que se limitavam à pele sempre passavam.

Ela estava trêmula, sangrando, em carne viva. Mas ainda podia correr.

— Estou b-bem. — As palavras saíram esmigalhadas da boca de Yael. Ela guardou toda a sua força para se apoiar na areia, conseguindo se levantar apesar das pernas cambaleantes.

Um passo. Dois. Seus joelhos pareciam papel: amassados, dobrados, ruidosos.

— Bem? *Bem?* — As sobrancelhas brancas de Felix se arquearam até a linha do cabelo. — *Scheisse*, Ad. Não pode levantar assim depois de um tombo desses.

Posso, sim. Yael cerrou os dentes e continuou andando.

Felix acompanhou seu ritmo com tranquilidade.

— Aonde exatamente você pretende ir?

— Até a moto... — Onde estava a moto? Tudo o que conseguia ver era luz, poeira e Felix. Devia ter caído a uma boa distância dela. Era um milagre mesmo seus ossos não terem quebrado.

— Não! — cortou o irmão de Adele, antes de suavizar a voz: — Não. Olhe só para você! Está acabada. Precisamos limpar os ferimentos antes que infeccionem.

Ele tinha razão. Mas Luka e Katsuo ainda estavam na estrada, e os segundos viravam minutos...

Ela continuou andando.

Felix seguiu seu ritmo, passo a passo.

— Essas condições de corrida são uma *Scheisse*. Visibilidade zero, buracos a cada segundo... Você não avançaria mais cem metros nesse estado.

Avançaria, sim. Mas, enquanto Yael pensava isso, já duvidava de si mesma. Seus joelhos de papel amassavam rápido, e ela não via a motocicleta em lugar nenhum.

— Ad, por favor... Não... — Felix engoliu em seco. Suas sobrancelhas se vincaram de tristeza. — Não seja como Martin.

Não era para menos que Felix parecera tão apreensivo quando correrá até ela. Ele já tinha visto aquela cena antes: um irmão voando da moto, caído e ferido na estrada.

A menção do nome dele — *a história que ela não conhecia direito* — deixou Yael nervosa. A moto precisava estar em algum lugar. Ela parou e avaliou a pista coroadá pelo crepúsculo, trezentos e sessenta graus.

Areia. Escuridão. Areia. Ali! Setenta graus para trás. Uma mancha grande demais, pronunciada demais, torcida demais para ser uma formação desértica.

Com uma boa olhada o coração de Yael se apertou. A motocicleta não havia tido tanta sorte quanto seu corpo. A Zündapp estava caída de lado na pista, contorcida, com as rodas para cima. O cromo estava coberto de arranhões, a tinta estava lascada. Um lado do banco de couro tinha se rasgado. Óleo vazava do motor feito sangue na areia.

Felix caminhou até os destroços.

— Foi bom você não ter dado um nome para ela. Eu não via você correr tanto numa moto desde aquela que você bateu em 1951. Não fazia nem vinte e quatro horas que tinha ganhado a moto e quebrou o eixo das rodas. *Papa* ficou muito bravo.

O irmão de Adele se abaixou, olhando as peças da Zündapp.

— Mas o eixo parece bem desta vez. Vou dar uma olhada melhor depois de limpar seus machucados e montar acampamento.

Eles iam acampar juntos? Mas ela tinha se esforçado tanto para se livrar dele, manter distância. Ignorando-o nas estações de reabastecimento, correndo para o canto oposto da balsa mediterrânea, apertando o acelerador ao máximo durante dias e quilômetros... tudo para acabar ali. Encalhada no meio do deserto com a pessoa que mais conhecia Adele Wolfe no mundo. Nome de motos, passado, tudo...

Quanto tempo Felix levaria para perceber que Yael não era sua irmã?

E o que ela faria quando aquilo acontecesse?

Conseguiria cruzar aquela linha?

Todos os músculos no corpo de Felix enrijeceram enquanto empurrava a Zündapp de Yael com o ombro até ficar em pé. Ele era forte — bastou uma tentativa, e ela imaginava que precisaria de mais. Se lutassem, ela teria que confiar em sua velocidade. Acabar com ele antes que tivesse tempo de piscar. Mais ainda, de dar um soco.

— A prioridade é fazer os curativos em você — Felix gritou por cima do ombro enquanto destravava os cestos da moto. Tirou seu kit de primeiros socorros e uma lanterna elétrica, que apontou diretamente para o rosto dela. — Sua pele está parecendo *schnitzel* ao sugo misturado com pedra.

Ela tinha imaginado. A irritação na pele se espalhava ardente pelo pescoço, subindo pelo rosto.

— Se prepare. — Felix tirou um líquido amarelado do kit de primeiros socorros e abriu o vidro. Yael poderia identificar aquele cheiro em qualquer lugar: iodo. — Vai arder um pouco.

Ela também tinha imaginado aquilo. Mas se preparar psicologicamente enquanto Felix posicionava o conta-gotas sobre as bochechas descarnadas dela não ajudou muito. Duas gotinhas de iodo e toda uma nova onda de dor ressurgiu.

— *Schei... Serlksm...* — Os palavrões de Yael foram cortados por seus dentes cerrados.

— Desculpe. — Felix parecia sincero. — Não sou o melhor dos médicos. O treinamento de primeiros socorros da Juventude Hitlerista é bem limitado.

O ardor do iodo somado às palavras de Felix e as lembranças médicas de Yael a fizeram rir. O irmão de Adele estava muito, mas muito longe de ser o pior dos médicos.

Se ele soubesse...

Não. Se ele soubesse que estava tocando sangue “imundo”... Se soubesse quem ela realmente era...

A risada murchou num calafrio.

Felix tirou uma pinça do kit.

— Fique parada. Preciso tirar os pedaços maiores de pedra.

Por que melhorar era tão dolorido? Ela precisava de algo para se distrair, concluiu quando a primeira lasca foi arrancada de sua pele.

— Lá em Praga. Por que você drogou minha sopa?

O irmão de Adele demorou dois pedaços de rocha, uma gota de iodo e um pedaço de gaze colado na bochecha dela para voltar a falar.

— Você não me deu outra escolha.

Mais iodo na outra bochecha. Ardor e lágrimas.

— Você não estava lá, Ad. Não viu... — Felix parou. Por sua voz, parecia que era *ele* quem estava tendo a pele pinçada. — Enquanto estava enfurnada naquele apartamento na Alemanha, fiquei em casa tentando segurar as pontas. Cuidando da garagem, tentando tirar *Mama* da cama todo dia, vendo o cabelo de *Papa* ficar cada vez mais branco. Venho tentando manter os dois saudáveis. Mas não dá.

Havia um peso por trás de seu sussurro. Um peso que Yael *entendia*, porque sempre esteve nela. Pressionando para baixo e para baixo toda noite. Pressionando adiante e adiante todo dia.

— Eu simplesmente não consigo. Não sozinho. Sei por que você fugiu. Acredite em mim, já pensei nisso também... — O rosto de Felix ficou vermelho de vergonha, como se tivesse dito algo que não deveria. — Mas *Mama* e *Papa* precisam de mim. E precisam de *você*, Ad. Se morrer, a vida deles acaba.

— Não vou morrer — Yael disse.

Outra pedrinha foi arrancada com lágrimas. Um longo silêncio pungente.

— Você me perguntou como entrei na corrida — começou ele. — Vendi a oficina. Usei o dinheiro para subornar Dirk Hermann e os oficiais.

Yael nunca tinha ido à garagem, mas já tinha visto fotos do lugar onde Adele crescera. Uma casa barricada por montanhas de estepes e peças automobilísticas. Era o terreno da família Wolfe. Gerações tinham passado por ali.

— A oficina? — Ela forjou a voz, tentou manter tons perfeitos de raiva, perda. (Não foi tão difícil com o rosto em chamas.) — Você vendeu a garagem do *Papa*?

— Eu faria qualquer coisa para manter você em segurança, Adele. Venderia a garagem outras mil vezes se precisasse. — Ele ajeitou o curativo na outra bochecha e levou o contagotas até o pescoço dela. — Você precisa ir para casa. Antes que aconteça o pior.

Um último recurso para levar a irmã pródiga para casa: a sopa adulterada era apenas isso. (E era o que Yael suspeitava desde o início.) Felix estava tentando reunir a família. *Fecha, fecha, fecha, segura*. Assim como a matriosca.

Yael não conseguia pensar mal dele. Não com a boneca menor tão solitária em seu bolso. Não com o calafrio no peito que tinha sentido ao ver a foto dos irmãos felizes no apartamento de Adele. Se ainda tivesse uma família, também lutaria por ela.

Ela estava lutando. Ainda. Por mais que as bonecas que Miriam havia guardado estivessem tão mortas quanto sua amiga. Mais que mortas.

Yael ergueu o pescoço na direção do céu para que Felix pudesse colocar um curativo nas feridas ali. Acima deles, a luz cortava o preto aos milhares: as estrelas e os olhos dos mortos. A visão falou com as partes mais profundas dela, maravilhosas, esperançosas e tristes ao mesmo tempo.

— Posso lidar com Luka e Katsuo — Yael falou para ele.

A pinça tremeu ao som do nome de Luka. Apertou um pouco forte demais em seu pescoço.

— Ainda não consigo acreditar que você defendeu aquele *Saukerl*. Depois do que ele tentou fazer com você...

Quando Yael desceu o olhar além da linha do nariz, viu o maxilar de Felix tenso, suas narinas inflamadas. Uma raiva súbita e feroz. Não sem motivo.

— Luka Löwe é um *Arsch* — ele disse, depois que recuperou a compostura. — Mas não é com ele que estou preocupado. Nem com Katsuo. Escute, jurei que não falaria nada, e é por isso que não contei antes, mas vai acontecer alguma coisa nessa corrida. Uma coisa perigosa. Grande.

Ele sabe da minha missão. Yael precisou de todo o seu treinamento para se manter parada. Voltou os olhos para as estrelas.

— Quem disse isso a você? — Aquela podia não ser a pergunta certa, mas Yael queria a resposta. Os detalhes de sua missão tinham sido mantidos em sigilo pelos níveis mais altos de liderança da resistência. O resto dos guerrilheiros só tinha recebido ordens dos líderes das células para ficar *prontos*.

Será que Felix era parte da resistência? Se era, Henryka e seus informantes tinham deixado passar essa informação; não havia nada nos arquivos sobre a participação na guerrilha do irmão de Adele. O mais provável era que os segredos estivessem escapando, descendo pelas fileiras, saindo pelas frestas.

Nenhuma daquelas opções era muito boa.

— Não importa quem me contou. Só sei que não podemos ficar por muito tempo. Mesmo que dê para consertar sua moto, vai precisar de um ato divino para se recuperar na pista. Sei que você é teimosa, mas a Cruz Dupla não vale sua vida. Pense nas pessoas que amam você. *Papa, Mama*, eu... Não importamos?

Yael fechou os olhos, e a luz brilhante das estrelas se apagou. Só a escuridão e o ardor, o ardor, o ardor dos machucados descendo ao longo de seus braços. Sob o couro corroído das mangas. Entre as marcas daqueles que a tinham amado.

Tinham. A parte de sua vida que estava no passado era muito grande.

— Isso vale a pena — ela disse, olhando para ele.

Aqueles olhos... azul sobre mágoa sobre azul. Era como se tivesse acabado de reerguer a arma e atirado no coração de Felix. Os olhos dele desceram para o conta-gotas.

— É melhor tirar a jaqueta. As pedras devem ter entrado por baixo da gola.

Yael podia tirar. Mas as mangas da camisa eram finas e o curativo sobre o lobo de Vlad ficaria visível. Era o tipo de coisa que um irmão atento como Felix não deixaria passar. Assim como o patrulheiro na Alemanha, ele faria perguntas. Uma levaria a outra, que levaria a outra...

Havia cinco motivos por que Yael não podia fazer aquilo. Cinco motivos por que se levantou (seus pés estavam muito mais firmes agora). Cinco motivos por que disse, começando a montar sua barraca:

— Posso dar um jeito no resto sozinha.

Havia cinco motivos, e eles eram mais importantes.

PRESENTE

16 DE MARÇO DE 1956

Yael não tirou a jaqueta. (Os curativos do lobo de Vlad poderiam esperar. Ela estava com medo demais de que Felix aparecesse de repente na tenda e visse tudo.) Sentou perto da entrada, comeu e ficou ouvindo. Felix não tinha entrado na tenda dele como ela queria. Ele estava trabalhando. Enchendo a noite com os engasgos de um motor enguiçado enquanto tentava trazer a Zündapp dela de volta à vida.

Ficou claro que a motocicleta não tinha salvação, derramando seu epitáfio oleoso na areia. Apesar disso — e apesar de Felix só querer que a irmã abandonasse a corrida e fosse para casa —, ele continuou trabalhando. Com os joelhos na areia fria, os ombros curvados. O vento estava ficando mais forte, gemendo fora da tenda. A areia assobiava de encontro com a lona. Esparramava-se pela lanterna de Felix. Metia-se em suas ferramentas.

E ele continuava trabalhando.

Guerrilheiro ou não, Felix era um bom irmão. Adele não sabia o que tinha.

Aquilo deixava Yael ainda mais arrependida do que estava prestes a fazer. Poderia ser necessário um ato divino para que tomasse a dianteira, mas para que aquilo acontecesse, precisava de uma moto.

A Zündapp intacta de Felix estava estacionada ao lado da dela. Tudo o que Yael precisava fazer era recolher a tenda e trocar os cestos. Se tivesse sorte, o vento bastaria para mascarar o som do motor. Quando o irmão de Adele acordasse, ela já estaria longe. Felix passaria um dia ou dois perdido no deserto até a caravana de equipamentos passar por ali. Ele seria penalizado. Fora da corrida, fora da cabeça.

Simples. Sem segredos descobertos, sem linhas cruzadas.

Yael mastigou sua barra de carne seca e esperou até que Felix guardasse suas ferramentas e entrasse na tenda. Esperou mais alguns minutos antes de sair discretamente, caminhando até as motocicletas com passos leves como plumas. Trocar os cestos foi mais difícil do que havia imaginado. Seus dedos, abalados pelo acidente, se atrapalhavam com as fivelas. A areia chicoteava seu cabelo, queimando sua nuca. As rajadas de vento tinham se transformado numa força constante e impetuosa. Yael precisou proteger o rosto voltando-se na direção da tenda.

E então ela viu.

Na verdade, foi mais o que *não* viu. Onde, momentos antes, pendia uma lua crescente fina, havia só trevas. E as estrelas... as estrelas estavam sendo comidas vivas, luz a luz. Tragadas por uma escuridão que não tinha nada a ver com a noite.

Era uma tempestade de areia. Reiniger a havia avisado sobre elas. Ele tinha visto muitas

durante seus anos de guerra: muralhas de poeira que vinham rolando pelo horizonte, tão velozes quanto um enxame de gafanhotos.

Procure abrigo. Fique escondida, Reiniger lhe dissera. *Respire pouco para a areia não entrar nos seus pulmões. Você não vai conseguir fazer nada até ela passar. Sem luz. Sem ar.*

Yael precisava entrar. Muitas estrelas tinham se apagado e ela havia saído sem lanterna, mas sabia que eram oito passos das motocicletas até a tenda. Não tinha escolha além de correr.

A tempestade não estava simplesmente uivando. Era um exército de sons: enfileirando-se, entrelaçando-se, rugindo de todas as partes. Poeira penetrou os buracos em seus curativos, trazendo lágrimas aos cantos de seus olhos. Ela precisou abrir caminho contra o vento, pelos rios vivos de areia aos seus pés. A tenda se manteve firme quando Yael entrou, tossindo como se seus pulmões dependessem daquilo.

Outro conselho de Reiniger veio à mente: *A maioria das tempestades é curta. Passa em uma hora mais ou menos*. Ela precisaria esperar. Tentar pegar a moto depois de uma hora (mais ou menos).

Mas a tempestade só piorava. Aquela hora se estendeu em duas. O vento bradava mais alto e a tenda se inclinava mais, até Yael estar certa de que era apenas seu peso que mantinha a estrutura no lugar. As paredes e o piso tinham sumido. Era apenas um emaranhado de plástico a protegendo da areia como um casulo.

Ela dormiu, em posição fetal, catando trechos de sonhos. Às vezes era difícil saber a diferença entre estar dormindo e acordada, já que seus pesadelos também eram feitos de uivos e trevas.

Mas a luz finalmente veio. O sol matinal cortou uma névoa laranja-escura. O vento diminuiu, as nuvens se afinaram e Yael escavou para fora da lona.

O terreno estava mudado, um deserto renascido. Areia até onde a vista alcançava. Tudo estava coberto, ela descobriu ao sair da lona. A tenda de Felix estava semienterrada e as Zündapps tinham areia até o cubo da roda. Ela precisaria desenterrar a motocicleta — e rápido, se quisesse voltar para a pista antes que Felix acordasse.

Foi só quando se levantou e começou a caminhar na direção das motos que notou um problema em seu plano: não havia mais pista. Os buracos, as rochas, o cascalho... tudo tinha sumido. As dunas se estendiam até o mar. Um silêncio completo dominava, ela percebeu ao olhar para a tábula rasa da paisagem. Sem vento, sem motores. O sol estava bem acima do horizonte, mas ninguém corria. Sem pista, os corredores não tinham para onde ir.

Era difícil dirigir na areia, mas não impossível. Ela tinha um mapa e uma bússola. E, mesmo se não ajudassem, conhecia as estrelas. Podia encontrar seu caminho até o Cairo. Com ou sem pista.

Aquele era seu ato divino. Sua chance de tomar a dianteira.

Ela correu até a moto de Felix e começou a cavar. Punhado por punhado, tirou a primeira roda da areia. Demorou mais do que gostaria. A areia era fofa, e a puxava de volta à trincheira.

Yael não conseguiu tirar a segunda roda.

— Ad! Você viu aquilo?

Sentiu um frio na barriga quando ouviu a voz de Felix. Deu meia-volta, para parecer que

estava examinando seu próprio motor destrocado. Podia ver o irmão de Adele por entre os espaços das engrenagens quebradas da moto. Ele se espreguiçava em frente à tenda.

Ah, como ela queria que Felix ainda estivesse dormindo!

— Ad? — ele chamou de novo. — Está acordada?

Yael levou a mão ao bolso que guardava a P38 e se levantou.

— Bem aqui! Só estou olhando o motor.

Ele sorriu. (A visão a deixou espantada e aflita ao mesmo tempo. Como podia sorrir depois de tudo o que ela havia dito e feito? Como ela podia pegar a pistola depois de tudo o que ele havia dito e feito?)

— Você estragou o motor — ele disse, caminhando até ela. — Tem dois buracos enormes no bloco, e o carburador está completamente quebrado. Posso consertar, mas vamos ter que esperar o furgão de manutenção.

Normalmente, segurar a Walther P38 na palma da mão deixava Yael centrada: vida, morte, poder. Mas, daquela vez, ela sentiu seu punho tremer contra o metal. Duro e disperso. Nem um pouco pronto.

Felix tirou o relógio de bolso que tinha olhado no apartamento de Adele. De perto, Yael pôde confirmar que o relógio tinha visto dias (muito) melhores. Seus cantos estavam amassados e entortados; o vidro no mostrador, rachado. Felix o abriu por um segundo e o fechou de novo.

— Está tarde. Não que o tempo importe aqui. A gente podia comer alguma coisa. — Ele foi até sua moto e começou a desafivelar o cesto. — Tenho umas barras de proteína, se quiser. Não estão batizadas.

O irmão de Adele estava errado. O tempo importava *sim*, por isso Yael ficara atrás dele feito uma sombra enquanto falava. Ela sacou a arma, olhou fixamente para os músculos das costas dele por baixo da camisa fina de algodão já manchada de suor no sol da manhã.

Ele tem boas intenções. Ama a irmã. Não merece isso.

— Estranho. Pensei que tinha guardado aqui em algum lugar... — Felix murmurava para si mesmo, revirando o cesto dela na moto dele.

Derrube o garoto de uma vez. O pulso de Yael latejava. *Acabe logo com isso. Rápido.*

Sua mão travou em volta da pistola. Ela não conseguia fazer com que se movesse.

As mãos de Felix perderam velocidade. Os músculos de suas costas tencionaram.

— Essas... essas são suas coisas.

Tarde demais. Ele estava se virando. *É agora ou nunca.*

As botas de Yael jogaram areia para o alto quando ela pulou em cima do garoto. Felix não revidou. Nem tentou se proteger quando ela bateu com a pistola contra a têmpora dele, num golpe explosivo. Ele caiu na areia.

Yael tremia e sentia a bile súbita em sua boca, mas agiu rápido: juntou o restante de suas coisas na areia, desenterrou o pneu traseiro da motocicleta e encheu seus cestos. Felix continuou imóvel, com o rosto para cima, os braços espalhados, como se estivesse tentando fazer anjos de areia.

O calor do deserto se intensificava, cruel, camada por camada. Yael sabia que levaria

minutos, talvez horas, até que Felix acordasse do golpe que tinha desferido nele. Era tempo demais para ficar exposto sob o sol africano. Por isso, gastou alguns minutos para arrastá-lo até sua tenda — *Scheisse, ele é pesado para um garoto magro! Puro músculo!* —, tentando não olhar para o hematoma feio que já inchava.

Ela o deixou ali. E saiu com a moto.

Dirigir uma motocicleta pela areia era como tentar correr na água ou em um sonho: de uma lentidão impossível. Yael tentou várias vezes até fazer os pneus da Zündapp girarem nivelados. Toda vez que as rodas emperravam e afundavam na areia, ela precisava descer e escavar com força e técnica meticulosa. Era um trabalho exaustivo e banhado de suor.

O segredo era a velocidade constante. Escorregou até o fim do banco, encontrando o equilíbrio perfeito para que seu peso não afundasse as rodas.

O caminho era longo, arenoso e quente. Mas ela estava em movimento. Deixou que o sol a guiasse, estimando seu caminho rumo a leste. Soube que estava na direção certa quando passou pela tenda de Luka. Ele pôs a cabeça para fora ao ouvir o ronco do motor dela. Como todos os outros corredores, estava abrigado, esperando os furgões de suprimentos para seguir caminho com mais instruções. Ele estava se barbeando, o maxilar meio coberto pela espuma. Yael soube que guardaria sua expressão como um tesouro: boquiaberto, gotas se desgarrando do queixo.

Ela abriu um sorriso e se deu até ao luxo de acenar.

O olhar de Luka ficou sério. Ele entrou na tenda.

O acampamento de Katsuo estava duas dunas à frente. Ele estava agachado, as mãos cobertas de escamas cintilantes enquanto destrinchava um peixe mediterrâneo fresco. Ao ver a moto de Yael, levantou-se, deixando a pesca esquecida na areia. Não fez nenhum movimento na direção dela ou da moto, nem correu para a tenda, como Luka. Apenas seguiu o avanço de Yael com o olhar, segurando a faca com firmeza.

Ela não se deu ao trabalho de acenar.

Continuou avançando furiosamente, correndo atrás daquelas duas horas, dez minutos, vinte e oito segundos. A extensão da tempestade era gigantesca; sua devastação se estendia infinitamente. Areia ficava presa nas rodas e afogava o motor. O único consolo era que Katsuo e Luka estavam enfrentando o mesmo. Percorrendo o mesmo trajeto sem pista. Centímetro por centímetro.

E, finalmente, a pista. Os óculos de proteção embaçaram com as lágrimas de alegria quando a viu: a espinha de rochas e solidez que surgia além da areia. Quando suas rodas a alcançaram, Yael disparou. Sem nuvens de poeira, sem silhuetas, sem irmãos bem-intencionados...

O caminho estava mais livre do que nunca.

PRESENTE

18 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DO CAIRO
5742 KM

Por dois dias, Yael pilotou sozinha. Toda cidade por que passava estava vazia, com exceção dos postos de reabastecimento do Tour do Eixo, que abrigavam alguns rostos arianos tostados pelo sol. A areia se acumulava na porta das casas como flocos de neve. Fazia anos que ninguém habitava aquela costa. Segundo Reiniger, as populações nativas das vilas tinham sido deportadas para campos de trabalho forçado menos de um ano depois da Grande Vitória. Ela dirigia por uma terra deserta.

Seu ritmo no último trecho de deserto era intenso, abastecido pela centelha no olhar de Luka. Pela faca de Katsuo. O acampamento noturno tinha sido breve. Yael havia continuado na pista até os últimos vestígios de luz sumirem e guardado a barraca quebrada antes que a luz do alvorecer cobrisse as dunas do leste. Gasolina e água eram os únicos motivos para as paradas durante o dia, minutos preciosos passados em cidades fantasmas. Toda vez que reabastecia o tanque e os cantis, examinava a estrada atrás de si, procurando poeira e movimento no horizonte.

Eles estavam vindo. Ela sentia aquilo. A ânsia premente de continuar na dianteira. Ela estava na dianteira. Sua Zündapp foi a primeira a chegar ao Cairo. Aquela cidade, pelo menos, estava a pleno vapor. O ar pairava com os cheiros inebriantes de diesel e incenso. Esterco seco e calor. As ruas eram vivas e labirínticas: carrinhos pesados de romãs e figos, camelos ajoelhados, jipes impacientes. Yael foi costurando por eles da melhor maneira que pôde até o posto de controle.

Os funcionários do Tour do Eixo não estavam esperando por ela. O cronometrista dormia, jogado em uma cadeira. A equipe da Reichssender e os jornalistas japoneses estavam sentados em volta de uma mesa de carteador maltratada pelo tempo, com turbantes na cabeça e garrafas suadas de água mineral ao lado dos cotovelos.

Quando Yael entrou no pátio do conjunto, a expressão daquelas pessoas pareceu a de Luka: espanto, seguido de resolução, correria atrás das câmeras. O cronometrista quase caiu da poltrona para registrar o tempo dela.

Yael limpou os dias de poeira do rosto que ainda levava os curativos e olhou para os números. Menos de uma semana de estrada da Germânia até o Cairo. Era um bom ritmo. Excelente, na verdade.

Mas seria o suficiente?

Ela tinha duas horas, dez minutos e vinte e oito segundos para descobrir.

A resposta de Yael às perguntas da Reichssender foram indiferentes e esbaforidas. (Sim, a tempestade fora ruim. Claro, era bom ser a primeira a chegar ao Cairo. Não, ela não fazia ideia de que o irmão tinha entrado na corrida.) Sua atenção estava na pista enquanto tirava a jaqueta, repondo as gotas de suor nas sobrelanceiras com água mineral.

Uma hora passou.

Ficou observando a rua da mesa de cartado, fazendo círculos úmidos na madeira com a garrafa. Beliscando da tigela de tâmaras e figos secos. Torcendo a ponta dos fios de cabelo claro de Adele (aquilo poderia acalmar Adele, mas não tinha efeito nela). Tudo para os segundos passarem mais rápido.

Todo estalo de motor, todo canto de pneus à distância acelerava o coração dela. Ela ficava à espera de ver a moto de Luka virando à esquina. Ou Katsuo abraçado à sua Zündapp, decidido a manter o número um à frente de seu nome. Mas não eram eles... não eram eles... não eram eles... Os minutos passavam arrastados. A esperança subia cada vez mais alto na garganta de Yael.

Os portões do complexo continuavam vazios. Durante duas horas, dez minutos, vinte e nove segundos.

Estou na frente! Todos aqueles meses de treinamento nas estradas, colecionando quilômetros e irritações na pele não foram em vão. Aqueles pensamentos crepitavam ardentes enquanto Yael via o cronometrista escrever o nome de Adele Wolfe na primeira colocação. Ela ergueu a garrafa vazia de água mineral, brindando a um céu sem nuvens: Saúde!

Luka foi o primeiro a virar a esquina, com o corpo coberto de poeira enquanto sua moto parava com uma freada brusca. Sua barba estava cheia de falhas. Ele não tinha terminado de se barbear.

LUKA LÖWE: 5 DIAS, 6H21MIN2

— Você está com uma cara ridícula. — Yael, ainda no auge de seu triunfo, não pôde deixar de caçoar do garoto que se aproximava da sua mesa com passos duros e doloridos.

— Disse a múmia. — Luka se deixou cair numa cadeira e, sem cerimônia, pousou os pés no tampo da mesa. Botas, poeira e tudo. — Cadê seu irmãozinho querido?

Yael pegou mais uma tâmara da tigela. Naquelas longas horas em que não havia nada além dela, o céu e a estrada, tinha se esforçado ao máximo para não pensar em Felix. Como tinha caído sem resistir. Como ela o tinha deixado à deriva num mar de areia, com a tâmara latejando e uma moto quebrada.

A lembrança a incomodava — mais do que deveria. Mas ele estava fora da corrida. Yael só

esperava que não tivesse sofrido hipertermia dentro da barraca.

— Não sou babá dele — ela disse, e mordeu a tâmara.

— Bom, ele definitivamente parece a sua. — O curativo não estava mais no nariz de Luka, mas mesmo assim ele passou cuidadosamente o dedo pelo local, tirando a poeira e mostrando o hematoma roxo. — Sorte a minha que sou bonito o bastante para sustentar o visual.

— Sei me virar sozinha. — Yael apontou para o placar, onde o tempo de Luka estava sendo escrito. Segundo lugar.

Houve um coro de buzinas do mercado. Um jorro de sementes, cores e caixas de frutas tombou ao chão. Tudo entretecido pelos xingamentos dos vendedores enquanto Katsuo virava a esquina e passava voando pelo cronometrista. Sua moto parou subitamente, o pneu dianteiro tremendo a centímetros da mesa. Enchendo o rosto de Luka e Yael de poeira e fumaça.

TSUDA KATSUO: 5 DIAS, 6H24MIN11

Katsuo não olhou para os números. Seus olhos focaram Yael enquanto descia da moto. Era um olhar de caçador, sedento e nefasto por trás dos óculos de proteção. Yael retribuiu, sustentando o olhar, mordiscando o caroço da tâmara com tanta força que teve medo de quebrar os dentes.

Finalmente, o garoto se virou. Saiu andando sem dizer uma palavra.

— Você está na mira agora, *Fräulein*. Pode até conseguir se virar, mas ninguém atravessa essa corrida sozinho. — Luka descruzou as pernas, debruçou-se sobre a mesa. Mais perto, mais perto. Até Yael sentir os pelos de seu maxilar mal barbeado, o cheiro forte do couro de sua jaqueta. E, embora o sol ardesse incandescente sobre eles, ela sentiu calafrios sob a pele, ameaçando irromper. Adrenalina. Medo. Algo além.

Algo mais.

Os lábios do vencedor estavam tão perto do ouvido de Yael que ele só precisou sussurrar:

— Em breve, muito em breve, você vai precisar de mim.

PASSADO

O QUARTO LOBO: AARON-KLAUS

PARTE I

OUTONO DE 1949

Yael estava sozinha.

Foram meses nas florestas, comendo frutas e cogumelos e ouvindo uivos de lobos de verdade. Foram noites escondida em celeiros, comendo a aveia dos cavalos e dormindo com o mugido das vacas. E semanas caminhando, caminhando, caminhando. A comida era melhor nas cidades — filões de pão, cordões de salsicha, maçãs reluzentes como cuspe —, mas havia mais olhos nelas. Era quase impossível roubar sem ser pega.

Então ela roubava dinheiro. Descobriu que gostava de bater carteiras. Não era difícil, principalmente na Alemanha. Ela era loira, pequena e passava despercebida na multidão. Caçava à margem do rio Spree, onde casais andavam de mãos dadas e bandos de crianças corriam à solta.

Yael sempre se recostava na barreira do rio, os dedos apertando a ponta das mangas da blusa, esperando que o dinheiro fosse em sua direção, na forma de relógios e carteiras.

Era melhor quando as crianças da escola passavam em disparada. Podia fingir ser uma delas. Tropeçando, trombando com um ombro, usando aquele segundo de surpresa para enfiar os dedos nos bolsos, gritar um pedido de desculpas e sair correndo. Reichsmarks mais rica.

Ela sempre jogava as carteiras no rio — cai, afunda, some. As notas e moedas enfiava no bolso, junto à boneca menor. Trocava de rosto e roupas num canto embaixo da ponte e ia comprar pão.

Era um bom sistema. Quase nunca passava fome.

Mas um dia ela cometeu um erro.

O jovem era um alvo óbvio. Seus braços estavam cheios de entregas e envelopes. Andava tão rápido que o sobretudo se abria ao vento. Apressado demais para notar a beleza das correntes do Spree ou os barcos que se agitavam feito gaivotas encurvadas ao longo da barreira do rio.

Ainda era cedo demais para as crianças e o passeio do rio estava estranhamente vazio. Não havia multidão por onde desaparecer.

Ela deveria ter deixado que ele passasse.

Mas aquele era um dos raros dias em que estava com fome (pouca gente passara durante a semana toda, e ela tinha gastado seus últimos Reichsmarks numa blusa com mangas longas o bastante para seus braços em fase de crescimento). A fome ainda não era desesperada nem

corroía seus ossos, mas estava lá, escavando dores ocas em seu estômago. Lugares desertos, partes faltando.

Yael odiava sentir aquele vazio.

Por isso, assim que o jovem passou, ela saiu, dando de cara com ele.

A colisão foi mais forte do que esperara. Os embrulhos do rapaz caíram; seus envelopes saíram voando. Ele se ajoelhou e começou a juntá-los antes que Yael tivesse tempo de balbuciar um pedido de desculpas e enfiar os dedos no bolso dele.

Ela se ajoelhou ao seu lado. Pegou o envelope mais próximo com a mão direita e enfiou a esquerda no bolso dele. Yael estava no meio da transação quando notou o selo no envelope que segurava.

O pássaro com a cruz gamada.

Ele era um *deles*.

CORRA VIVA MUDE AS COISAS FUJA FUJA NÃO DEIXE QUE VEJA.

Yael retirou a mão (sem carteira) e tentou fugir. Mas o nacional-socialista estava de olho. Quando o braço dela se afastou, segurou o punho de sua blusa.

A manga arregaçou. A pele ficou à mostra. Yael se debateu, mas o tempo ficou imóvel, congelado pela visão dos números. Eles tinham um brilho mais preto do que nunca no lusco-fusco. Ali, ali, ali, sob o céu azul entristecido, à vista de todos.

O jovem segurou seu punho, lendo a tinta tão escura quanto o selo do Reich.

— Entendi — ele disse devagar.

FUJA FUJA.

Ela tentou, mas o aperto do nacional-socialista era firme demais.

O jovem observou ao redor. O passeio à margem do rio ainda estava vazio, exceto pela bagunça de pacotes aos seus pés. Seus dedos relaxaram — não o suficiente para que Yael corresse, mas o bastante para dar credibilidade à sua fala seguinte:

— Não vou machucar você.

Isso fez com que ela o olhasse (de verdade, não como um alvo ou um inimigo). Seu rosto ainda carregava marcas da adolescência: o prumo nervoso do pomo de adão, a acne espalhada pelas bochechas côncavas. Seus olhos eram azuis à primeira vista, mas não o suficiente quando se prestava atenção. Seu olhar fundo tinha uma suavidade pela qual ela não esperava.

— Posso ajudar você. — O jovem soltou o braço de Yael. Ele começou a arregaçar a própria manga.

Aquela era sua chance de correr. Escapar de volta à solidão.

Os números a detiveram de novo. Só que, daquela vez, não eram os seus.

Eram do nacional-socialista.

Ali, no seu antebraço esquerdo, entre as veias verde-azuladas latejantes, 11500AΔ. Tão pretos, malfeitos e permanentes quanto os dela.

— Vai me deixar ajudar? — ele perguntou.

A resposta dela foi se ajoelhar e começar a recolher os envelopes com selo de águia. O jovem, o não nacional-socialista, ajeitou a manga de volta ao lugar e apontou para o braço nu de Yael.

— Cubra e venha comigo — ele disse.
E foi assim que ela conheceu Aaron-Klaus.

Yael ficou surpresa com o quanto o rapaz sabia. Sobre si mesmo. Sobre o mundo.

Seu nome verdadeiro era Aaron Mayer. Nascera em 1933, filho de uma lavadeira e um alfaiate, numa pequena cidade bávara. Sua infância fora repleta de estrelas amarelas — costuradas nas roupas, na janela da loja do pai — e cacos de vidro. Tinha dez anos quando o trem o levou.

Seu nome falso era Klaus Frueh. Nascido em 1933, filho de um relojoeiro e uma dona de casa, em Munique. Sua infância fora repleta de suásticas — alfinetadas na lapela, penduradas na janela da loja do pai — e “Sangue e honra!”. Tinha dez anos quando entrara para a Juventude Hitlerista.

Aaron Mayer sobrevivera num campo de extermínio durante um ano inteiro. Um dos guardas tirara o garoto das fileiras para limpar sua casa, capinar seu jardim. A mulher do oficial pegou carinho por Aaron, até demais. Ela o escondeu num caminhão de carga vazio.

A resistência o encontrou, alimentou-o, deu-lhe documentos.

Klaus Frueh começou a existir.

Aaron-Klaus não podia ser reintegrado como as outras crianças encontradas pela resistência. Ele não se adaptaria a uma vida normal: o órfão de guerra com documentos perfeitos despachado para uma vida com parentes distantes nos Alpes. Seus números — seu caráter de Aaron Mayer — não podiam ser apagados, por isso continuou com a resistência.

O quartel-general ficava num bar da Alemanha. (Embaixo dele, na verdade, no porão.) O bar era repleto de camisas pardas e suásticas. Os números de Yael queimaram sob a manga de lã quando viu as mesas cheias de soldados. Mas eles pareceram não notar o calor ou o jovem com os braços cheios de embrulhos. Estavam ocupados demais rindo e bebendo de canecas espumosas.

Yael seguiu o rapaz até o porão, até a escuridão úmida atulhada de dezenas de barris de cerveja. Aaron-Klaus chegou perto do antepenúltimo barril da segunda fileira e abriu a torneira até que a face de madeira se soltou. Não houve nenhum dilúvio de cerveja. Era uma passagem pela qual Aaron-Klaus teve de se curvar para entrar. Ele fez sinal para Yael passar, fechando a porta atrás deles. Era um corredor pequeno, feito de tijolos e outras coisas que conduziam vozes. Yael ouviu duas: de um homem e de uma mulher.

A mulher:

— Chegou uma mensagem de Londres. As deportações para os campos de trabalho forçado do continente se agravaram. Estão impacientes para o voo da nova Valquíria.

O homem:

— Não é o momento certo. As forças estão muito espalhadas... Precisamos reforçar nossos contatos.

A mulher:

— Alguma novidade na América?

O homem:

— Mesma *Scheisse* isolacionista de sempre: “A política europeia é para a Europa”. Aham que estão protegidos pelos pactos de não agressão e oceanos. Não querem participar de uma segunda Valquíria.

Eles se sentaram na sala cavernosa. Era uma toca de livros e papéis, com um rádio do tamanho de Yael. Ela parou no batente da porta e absorveu tudo com atenção: o cheiro de encadernações em couro e tinta de máquina de escrever.

O homem e a mulher também pararam. Olharam fixamente para ela com o queixo caído. Ele usava a cruz no peito. Preta. De ferro. Uma águia de asas abertas pairava sobre o lado direito, o caos colorido de medalhas, uma em cima da outra.

Um verdadeiro nacional-socialista.

O instinto de lutar ou fugir surgiu novamente. Bombeando calor para os dedos de Yael. Fazendo toda a sua pele coçar. Mas não havia para onde fugir e ninguém para lutar.

ENTÃO SE ESCONDA.

A outra coisa — o monstro — se agitou dentro dela, uma troca de pele implorando para sair.

Yael cerrou os dentes e tentou não pensar em rostos. Seguiria as instruções de Miriam à risca. Ela não podia deixar que vissem.

Aaron-Klaus passou por ela e deixou os embrulhos na mesa de carteadado.

— Aqui estão os pacotes que o senhor pediu, general Reiniger.

— Pacotes? — A mulher se empertigou e encarou o oficial nacional-socialista. — Você mandou Klaus buscar um arquivo?

— Ele se voluntariou, Henryka. — Reiniger murchou um pouco ao dizer aquilo. Um pequeno movimento nada nacional-socialista que fez Yael respirar um pouco mais à vontade. — Os mensageiros de praxe estão ocupados.

— Ele tem dezesseis anos e nenhum treinamento! — a mulher retrucou. — O que aconteceria se o tivessem parado e interrogado?

— Eu queria ajudar — disse Aaron-Klaus. — Odeio ficar preso aqui embaixo, lendo livros e fazendo contas. Quero ir lá fora. Fazer coisas!

— E você vai fazer coisas. — Henryka jogou os ombros para trás de forma que fez Yael pensar numa coruja. Preocupação e pio: — Quando tiver dezoito. Depois que tiver passado um tempo na fazenda de Vlad aprendendo a se virar.

O oficial nacional-socialista — Reiniger — observava Yael. Seus olhos azuis de verdade atravessavam a mesa de carteadado.

— Quem é essa?

Aaron-Klaus ficou contente pela distração. Fez sinal para Yael entrar na sala.

— Eu a encontrei na margem do Spree. Ela é marcada.

— Marcada? Mas... — A voz de Henryka foi diminuindo. Olhou para a garota: tranças douradas, dentes um pouco grandes demais para a boca. Uma garota-propaganda ariana. (Na verdade, Yael tinha de fato roubado o rosto de uma propaganda em aquarela da Juventude Hitlerista.)

— Pode mostrar para eles? — Aaron-Klaus pediu.

Revelar os números ia contra tudo o que havia dentro dela. Yael não os mostrava nem para si mesma. Quando trocava de roupa, nunca os encarava. Houve algumas poucas — pouquíssimas — vezes em que tentara arrancá-los. (Nunca tinham parado de coçar depois daquela última noite no laboratório do dr. Geyer, por isso ela se machucava coçando e tentando apagar aquilo que não tinha como ser apagado.) Tudo o que conseguira foram unhas ensanguentadas. Coágulos transformados em cicatrizes que sumiam depois da mudança seguinte.

Aaron-Klaus arregaçou a manga novamente. Pareceu tão fácil quando ele o fez, enrolando o tecido e estendendo o braço. Números corajosamente expostos sob o exército de abajures metálicos.

Yael tentou fazer o mesmo. Mas não pareceu fácil ou corajoso quando puxou a manga. Ela continuou sem olhar para os números. Deixou que os outros o fizessem, em silêncio. Quando abaixou a manga, não pediram para ver de novo. Não perguntaram por que seu cabelo era loiro ou como havia fugido.

Reiniger só pediu seu nome. Ela respondeu.

Henryka lhe deu comida.



A vida embaixo do bar eram três gloriosas refeições gordas e frescas por dia, uma cama sem palha só para ela, banhos quentes e um vaso sanitário com descarga.

As mangas de Yael continuaram abaixadas. Seu rosto continuou o mesmo. O “*монстр, monstre, monstro*” dentro dela iniciou uma longa hibernação.

Ela se dedicou a aprender. Quando Henryka não estava ocupada batendo ruidosamente em sua máquina de escrever ou sussurrando com visitantes, ensinava a garota a ler. A escola era a mesa de carteado no meio do escritório da mulher. A superfície minúscula da mesa ficava atulhada de livros didáticos, chocolate quente e risos. Aaron-Klaus resmungava sobre algo chamado cálculo e comia mais da metade das rosquinhas de chocolate que Henryka assava de vez em quando. O rádio no canto zunia, sempre ligado.

Yael levou apenas quatro meses para dominar a leitura do alemão. Começou a escolher livros da biblioteca de Henryka e estudava sozinha. Dali, o mundo era dela.

Mas não de verdade.

O mundo pertencia ao Terceiro Reich.

Aquele fato era fácil de ver, colado na parede do escritório na forma de mapa. Era tão diferente dos antigos atlas que Yael folheava de vez em quando, aqueles que exibiam um mosaico de países: Inglaterra, Itália, França, Egito, Iraque... Laranja, roxo, verde, amarelo... Dezenas e dezenas de reinos e cores. Repúblicas e tons.

Todos eram escarlate agora. Territórios do Terceiro Reich, governados por *Reichskommissars* implacáveis que obedeciam à Alemanha sem vacilar. Mesmo com as diversas tachinhas que se amontoavam em torno de suas fronteiras, a capital parecia muito

pequena. Yael achava difícil imaginar como o pontinho escuro minúsculo mantinha tanto controle sobre os continentes.

— São tantos os territórios, tantas as pessoas enviadas para campos... Por que ninguém resiste? — ela perguntou para Aaron-Klaus certa tarde. O rapaz estava curvado sobre a mesa ao lado dela, girando um lápis e fazendo cara feia para uma sequência de números.

— Hitler e seus capangas são os guardas do mundo. Eles têm as armas. Têm o poder. Se um único território tentasse se separar por conta própria, o Reich acabaria com ele — Aaron Klaus disse. — Todo mundo tem medo. Ninguém quer morrer.

— E se alguém matasse o Führer? — Yael perguntou. — Acha que isso mudaria as coisas? Deixaria as pessoas com menos medo?

Aaron-Klaus colocou o lápis atrás da orelha, onde as raízes alaranjadas de seu cabelo começavam a surgir. (Yael sempre se perguntava como ele ficaria sem a descoloração bissemanal. *Bonito, sem dúvida.* O pensamento sempre vinha acompanhado de um rubor.)

— Muita gente tentou. A Valquíria... — A palavra mal tinha saído de sua boca quando a porta se abriu. Henryka, por mais baixa que fosse, pareceu encher o batente inteiro com seus braços cruzados, seu cabelo explosivo.

— Terminou os exercícios, Klaus? — ela perguntou.

— Quase — ele mentiu. Yael sabia que ele tinha passado a última hora fazendo caretas para as equações e comendo rosquinhas.

— Reiniger passou aqui de manhã. — Henryka soltou um suspiro que parecia... triste. — Foi decidido que você vai para a fazenda de Vlad.

Fazenda de Vlad. Fazia apenas um ano que Yael estava no porão de Henryka, mas aquele nome tinha um ar de lenda. Escondido nos Alpes, era aonde se ia para aprender a lutar. Dominar a arte de atirar e quebrar o crânio de um homem com apenas um chute.

— Jura? — O rosto de Aaron-Klaus se iluminou. Como se todo aquele tempo ele fosse uma lâmparina esquecida na estante, juntando pó, e alguém tivesse acabado de se lembrar de acendê-la. — A fazenda de Vlad?

Henryka fez que sim, mas em um movimento pesado.

— Ainda acho que seria bom para você ficar mais um ano aqui, mas Reiniger insistiu.

A ideia da partida de Aaron-Klaus doeu dentro de Yael. Quem jogaria bolas de papel nela enquanto estudava? Quem sentaria ao pé de sua cama à noite quando pesadelos de fumaça preta a faziam tremer e chorar? Quem comeria todas as rosquinhas?

— Também quero ir — Yael disse.

— De jeito nenhum. — Henryka falou como se tivesse levado um soco. Yael observou com mais atenção e percebeu que a mulher estava à beira das lágrimas. — Você é jovem *demais*.

— Vou voltar, Yael. Prometo — A voz de Aaron-Klaus zumbia de eletricidade. — E vou ensinar a você tudo o que tiver aprendido.



VALQUÍRIAS: Donzelas da antiga mitologia nórdica. São as juízas da matança, que aparecem

nos campos de batalha para decidir quais soldados morrem e quais vivem. Embora muitas pinturas as retratem montadas em cavalos, um verso inscrito na Pedra de Rök descreve uma valquíria chamada Gunnr montada em um lobo.

Foi isso que as páginas amarelas da enciclopédia de Henryka explicaram a Yael sobre a palavra. Havia até uma ilustração: mulheres bonitas com peitos nus e curvas em pé no meio da ruína. Decidindo. Quem viveria. Quem morreria. Seus olhares esquadrinhando os campos de lanças partidas, machados quebrados, corpos destroçados. O céu acima delas tingido pela fumaça da batalha. Preto e causticado, linha por linha.

Pareciam anjos. Lindas, monstruosas, algo a se temer.

Yael não achou que aquela era a valquíria a que Reiniger tinha se referido. A que Aaron-Klaus conseguiu mencionar antes da interrupção de Henryka. Mas a pintura a encantou ainda assim. (Era uma balada triste, selvagem. Uivava furiosa dentro dela, agitada pelo sono inquieto do monstro.) Gostou de imaginar uma cena: uma mulher poderosa com as asas abertas, pairando sobre o Führer. Tomando uma decisão.

Vida ou morte.

PRESENTE

18 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DO CAIRO

Os corredores foram entrando: primeiro às gotas, depois em enxurrada. A diferença entre os líderes e a retaguarda estava aumentando. Àquela altura da corrida, nomes começaram a cair. Desapareceram com um risco de giz.

Agora ela era responsável por duas linhas. Yael não conseguia olhar para os nomes que sabia que estavam riscados. ~~Shina Hiraku. Felix Wolfe.~~

Além do mais, tinha outras preocupações, como buscar os arquivos. Felix podia ser um problema resolvido, mas Luka... ele e Adele pareciam magnetizados. Atraídos um pelo outro, repelidos um pelo outro. Dependendo do dia. Parecia não haver como escapar dele.

“Em breve, muito em breve, você vai precisar de mim.”

Por mais que quisesse odiar aquele garoto, Yael não duvidava das palavras dele. O olhar fixo de Katsuo ainda a assombrava, horas depois. Alianças não eram raras no Tour do Eixo, mas ela se recusava a entrar num pacto às cegas com alguém como Luka Löwe.

Precisava saber mais antes. Precisava dos arquivos.

Mesmo à noite, o Cairo vibrava cheio de vida. Não era com as patrulhas nacional-socialistas que Yael estava preocupada (embora houvesse muitas, rondando em jipes ruidosos, vadiando em cafés ao ar livre), mas com a quantidade de olhos. Não havia toque de recolher na cidade. Vendedores noturnos enchiam as calçadas, anunciando frutas, verduras e tecidos sob luzes fortes.

Yael fingiu ir às compras. Passeou em torno das caixas de romãs e maçãs secas, restos de colheita que o *Reichskommissar* do território havia julgado indignos de exportação. Comprou um lenço e envolveu a cabeça com ele, cobrindo seu perfil enquanto vagava através das multidões do mercado noturno. Foi trocando de rosto no caminho, pegando traços das pessoas por quem passava. O nariz aquilino de um mercador de grãos, o cabelo preto de um garoto que varria o chão de um café, olhos como os de todos os locais: castanhos, famintos, resignados ao pó.

Aquele tipo de mudança — uma garota feita de retalhos costurados às pressas, partes roubadas, pontos apressados — sempre deixava Yael insegura. Pelo menos, quando era alguém como Mina ou Adele, ela tinha documentos, um passado (ainda que feito de teia de aranha). Mas assim, com um pouco de cada estranho na rua...

O que restava, além dos lobos? Além das lembranças e do fingimento?

Vazio.

Aqueles espaços ociosos eram os mais obscuros. Abrindo-se como os muitos becos do Cairo, fazendo curvas rumo a lugares que Yael não queria visitar. Onde ecoavam os sussurros de mulheres mortas: “Монстр, *monstre*, monstro”. Onde a fúria que ela sempre engolia se esfumava e turvava. Esperando, esperando...

Normalmente, Yael ignorava aquele lugar dentro dela. Sempre tivera medo dele. Porque sabia exatamente do que era capaz. Era a parte dela que *precisava* de limites. A parte que, se Yael escolhesse ouvir, seria capaz de se igualar aos nacional-socialistas.

Mas, daquela vez, Yael tinha algo sólido enquanto percorria as ruas labirínticas do Cairo. O papel com os endereços codificados na camisa. Ele a levou até a periferia da cidade, onde cães vagavam em bandos e as areias solitárias do deserto se enevoavam sob a luz dos postes. O endereço que Reiniger tinha lhe dado era de um café, Yael notou ao entrar. Mesas ladeavam a calçada aberta, iluminadas por um brilho fraco e bruxuleante. Completamente vazias.

Será que tinha visto o endereço errado? Ela parou por um momento, observando a fachada. Do lado de dentro, uma garota limpava as mesas com um trapo sujo.

— Em que posso ajudar? — Um homem calvo, com a pele calcária, surgiu das sombras perto da porta. De maneira tão súbita que Yael se preparou para o pior. Pés firmes, punhos cerrados, pronta para a briga.

Ela levou um momento para se recuperar e recitar a senha.

— Os lobos da guerra estão se juntando.

— Eles cantam a canção de ossos podres — respondeu o homem. — Seu árabe é louvável, Volchitsa. Entre. Tenho o que você quer.

A garota que limpava as mesas parou quando eles entraram. O grito do homem de “Traga o narguilé!” a mandou correndo para os fundos. Ele se sentou no canto mais distante da mesa torta.

— Não posso ficar muito. — Yael também se sentou, mas suas costas permaneceram rígidas. O café sem ninguém não permitia que relaxasse.

— Os negócios andam devagar ultimamente. — Ele apontou para o vazio ao redor deles. — É difícil para os fregueses vir quando foram mandados para campos de trabalho forçado. Tem cada vez mais pessoas desaparecidas, sequestradas no meio da noite. Muitos no Cairo estão prontos para lutar, mas não podemos correr o risco da fúria total do Reich... — O homem parou de falar quando a garota entrou no salão e colocou o narguilé sobre a mesa. O contato de Yael pegou o bocal, dando uma longa baforada. Bolhas dançaram no vidro. A fumaça que exalou tinha cheiro de flores e primavera. Nada como os gases do crematório. — Muita coisa corre com você, Volchitsa.

Quando ele ofereceu o bocal para Yael, ela balançou a cabeça.

— A encomenda?

— Ah, direto ao trabalho. Muito bem. — O homem colocou um envelope na mesa. Yael reconheceu imediatamente a letra de Henryka na frente, os rabiscos de mãe-coruja, preocupados e ilegíveis. A visão a fez desejar estar de volta no porão do bar, tomando chocolate quente com a polonesa, falando da vida e tirando sarro da atuação terrível nos programas da Reichssender.

Ela estava guardando os papéis dentro da jaqueta (no mesmo lugar em que tinha guardado a braçadeira de suástica antes de atravessar o mercado) quando a porta da loja rangeu. O contato de Yael ergueu os olhos. Suas narinas se abriram, seus lábios ficaram tensos. Ela lançou um olhar por cima do ombro, através do tecido do véu. Rápido, para trás. O que viu foi um soco no estômago.

A jaqueta preta ainda coberta pela poeira da estrada. Óculos de proteção na cabeça. Capacete na mão. Braçadeira com a suástica. Nariz quebrado. Adele Wolfe ao contrário.

Impossível. Ele... ele não podia ter voltado depois daquilo. Era para desistir. Ir para casa...

E agora estava *ali*, logo *ali*.

O inferno tinha congelado, e Felix Wolfe era o gelo. Entrou pela porta, com movimentos trêmulos por uma fúria tão quente que ardia como o frio.

— O que está fazendo aqui, Ad?

Yael estava de costas para ele e se concentrou no carvão reluzente no topo do narguilé. Felix devia tê-la avistado na multidão, seguindo-a à distância, vigiando atrás de uma camada de barracas do mercado e multidões mal iluminadas. Ele tinha visto a mudança? O envelope pardo? Só havia uma maneira de descobrir.

Sentindo a P38 nas costelas e a faca dentro da bota, Yael virou para encará-lo.

Ela quis se crispar na hora. O golpe de sua pistola não tinha sido tão limpo como era sua intenção. Todo o lado da face de Felix estava inchado, um olho fechado. A linha de seu cabelo fora invadida por sangue seco e roxo.

Ele manteve a culpa escondida, a expressão firme.

— Desculpe — Yael disse em árabe. — Conheço você?

Felix ficou boquiaberto, mas não tinha o que dizer. Seu silêncio se misturou à fumaça floral de narguilé do salão. Seu olho bom piscou a intervalos estranhos, tentando apagar aquilo que estava vendo. Olhos castanhos, cabelo preto... uma moça egípcia com algumas cicatrizes de machucados de estrada ainda pontilhando as bochechas. (Yael torceu para que, sob a luz fraca, com o olho ferido, as marcas parecessem sardas. Ela ficou feliz por ter removido os curativos antes de sair do complexo.)

— Mas... — Felix começou a andar para trás. — Sinto muito. Confundi você com outra pessoa. Foi um engano.

A última palavra nem tinha saído direito da boca de Felix quando voltou a se fundir na noite. A porta bateu atrás dele, tão alto quanto o coração de Yael. Ela ficou imóvel, observando a silhueta dele reverberar pelo vidro.

Yael tirou o lenço da cabeça, deixando-o jogado na base do narguilé.

— Preciso voltar para o complexo antes dele.

Qualquer que tenha sido a resposta do contato, ela não chegou a ouvir. Já estava correndo, em disparada pela rua, a cabeça aturdida por pensamentos sobre Adele e o que quase aconteceu. Precisava trocar de pele e voltar para o complexo. Rápido. Trocar de roupas. Agir como se estivesse lá havia horas. Fazer o possível para acalmar quaisquer suspeitas que pudessem estar espezinhando os pensamentos de Felix Wolfe.

Não que ele fosse desconfiar. Acreditaria mais do que tudo em seu olho bom.

Não?

Troque e fixe. Ela era Adele novamente, recolocando a braçadeira nacional-socialista na manga enquanto corria. Yael virou a esquina, desviando de um garoto que puxava um carrinho de mercadorias lamentáveis. Os olhos dela estavam sempre em busca de Felix — ombros largos, passada suave —, mas não havia sinal dele. Devia ter feito outro trajeto, ela concluiu quando chegou ao mercado noturno, começando a cortar caminho entre as barracas e os fregueses. Um trajeto mais longo que o dela, Yael torcia.

Seus pulmões estavam cansados quando ela chegou aos portões do complexo. Respirou com dificuldade enquanto atravessava o pátio a passos largos, passando pela fileira de Zündapps estacionadas. Havia dezesseis ainda. O mesmo número de quando tinha saído. Felix devia tê-la deixado do lado de fora. Abandonado a moto para segui-la. Poderia chegar a qualquer momento.

— Continue arfando desse jeito e vai enlouquecer com tanto oxigênio. — Luka estava sentado à mesa, em uma imitação perfeita de sua pose da tarde: cadeira inclinada, pés hereges em cima da mesa. Soltava a fumaça de um cigarro entre os lábios. — Onde se meteu, *Fräulein*?

— Saí para tomar um ar. — Yael começou a caminhar na direção da entrada do complexo. — Estou elétrica por causa da pista.

— Isso vai acalmar você. — Luka ofereceu o cigarro.

Yael ignorou o toco incandescente. Não havia tempo para cigarros ou guerras verbais astuciosas. Felix chegaria a qualquer momento e precisava estar pronta. Pronta para encarar suas perguntas furiosas. Pronta para encarar o que havia feito.

— Dei uma pesquisada — Luka disse em um tom que fez Yael desacelerar e dar meia-volta. — Descobri que Hiraku não morreu. Quebrou as duas pernas e raspou metade da pele. Mas ainda está de pé. — O vencedor parou, arqueando uma sobrancelha enquanto analisava os próprios dizeres. — Má escolha de palavras. Enfim, achei que você ia gostar de saber.

Não morreu. Uma vida poupada. Uma entre milhões. Só uma gota. Mas importava. Saiu do peito de Yael. Deixou-a uma vida mais leve.

E Luka tinha se lembrado de sua pergunta. Tinha visto o quanto aquilo significava para ela, mostrado suas próprias fraquezas. Seu algo *mais*...

O farol de Felix cortou os portões do complexo, uma luz tão ofuscante que Luka levou os braços ao rosto e o cronometrista (que estava dormindo) quase caiu da cadeira de novo. Yael se sentiu paralisada, transparente — prisioneira sob o holofote, saindo da cerca, passando os trilhos do trem, atravessando a mentira.

O irmão de Adele parou a motocicleta dela. O motor morreu em um engasgo, a luz se apagou.

Ela podia atravessar aquela mentira também.

RELAXE O MAXILAR RESPIRE NORMALMENTE AJA COMO SE ESTIVESSE AQUI HÁ HORAS.

Suas roupas eram um problema. A jaqueta preta de pantera. Uma camisa branca (alaranjada pelos dias na areia). Luvas de couro. Botas. Tudo igual a quando estava no café. Mas estava

escuro lá. E tinha o lenço.

Talvez Felix pensasse que era coincidência. Na verdade, o irmão de Adele parecia colérico demais para notar. Seus movimentos ao descer da moto foram agressivos. Jogou o capacete e os óculos de proteção no chão em seu caminho até a mesa de carteadado.

— O que em nome da *verdammt* Nova Ordem aconteceu com seu rosto? — A pergunta de Luka tinha mais do que um toque de ironia enquanto apertava seu próprio nariz, ainda roxo.

O hematoma de Felix era ainda mais feio sob as luzes do pátio. Emoldurado por sangue velho e pus. O olho esquerdo fechado sob os cílios pálidos. A carne em tons de azul, roxo e uma cor totalmente nova. Tão sombria quanto o que dormia dentro dela.

A visão fez Yael se sentir mal. Mas ela precisava encarar aquilo, porque o irmão de Adele estava à sua frente.

— Você consertou a moto — ela murmurou.

— Falei que conseguiria — ele disse. — Só precisei de três horas depois que a caravana de suprimentos passou.

Silêncio mortal. Olhares cortantes. O que queria que ela dissesse? Algo daquele tipo era imperdoável. Por mais que Yael sentisse muito, não *devia* sentir. Quando chegasse ao fim daquela corrida, teria que fazer coisas muito piores.

— Você me largou sozinho no meio do deserto. Inconsciente.

Só aquilo já soava bem terrível na boca de Felix: sua voz ficou tensa e mais tensa até que ele arregalou o olho machucado.

— Seu próprio *irmão*, *Fräulein*. — Luka se levantou. O cigarro caiu no chão, esquecido, enquanto se aproximava dos gêmeos. — Sempre foi fria, mas esse é um nível inteiramente novo de selvageria. Até mesmo para você.

Os punhos de Felix se cerraram quando ele se voltou para Luka. Um grunhido — puro ódio, ameaça — subiu por sua garganta.

— Ninguém pediu seu comentário, Löwe.

— Considere-o um presente. — Os olhos de Luka se voltaram para as mãos do garoto. Seus lábios se contorceram como se tivesse acabado de ler algo que achara engraçado. — Você realmente devia pedir para a enfermeira Wilhelmina dar uma olhada no seu rosto. Ela é maravilhosa nos curativos. Tem mãos de fada.

— Vou quebrar seu nariz de novo se não sair daqui. Não me importo com as penalidades. — Felix virou a cabeça para o placar, onde o cronometrista tinha acabado de registrar seu tempo oficial: *5 dias, 19h40min16*. Último lugar.

O sorriso de Luka se manteve, mas uma tensão perigosa dominou seu maxilar. O ar do deserto estava cheio de testosterona e do cheiro do motor quente da moto. Borracha, diesel e briga.

Yael prometeu a si mesma que, daquela vez, não faria nada. Os dois eram uma ameaça grande demais para sua missão. Ficaria melhor sem eles.

Mas Luka Löwe não queria ser penalizado, e o cronometrista estava de olho. O vencedor enfiou os punhos nos bolsos da jaqueta marrom e deu de ombros.

— Longe de mim estragar a reuniãozinha familiar. Foi um bom papo, *Fräulein*.

Conversamos de novo qualquer dia.

Luka voltou empertigado para a porta, entrando sob as luzes elétricas do alojamento e as nuvens de insetos em volta delas.

— Boa noite, irmãos Wolfe — ele gritou antes de desaparecer por completo.

A briga sobrou para Yael.

Ela lembrou aquela última noite na Alemanha. Como os gêmeos ficaram a pouca distância um do outro, encarando-se em seu embate de chifres. Os braços de Adele estavam cruzados. Yael cruzou os seus. Tentou imitar aquele olhar frio, insensível.

A raiva ainda estava lá (espreitando nos punhos cerrados, no rubor da metade não machucada de seu rosto), mas não era a mesma fúria latejante que havia ameaçado quebrar Luka. Estava mudada e controlada. Com a trava de segurança.

Modo fraternal.

— Aonde você foi? — ele perguntou.

Yael cruzou os braços com mais firmeza. Como se a pressão a mais pudesse acalmar seu coração já explosivo. O que ela deveria dizer? Quanto do rosto de Adele ele tinha visto no mercado? O suficiente para fazer com que descesse da moto e a seguisse... Teria visto o momento em que comprara o véu?

Créc, créc, soaram os dedos de Felix, estalando enquanto esperava a resposta dela.

Mentira por omissão era a mais difícil de captar. Yael decidiu correr o risco.

— Fui dar uma volta no mercado para tomar um ar. Então encontrei Luka...

— Não. — Felix a interrompeu. — Não foi isso que eu quis dizer. Onde está minha irmã?

Trancada no porão de um bar na Alemanha. Muito provavelmente engordando com as rosquinhas e as canecas de chocolate quente de Henryka. Tramando uma fuga que não vai dar certo. O coração de Yael martelou — cheio, cheio, cheio — com aquela ideia.

— Do que você está falando? — ela retrucou, como supôs que Adele faria, grito por grito. — Estou bem aqui, seu *dummkopf*!

— Paquerando Luka. Usando perfume. O que você fez no deserto... Essa não é você, Ad.

Paquerando? Perfume? Felix não estava falando do mercado ou de Adele. Estava falando da personificação de Yael. Os espaços cada vez maiores em que ela tentava não cair, segurando-se aos fios frágeis de um nome falso.

— Eu não estava flertando com Luka — ela disse, fazendo uma careta.

— Certo. Confraternizando com ele então. — O olho bom de Felix se estreitou. — Você devia pular de alegria quando quebrei o nariz daquele *Saukerl* em Praga. Mas apartou a briga. Por quê?

Porque achei que Adele faria aquilo. Agora está na cara que não faria.

Em vez disso, Yael balbuciou:

— Eu... não queria que você se machucasse.

— Obviamente essa não é sua prioridade. — Felix bufou. O movimento contorceu seu rosto sensível e fez com que se crispasse. — Não sou um *dummkopf*, Ad. Tem alguma coisa errada. Alguma coisa que você não está me contando.

Felix olhou para trás na direção do cronometrista, que tinha voltado a dormir na cadeira. Sua

voz passou a um sussurro:

— O que está acontecendo?

Não, Felix Wolfe não era um *dummkopf*. Longe daquilo. Ele estava perto. Perto demais da verdade. Perto demais da verdade *dela*. “Tem alguma coisa errada.”

Yael precisava guiá-lo à outra direção.

Então encarou Felix e seu hematoma horrível, horrível. Não se crispou.

— O que está acontecendo é que estou tentando vencer a corrida. E não posso fazer isso com você colado no meu escapamento.

— Colado no seu... Estou tentando proteger você! — Um terceiro dedo estalou. E um quarto. E um quinto.

— Não preciso da sua ajuda — Yael disse. — Vá para casa, Felix. Volte para *Mama* e *Papa* antes que acabe como Martin.

Usar o nome de um morto como arma era um golpe baixo, mas funcionou. A conversa terminou ali.

Felix não tinha mais dedos para estalar. Ele virou e socou a mesa de carteador. A madeira sentiu o impacto. A tigela de figos e tâmaras saiu voando, sua doçura seca se espalhando na poeira aos pés de Yael enquanto ia embora.

PRESENTE

18 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DO CAIRO

Havia outro presente embaixo do travesseiro de Yael naquela noite. Um cisne pequeno de papel feito com jornal árabe. Ela sentou por um momento no beliche, admirando a dobradura de pássaro aninhada em sua mão. Era do tamanho da bonequinha menor. Quem a tinha feito havia dedicado tempo e cuidado a ela.

Yael guardou o cisne no bolso da jaqueta com a estrela (um pouco amassada após o acidente no deserto). O movimento levou sua manga para perto do nariz. Yael congelou. O frio no estômago cresceu.

Usando perfume. Aquela acusação não tinha feito sentido quando o irmão de Adele a havia proferido. Mas agora... ela entendia.

Sua jaqueta cheirava a flores e fumaça. A narguilé.

Felix tinha notado.

Um grande medo apertou seu peito. Esmagando-o até que nem mesmo os espaços vazios importassem. Seus pulmões não se moviam.

Sem ar.

Lembranças do acidente voltaram. Sem ar. Cascalho na pele. Felix limpando a ferida, entregando segredos que não tinha o direito de saber. O irmão de Adele estava ali para protegê-la. Não denunciá-la. Não falaria com as autoridades da corrida a menos que descobrisse a verdade: quem ela era. Quem não era.

O arquivo era evidência do segredo. Precisava ser memorizado e destruído antes que Felix pudesse confrontá-la novamente. Yael foi para o banheiro.

A porta estava trancada quando chegou, abafando sons que vazavam pela madeira. Respirações irregulares, uma fungada forte, contida. Seu coração se condeu dos sons, que conhecia muito bem.

Atrás da porta, alguém estava chorando. Alguém que fazia muita força para não chorar.

Yael pensou em sair dali. Mas o banheiro era o único lugar do complexo onde teria privacidade, algo de que precisava para analisar o quilo de páginas pesando em sua jaqueta.

Ela bateu na porta.

Os sons de choro cessaram. Foram substituídos por passos rápidos e pelo som da torneira. Quase um minuto se passou até a torneira se fechar e a porta se abrir.

Yael tinha imaginado muitos rostos diferentes — manchados de vermelho, com rastros de lágrimas — dentro do banheiro. Ryoko talvez. Ou um dos mais jovens que disputavam pela

primeira vez: Rolf ou Taro. Ela tinha até, por um breve segundo, imaginado Felix debruçado na pia. Cabelo pálido, rosto cinzelado.

Em nenhum momento, tinha considerado que os sons pudessem vir de Tsuda Katsuo.

Ao ver Yael, o garoto parou tempo suficiente apenas para que visse o leve inchaço avermelhado nos olhos dele. O resto de seu rosto estava molhado, não de lágrimas, mas de água. Ele tinha se lavado bem.

Por que Katsuo, entre todas as pessoas, estaria chorando? Ele era um caçador, um vitorioso...

Um vencedor com o peso esmagador das expectativas de todo um império sobre os ombros. A esperança de um povo. A ânsia de vencer. Era muito para carregar, mesmo sem o peso adicional de um golpe de Estado iminente. O suficiente para fazer qualquer um hesitar.

Mas não havia hesitação nenhuma em Katsuo naquele momento. Seus olhos, por mais vermelhos que estivessem, logo recuperaram a encarada agressiva do pátio enquanto passava empurrando Yael, desaparecendo pelos corredores.

Tsuda Katsuo: Não tão fácil de entender, afinal.

Mas Yael tinha que entender outras pessoas, por isso ignorou a surpresa e entrou no banheiro. Sentou na tampa do vaso, ao lado do sopro constante de fumaça de incenso aromática, e abriu o envelope. Eram sessenta e quatro páginas ao todo. Introduzidas por um bilhete curto de Henryka:

VOLCHITSA,

ESTAS FORAM TODAS AS INFORMAÇÕES QUE CONSEGUIMOS. ESPERO QUE SEJAM ÚTEIS.
H.

Era com aquilo que ela precisava se ocupar.

Havia dezenas de páginas sobre Felix Burkhard Wolfe. Yael leu página após página. Fato após fato após fato.

Históricos escolares. (Ele tinha sido muito melhor aluno que Adele.) Anotações médicas. (Tinha sofrido de acrofobia. Dera entrada no hospital duas vezes com o nariz quebrado. Fora isso, era um espécime perfeito da raça ariana.) Registros da Juventude Hitlerista. Relatórios de todos os carros e as motocicletas que havia consertado na oficina do pai. Yael pôde ver pelas datas e pela ausência de notas que havia abandonado a escola dois anos antes para cuidar da oficina. Fora dispensado das reuniões regulares da Juventude Hitlerista para cumprir esse dever e não tinha nenhuma vida social digna de nota. (Por isso Adele pudera se passar por Felix durante tantas semanas. Não havia ninguém que sentisse falta dele.)

Havia fatos suficientes para alimentar quaisquer conversas futuras com o irmão de Adele, o que já era alguma coisa. Mas a informação de que Yael mais precisava não estava ali. Atividade na resistência: não mencionada, desconhecida.

Yael deixou os papéis ao lado da pia e passou para a pilha seguinte: Luka Löwe & Adele Wolfe. Era muito mais fino do que o arquivo de Felix.

Não se sabia de nenhum contato entre os dois antes do nono Tour do Eixo. Eles correram lado a lado de Roma até Osaka, mas Adele terminou o último trecho da corrida sozinha. O

tempo de Luka sofreu um atraso de mais de duas horas, embora ele nunca tivesse explicado o motivo nas entrevistas. Não havia conhecimento de nenhum contato entre os dois depois da corrida.

“Tudo o que aconteceu” começara em Roma. “O que você fez” terminara em Osaka.

E entre essas cidades?

Yael jogou os arquivos no chão. Tinta, papel branco e *nada* se esparramaram pelo chão do banheiro. Ela passou os dedos pelo cabelo sedoso de Adele e ficou encarando o material.

Havia lacunas demais. Luka e Felix. Nenhum dos garotos era o que ela lera no papel. Vira nos filmes. Esperara de jovens arianos com suásticas. Era tudo muito diferente cara a cara. Carne a carne. Complicado.

Os dois eram muito mais.

O aperto no peito de Yael não tinha nada a ver com medo ou dor. Ela havia treinado para tempestades e fome. Tortura e longos períodos de sede no deserto. Mentir sem revelar nada. Encarar fundo nos olhos do Führer enquanto enfiava a faca em suas costelas.

Achou que estava pronta para aquela missão. Pronta para tudo.

Mas não para aquilo. Não para *relacionamentos*.

Não era algo que pudesse fingir.

PRESENTE

19 DE MARÇO DE 1956
DE CAIRO A BAGDÁ

Havia mais deserto pela frente.

A pista estava tão desgastada quanto a do terceiro trecho da competição. E, embora Yael continuasse na liderança, seu ritmo era meticulosamente lento conforme costurava por entre os buracos: todo vagar, correr menos. O cenário não ajudava — Yael nunca estivera num lugar tão vazio quanto o deserto além do Cairo. Horizontes sem fim, a pura extensão e o grandioso nada. Na primeira noite, quando desligou o motor da Zündapp e armou acampamento, não havia nada. Só silêncio e uma escuridão pesada. O som que carregava dentro dela. Sempre.

Fora assim que soubera que não estava sozinha.

Os passos fora da barraca eram silenciosos. Menos que sussurros na areia. Yael sentou quando os ouviu — o coração apertado, a arma na mão.

O som parou.

Ela pegou a lanterna elétrica e saiu da tenda. Um par de olhos brilhou — estrelas sinistras verde-água. Yael ergueu a pistola, derrubou a lanterna. Os olhos dispararam. Um vislumbre de pele arenosa atravessou em disparada pelo trecho de deserto iluminado por ela. Apenas uma raposa. Provavelmente atraída para o acampamento pela lata de carne seca e pela embalagem de biscoitos que tinha devorado horas antes.

Yael apertou a trava de segurança da P38, guardou-a no bolso e se agachou para pegar a lanterna. Foi então que viu pegadas humanas, percorrendo a areia. Espaçadas demais para serem dela.

Todos os sentidos de Yael se intensificaram enquanto observava o acampamento. O cheiro de areia fria, sua tenda aureolada pela luz da lanterna, as sombras que se estendiam em torno... dissolvendo-se numa noite solitária, solitária. Nenhum som.

Nada.

Yael era a única alma viva ali. Mas aquela certeza não a apaziguou. Nenhum corredor se daria ao trabalho de caminhar até o acampamento dela (e perder preciosas horas de sono) apenas para deixar pegadas.

Havia algo errado.

Ela virou para a moto. A Zündapp estava onde a havia estacionado, exibindo os mesmos arranhões e amassados. Seus pneus estavam cheios, sem furos. (O visitante não era Takeo, então.) O tubo de combustível estava intacto. O motor não fora adulterado, dera partida na primeira tentativa.

Mas as pegadas que não eram dela estavam ali. Plantadas ao lado do pneu traseiro e...

De seus cantis.

Yael olhou para eles com o coração apertado. Todos os quatro estavam onde os deixara, acoplados aos cestos, mas tortos. Uma das tampas estava frouxa demais. Quando a abriu e levou o cantil ao nariz, ela soube.

Aquilo era obra de Iwao. Katsuo devia tê-lo mandado aproveitando seu costume de drogar alimentos e bebidas.

O cheiro do sonífero era fraco. Teria sido indetectável se não pelo treinamento neurótico de Vlad (*Cheire isto! Cheire aquilo! Um gole disto e é o fim!*). O nariz rigorosamente treinado de Yael lhe disse que era um sedativo — um simples gole e seria o fim de seus dez minutos de vantagem.

Primeiro xingou Iwao, depois Katsuo — e pensar que quase sentira pena do vencedor! — depois ela mesma. Guarde suas provisões com cuidado. Não tinha feito aquilo. E agora todos os cantis estavam comprometidos.

Yael podia não ter tomado a droga, mas o mal estava feito. Faltava mais de um dia de viagem até Bagdá — tomado de sol, através de um terreno onde a água era escassa. Sua garganta estalou só de pensar.

Ela esvaziou os cantis ao amanhecer, vendo a água cair cristalina sob o sol nascente, assumindo tons de dourado e laranja antes de desaparecer na areia. Pegou um seixo à beira da estrada, deixou-o na boca enquanto dirigia. Aquilo deixou a saliva fluindo, o que tornou a manhã suportável.

As paradas de reabastecimento não ajudaram em nada. Não havia poços de onde tirar água, apenas homens acampados com barris de gasolina ao lado da estrada, protegendo suas próprias porções limitadas de água. (Os corredores tinham sido avisados daquela escassez de suprimentos no Cairo, recebido dois cantis extras para o trecho e ordens para economizá-los, por isso Katsuo devia ter mandado Iwao para o acampamento de Yael naquele trecho.) Ela conseguiu alguns goles de água de um funcionário na primeira parada, mas aquilo só agravou sua sede. Ao meio-dia, sentia que estava rachando por dentro, e as rachaduras se espalhavam. Yael começou a ver água onde não havia: na luz difusa do calor ao fim da pista, nas sombras deixadas por rochas. O Luka dentro de sua cabeça não parava de falar, arrogante e sorridente como o verdadeiro: “Em breve, muito em breve, você vai precisar de mim”.

Nenhum dos outros oficiais se mostrou disposto a dividir sua preciosa água e, ao cair da noite, Yael se sentiu quebrada, prestes a ruir. Ela não conseguiria chegar até Bagdá.

Em breve.

Muito em breve.

Agora.

Por que ele tinha que estar certo? Não havia como saber quão para trás estava o acampamento de Felix ou se ele estaria disposto a lhe dar sua bebida. Mas Luka... devia estar por perto. E teria água de sobra.

Foram cinco minutos de caminhada. O seixo ainda retinia na boca de Yael, desgastando seus dentes. Ela quase engasgou ao chegar à tenda do garoto.

Luka saiu antes que seu nome deixasse os lábios dela — embora fosse óbvio que tinha sido pego desprevenido. Sua jaqueta, sua camisa e sua Cruz de Ferro não estavam à vista. O garoto era puro músculo e pele sob o brilho da lua. Uma chapa de identificação prateada repousava em seu esterno. Uma pistola Luger reluzia em sua mão, apontada para o rosto dela.

Yael estava com sede demais, cansada demais para erguer os braços. Sequer tinha energia para odiá-lo.

— Ah, *Fräulein*. — Luka abaixou o braço ao registrar sua presença, voltando a guardar a arma na calça. Suas sobrancelhas se arquearam e as linhas em seu abdome afundaram. Uma tentativa não tão sutil de mostrar os músculos. — Gosta do que está vendo?

Eram *mesmo* belos músculos. Valiam pelo menos mil corações roubados de donzelas alemãs. Mas Yael preferiria arrancar todos os pelos do corpo um a um a admitir.

— L-lá em R-roma... — A secura na garganta era como navalha enferrujada. Yael pigarreou e tentou novamente. — Em Roma você sugeriu que poderíamos ser aliados. Disse que precisávamos um do outro.

— Essa não é uma visita social, então. — Seus olhos encararam os dela por um longo momento. A íris brilhava, azul-marinho. Perscrutando de sua maneira imperscrutável enquanto ela caía em secos pedaços secos. Um braço aqui. Uma costela ali.

— Preciso de água — Yael disse. — O suficiente para chegar a Bagdá.

— Água? — Luka se virou. Os músculos de suas costas se ondulavam enquanto pegava a camiseta e vestia por cima do cabelo desgrehado pelo vento. Seus dedos livres alisaram os pelos do maxilar. — Não sei. Estava economizando para me barbear.

— Por favor. — Ela rangeu os dentes, odiando o rebaixamento e a sede transparecendo em sua voz. *Tanto esforço para não soar desesperada*. A arma pesava em seu bolso esquerdo e a faca estava presa à bota, mas ela sabia que não seria rápida o bastante para tirar a água de Luka à força. Não exausta como estava.

— A barba esquentou aqui — ele continuou. — Os pelos e a coceira diminuem a concentração.

Ele só podia estar brincando. Só podia.

— Katsuo tentou me eliminar — Yael contou para ele. — Mandou Iwao drogar minha água. Vai fazer o mesmo com você.

— Claro que vai! O calor corrompeu seu cérebro, *Fräulein*? Esqueceu tudo o que ensinei no ano passado? — Luka jogou as mãos para o alto. — O orgulho de Katsuo é tudo para ele. Por que acha que estou me segurando esse tempo todo? Acha que gosto de ficar para trás? A melhor maneira de cuidar do Katsuo é deixar que pense que está ganhando.

— Você está na frente dele agora — ela apontou.

— Pois é. Enfim. Da última vez que a perdi de vista quase morri e perdi a corrida. Isso não pode acontecer de novo.

A imagem de Luka, braços estendidos, pronto para nadar. Como se estivesse sendo dominada por uma miragem. A areia embaixo de Yael estava começando a ceder. Ela não sabia quanto mais conseguiria ficar em pé.

— Katsuo tem pelo menos mais dois aliados — ela disse. — O Tour do Eixo não está nem

na metade. Se eu ficar para trás agora, você vai ser a única ameaça real a ele. Katsuo vai atacar você com tudo o que tem. Você vai estar fora da corrida antes de Nova Delhi.

Yael observou as palavras se desenrolando por trás do rosto de Luka. A pista adiante: Bagdá empoeirada, rochas afiadas, cortando por cavernas e desfiladeiros, tantos lugares para derrapar e cair em emboscadas.

— Acho que aguento uma barbinha. Algumas garotas adoram o visual de ermitão do deserto. — Ele coçou o maxilar de novo. — Vou dar um dos meus cantis a você com duas condições.

Yael ficou plantada, esperando. Esforçando-se ao máximo para não desmaiar.

— A primeira: você fica me devendo um favor. Posso cobrar a qualquer momento.

Ela fez que sim. Seu mundo derreteu com o movimento.

— Desde que não envolva deixar você ganhar.

— Justo. — Luka ergueu outro dedo. — A segunda: você vai sentar agora e fumar um cigarro comigo. Um cigarro *de verdade*. Com uma conversa de verdade. Como antigamente.

Os joelhos de Yael cederam rápido. Mesmo sentada, a terra parecia girar embaixo dela, as areias prateadas sob o luar quebravam em cima dela feito ondas. Cuspiu o seixo, com medo de que pudesse engoli-lo.

Luka se ajoelhou na frente dela. Seus braços ainda estavam abertos. Um cantil numa mão, um cigarro na outra.

Ela pegou os dois.

A água estava morna e tinha um gosto metálico, mas era vida. Yael deu dois grandes goles e, embora sua garganta ardesse querendo mais, recolocou a tampa tateante. Precisava fazer durar.

Luka sentou perto, recostando-se em seu saco de dormir enrolado. Acendeu seu cigarro como mágica. Riscou o fósforo no calcanhar da bota. Deixou a chama brilhar e se apagar conforme a cinza acendia, luminosa.

A tentativa de Yael foi mais desajeitada. Precisou de duas tentativas para acender o fósforo. Botou a culpa no tremor sedento dos dedos. Quando o cigarro finalmente acendeu, Luka suspirou, levando o seu aos lábios.

— Pensei que sabia tudo sobre você — ele disse depois de uma longa baforada. A maneira como observava Yael a lembrava de um leão. Olhos valentes e viscerais. — Por nove meses perdi o sono pensando no que você tinha feito. Mas agora... não sei o que pensar de você. Uma garota que deixa o próprio irmão dado como morto no deserto, mas se sente culpada por um cara que nem conhece?

— Deixei Felix incapacitado. Não moribundo. — Yael levou o cigarro aos lábios. Tinha um gosto horrível. Ela não entendia como as pessoas podiam inalar aquilo. Cigarro após cigarro. Maço após maço. Como podiam deixar a fumaça viver dentro delas como se não fosse nada.

— Um golpe como aquele na têmpora? Um quilo de pressão a mais e tchau, tchau, irmãozinho. — Luka fez um sinal de corte na garganta. Brasas caíram de seu cigarro, chegando ao chão como estrelas inflamadas. Morrendo uma a uma.

— Você acha que eu mataria meu próprio irmão? — Yael deixou as palavras escaparem, mas o gosto de cinzas ficou. Pegajoso, podre.

— Não parece impossível, *Fräulein*. — Os olhos de Luka se estreitaram, ainda a examinando com sua sagacidade de leão. — Você é um *verdammte* de um mistério absoluto para mim. Toda vez que penso que descobri seu eu verdadeiro, encontro uma camada nova de segredos. Depois da corrida do ano passado, sempre duvidei que tivesse existido algum momento sincero entre nós.

— Quer sinceridade? Acho fumar nojento.

— E surge a verdadeira Adele! — Luka gargalhou e deu outra baforada. — Então todas aquelas noites em que sentamos juntos sob este céu e você fumou quase metade do meu maço, estava fingindo?

— Mais ou menos.

— Você me deve duas caixas de cigarro, então. Não são baratos, sabe? Ainda mais depois que Hitler os proibiu. — Luka soprou uma lufada de fumaça. — Como nosso querido Führer costuma fazer com tudo que seja minimamente interessante ou vantajoso.

— Pago em Tóquio. Com parte do prêmio — Yael disse, embora soubesse que aquilo nunca aconteceria. Embora a Cruz de Ferro fosse entregue numa cerimônia antes do Baile da Vitória, o dinheiro vinha depois. Depois da valsa com o Führer e da queda de um império. Ela já estaria longe àquela altura.

— Espero que você cumpra a promessa — Luka disse.

— Trato é trato. — Yael tragou outra vez. Sua língua ficou azeda. Ela precisaria de mais água depois daquilo.

Luka riu de novo. Outras faíscas caíram na areia, apagando-se em silêncio.

Silêncio. Tudo silêncio. Era gritante entre eles.

— Às vezes sinto falta disso. Você. Eu. Segredos. Estrelas. — Suas palavras espiralaram com a fumaça, sopros de ar quente que chegavam a ser bonitos. — Eu me achava invencível. Antes de você.

— Katsuo derrotou você antes mesmo de eu competir — Yael disse.

— Conheço muito bem minhas derrotas, *Fräulein*. Mesmo que não demonstre. — Luka levou a mão à nuca, pegando a corrente ali. — Você sabe que não estou falando da corrida.

Havia muitas versões de Luka Löwe — o nacional-socialista e o corredor, o perverso e o orgulhoso, mas também aquele... aquele algo *mais* —, todo apanhado dentro de si. Carapaças diferentes a cada minuto. Rostos dentro de rostos. Máscaras dentro de máscaras. Bonecas dentro de bonecas.

Que versão era a verdadeira? Todas? Nenhuma?

Mas aquele Luka Löwe, sentado na sua frente, tinha amado a verdadeira Adele. Yael podia ver aquilo em seus olhos — onde o rosto de Adele se refletia em azul e intimidade —, no tremor de seus dedos segurando o cigarro, na curva angustiada de seus lábios.

Ele a tinha amado a ponto de sofrer.

— Quando acordei em Osaka no ano passado, achei que um exército tinha lançado uma blitzkrieg na minha cabeça de tanta dor. Mas aquilo não era nada. *Nada* comparado a como me sentia por dentro... — Ele se interrompeu. — Eu devia odiar você. Até tentei. Às vezes acho que odeio. Mas o sentimento nunca fica. Vai saber! Talvez você nunca tenha gostado de mim.

Talvez estivesse me manipulando o tempo inteiro. Talvez tenha visto sua chance de vencer em Osaka e aproveitado. Mas tenho certeza de duas coisas.

— Quais?

— Gosto de você. — Foi a coisa mais sincera e inabalável que Yael o tinha ouvido dizer. Por um momento, ela esqueceu o gosto de cinzas que cobria sua língua.

Mas ele continuava ali. Grudando no céu da boca. Deslizando entre seus dentes.

Yael bateu o cigarro. Já era quase um toco. O de Luka também estava se apagando. O brilho amarelado na ponta se extinguia. Impedindo-a de ver o garoto.

— Qual é a segunda? — ela perguntou.

— Esta corrida, o Tour do Eixo de 1956, é minha. — Não havia nenhuma ameaça em sua voz. Apenas uma certeza profunda. — Não vou permitir que ganhe de novo.

O cigarro de Yael se apagou. Trato cumprido. Ela o enterrou nas cinzas arenosas e se levantou.

Luka não se deu ao trabalho de levantar também. Sombras novas surgiram em seu rosto, fechando-se entre eles enquanto a observava.

— Você é um tipo perigoso, Adele Wolfe. Mas estou sempre pronto para um desafio.

E então a escuridão veio com tudo. Apagando o cigarro dele com um chiado fumegante.

PASSADO

O QUARTO LOBO: AARON-KLAUS

PARTE II

PRIMAVERA DE 1952

O porão do bar era um lugar solitário sem Aaron-Klaus. Na maioria dos dias, era só ela e Henryka. Os contatos que passavam nunca ficavam por muito tempo. Um jantar ou dois, alguma conversa sobre lugares distantes no mapa vermelho, e partiam. Nunca diziam para onde, mas, depois que saíam, Henryka trocava as tachinhas numeradas no mapa. P5 para Paris. T11 para Londres. A32 para o Cairo. Os números saltavam como peças num jogo intrincado de damas. Sobre antigas fronteiras, caminhos cruzados, uma dança de furinhos pela parede.

Yael estudava o máximo que conseguia. Todo assunto em toda língua em que Henryka conseguisse pôr as mãos. A mesa de carteador cedia sob o peso dos livros. O rádio no canto foi substituído por uma tela de TV. (A novidade!) Ela vivia ligada.

Vermelho ainda banhava o mundo.

Meses se passaram, atravessando os anos devagar.

1950... 1951... 1952...

Cálculo era tão difícil quanto Aaron-Klaus sempre dissera. Usar números e símbolos dava câibras nos dedos de Yael. Fazia seu cérebro girar. Ela vivia se perdendo nas equações, mastigando o lápis enquanto tentava entendê-las.

Estava quase cortando a madeira macia com os dentes quando ouviu a voz dele vindo do corredor.

— Faz seis anos desde a Grande Vitória. O que temos feito nesse tempo todo? Resmungamos em porões. Trocamos mensagens escondidas. Torcemos todo dia para não sermos pegos.

Aaron-Klaus estava de volta! Mas sua voz estava diferente. Mais grave. Uma raiva que antes ela só tinha ouvido em alusões e pontadas agora aportava. Um leviatã de sentimentos: inteiro e degenerado.

Aquilo fixou Yael na cadeira, com o lápis entre os dentes. Ouvindo.

— Estamos montando a estrutura necessária para um golpe. Estamos perto. — Reiniger estava de volta também. Fazia meses que Yael não o via. Uma véspera de Natal coberta de neve. Ele tinha lhe trazido um embrulho cheio de blusas e cachecóis. Depois que fora embora, Henryka colocara a tachinha dele (A32) em Roma. Tinha saltado muito desde então: Paris, Londres, Trípoli.

— NÃO MUDOU NADA! Só piorou. Esquecemos a Valquíria...

— O mundo não está pronto, Klaus. — A voz de Reiniger tinha a frieza de um comandante. — A Operação Valquíria foi projetada para um Reich menor e mais concentrado. Na ocasião da morte do Führer, seria declarada emergência militar e o Exército de Reserva Territorial protegeria todas as operações do governo. Já foi difícil executar um golpe quando o Reich estava contido na Europa. Mas a Nova Ordem cresceu. Há variáveis demais agora. Precisamos continuar a desenvolver nossa rede de aliados e unir as diversas resistências. É para isso que você foi treinado.

Então aquilo era a Valquíria. Não uma mulher guerreira — dona da vida e da morte —, mas um protocolo militar. Mesmo assim, a imagem continuou na mente de Yael. Ela a olhara tantas vezes que a lombada da enciclopédia tinha fincado de forma permanente.

— E quando vai ser o momento certo? — Aaron-Klaus continuava gritando, mas num tom terrível e abafado. — Quanto mais esperamos, mais gente morre!

— Se atacarmos na hora errada, *todos* vamos morrer — Reiniger disse. — Assim como os conspiradores que organizaram a primeira Valquíria. Tudo pelo que trabalhamos viria abaixo.

— Sabe o que acho? Você está com medo. Viu o que aconteceu com aqueles primeiros conspiradores e ficou paralisado.

— Você está nervoso — Reiniger respondeu. — Precisa direcionar essa raiva.

— Milhões estão morrendo! Não posso continuar escondido aqui! — As palavras de Aaron-Klaus trespassaram as paredes. Entraram como veneno dentro das veias de Yael, ardentes.

Ela derrubou o lápis.

— É exatamente isso que você vai fazer até conseguir se controlar. Fique aqui. Trabalhe para Henryka. Esfrie a cabeça — Reiniger disse. — Quando provar para mim que é capaz de controlar suas emoções, poderemos conversar sobre sua próxima operação.

— Mas...

— Esta conversa acabou. — Reiniger devia estar usando seus coturnos militares. Eles faziam um som único no piso de concreto: *tap, tap, tap*. Foi embora.

A porta do corredor se abriu.

A princípio, Yael pensou que tinha ouvido errado os passos de Reiniger. Um homem estava parado no batente. Ele era alto e tinha os ombros rígidos, um rosto corado e lábios finos. Mas era Aaron-Klaus. Yael percebeu assim que ele entrou na sala. Aaron-Klaus sem o ar de garoto que ela tinha visto à beira do rio.

— Yael? — Aaron-Klaus parou. Os traços de seu rosto se aliviaram, formando um sorriso. — Você está diferente.

Não mostre para ninguém.

O coração dela se apertou. Yael voltou os olhos para o espelho atrás da mesa de Henryka (aquele que a polonesa usava para saber se estava precisando de água oxigenada). Não, ela não tinha mudado. Tinha seguido o conselho de Miriam. Seu rosto era o mesmo com que Aaron-Klaus a havia encontrado. O rosto com que sempre a tinham visto.

— Sou uma adolescente agora. — Seus membros desajeitados eram prova daquilo. Sempre que parava diante de seu reflexo, Yael era lembrada do verbete da enciclopédia sobre bichos-paus. Insetos com corpo de graveto, perna de graveto. Praticamente invisíveis.

— Henryka já mandou você estudar matemática avançada? — Aaron-Klaus sentou em sua antiga cadeira, do outro lado da mesa de cartado. Cheirava ao lado de fora: pinheiro, chuva e nuvens. — Você é algum prodígio, por acaso?

— Como foi na fazenda de Vlad? — ela perguntou, porque queria que o tempo que tinham perdido não ficasse entre eles. Queria entender sua mudança. Resolver, como os problemas de cálculo.

— Difícil. Mas tenho músculos agora. — Ele flexionou o braço e sorriu. As duas ações pareciam vazias, ecoando os gritos que Yael tinha ouvido do corredor. A verdadeira medida dele.

— O que aconteceu?

Yael não se referia à fazenda, e Aaron-Klaus sabia daquilo.

— Peguei o trem na volta. Tinha revistas e café. Bancos acolchoados. Uma mulher do outro lado do corredor estava me paquerando. Aí passou o transporte, do outro lado dos trilhos. Dava para ver através das fendas do vagão de gado. Dedos. Olhos. Poucos, mas eu sabia que eram centenas. A caminho da morte. Ninguém no meu vagão prestou atenção. A mulher não parava de falar sobre como estava contente porque o Führer tinha decidido não proibir maquiagem.

Lembranças de seu próprio vagão de gado surgiram com um estrépito: dias de escuridão sombria, lamentos, vômito, fedor. Atravessaram Yael com aquele ruído. Sem trilhos. Dilacerando suas tripas. Era tão fácil não pensar naquilo ali, com a barriga cheia de *Spätzle* e blusas novas de manga comprida.

Era fácil fingir que era normal. Não especial. Não marcada.

Mas ela não era. Ela era. Ela era.

Lembranças, palavras, números, monstro. Tudo sob sua manga. Escondido sob a pele. Recôndito. Seu próprio leviatã. Enorme.

— Vlad me ensinou muitas coisas. Atirar. Mentir. Matar. Pensei que estava treinando para algo importante. — O rosto de Aaron-Klaus cintilava. Raiva e suor. Não um abajur, mas uma tocha. Com sede de incêndio. — Mas Reiniger só quer me usar como um garoto de recados.

— É importante. — Yael olhou para o mapa, as tachinhas que o crivavam como acne. Havia mais a cada dia. Enfiadas nos quatro cantos do globo. — A Gestapo lê as correspondências. Grampeia os telefones e telégrafos. Precisamos de pessoas para entregar coisas para que continuem secretas.

A televisão no canto estava ligada, luzindo seu círculo infinito de propaganda política. Estava passando um filme antigo, um que Yael tinha visto inúmeras vezes. Era o primeiro discurso do Führer depois da Grande Vitória. Onde se colocou diante de seus “companheiros vitoriosos”, anunciando “uma nova era para a humanidade”. O aparelho estava no mudo, mas cada palavra era destacada pelo tremor de seu bigode.

Aquelas imagens em preto e branco se refletiram no rosto de Aaron-Klaus.

— Não podemos ter medo. Alguém precisa fazer isso. Tomar uma atitude e mudar as coisas. Matar o desgraçado.

Não pela primeira vez, Yael desejou que as valquírias fossem reais. Uma delas quebraria as janelas da Chancelaria — pele, fúria e penas — e levaria o Führer embora. Decidiria uma

última morte.

Yael sabia que aconteceria antes mesmo que acontecesse. Aaron-Klaus nunca lhe contara nada, mas ela ouvira nas entrelinhas do que não dissera. Ela viu no cerrar de seus punhos, na dureza de seus olhos quando assistia aos filmes de propaganda.

Aaron-Klaus não apareceu para o café da manhã, e Yael soube que não estava dormindo. Não tinha saído para buscar arquivos no ponto de encontro perto da floricultura na Leipzigerstrasse. Não estava numa missão fora da Alemanha; se estivesse, teria se despedido.

Debruçada sobre o papel quadriculado, torcia para estar enganada. Resolveu mais uma lista de problemas de cálculo de Henryka. O canal da Reichssender tremeluzia, uma luz constante. Não havia filmes de propaganda naquele dia. Era uma gravação ao vivo: Hitler estava fazendo um discurso na frente do antigo Reichstag. O prédio que incendiara para assegurar seu poder à sombra do recém-finalizado domo monstruoso do Volkshalle.

— Os comunistas se achavam capazes de aniquilar nosso grande país. Mais de vinte anos atrás, botaram fogo neste prédio, o coração do governo alemão. Mas a raça ariana saiu vitoriosa. Deixamos as ruínas da antiga Berlim para trás, abraçamos o esplendor monumental da Alemanha...

As palavras do Führer sempre soavam iguais, independente do que falasse. Sua voz era sempre alta e aguda, cercada por chamas. Previsivelmente hipnótica.

E então... um som distinto. Um *estalo* espantoso pelos alto-falantes. Dois. Três.

Yael tirou os olhos das curvas e equações. Não sabia como, mas lá estava ele, Aaron-Klaus. Na frente do palco. Seu rosto em chamas, fixado no Führer. Com uma arma nas mãos.

Manchas escuras brotaram no uniforme de Hitler. Uma, duas, três.

Ele sangrou feito o mundo.

O Führer caiu. O silêncio da multidão se quebrou. Gritos pontiagudos, cortantes, perpassaram os alto-falantes. Aaron-Klaus parecia paralisado. Incapaz de correr, atirar ou falar. Até mesmo os homens da SS se moviam devagar. Vieram de todos os lados, como uma flor se abrindo ao contrário. Cercando. Fechando, fechando. A arma de Aaron-Klaus foi para sua têmpora.

Ninguém quer morrer.

Mas o que a enfermeira tinha dito? “Às vezes as pessoas precisam morrer para melhorar as coisas.”

Alguém precisa fazer isso.

Outro estalo. Tão breve. Tão ensurdecador.

Um sacrifício.

Pelo bem.

Poeira cinza enchia sua boca. Grafite. Ela tinha cortado o lápis com a boca.

Yael não conseguiu cuspir. Não conseguiu se mover enquanto observava a SS se aglomerar sobre os dois corpos. A multidão rugia ao redor deles. Rugia. Rugia. Rugia. Até deixarem de

ser vozes humanas. A imagem cortou e só havia estática. Consumindo tudo.

Ela continuou olhando fixo para a televisão quando Henryka entrou na sala. A mulher franziu a testa para a tela.

— Qual é o problema? Quebrou?

Pela primeira vez desde que a tinha comprado, Henryka desligou a TV.



Houve uma morte na frente do Reichstag naquele dia (16 de maio de 1952). Mas não foi a do Führer.

Três balas no peito (embora o *Das Reich* tenha noticiado quatro, para tornar o crime mais hediondo e a recuperação mais milagrosa) + os melhores cirurgiões arianos da Alemanha = uma vida salva.

Não era cálculo, embora fosse tão difícil de entender quanto. A mente de Yael viajava toda vez que tentava pensar naquilo. Aaron-Klaus estava morto e o mundo não tinha mudado.

Não, não era verdade. Tinha mudado, sim. Impôs-se um toque de recolher noturno na Alemanha. O medo da descoberta — que sempre esteve à espreita antes — era forte. Foram efetuadas prisões, Reiniger contara. A maioria, conexões falsas. Bodes expiatórios, sacrificados no altar pela sede de vingança do Führer.

A Gestapo tinha tirado uma foto do rosto morto e inanimado de Aaron-Klaus. Exibiram-na em toda a Reichssender e a fixaram em todos os becos e vitrines da Alemanha.

Era apenas uma questão de tempo até o reconhecerem. Até que tudo encaminhasse àquele porão. Por isso, colocaram suas posses em barris vazios (caixas levantariam suspeitas) e se mudaram para outro bar. Henryka despiu o escritório como um cadáver. Rasgando pilhas de cartas codificadas. Arquivos. Transcrições antigas. Arrancou o mapa da parede num movimento rápido e furioso. Tachinhas saíram voando: A1, L52, R31... centenas se espalharam no chão.

Yael as catou. Quando encontrou a de Aaron-Klaus (K15), colocou-a no bolso. Ela chacoalhou e cutucou a boneca menor enquanto a garota juntava as outras, ajoelhada. Havia lágrimas em seus olhos e um calor em seu peito. Novo, mas tão, tão antigo.

Deixaram a televisão desligada. Um profeta caolho e solitário no canto.

— Você vai ter que sair — Reiniger falou para Henryka quando finalmente chegou. Seu rosto ficou mais que severo ao examinar a sala vazia. — Garoto idiota, tolo.

Henryka estava chorando.

— Você não devia falar assim dos mortos.

— Ele só queria mudar as coisas. — Yael exumou as palavras dele e percebeu o quanto soavam familiares ao sair de seus lábios. *Mudar as coisas.*

Você ainda vai mudar as coisas. Não Aaron-Klaus.

Se ao menos ela tivesse lembrado. Se tivesse dito para ele. Se não tivesse se esforçado tanto para ser normal, para esconder o monstro dentro dela...

Reiniger fechou a cara.

— A única coisa que ele mudou foram nossas chances de uma operação bem-sucedida. Estávamos tão perto... A semanas de executar a Valquíria. Klaus atrapalhou tudo. A SS e a Gestapo estão numa verdadeira caça às bruxas. Falei para todas as células tomarem cuidado, mas não faço ideia de quando isso vai passar.

— Vamos esperar — Henryka sussurrou. — Vamos tentar outra vez.

— Pode não haver uma segunda chance — o general nacional-socialista disse, com um suspiro. — Foram tantos os atentados contra a vida do Führer que ele decidiu pôr fim às aparições públicas para minimizar o risco. Só vai se dirigir ao público pela Reichssender. Mesmo se sair em público novamente, vai ser impossível passar pela segurança.

— E o círculo íntimo dele? Algum candidato?

Reiniger fez que não.

— Todos que mostravam sinais de hesitação ou fraqueza foram eliminados depois da primeira tentativa fracassada de executar a Operação Valquíria. O Führer só permite os mais leais por perto. Aqueles que morreriam por ele. Ninguém envolvido na resistência entrou para a lista.

Henryka olhou fixo para a tela da televisão — tão apagada e vítrea como os olhos dela.

— Deve ter algum jeito.

— Precisaríamos de um sócia, Henryka. E um que fosse simpático à causa. — Reiniger balançou a cabeça. — Sinto muito, mas acabou.

Yael estava com as mãos nos bolsos da blusa, apertando a boneca menor e a tachinha de Aaron-Klaus. A ponta aguda perfurava sua mão. Ela sabia que veria sangue quando a tirasse de lá. Mas não se importava, estava ocupada demais com outras dores. As memórias voltavam com tudo...

Um anjo de outro tipo

Marcada com um X.

Você é especial. Pode viver. Você ainda vai mudar as coisas.

Yael. Mas não.

Монстр. Monstre. Monstro.

Alguém precisa fazer isso.

ACORDE ACORDE A HORA É AGORA.

Não era mais uma questão de estar viva ou de ser normal. Tudo havia levado àquele momento.

— Eu... Eu posso fazer — Yael disse.

Toda aquela dor — tão carne, tão muito, tão raiva, tão velha — tinha despertado. Yael pegou tudo e costurou em seus ossos. Fechou os olhos e pensou na Valquíria.

DEIXE QUE VEJAM.

Ela mostrou a eles seu maior segredo. Sua maior vergonha.

Sua mudança.

PRESENTE

21 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE BAGDÁ
7250 KM

Bagdá, uma cidade que, na verdade, não era cidade nenhuma. Não mais. A periferia era apenas um fantasma, conchas de casas vazias com janelas quebradas, pertences saqueados muito tempo atrás. Mesquitas se assomando. Paredes de mosaicos cobertas de pó. Os pináculos que antes clamavam todos para orar e guiavam os olhos para Deus agora apontavam para um céu vazio e desbotado, para ninguém.

Ainda havia um pouco de vida no centro. Pessoas poupadas para os horrores dos campos de petróleo, que queimavam sem parar. Poupadas para figurar diante das câmeras da Reichssender. Poupadas para servir o *Reichskommissar* da região e outras autoridades nacional-socialistas. Para servir café gelado em bandejas de prata e limpar a sujeira que seus coturnos deixavam nas casas.

O posto de controle de Bagdá era bonito, muito mais do que os outros. Os batentes arqueavam da maneira mais acolhedora possível. Janelas de treliça capturavam a luz forte do dia, espalhavam-na pelo piso como uma história. Ladrilhos coloridos — azuis, brancos, dourados — se encaixavam em padrões intrincados nas paredes. O ar vicejava com temperos e chás, incenso e calor.

Os hóspedes do posto de controle não eram nem de perto tão elegantes. O cansaço da estrada começava a aparecer mesmo nos corredores mais empedernidos. Jaquetas rasgadas, botas amassadas, rostos castigados pela areia. A linguagem se erodia, tornando-se igualmente áspera à medida que os corredores entravam e viam seus tempos. (Houve mais do que alguns *Scheisses* e *kusos* lançados contra o placar.) As posições não haviam mudado muito.

1º: ADELE WOLFE, 7 DIAS, 7H11MIN30

2º: LUKA LÖWE, 7 DIAS, 7H21MIN8

3º: TSUDA KATSUO, 7 DIAS, 7H22MIN6

Yael ainda estava na liderança. Ainda era um alvo, o que pesava em suas costas, com todos os olhares para o centro. Não importava aonde levasse seu prato de cordeiro com grão-de-bico, os olhares a seguiam. O de Katsuo era o pior: afiado como o corte de uma catana. (Parecia que, depois de seu encontro na porta do banheiro, os olhares dele cortavam ainda mais fundo.) Takeo estava sentado à direita dele na mesa, abrindo e fechando o canivete. Iwao estava sentado à esquerda de Katsuo, parecendo especialmente angustiado. Havia uma cadeira vazia

entre ele e o vitorioso. A tentativa fracassada do sedativo devia ter tirado Iwao do grupo.

Os alemães também observavam com mais atenção do que Yael gostaria. Tomando nota de sua garganta ferida, das crostas vermelhas em suas bochechas.

Não demoraria para que um deles (se não todos) atacasse novamente. E Iwao tinha chegado perto demais de acabar com sua corrida. Yael precisava de um aliado. Um de verdade — para vigiar à noite e protegê-la de manobras.

As opções não eram muito promissoras. Avaliou o refeitório como um apostador de primeira classe. Dividiu os corredores:

NOME	POSTURA
Katsuo, Takeo, Iwao, Lars, Ralf, Dolf	<i>Contra ela. Ponto.</i>
Masaru, Norio, Isamu, Rolf, Karl, Taro	<i>Não contra ela, mas nenhum seria de grande ajuda. Novatos não eram os melhores aliados.</i>
Yamato	<i>Introvertido. Não dava para saber.</i>
Luka	<i>Ela achava a princípio que o compreendia, mas ele era um coringa. Era melhor manter distância. Cumprir os favores devidos.</i>
Ryoko	<i>Era ela que estava fazendo as dobraduras? Desconfiava que sim. Mas pequenos animais de papel e um sorriso não faziam um aliado.</i>
Hiraku, Hans, Kurt	<i>Fora da corrida. (Hans Muller e Kurt Stark desistiram depois da tempestade de areia.)</i>

Havia só uma pessoa do lado dela.

O irmão de Adele estava sentado sozinho numa mesa, debruçado sobre as peças prateadas espalhadas de seu relógio de bolso. Os crescentes roxos de insônia sob seus olhos se mesclavam com o hematoma do golpe de pistola. Mesmo passados dias e depois dos cuidados da enfermeira Wilhelmina, o machucado ainda estava feio. Preto, azul, esverdeado nos cantos — brilhante o suficiente para murchar as palavras na garganta de Yael.

Mas ela precisava falar *alguma coisa* para ele. Precisava de Felix Wolfe do seu lado para chegar ao fim.

Era verdade que ele estava desconfiado. Sabia demais, enquanto Yael sabia de menos. Mas a situação só se agravaria se o ignorasse. Como as ervas daninhas que sempre brotavam em volta da horta de Vlad. Ela precisava arrancar as suspeitas pela raiz. Plantá-las em outro lugar.

A melhor maneira de fazer aquilo era contar a verdade a Felix Wolfe. Não toda a verdade, claro. Felix faria de tudo por sua *irmã*. Quanto aos pormenores da missão... ela lhe daria uma versão resumida. Apenas o suficiente para levar o irmão de Adele aonde queria que ele fosse.

Era um risco, apostar que o amor de Felix pela irmã era mais forte que seu medo do governo. Mas ele tinha guardado os segredos de Adele antes, ficado em silêncio quando ela correu com o nome dele.

Por que seria diferente agora?

Felix nem levantou os olhos para Yael quando ela parou diante da mesa dele. Sua sombra se estendeu sobre as dezenas de rodas e engrenagens metálicas. Ela estava perto o bastante para ler as letras ao longo da cobertura denteada. Escritas à mão, apagadas como fantasmas:

Propriedade de Martin Wolfe.

Yael limpou a garganta.

— Quebrou?

— Parou de funcionar. Muita areia. — Ele revirava as peças do relógio com as mesmas pinças com que tinha feito o curativo nela noites antes. — Obstruindo as engrenagens.

— Consegue consertar? — Yael perguntou.

Felix a encarou da mesma forma que a havia encarado antes que Yael o nocauteasse. Ah, como aqueles olhos azuis podiam queimar!

— Você se importa? Sempre odiou este relógio.

Briga por um relógio de bolso barato do falecido irmão. Mais um dado para adicionar à lista.

— Eu... eu só...

— O que você quer, Ad?

— Pensei em trazer um pouco de comida. — O prato nas mãos de Yael tremia quando ela o ofereceu. Grãos-de-bico cozidos rolaram como bolinhas de gude tortas.

— Achei que não devíamos aceitar comida de outros corredores.

— *Touché!* — Ela colocou o prato ao lado do cotovelo de Felix e se sentou com ele.

O irmão de Adele manteve o olhar nas vísceras do relógio de bolso.

— Desculpe por roubar sua moto. E... por isso. — Ela indicou com a cabeça o hematoma que invadia a linha do cabelo dele.

Felix continuou revirando as engrenagens com a pinça. Olhos baixos, sem dizer nada.

— Preciso vencer esta corrida — ela disse mais uma vez. — E você está certo. Preciso da sua ajuda. Corre comigo? Pelo resto do trajeto?

Ele colocou a pinça na mesa (praticamente jogou, pela forma como tilintou na madeira, caindo desajeitada entre as engrenagens) e encarou Yael.

— Estou cansado, Ad. Cansado da areia nos dentes. Cansado do meu olho esquerdo fechar de tão inchado. Cansado de estar com tanta dor que mal consigo levantar para mijar à noite. Cansado de você prometer que vai para casa e nunca ir. Cansado das suas desculpas vazias, das suas mentiras sem fim. Cansado de lutar para manter nossa família unida. — O irmão de Adele voltou os olhos para o relógio de Martin, com peças de metal e vidro fora do tempo. — Cansado de consertar coisas que sempre quebram.

— Também estou cansada. — Aquela era a verdade. Yael estava exausta, cheia de dores e esgotada pelo sol. Mas aquilo não era nada comparado à exaustão dentro dela. A que nasceu naquele trem tantos anos antes. Que se estendeu longamente por toda a sua vida.

— Então pare — Felix disse. — É só parar.

Ela imaginou aquilo por um momento: fugir de tudo. Na verdade, já tinha imaginado antes, ao olhar para o mapa de Henryka. Concluía que o norte seria a melhor opção, algum lugar na grande taiga siberiana — nada além de neve, bichos e pinheiros. Nenhuma pessoa em centenas de quilômetros. Nenhuma outra morte tão próxima quanto asas. Não precisaria de muito para sobreviver na floresta, não depois de tudo o que Vlad tinha ensinado...

Mas não haveria paz, nem mesmo lá. Não enquanto o Führer vivesse e as cinzas se empilhassem, cada vez mais alto, sempre mais alto. Incontáveis almas descarnadas.

Não. O que pesava dentro de Yael não resolveria se parasse. Só havia uma maneira de acabar com aquilo.

Chegar ao fim.

— Não posso — ela murmurou.

— O que você quer dizer? — Felix se interrompeu. Sua coluna ficou ereta e Yael viu a mudança sutil atrás de seus olhos. O *saber* explodindo dentro dele, com toda a força.

Não havia como parar.

— Você estava certo. Não estou sendo eu mesma ultimamente, mas tenho um motivo para isso. Um bem perigoso.

Yael o observou com cuidado enquanto dizia isso. O cabelo cor de estopa dele estava penteado dividido no meio, a essência da ordem. A palidez dos fios desceu para o restante de seu rosto. Mesmo suas queimaduras de sol e hematomas ficaram brancos com o choque.

Ficou esperando a resposta. Os músculos nas panturrilhas dela se contraíram da mesma forma que no armário do apartamento de Adele. À espera do ataque/ trégua/ retirada. O silêncio de Felix durou mais alguns batimentos. Yael sentiu as câibras subindo por suas pernas e, de repente, desejou ter escolhido um lugar menos visível para aquele encontro.

Tudo o que Felix fez foi murmurar:

— O que mencionei no acampamento... é você.

Yael balançou a cabeça de forma que dizia (berrava) “não aqui”. Um olhar por cima do ombro mostrou que ninguém estava ouvindo. Não com atenção. O olhar fixo de Katsuo tinha migrado para outro canto da sala, onde Yamato e Ryoko estavam sentados juntos, com o livro de poesia aberto entre eles. (Estava consideravelmente mais gasto do que em Praga: lombada rachada, páginas empoeiradas e cheias de orelhas.) Yamato lia as palavras em voz alta enquanto Ryoko ouvia, dobrando seu guardanapo em quatro partes. Seu sorriso era maior agora.

Os garotos alemães cujo nome soava igual formavam um arquipélago no canto da sala, entrevistados pela Reichssender ou cochilando.

E Luka... não estava em lugar nenhum. Talvez tivesse saído, ou estivesse paquerando a enfermeira.

— Corre comigo? — ela perguntou de novo.

Felix não disse nada. Um silêncio intenso, penetrante.

Iwao riu alto demais de uma piada de Katsuo. O som colidiu com as paredes de ladrilhos. Yamato continuou lendo com a voz cadenciada, recitando um haikai sobre a mudança das estações. Um dos novatos alemães tinha começado a roncar.

— Felix... por favor... — Yael não tirou os olhos do irmão de Adele: ainda mudo, ainda pálido, ainda com os cotovelos mergulhados em peças do relógio de bolso. — Preciso de você.

A resposta dele?

Felix pegou um punhado de grãos-de-bico. Jogou-os um a um na boca.

Ele estava dentro.

PRESENTE

22 DE MARÇO DE 1956
DE BAGDÁ A NOVA DELHI

Yael decidiu ficar para trás. Tinha tempo suficiente (dez minutos era uma liderança confortável). Quando deu partida no motor e entrou nas ruas de Bagdá, deixou a multidão absorvê-la e esperou por Felix. Luka passou voando e, fiel ao que dissera, manteve-se a poucos metros da traseira de Katsuo. Sem perder tempo, mas sem ficar à frente.

Yael continuou com Felix ao seu lado, Luka em seu campo de visão e a linha de chegada em sua mente.

O deserto era muito diferente das dunas e areias da costa africana. A terra rachada se estendia longínqua, uma paisagem demoníaca e tomada de pó. Montanhas se assomavam no horizonte, como as ondas dos polígrafos detectores de mentira a que Vlad a conectava. As pistas também eram diferentes. Menos esburacadas, mais submissas à quarta marcha.

Na primeira noite, acamparam num forte antigo, a metros da estrada. Era um lugar havia muito devastado. Crivado por esterco seco de algum bicho, abainhado por paredes em ruínas. Estrelas pendiam na escuridão sem teto, queimando como os campos de petróleo.

Yael sentou com as costas nas pedras desgastadas, observando enquanto Felix olhava a hora no relógio gasto de Martin (ele o tinha consertado) e revirava os cestos em busca de provisões. Notou que fizera aquilo de costas para ela, embora seu rosto estivesse com uma cor horrível. Não tinham trocado uma palavra desde os grãos-de-bico, mas palavras pareciam não significar muita coisa na relação dos gêmeos. Havia uma bandeira branca entre eles — hasteada e esvoaçante —, sem tensões. Pelo menos para Felix. Yael tinha passado boa parte do tempo na estrada revendo os fatos: Felix Burkhard Wolfe. Dificuldades para controlar a raiva. Solitário, feito ela.

— Frango ou carne? — Felix quebrou o silêncio ao andar até ela, equilibrando duas embalagens prateadas nas mãos. — Sinceramente, não tem diferença.

O último carro que consertou foi um Volkswagen. Segundo os vizinhos dos Wolfe, todo ano, no aniversário dos gêmeos, Felix visitava o túmulo de Martin e fazia vigília ali. Fato após fato após fato inútil.

Aquela interação, aquilo de ser uma irmã... não era algo que Yael pudesse fingir.

A solução era simples, dolorosa.

Ela precisava tratá-lo como um irmão. Como tratava Aaron-Klaus.

No alto, a luz das estrelas tremulou com forças muito antigas, de séculos antes. O quarto lobo ardeu em pele e memórias enquanto pegava a embalagem mais próxima. Frango.

— Fenrir — ela disse.

Felix arqueou a sobrancelha do olho bom.

— É o nome que vou dar para minha moto — Yael explicou.

— *Minha moto, você quer dizer.* — O irmão de Adele se deixou cair ao lado dela, com as costas na mesma parede decadente.

Certo. Eles não trocaram as motocicletas depois do Cairo. A Zündapp com que ela tinha começado a corrida — a Zündapp manca com que Felix tinha entrado no terceiro posto de controle — tinha ficado para trás. Fora trocada por uma das poucas substitutas com que cada posto de controle estava equipado.

— Quer de volta?

— Depois de todo o trabalho que você teve? — Felix balançou a cabeça. — Fenrir é toda sua. Onde você aprendeu a usar a arma daquele jeito, aliás?

Num vale nos Alpes, numa fazenda que não tinha nada de fazenda.

— Onde você acha?

— Becos escuros? Sótãos escondidos? — Ele deu de ombros. — Sei lá! Onde os membros da resistência costumam cometer sedição?

A maneira como Felix perguntou — com os lábios tensos e os olhos afiados de cobra — deixou claro que ele não era um membro da resistência. Devia ter recebido a informação vazada por acaso... Yael abriu a embalagem da ração com os dentes e tentou não pensar em quantas informações secretas corriam como lodo pela Europa. Gota a gota, pingando de orelha em orelha não esclarecida.

Era hora de deixar algumas migalhas. Desviar suas suspeitas com semiverdades.

— Cafés de narguilé — ela respondeu.

— Eu sabia! — Felix cerrou os punhos. Golpeou um inimigo imaginário na sua frente. — Então era você...

— Não era — Yael mentiu. — Vi você me seguindo e mandei uma garota no café trocar de roupa comigo. Ficar no meu lugar. Torci para que pensasse que tinha sido um engano. Para que deixasse para lá.

Algo como fúria surgiu no rosto de Felix.

— Você sabe o perigo em que está se metendo? Em que está metendo nossa família inteira?

Yael colocou um pedaço de frango na boca, ganhando mais alguns segundos de silêncio. *Mastigue, mastigue, mastigue. Engula o frango, cuspa a resposta.*

— Por que acha que não vou para casa? Eu me distanciei de propósito, Felix. Para proteger você, *Papa e Mama*. Por isso machuquei você no deserto. Para você ir para casa — ela explicou. — Não o queria envolvido nessa história.

— Tarde demais, Ad. Não importa se está em Frankfurt ou a mil quilômetros de distância. Se a Gestapo sentir qualquer cheiro do que você está fazendo, vão esfolar você viva. Vão esfolar *todos* nós vivos. Famílias inteiras foram levadas por muito menos.

Os olhos de Felix eram graves, como se esperasse que Yael ficasse surpresa. Mas já tinham levado a família dela embora. Já tinham esfolado sua pele. Viva. Yael a tinha visto cair como as folhas de outono. Tudo nela se despedaçara...

— O que a resistência está obrigando você a fazer?

Se ele já achava a corrida em si perigosa, surtaria ao saber o que Yael precisava fazer ao fim dela. Não podia contar para ele.

— Não estão me *obrigando* a fazer nada.

— Então você escolheu fazer isso? — ele perguntou.

Yael pensou no arquivo que Reiniger tinha dado a ela. O som de todos aqueles papéis grossos deslizando pela mesa riscada de Vlad. A vida de Adele. A morte do Führer. Explicada nos mínimos detalhes, sem margem para incerteza.

Uma escolha.

Algum dia chegou a ser uma escolha? Quando todas as curvas de sua vida levaram àquilo? Quando Babushka havia dito que ela ia “mudar as coisas”? Quando a morte deixou que escapasse, tantas e tantas vezes? Quando as estrelas lhe deram tempestades de areia? Quando podia ser qualquer uma, sentir-se como ninguém?

Yael balançou a cabeça.

— O mundo está errado.

Adele diria aquilo? Provavelmente não. Mas ela não tinha entrado para a resistência. E era tarde demais, as palavras já tinham saído de sua boca.

— A gente se conhece a vida toda. Mas nunca falamos nada porque é mais fácil não falar, porque alguém pode estar ouvindo. Pessoas desaparecem à noite e nunca mais se sabe delas. Mulheres são engravidadas como gado para o Lebensborn. Maridos, pais, irmãos, filhos, todos mortos... — Ela engasgou com a última palavra, obrigou-se a parar. O assunto era infinito. Tinha demais dela mesma. — O mundo está errado. Só estou fazendo minha parte para consertá-lo.

Ainda quente e arenoso pelo dia do deserto, o vento batia contra a velha muralha do forte. Acentuando seu silêncio. Yael observava Felix pelo canto do olho. Ele segurava o pacote de carne com os dedos tensos.

— Como você descobriu sobre a missão? — Yael perguntou.

— Foi o filho dos Schuler. — Felix quase quebrou a embalagem ao meio ao abri-la. Carne seca vazou do plástico rasgado. — Aquele da Wolfsgangstrasse, que sempre paquerou você. Achou que você estava em perigo, por isso me avisou que alguma coisa aconteceria na competição.

— Ele não tinha esse direito — Yael disse.

— E eles têm? — Felix estava agitado demais para pegar a carne do chão. — Pelo amor de Deus, Ad, você é só uma garota de dezessete anos! A resistência não tem o direito de pedir para você arriscar tudo. Por que precisa ser você?

O garoto ao lado dela era muito diferente de Aaron-Klaus. Aaron-Klaus, que a tinha encontrado. Aaron-Klaus, que acreditava num mundo melhor. Aaron-Klaus, que a tinha deixado para sempre porque “alguém precisa fazer isso”.

Não, Felix era mais como um carrapato. Do tipo que se prende a você no mato. Enganchado, teimoso, ao longo do caminho, cutucando quando tenta tirá-lo.

Ele estava cutucando agora. Olhos nervosos, observando, perguntando, precisando de uma

resposta. Um motivo.

Não o motivo *dela* (quatro + um + tinta + dor).

Pelo que Adele lutaria? O que faria Felix lutar por ela?

Yael enfiou a mão no bolso. Sentiu a tachinha de Aaron-Klaus, as dobraduras de papel amarrotadas, a boneca menor. A resposta que o irmão de Adele precisava ouvir não estava muito distante da dela. Família perdida. Partes faltando.

Tec, tec, tec, segura. Era aquilo que levaria Felix Burkhard Wolfe aonde Yael queria que fosse.

— Este mundo vai destruir nossa família. Mesmo se eu não for descoberta nesta missão, vamos ser mandados para assentamentos diferentes do Lebensraum. *Mama* e *Papa* não vão ter ninguém. Se ajudarmos a resistência, podemos mudar isso. Podemos ficar juntos. Ser uma família de novo.

Aquelas palavras doeram dentro de Yael quando as disse. Ela apertou os talismãs no bolso com tanta força que a ponta cega da tachinha rompeu sua pele.

— Estou pedindo para confiar em mim — ela disse. — Você pode desistir e ir para casa. Ou me ajudar a ganhar esta corrida. Chegar ao fim.

Felix colocou a embalagem no chão. Os ventos vindos da parede dilapidada a ergueram da poeira. Ela dançou, tremulou e girou como um ser vivo sob a luz da lanterna. Yael ficou esperando que ele perguntasse qual seria o fim, mas aquilo pareceu não importar.

— Lembra o que *Papa* falou na manhã do funeral de Martin?

A velha tachinha entrou na palma da mão dela. Não quis soltar.

— Não gosto de pensar naquele dia.

— Somos dois — ele disse, mudando a voz ao citar o pai: — “O ferro em nosso sangue nos une. Somos Wolfe. Somos mais fortes do que isso”.

Felix estendeu a mão e tocou o braço dela. Havia tantas camadas — mão sobre jaqueta sobre manga sobre curativo sobre pele sobre lobos tatuados —, mas elas não pareciam nada.

— Somos Wolfe, Ad. Confio em você. E estou do seu lado. Aconteça o que acontecer.

Muitas palavras foram ditas através de muito mais camadas — amor sobre a maior mentira de todas, sobre raiva, sobre abandono, sobre uma garotinha assustada na pista. Mas, por um momento, Yael ouviu aquelas palavras pele contra pele. Voltou os olhos para as fendas do céu noturno — seus poços de estrelas — e imaginou que Felix as tinha dito para ela, para Yael. (Afinal, havia ferro em seu sangue também.) Que aquele garoto realmente estava ao lado dela. Acontecesse o que acontecesse. Que chegassem ao fim da corrida juntos e que, de alguma forma, ele entenderia por que ela havia roubado a identidade de sua irmã, usado-a para matar o homem mais poderoso do mundo. Que ela, de alguma forma, sobreviveria ao que estava por vir. (*Vida ou morte.*)

Foi um bom pensamento. Um bom momento.

Mas, no fundo, ela sabia que Felix ia se apagar como todos os outros, tornando-se nada além de tinta na sua pele e fragmentos de pesadelos.

Ele não iria embora. Não como Aaron-Klaus. Ela mesma teria que se separar dele, como de um carrapato. Mostrar quem ela era. O que tinha feito. O que estava prestes a fazer.

E haveria dor.

Dois dias se passaram. Três corredores foram riscados num acidente feio. (A roda da frente de Rølf ficou presa na ponta afiada de uma rocha. A explosão resultante levou Dølf e Norio num emaranhado inclemente de metal e poeira.) Felix ficou ao lado dela, como disse que ficaria. Juntos, mantiveram um bom ritmo. Katsuo e Luka continuaram no seu campo de visão, nunca tragados demais pelo horizonte azul enevado. Os outros dez corredores continuaram atrás de Yael. Motores sedentos, olhares famintos. Sempre que um deles chegava perto demais e tentava cortá-la, Felix avançava e jogava o agressor para fora da pista.

Então vieram as montanhas. Não eram tão grandiosas e arqueadas quanto os Alpes, mas as pistas se contorciam através delas feito serpentes furiosas, cercadas por presas rochosas. Às vezes não havia pista, apenas saliências de rochas pouco maiores do que as rodas das motos. Felix se mantinha atrás de Yael, valente e sério enquanto ela equilibrava a moto ao longo do trajeto. Rezava para não cair.

Ela não caiu. Felix ficou mais tranquilo quando chegaram ao outro lado, motos intactas, corpos incólumes. Seus ombros tremeram quando ele olhou para o desfiladeiro que tinham acabado de ladear. Bem mais de vinte metros. Quebraria os ossos, no mínimo.

E então ela lembrou: Acrofobia: medo intenso de altura.

Ele enfrentou sua fobia por ela, sem dizer uma palavra.

— Você está bem? — Yael não precisou fingir a preocupação na voz.

— Sim. — Felix teve um calafrio ao dizer aquilo. — Como você acha que a equipe da Reichssender e os furgões de suprimentos vão passar por isso?

— Eles devem pegar outra rota. Dando a volta pela cordilheira. — O que significava que estavam sozinhos naquele trecho. Sem possibilidade de erro. Rações envenenadas ou panes mecânicas durante aquele pedaço poderiam ser o fim.

— Sorte a deles. — As sobancelhas de Felix se contraíram atrás dos óculos de proteção. — Melhor a gente ir, antes que Luka e Katsuo avancem demais.

Mas não havia o que temer naquele aspecto. Algumas curvas e declives depois, encontraram a dupla, parada no meio da pista. Os motores desligados, sem capacetes. Yael parou sua Zündapp.

Eles tinham chegado a uma via sem saída.

As montanhas marrons escarpadas dos dois lados da estrada tinham desmoronado, enchendo a pista de terra e pedras. Algumas eram muito maiores do que Katsuo, que tentava escalá-las. Luka estava encostado na moto, observando preguiçosamente e tirando um cigarro da cigarreira prateada. Yael estacionou sua Zündapp a uma boa distância da dele e manteve uma mão no bolso da P38 enquanto tirava os óculos de proteção e dava uma boa olhada na situação.

Não havia como passar por ali. Era tão íngreme que Katsuo precisava usar as mãos para se equilibrar enquanto escalava. Quando chegou ao topo, era uma miniatura.

— Deslizamento de terra — Luka resmungou.

— Dá para ver, *dummkopf* — Felix murmurou entre os dentes enquanto estacionava ao lado de Yael.

— Parece recente. — Yael desceu da moto. Os escombros na pista ainda estavam encrespados. Não alisados pelos elementos da natureza. Ela os seguiu com os olhos, analisando as encostas.

O irmão de Adele pegou um punhado de terra solta e a deixou escorrer por entre os dedos. Katsuo se agachou na montanha lá no alto. Luka colocou o cigarro entre os lábios e ficou procurando um fósforo.

Então Yael viu. Segurou o ar.

— Alguém fez isso de propósito — ela disse. — Olhem.

Felix seguiu a direção de seu dedo. Até a encosta lá no alto, onde a terra tinha sido escavada. Os buracos lembraram Yael das cicatrizes de bomba que marcavam os prédios da Europa. A marca de explosivos.

— Mas por quê? Quem? — Felix perguntou.

Yael tirou a pistola do bolso. Manteve os olhos nas encostas. Havia sombras nos bolsões de pedra. Lugares demais onde se esconder.

Luka não estava mais recostado. Deixou cair a cigarreira e levou a mão ao bolso de trás da calça, tirando sua arma.

— *Scheisse* — ele murmurou, e apontou a Luger para as colinas feridas.

Mas os pontos escuros das montanhas já estavam se levantando, separando-se. Homens saíram das sombras, enchendo o vale com rifles Mosin-Nagant (7,62 mm) nos braços. Soviéticos. Mais precisos do que Yael gostaria, os canos apontados para o peito dela.

— Abaixem as armas! — Foi o comando alto em alemão do homem na frente do bando, seguido por uma torrente retumbante de russo. — Sigam o garoto na encosta. Não deixem que fuja. Não podemos correr o risco de deixar pontas soltas.

Dois homens se separaram do restante e começaram a escalar a terra instável. Uma olhada para cima mostrou para Yael que Katsuo tinha sumido. Apenas um sopro de pó no lugar dele.

— Abaixa a arma, *Fräulein* Wolfe. — O comandante falou em alemão novamente. — Preferimos manter você inteira.

Duas pistolas não tinham a menor chance contra tantos rifles. Yael se agachou, colocando sua preciosa P38 no meio da pista arruinada, ao lado da arma de Luka. Elas pareciam pequenas e inúteis entre as rochas.

— De joelhos — vociferou o comandante. — Mãos na cabeça.

Ela se ajoelhou, estudando o grupo enquanto fazia aquilo. Havia quase vinte no total, incluindo os homens que tinham ido atrás de Katsuo. Seus uniformes tinham visto dias melhores (alguns nem os estavam usando), mas era fácil ver que eram o que havia restado do Exército soviético. Fantasmas do espaço branco no mapa de Henryka.

Apesar de a União Soviética já estar ruindo antes da invasão de duas frentes do Eixo, tinha sido a Grande Vitória de Hitler que a estilhaçara por completo, tomando todos os pedaços de terra até os Urais. Moscou. Leningrado. Todas as cidades e suas fazendas circundantes foram dominadas pelo Lebensraum — a expansão oriental necessária da raça ariana. O resto, afirmava o Reich, pertencia à Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental. Mas o imperador Hirohito tinha os olhos fixos no Pacífico, de maneira que as regiões remotas da

Sibéria ficaram intocadas. Era uma terra devastada, sem infraestrutura ou exportações, reduzida a uma vida feudal.

Havia histórias de ataques na fronteira oriental do Lebensraum, nos Urais, mas Yael nunca tinha ouvido falar de guerrilheiros tão ao sul. O que estavam fazendo tão longe da fronteira? E por que estavam apontando armas para alguns dos jovens premiados do Eixo?

Yael ouviu em busca de respostas enquanto a língua de Babushka ia e vinha entre eles:

— Onde estão os outros corredores?

— Atravessando a cordilheira. Nossos camaradas vão vir por trás, para garantir que não haja nenhuma fuga.

Nossos camaradas. Era um pelotão inteiro.

— Vamos levá-los para a base. — O russo do comandante retumbou pelo vale. — Camarada Gromov, quando os outros corredores forem detidos, radiografe Novosibirsk. Avise que a primeira parte da operação está completa. Fale que aguardamos instruções.

— Sim, camarada comandante Vetrov.

Yael manteve a expressão aturdida, pontuada de interrogações, enquanto os soldados amarravam suas mãos. Adele não falava russo. Nem Felix ou Luka — um fato que ficou claro pela cara deles.

— Levantem! — o soldado atrás dela ordenou num alemão ruim. — Venham comigo.

Ela se levantou. Começou a andar sob o estímulo da Mosin-Nagant dele. O rifle a levou na direção da colina. As entranhas de terra e rochas que eles tinham estripado da terra.

— E as motocicletas? — Um dos homens cutucou a moto de Katsuo com o rifle.

O comandante Vetrov se virou sem olhar.

— Deixe onde estão. Não vão mais precisar delas.

PRESENTE

25 DE MARÇO DE 1956

A “base” era uma vila abandonada. Casas quadradas de pedra se empilhavam como bloquinhos de brinquedo ao longo da encosta. Estavam a uma boa distância da rota do Tour do Eixo, depois de pelo menos trinta minutos amontoados na traseira de um caminhão. Enquanto chacoalhavam no transporte — entre xingamentos, membros apertados e trevas —, Yael fechou os olhos e pensou no mapa do escritório de Henryka. Oficialmente, estavam no espaço mapeado em vermelho, território do Reich. Na prática, era terra de ninguém, composta por vilas esvaziadas e estradas em ruínas, a sudoeste do vazio branco.

O lugar perfeito para os corredores do Tour do Eixo sumirem sem deixar vestígio.

Os soldados os guiaram até uma casa no centro da vila. Um único cômodo grande com janelas vedadas. Havia espaço mais do que suficiente para os treze. Todos com exceção de Katsuo.

Segundo os guardas, ele havia desaparecido. Yael se posicionou o mais perto possível da porta, onde podia ouvi-los tagarelando em russo, que achavam que nenhum dos prisioneiros era capaz de entender.

No entanto, era difícil ouvir quando o cômodo dela estava atulhado de medo e discussões prestes a estourar.

— Vocês acham que vão nos matar? — choramingou um dos alemães. (Ralf, talvez? Primeiro ano, nenhuma ameaça.)

— Ouvi dizer que os comunistas tiram suas unhas uma a uma e fazem você comer depois! — Lars disse ao lado dele. A boca de Ralf se contorceu, como se estivesse prestes a vomitar.

Luka resmungou, reposicionando os braços amarrados contra a parede atrás dele.

— Daria todas as minhas unhas por um cigarro agora.

— Eles não têm nada a ganhar com nossa morte. — O japonês de Yamato fluiu do outro lado da sala. Mesmo em cativeiro, os alemães e os japoneses se sentaram separados. Luka, Felix, Yael, Karl, Lars, Ralf de um lado. Yamato, Iwao, Takeo, Taro, Isamu, Masaru, Ryoko do outro. — Não por enquanto.

Os corredores alemães olharam para ele, sofrendo para traduzir mentalmente. Embora a maioria dos motoqueiros estudasse a língua do outro país, era raro que realmente se comunicassem.

— Ele disse que os soldados não têm motivos para nos matar. — O alemão de Ryoko era devagar, sílabas lentas e uma gramática dolorosamente correta, mas todos que ouviram entenderam.

— Katsuo mandou não falar com eles! — Takeo sussurrou para a garota em japonês.

— E onde está Katsuo? — Ryoko respondeu. — Que belo líder, não? Obrigando vocês a fazer seu trabalho sujo, mas os abandonando ao primeiro sinal de perigo!

O outro corredor se sentiu afrontado.

— Tsuda Katsuo vai ganhar a Cruz Dupla e trazer honra para nossa nação! Tenho orgulho de ajudar o vencedor! E você também deveria ter!

— Não vai ter Cruz Dupla *nenhuma* se não sairmos daqui — Ryoko lembrou. — Os alemães podem nos ajudar.

— Os alemães não são nossos amigos — Takeo disse. — Não importa quantos presentes você deixe embaixo do travesseiro da Wolfe.

O rosto da garota ficou pálido.

— Eles vão arrancar nossas unhas primeiro! — O alemão de Lars subiu num lamento. Abafando a conversa em japonês. — *Depois* vão nos matar!

— Dá para calar a boca? — Yael repreendeu a sala toda. Sua cabeça estava latejando, ribombando com planos e a impossibilidade da situação diante deles. A faca continuava em sua bota, mas não era suficiente. Pelo que tinham visto na entrada, a vila estava bem protegida.

Nenhum dos corredores a desafiou. Um silêncio instável caiu sobre a sala, interrompido apenas pelo arranque do motor dos caminhões e pela conversa dos guardas.

— Temos duas horas até os furgões de suprimento completarem o desvio e descobrirem que os corredores sumiram. Nossa esperança é encontrar o japonês antes de nos transferirmos.

— Ele não pode ter ido muito longe.

— Os batedores juram que desapareceu. Não é nenhuma grande perda, na verdade. Os corredores que temos devem ser moeda de troca suficiente.

Duas horas. O tempo deles estava acabando. Yael duvidava que Katsuo fosse voltar para resgatá-los.

— Algum plano? — Felix sussurrou no ouvido dela.

Não. Ela sabia que Reiniger mantinha contato com Novosibirsk, onde estavam instalados os resquícios do governo da União Soviética. Tinha visto as mensagens entregues a ele em símbolos cirílicos. Mas Reiniger nunca lhe permitira chegar perto o bastante para ler o conteúdo daquelas cartas. Não estava relacionado à missão dela, ele argumentava. Yael não precisava saber, para que não tirassem dela sob tortura caso fosse capturada. Desconfiava que aquela linha de pensamento tinha duas vias. Pelo jeito, Reiniger não tinha considerado necessário comunicar os detalhes da missão dela para os russos.

Ele nunca pensou que ela seria capturada pelos próprios aliados.

O protocolo era: não revele nada. Muito menos sob pressão.

Mas Yael não via outro caminho no momento. Sua habilidade de trocar de pele não ajudava em nada numa vila apenas com homens. E uma faca contra todo um pelotão... A única arma eficaz que tinha era a verdade.

Ela deu meia-volta e chutou a porta de madeira com as botas. A conversa dos guardas cessou.

— Camaradas! — gritou para eles.

— Está louca, *Fräulein*? — Luka fechou a cara. — Estão a dois passos de atirar em nós!

Ela o ignorou e continuou a espancar a madeira. A porta se abriu. A luz da tarde entrou rapidamente com o cano de um rifle. Yael ficou paralisada.

— Silêncio! — o guarda ordenou com um avanço de seu Mosin-Nagant.

— Preciso falar com seu comandante. — O alemão saiu trôpego de sua boca, confuso e rápido, antes que pudesse fechar a porta novamente. O guarda franziu a testa; ela pôde perceber que ele estava tentando interpretar suas palavras. — Vetrov — ela tentou novamente. — Me deixe falar com Vetrov.

Uma segunda silhueta surgiu à beira da porta. O outro guarda. Seu alemão era melhor.

— Por quê? O que tem a dizer a ele?

O rifle do primeiro guarda ainda estava apontado para seu peito. Mais do que aquilo, porém, Yael sentia os doze pares de olhos e ouvidos na sala atrás dela. Se funcionasse, ela precisaria manter o disfarce. Não podia parecer que estava colaborando com os russos.

— O japonês. Aquele que fugiu. Sei onde pode estar. — Era a única coisa em que conseguiu pensar que poderia levá-la ao escritório de Vetrov sem levantar suspeitas dos outros. Ela torceu para que os guardas mordessem a isca.

— Viu? — Takeo falou na sala atrás dela. — Os alemães não são nossos amigos.

O guarda fluente estendeu o braço, abaixando a arma de fogo do companheiro.

— Onde?

Ela balançou a cabeça.

— Quero ver Vetrov. Só vou falar para ele.

Os soldados se entreolharam por um momento, consultando-se em murmúrios de russo de que ela não conseguia ouvir completamente.

— Venha comigo. — O segundo guarda a puxou pelo braço, para fora da casa.

— Aproveite para pedir para devolverem meus cigarros. — A voz orgulhosa de Luka saiu pela porta que se fechava. Foi estranho, mas ela se sentiu reconfortada por aquilo enquanto o guarda com bom alemão a levava através da vila até outra casa abandonada.

O comandante Vetrov estava inclinado sobre sua mesa improvisada, como uma usina abandonada por semanas a suas próprias máquinas. Até seus olhos tinham a cor de aipo empapado — aquosos, cansados — quando pousaram em Yael e seu guarda. Ele se sentou ereto e fez sinal para que entrassem na sala.

— O que ela está fazendo aqui? — Seu russo era cortante, pontuado de exaustão.

— Ela diz que...

Yael interrompeu. Seu russo era tão fluente quanto muitos anos antes, quando passava as noites com Babushka.

— Mil perdões, camarada comandante, mas eu precisava falar com o senhor em particular. Longe dos outros corredores.

— Eu não sabia que falava nossa língua, srta. Wolfe.

— Não sou a srta. Wolfe.

E lá estava. A verdade. Todas as mentiras desnudadas numa única frase.

Ela esperou — tão exposta quanto a boneca menor — enquanto um vento leve da montanha

atravessava as janelas abertas. Chacoalhava pilhas de papel e curvava a ponta do mapa de Vetrov. Soprava alguns dos fios angelicais de Adele na cara de Yael. Observou por entre a franja enquanto o rosto do comandante se contorcia e revirava. Várias vezes ele abriu a boca, mas não disse uma palavra.

— Sou parte da resistência. Minha missão era roubar a identidade de Adele Wolfe e participar do Tour do Eixo. Já faz algumas semanas que estou me passando por ela.

— Então está me dizendo que não é a srta. Wolfe? É... outra pessoa?

Yael assentiu.

Os olhos de Vetrov não estavam mais lânguidos. Tinham um tom de menta cortante quando ele os estreitou na direção dela.

— Está mentindo.

Ela apontou com a cabeça para a aliança dourada no anelar direito dele.

— O senhor tem uma foto de sua esposa?

— Sim, mas...

— Mostre para mim — ela disse.

Pelo inchaço das veias do pescoço dele e pelo afinar de seus lábios, Yael imaginou que ele fosse gritar “*Nyet!*”, mas o comandante levou a mão à lapela. Tirou uma foto em preto e branco, gasta e adorada. Olhada muitas vezes. A mulher estampada no papel tinha o cabelo escuro e um sorriso cinza e triste. Que combinava com seus olhos.

Yael guardou a imagem da mulher no fundo de si mesma. Colocou a tristeza e o cinza em suas próprias íris. Atrás de seus lábios. O cabelo que roçava suas bochechas ficou escuro, mais pesado. Precisou adivinhar um pouco as cores, assim como tinha feito com a fotografia de Bernice Vogt tanto tempo antes. Mais uma vez, funcionou.

O comandante Vetrov observou aquela versão perturbadora de sua esposa com uma calma extraordinária. Ele juntou as mãos sobre o mapa.

— Entendi.

O guarda atrás dela não se assustou nem fez menção de pegar o Mosin-Nagant. Algo não estava certo. Ambos tinham acabado de vê-la se transformar, tornar-se outra pessoa, e sequer pestanejaram. Os olhos do comandante Vetrov estavam ainda mais alertas (um jardim inteiro de viço), mas era mais de reflexão do que de surpresa.

Talvez fosse porque eles eram soldados. Treinados para ver o impossível, lidar com o espanto. Mas os outros também eram. Como Reiniger, que tinha praguejado e ficado tão branco que parecia morto. Como Henryka, que tinha ficado de boca aberta por uns bons dois minutos antes de conseguir fechá-la. Como Vlad, que tinha levado a mão à gaveta de facas de caça antes que Reiniger conseguisse acalmá-lo. Explicar as coisas.

Era tudo muito estranho.

— Não sou Adele Wolfe. — Era estranho dizer aquilo em voz alta depois de tantos dias repetindo o oposto a si mesma. Yael continuou, tentando abalar a apatia dos homens. — Vocês estão cometendo um grande erro ao parar esta corrida. Se eu fracassar na minha missão, toda a resistência vai sofrer.

— E qual é exatamente sua missão?

Mentir seria natural, simples. O que ela era treinada para fazer. Mas Yael também tinha sido treinada para interpretar situações, e ela podia sentir a tensão naquela sala — os anos combatendo em guerras e guerrilhas que pesavam sobre os ombros do comandante Vetrov, uma amargura contra o Reich em seus olhos. (Yael reconheceu aquelas coisas porque ela própria as carregava.) Sabia que apenas a verdade convenceria aquele homem. Apenas a verdade tinha a chance de libertá-la.

— O Terceiro Reich está apodrecendo por dentro. As pessoas estão descontentes com a Nova Ordem, incluindo algumas dos círculos mais próximos do Führer. A resistência vem crescendo, estabelecendo contato bem debaixo do nariz da Gestapo. Somos fortes o bastante para mudar as coisas agora. Todas as células em todas as cidades estão à espera do sinal para se revoltar e destruir a Nova Ordem. Minha missão é dar esse sinal. Matar o Führer no Baile da Vitória. Para que o mundo todo veja.

A enormidade das palavras de Yael encheu a sala, enfiando-se em todos os cantos.

Daquela vez, Vetrov pareceu surpreso.

— Você vai matar o Führer?

— Só se eu vencer o Tour do Eixo, o que vai ser impossível se vocês sequestrarem todos os participantes — Yael disse, áspera. — Precisa nos libertar.

— Vai ser difícil — o comandante falou para ela enquanto guardava a fotografia da esposa. — Minhas ordens vêm diretamente de Novosibirsk. Precisávamos capturar os corredores do Tour do Eixo para usar como barganha política para retomar nosso território ocidental.

— Barganha? — Yael não conseguia acreditar na palavra que saía de sua boca. — Como Novosibirsk espera manter corredores reféns sem levantar a ira do Hitler?

Vetrov deu de ombros.

— Como você mesma disse. O Terceiro Reich está apodrecendo, à beira da ruína. Fomos... alertados de que havia um golpe no horizonte. Estamos apenas tentando retomar o território que roubaram antes que a anarquia tome conta.

— Mas não vai funcionar. O Reich não vai cair a menos que eu dê o sinal. E isso só vai acontecer se vocês nos soltarem.

O comandante franziu a testa.

— Se eu soltar vocês, poderia ser considerado traição.

Traição. Enfrentar um esquadrão de fogo e a ponta dos canos de suas armas. Que comandante correria aquele risco?

— Isso não passa de um grande mal-entendido — Yael disse. — Erwin Reiniger é o meu comandante, e sei que está em contato com Novosibirsk. Foi ele que alertou vocês do golpe. Se mandar uma mensagem para eles e explicar a situação...

O comandante Vetrov se levantou devagar.

— Vou mandar uma comunicação para Novosibirsk. Mas não posso garantir sua liberdade. Agora gostaria que parasse de imitar minha esposa, srta. W... — O oficial se interrompeu antes de dizer o nome falso dela. — Qual é seu nome, exatamente?

Yael voltou para o corpo de Adele. O cabelo e os olhos invernais que lhe caíam como uma luva.

— Se perguntarem, pode dizer que me chamo Volchitsa. — Ela sabia que apenas seu codinome teria valor. Reiniger o teria passado aos soviéticos, se é que havia passado alguma coisa.

— Volchitsa. — O oficial repetiu o nome de forma que Yael, mesmo com seu russo impecável, não conseguia imitar. Com a mesma cadência incrustada que sua velha amiga usava, com o amor de uma língua materna. — Loba. Escolha interessante.

— Não fui eu que o escolhi — ela lhe disse. — Ele me escolheu.



Yael passou uma hora encostada na parede oposta do escritório improvisado do comandante Vetrov. Observando o sol da tarde atravessar as janelas, sobre as fendas da casa esquecida. Contando caminhões, homens e armas que passavam pela janela. (Três caminhões. Vinte e três homens. Armas demais.)

O guarda ficou do outro lado de Yael. Estava claro que não a via — de pernas cruzadas no chão sujo, mãos amarradas — como uma ameaça. Parecia relaxado: ombros baixos, rifle caído ao lado do corpo. Teria sido fácil dominá-lo — dar uma rasteira, deixá-lo inconsciente, usar a faca ainda escondida na bota para cortar suas cordas.

Ela até conseguiria fugir do acampamento, pensou. Se tirasse o uniforme dele, usasse-o com uma altura extra, cabelo curto e a boina abaixada sobre os olhos.

Mas aquilo não ajudaria. Não de verdade. Ela precisava vencer o Tour do Eixo e, para isso, precisava dos outros corredores. Não conseguiria tirar doze corredores de um pelotão discretamente em apenas uma hora.

Uma longa sombra cresceu no batente, materializando-se na forma do comandante Vetrov, de rosto inflamado. Yael se levantou, com os pulmões tão cheios quanto um balão de ar quente enquanto o oficial soviético caminhava de volta à sua mesa.

— Conversei com meus superiores. Eles não têm conhecimento de nenhuma comunicação com Erwin Reiniger ou do nome Volchitsa.

Yael sentiu o ar deixar seus pulmões. Caindo, caindo, caindo rumo à terra.

— Recebi ordens de levar você a Novosibirsk — continuou o comandante. — Para poderem confirmar sua história.

A Novosibirsk? A cidade ficava a milhares de quilômetros na direção errada. Significaria o fim de sua corrida. O fracasso de sua missão.

Não agora. Ela tinha chegado tão longe, lutado tanto...

Os olhos do comandante se voltaram para o guarda.

— Aleksei, retome seu posto na casa dos prisioneiros. Deixe a garota. Eu cuido dela.

Depois que o guarda saiu, deixando-os a sós, o comandante soviético suspirou. Aquilo o pressionou contra a cadeira de escritório.

— Não somos nada sem uma moeda de troca. — Yael tentou não gritar ao ouvir aquilo. — Se voltar para Novosibirsk, a resistência não vai atacar. O Reich vai continuar forte como nunca e, depois de ameaçar a vida de seus jovens valiosos, eles vão nos invadir. Arrasar

Novosibirsk. É melhor para todos se deixarmos vocês irem. A questão, Volchitsa, é que acredito em você, mas minhas mãos estão atadas. — Ele apontou com a cabeça para os braços de Yael ao dizer aquilo. Braços que realmente estavam amarrados com corda. — Se deixar vocês irem, minha vida e a dos meus homens vai estar perdida.

Yael pensou que seu ar acabaria. Que seu peito não pararia de apertar. Aquilo parecia não ter fim.

O oficial soviético apoiou a mão na mesa. Ela caiu com mais força do que deveria: com uma pancada sobre os papéis esparramados. Quando os dedos de Vetrov recuaram, Yael viu o motivo. A Walther P38 dela estava em cima do mapa — sobre coordenadas, marcas vermelhas e países que havia muito tinham perdido seu nome.

Vetrov empurrou a pistola com o nó dos dedos. Através de fronteiras. Na direção de Yael. — Mas, se vocês escaparem por conta própria... é uma história completamente diferente.

PRESENTE

25 DE MARÇO DE 1956

— Demorou, hein? — A voz de Luka foi a primeira a receber Yael quando ela foi empurrada de volta para a cela dos corredores. Mesmo com os braços atados, o garoto tinha o ar relaxado de um leão. — Nada de cigarros?

Yael se esforçou para não revirar os olhos enquanto passava pelas pernas estendidas de Luka. Não, ela não tinha cigarros. Mas tinha a arma que Vetrov colocara discretamente no bolso de sua jaqueta e um plano. As duas coisas estavam em seu peito enquanto ela se acomodava ao lado do irmão de Adele.

— O que está fazendo, Ad? Ficou muito tempo fora. — Felix engoliu em seco. — Pensei que tinha acontecido alguma coisa.

— Sim, o que você estava fazendo, *Fräulein*? — Luka se sentou ereto. — Falando sobre o clima?

— Ela estava dedurando Katsuo para os comunistas — Takeo disse em japonês, fechando a cara do outro lado das sombras do cômodo. Sombras que ficavam mais densas a cada minuto que o sol afundava atrás das montanhas, expandindo seu vale com o começo do crepúsculo.

Felix ficou tenso ao seu lado. Pelo canto do olho, pôde ver a mandíbula dele cerrar. Seu olhar gélido estava cravado em Luka, que notou e abriu um sorriso maldoso em resposta.

Aquela era a oportunidade perfeita para deixar os rapazes para trás. Apenas ela tinha uma arma. Apenas ela sabia que havia uma caminhonete estacionada na fronteira da vila. Apenas ela sabia que o comandante Vetrov chamaria todos os homens para uma reunião às seis horas. Os únicos soldados entre eles e a caminhonete seriam Aleksei e o outro guarda à porta.

Mas ela não poderia terminar a corrida sem eles. Não *haveria* corrida sem eles.

— Estava avaliando o terreno. — Yael tirou a faca da bota enquanto murmurava aquilo. Foram necessárias algumas tentativas. Ela precisou dobrar o corpo em ângulos desconfortáveis (o que seria impossível se Yael não tivesse usado sua habilidade de mudança de pele para alongar os braços de Adele alguns centímetros), tateando em busca do cabo com os dedos pálidos. Depois de tirar a faca, ela se virou, encaixou o cabo entre as solas das botas de Felix e começou a cortar as cordas que prendiam suas mãos.

Todos os olhos no cômodo a observavam cair. Yael esfregou os punhos para fazer o sangue voltar a correr, depois começou a cortar os fios grossos da corda de Felix.

A coluna de Luka se endireitou ainda mais, seus olhos se estreitaram.

— Avaliando *qual* terreno?

Outro lampejo prateado e Felix estava livre. Yael perscrutou pelas barras enferrujadas da

janela. A luz pastel iluminava o cume das colunas — pontas afiadas e luz baixa. Precisavam agir rápido; eram quase seis horas.

— Tem um monte de veículos de carga a algumas centenas de metros daqui. Alcançamos um deles e temos uma chance de dar o fora. — Ela encarou Luka e apontou a faca. — Quer escapar ou não?

Os olhos dele se afiaram contra a lâmina, igualmente cortantes. Por fim, Luka se virou, oferecendo as mãos.

— Então... o quê? Vamos simplesmente sair andando e dirigir para longe?

— A maioria dos homens está concentrada no norte da vila. — Yael cortou as cordas dele enquanto falava aquilo, passando a faca adiante para que Luka pudesse fazer o mesmo por Lars. — Se conseguirmos dar conta dos dois guardas na porta, podemos descer até as ruas paralelas a oeste, sem ser vistos. Chegamos a um caminhão e o roubamos. Vamos estar a quilômetros de distância quando perceberem que desaparecemos.

Yael notou que Ryoko estava ocupada traduzindo seu alemão. Explicando a situação. Os corredores japoneses ouviam em silêncio, com o rosto paralisado. Sem revelar nada.

— E se formos pegos? — um dos japoneses mais novos (Masaru, catorze, nenhuma ameaça) perguntou a Ryoko quando ela terminou de explicar. — Wolfe pensou nessa possibilidade?

— Eles vão nos matar! — Takeo repetiu duas vezes. A primeira em japonês. A segunda em alemão, para que toda a sala pudesse entender o que estava prestes a acontecer.

Todos os olhos se voltaram para Yael, esperando que ela dissesse a Takeo que ele estava enganado.

Infelizmente, Takeo não estava. Vetrov tinha deixado aquilo claro. Se seus homens os vissem correndo, atirariam. E o comandante não faria nada para impedir.

Aquela era uma fuga real. Um jogo de vida ou morte.

— Podemos não ser amigos, mas não precisamos ser inimigos. Se trabalharmos juntos, vamos escapar. Todos nós. — Yael olhou para Ryoko ao falar aquilo. Um sorriso perpassou os lábios da garota quando ela se virou para traduzir.

Takeo não disse nada. Quando suas cordas foram cortadas, ele passou a faca de Yael, tirou seu Higonokami da bota e o abriu. A ponta do canivete tinha sido afiada tantas vezes que ao menor toque atravessou as cordas do corredor seguinte. Ele lançou um olhar penetrante para Yael (muito, mas muito menos afiado que qualquer olhar de Katsuo) e passou a prezada arma para Yamato. Pelo cabo de bronze.

As duas lâminas percorreram a sala, libertando os corredores. Quando a faca de Yael finalmente voltou para ela, a garota se levantou e caminhou até a porta. A fechadura entre eles e os guardas era simples. Levaria segundos para arrombar.

— Se quiserem ficar, tudo bem. Eu vou — ela disse. — Se quiserem viver, sugiro que façam o mesmo.

Todos os corredores se levantaram. Yael esperou até estarem próximos da porta. Enfiou a lâmina no calço com toda a força.

Lasca, empurra, *tec*.

Felix avançou com os ombros na madeira.

CRASH.

Aleksei nem teve tempo de gritar antes que Luka se jogasse em cima dele. Derrubando o guarda num raio de couro e velocidade. (Aqueles músculos abdominais não eram só estéticos.)

O irmão de Adele cuidou do outro guarda. Dois socos no queixo depois, o soldado estava no chão. Desarmado.

— Vamos! Rápido! — Yael sussurrou. Os guardas estavam apagados. Luka se debruçou sobre o corpo imóvel de Aleksei, com o Mosin-Nagant enfiado embaixo do braço, passando os dedos pelos bolsos do guarda inconsciente.

Como Vetrov tinha avisado, aquela área da vila estava vazia, repleta de casas abandonadas em ruínas. A caminhonete estava ao pé da colina, alguns metros acidentados depois da última casa esquecida. Yael liderou o caminho, joelhos rangendo ao descer a ladeira íngreme. Suas botas escorregavam pelas últimas camadas de cascalho enquanto se esforçava ao máximo para não cair.

Eles estavam no meio da descida quando soou o primeiro tiro. Sem gritos, sem aviso. Apenas um brado trovejante de rifle. Atravessando a crista de montanhas agrestes. Arrancando o ar do peito de Yael.

O grito que se seguiu foi fraco em comparação.

— Eles estão fugindo!

Outro tiro. O paredão perto da cabeça de Yael rachou esburacado. Ela parou de se preocupar com o cascalho, correu mais rápido. Até seus pés mal tocarem o chão. Estava escorregando ladeira abaixo, flutuando numa rebentação de rochas.

Acima dela, atrás dela, todo aquele barulho. Luka soltando palavrões. Botas e garotos escorregando. Gritos e tiros.

Finalmente, *finalmente*, chegou ao pé da colina. Mais alguns passos a levaram à porta da boleia do caminhão. Yael a abriu, viu o cenário atrás dela.

O esquadrão de Vetrov se amontoava como uma tempestade no topo da colina. A boca dos rifles iluminada ao princípio do crepúsculo. Uma saraivada de chumbo e angústia contra os fugitivos.

Os garotos já estavam se empilhando na traseira da caminhonete. Cortando sua própria nuvem de fumaça. Ralf, Lars, Masaru, Iwao, Karl...

Felix chegou correndo ao lado de Yael.

— Rápido, Ad!

Taro, Ryoko, Isamu...

Dez. Era o número que tinha chegado à caminhonete. Dez de treze. Não havia mais silhuetas atravessando a densa, densa nuvem de fumaça. Apenas tiros de rifle e homens correndo colina abaixo.

— Temos que ir! Agora! — O irmão de Adele gritou. Os soldados de Vetrov estavam a meio caminho da caminhonete. Rolando na mesma velocidade das rochas.

ELE ESTÁ CERTO VÁ VÁ SALVE OS QUE PUDER.

O décimo primeiro apareceu: Takeo, com a lâmina da Higonokomi nas mãos, jogando-se na traseira da caminhonete. A nuvem atrás dele estava começando a diluir o bastante para que

Yael visse os dois últimos. Um menor e tropeçando, ferido. Outro logo atrás, tentando conter o dilúvio com seu único rifle.

E um exército descendo pela colina.

Eles não conseguiriam chegar.

Não sozinhos.

— Precisamos deixar os dois! — Felix já estava dentro da boleia, remexendo no painel, procurando a ignição.

VÁ VÁ SALVE OS QUE PUDE.

As linhas na alma de Yael afundaram feito garras. Seu terceiro lobo uivou (todo culpa, todo arrependimento), a pista à frente dela cheia. Cheia demais. De garotos que não conseguiriam chegar. Do exército atrás deles.

Importava?

SALVE OS QUE PUDE.

Posso salvar todos, Yael rebateu. Para si mesma.

— Dê partida na caminhonete! — ela gritou para o irmão de Adele e saiu em disparada antes que ele pudesse detê-la. — Vou voltar!

Ela correu de volta na direção do tiroteio e viu a boca de Nagao Yamato contorcida de dor, com passos mancoss e irregulares. Quando Yael se aproximou, viu o motivo: o pé direito dele estava dobrado, torcido. Toda vez que seu peso caía sobre ele, o garoto gritava, mas continuava em frente.

Logo atrás, incentivando o corredor ferido aos gritos, estava Luka. O vencedor era uma visão tenebrosa. Esbaforido e selvagem; o rosto manchado de vermelho feito uma pintura de guerra. Ele estava de costas para Yamato, o rifle roubado enfiado no ombro. Mira e BUM. Um soldado acima deles se dobrou, caiu imóvel na encosta.

Um de uma dúzia.

— Rápido, Yamato! — Luka gritou num japonês troncho enquanto girava a culatra e encaixava um segundo cartucho.

A terra voava em volta dela: rocha, metal, morte. Mas Yael continuou correndo na direção de Yamato. Ajeitou o braço dele em seu pescoço e começou a empurrá-lo para a frente.

Seis metros. Cinco. Quatro. Yael pôde ver o rosto de todos os outros corredores — pálidos e nervosos, sensíveis como pérolas disformes. Fumaça saía pelo escapamento.

A arma de Luka disparou uma segunda vez.

Três metros. Dois. As mãos dos outros corredores estavam esticadas para fora da caminhonete. Braços brancos. Dedos fantasmagóricos. Tentando, tentando pegar...

Um metro. Nenhum.

O peso de Yamato foi tirado de seu ombro. Yael subiu no para-choque da caminhonete. Ela já estava se movendo, afastando-se sob o pé pesado de Felix enquanto se alçava para cima. Yamato entrou ao lado dela, puxado por Takeo e Taro.

Luka.

Ela subiu para as tábuas de madeira áspera da carroceria e o viu correndo, com o semblante carregado atrás da máscara de fumaça. Os braços ao vento. Atrás dele, o primeiro soldado. Tão

perto que Yael pôde ver as estrelas bordadas nos uniformes — tão vermelhas quanto o rosto ensanguentado de Luka.

Ele era rápido, mas o soldado atrás era mais. Ganhando terreno entre eles com avanços de botas pretas. Seus braços estendidos com garras de dedos famintos.

Ele não vai conseguir chegar.

Yael levou a mão ao bolso da jaqueta, tirou a pistola que Vetrov tinha lhe devolvido. Ela a ergueu, mirou, tentando ignorar a caminhonete tremendo. Prendeu a respiração e apertou o gatilho.

Ela estava cansada de deixar pessoas para trás.

Houve uma explosão de tecido e vermelhidão perto do joelho do soldado. Ele caiu aos gritos enquanto Luka corria, corria, corria. Lançando-se na traseira da caminhonete. Caiu tão perto de Yael que ela sentiu a barba rala dele roçar sua bochecha. Sentiu o cheiro pegajoso do sangue dele.

Ela ergueu a arma novamente e avaliou o campo. Mas não havia necessidade. O motor da caminhonete uivava na última marcha. Rodas giravam mais rápido do que um mortal era capaz de correr. Os homens de Vetrov se tornaram silhuetas, sombras embaçadas, e então nada.

Yael guardou a pistola. Sua mão ainda tremia, mas não por causa da caminhonete.

Estavam todos ali, nenhum havia sido deixado para trás: Yamato no canto mais distante, abraçando o tornozelo torcido. Ryoko ao lado dele, examinando o ferimento. Takeo, Isamu, Lars, Masaru, Ralf, Taro, Karl, Iwao... todos estatelados e esbaforidos nas tábuas da carroceria. Felix na boleia, o pé no pedal e as mãos no volante.

E Luka, ainda caído contra ela. Com a respiração arfante e o rosto cheio de sangue. Suas bochechas mancharam toda a roupa de Yael de vermelho. Ela não teve coragem de afastá-lo.

— Eles vão nos seguir! Vão nos seguir e nos matar! — Lars ficou observando a escuridão atrás deles. O terror em seus olhos era novo, assustador. O medo de quem nunca tinha sido perseguido.

Yael teve inveja.

Takeo, que estava sentado ao lado do alemão, balançou a cabeça.

— Não vão.

— Como se você pudesse saber! — O pânico tinha se espalhado dos olhos de Lars para o resto de seu rosto.

Takeo ergueu seu canivete Higonokami. Manuseou a lâmina como um objeto sagrado; havia uma arte em seus movimentos. Rápidos demais para Yael ou qualquer um dos corredores em choque reagir. Takeo não estava cortando ou apunhalando. Só se exibindo.

— Posso, na verdade. — Ele olhou para Lars por trás da lâmina e falou num alemão perfeito. — Só havia duas outras caminhonetes, estacionadas bem perto da nossa cela. Furei os pneus delas.

PASSADO

O QUINTO LOBO: VLAD

ABRIL DE 1955

— Você está pensando demais. — As palavras de seu treinador atravessaram o ombro de Yael. Até o outro lado do longo campo alpino, na direção da fileira de garrafas de vodca vazias. Ele falava em russo, a língua que costumava preferir. — Aperte o gatilho no fim da exalação. A P38 vai fazer o resto. Tente mais uma vez.

Yael ergueu a pistola. Uma mão, postura de esgrima. A manga estava arregaçada e o ar da primavera ainda era cortante nas montanhas. Um campo minado de calafrios banhava sua pele desnuda e os números ali alinhados.

Ela tremia demais. Nunca conseguiria dar o tiro.

— Sabe — ela abaixou a arma e encarou Vlad —, se você me deixasse usar o braço direito, tudo isso acabaria em trinta segundos.

Vlad sorriu e os rochedos de seu rosto suavizaram. (Até mesmo a cicatriz funda de faca que cortava a órbita de seu olho vazio. Aquela de que ele nunca falava.) Era uma expressão paternal. Muito diferente da forma como o dr. Geyer olhava para ela.

— E o que usaríamos de alvo? Nem eu consigo beber tão rápido. Além do mais, o objetivo deste exercício é você usar seu lado mais fraco. Vai chegar o dia em que vai precisar atirar com ele.

Yael sabia que ele tinha razão. Fora Reiniger quem a mandara para lá, mas fora a própria Yael quem tinha pedido para aprender a atirar. Ela gostava da ideia do poder em suas mãos. O mesmo poder que os guardas no campo de extermínio carregavam todo dia, o mesmo poder que Aaron-Klaus tinha tentado usar contra o Führer.

O poder da vida e da morte.

Ela queria dominá-lo, tê-lo para si.

Mas era mais difícil do que parecia. Não bastava encontrar uma arma reluzente. Apontar e atirar. Não eram apenas horas em pé diante de postes, mirando em inimigos imaginários. Não eram apenas as manhãs de corridas de dezesseis quilômetros pela mata. Não eram apenas as tardes de artes marciais, lições de faca e trocas de pele. Não eram apenas as noites de estudos de línguas e da arte de mentir.

Não era apenas para ficar forte. Era para deixar de ser fraca. E aquele era um processo completamente diferente.

— Está frio — Yael disse. — Preciso do meu casaco.

Não era o frio que a fazia tremer. Yael sabia. Vlad também. (Depois de três anos de lições

contínuas, Yael sempre desconfiava que seu treinador sabia mais sobre ela do que ela própria.)

— Não — ele disse. — Atire.

Yael voltou a apontar para a garrafa de vodca. Os números em seu braço estavam tão perto: 121358ΔX. Não dava para não olhar para eles.

— Olhe para o alvo. Bem à frente — Vlad resmungou. — É lá que está o perigo.

Yael inspirou o ar fresco da montanha, então expirou — até o fim — e apertou o gatilho.

Errou.

O tiro da pistola ecoou em volta deles. À distância, uma avalanche respondeu, derrubando colinas trovejantes, espinhosas.

— Melhor. — Vlad mudou para o japonês. Como sempre, o cérebro de Yael levou meio segundo para registrar a mudança. — Na verdade, você estava olhando dessa ve...

O treinador parou de falar e ergueu a mão (também marcada por cicatrizes, que cortavam a palma), em sinal de silêncio. Yael prendeu a respiração e ouviu: cascalho murmurando sob pneus. Virou para olhar para a única estrada do vale. Um Volkswagen velho se aproximava, levantando uma nuvem de poeira.

Alguém estava vindo.

Ninguém ia à fazenda de Vlad. A maioria das pessoas não tinha motivo para isso — era longe demais nos Alpes para passeios rurais —, e os poucos que chegavam eram precedidos por uma série elaborada de sinais radiografados.

— Troque de rosto. Vá para o terceiro arsenal — Vlad ordenou. — Espere meu sinal.

O terceiro arsenal era a parede oposta do sótão do celeiro. Atrás de pilhas de feno acinzentado da estação anterior. As duas vacas leiteiras que Vlad criava farejaram a porta de suas baias quando Yael entrou correndo, trocou de rosto para corresponder aos documentos de uma garota chamada Liesl Gehring, subiu a escada, escolheu a Mauser Kar98K e se agachou sob a janela aberta do sótão. Ela observou a estrada e aguardou.

Vlad ficou à beira da entrada para carros, as mãos enfiadas nos bolsos, onde sua arma estava. Pronto.

O Volkswagen parou, o motor ofegante pela longa subida. Um homem de casaco longo e escuro saiu. Seu rosto estava oculto pela sombra do chapéu.

Yael respirou fundo. Seu indicador pairava logo acima do gatilho.

— Onde ela está? — O homem bateu a porta do carro.

Vlad tirou as mãos dos bolsos no exato momento em que Yael exalou.

Estavam vazias. Sem arma.

— O que você está fazendo aqui em cima, Erwin?

Reiniger! O dedo de Yael saiu do gatilho, mas ela continuou onde estava.

— Temos uma missão para Yael.

O resto do ar deixou os lábios de Yael. Por um momento, ela esqueceu como inspirar. O fardo de feno arranhava seus pulmões duros como pedra.

Uma missão. Fazer algo. Mudar as coisas. Fazia meses que ela sonhava com aquele momento — toda noite, deitada em seu beliche, olhando para os nós do forro de pinho, antes que comessem os sonhos de verdade (pesadelos, sempre pesadelos).

Vlad balançou a cabeça.

— O treinamento não está completo. Ela não está pronta.

— Já faz quase três anos que você está com ela. É mais tempo do que levou com a maioria dos soldados que mandamos para cá. Além disso, vi os resultados dos testes. Que parte dela não está pronta?

— Ir a campo é mais do que simples desempenho. Não vou cometer o mesmo erro que cometi com Klaus. Yael precisa de mais tempo aqui.

Klaus. Três anos e aquele nome ainda cortava o coração de Yael como um descascador de batatas. Raspando pedaços inflamados, crus, machucados, sangrentos. Uma dor que ela não conseguia enfrentar direito, então aplicava em outras coisas. Atirar. Correr. Mentir. Lutar.

Reiniger tirou o chapéu. O rosto sob sua sombra estava exausto, carregado. Igual a seu suspiro.

— Se eu pudesse dar mais tempo, daria. Mas esta não é uma missão qualquer, Vlad. É *a* missão.

Daquela vez, o coração de Yael parou com sua respiração. Seu treinador pareceu igualmente atônito.

A missão: matar o Führer, ressuscitar a Operação Valquíria.

— Mais um motivo para ela não ir — Vlad disse quando recuperou a voz.

— Ninguém além de Yael pode fazer isso. Agora, onde ela está? Quero falar com ela.

Vlad fez sinal para ela. Yael se sentou no fardo de feno, a Mauser apoiada no joelho. Reiniger não pareceu surpreso.

— Venha. — Seu treinador se voltou para a casa. — Vamos conversar sobre isso na cozinha.



Yael pegou a blusa assim que entrou na cozinha. Vlad enchia a chaleira e Reiniger estava sentado à mesa, as mãos apoiadas em cima de um envelope pardo.

— Quanto tempo, Yael. — Ele sorriu enquanto ela descalçava as botas e tirava a lã dos ombros. — Você parece bem.

Yael sentou à mesa e pensou que ele parecia mais velho. Fazia apenas um ano desde que Reiniger estivera na fazenda pela última vez, mas aquele tempo parecia ter cobrado um preço. Seu cabelo estava mais ralo. Os pés de galinha tinham se espalhado, tornando-se quase tão fundos quanto os de Babushka.

Vlad se virou para o fogão. Ele tinha uma garrafa de vodka na mão, quase vazia. Um futuro alvo. Deixou-a em cima da mesa entre os três e indicou o envelope de Reiniger com a cabeça.

— O que temos aí?

— Cinco dias atrás acabou o nono Tour do Eixo em Tóquio.

— Merda de propaganda política — Vlad murmurou em russo enquanto abria a vodka, soltando um cheiro que fez Yael querer vomitar (sempre a lembrava da enfermeira e seus chumaços de algodão frios). Ele a serviu na xícara de chá.

— Quem venceu? — Yael perguntou. Não havia televisão na fazenda de Vlad. O único rádio

era de ondas curtas, para emergências. Sem distrações.

Reiniger passou o arquivo por cima da mesa.

— Abra — ele disse para ela.

Yael abriu.

Nome: Adele Valerie Wolfe

Idade: 16

Naturalidade: Frankfurt, Alemanha

A foto anexada ao papel mostrava uma garota bonita, sorridente. Angelical.

— Pensei que não deixavam mulheres correr — Yael disse.

— Não deixam — Reiniger lhe disse. — Ela pegou os documentos do irmão gêmeo e correu com o nome dele. Foi só quando venceu que sua verdadeira identidade foi revelada.

Yael estudou a fotografia com mais atenção. Havia uma dureza nos olhos de Adele Wolfe que ela tinha disfarçado. Seu sorriso se abria um pouco tenso demais. Raiva, talvez? Alguma coisa... forte e desesperada a ponto de impulsioná-la por mais de vinte mil quilômetros, três continentes e dois mares, passando por dezenove garotos musculosos.

Não um anjo, portanto. Algo mais feroz.

Como uma valquíria.

— O Führer ficou bem interessado em *Fräulein* Wolfe no Baile da Vitória — Reiniger disse.

— Ela é loira e bonita. — Vlad tomou um gole da xícara, com o rosto sério. — Bem o tipo dele. Não que elas durem muito. Geli, Eva... todas as mulheres por quem se interessou têm o péssimo hábito de morrer.

Reiniger continuou:

— O Führer e *Fräulein* Wolfe dançaram juntos.

— Dançaram? — O treinador franziu a testa. — Hitler nunca dança.

— Ele dançou no Baile da Vitória. Deixou *Fräulein* Wolfe perto o bastante em um lugar público. As câmeras da Reichssender estavam transmitindo tudo ao vivo. É a oportunidade que estávamos esperando.

— Você quer que eu corra como ela? — Yael olhou para a foto.

— E vença. — Reiniger assentiu.

Adele encarou de volta. Olhos pretos, brancos e ousados.

— Mas por que ela? Não posso pegar o rosto de qualquer outra garota? Criar uma identidade falsa?

— Precisa ser Adele. Qualquer outra garota que entrasse na corrida no ano que vem seria sujeitada ao exame minucioso da Gestapo, um risco que simplesmente não podemos correr. Adele já garantiu tempos classificatórios, além de ter a bênção do Führer. A Gestapo não vai encostar um dedo nela. Se vencer o Tour do Eixo no ano que vem e for ao Baile da Vitória, com certeza vai poder chegar perto o bastante de Hitler para matar.

— Você tem onze meses para memorizar a vida de Adele e aprender a pilotar uma moto. Vai ter que voltar à Alemanha para observar a vencedora de perto. Além disso, temos um homem

que trabalha com Zündapps. Ele aceitou ensinar mecânica e técnicas de pilotagem a você.

Voltar à Alemanha. Yael se virou para Vlad. O olho bom do treinador estava quase tão apertado quanto sua órbita vazia. Ele estava sentado de maneira perigosamente imóvel. Observando Reiniger. O general nacional-socialista olhava fixamente para Yael. Ela percebeu que ele esperava uma resposta a uma pergunta que não tinha feito.

Atrás de Vlad, a chaleira apitou, cuspidando vapor branco e incandescente. Gritando, gritando e gritando como uma fera aprisionada.

ALGUÉM PRECISA MUDAR AS COISAS MATAR O DESGRAÇADO VOCÊ É ESPECIAL VOCÊ VOCÊ VOCÊ É UM MONSTRO UMA VALQUÍRIA.

— Eu aceito — ela murmurou.

A cadeira de Vlad caiu — com um estrondo — quando ele se levantou. O treinador se virou para o fogão e calou os gritos agudos da chaleira.

— Yael fica mais um mês comigo. Depois pode voltar para a Alemanha.

Reiniger arqueou a sobrancelha até a linha do cabelo.

— É um tempo que não podemos desperdiçar, Vlad. Ela precisa ser uma pessoa completamente diferente. São trinta dias de estudos a menos.

— Ela tem que aprender a ser ela mesma primeiro. — Vlad encheu suas xícaras. — Ou não vai estar pronta para a missão.

Reiniger parecia tão, mas tão cansado. Como se ele próprio tivesse corrido dezesseis quilômetros sob o poente alpino. Suspirou e passou a mão no cabelo ralo.

— O que acha, Yael?

Ela achava que sempre atiraria com a mão direita. Seu braço esquerdo ainda estava caído ao lado de seu corpo, como uma asa de pássaro quebrada. O outro parecia forte, capaz e pronto.

Mas não era ela toda.

Vlad tinha razão. Haveria um dia em que ela teria que atirar com a esquerda, lutar com suas fraquezas. Aquele dia chegaria no Tour do Eixo. Poderia ser o dia em que tivesse de enfrentar o Führer.

Yael queria atirar direito naquele dia. Queria estar pronta.

Ela fechou a pasta.

— Posso estudar aqui. Não vai ser tempo perdido.

— Um mês. Trinta dias. É tudo o que você tem, Vlad.

— É tudo de que preciso — ele disse.

DIA 3

Não havia mais cenários de sobrevivência. Nada de identificar frascos de veneno pelo cheiro. Nada de facas lançadas em tocos de árvores mortas.

A tarefa que Vlad lhe dera era a mais difícil de todas. Ele a fizera sentar à mesa rústica, com o braço esquerdo estendido sobre as manchas de água e os círculos de café. Sem mangas. Ele a

fizera encarar sua própria pele.

121358ΔX

...

121358ΔX

...

121358ΔX

Vlad sentou com ela durante longas horas em silêncio. Observava não apenas o braço dela, mas seus dedos, seus olhos. Yael sabia que ele estava procurando tremores e lágrimas. Ela se esforçou ao máximo para não dar aquilo a ele. (Que tipo de Valquíria chorava?)

— Quando olha para eles, o que você vê? — Vlad perguntou no terceiro dia.

A questão não era o que ela via, mas o que sentia. A agulha do tatuador pressionada contra sua pele. Os olhos do dr. Geyer sobre ela quando o X a marcara como dele. A densidade e a escuridão da fumaça incessante do crematório dentro dela, esperando pelo dia em que enfrentaria *outros* monstros. Devoraria todos eles.

Ela contou aquilo a Vlad.

— Não perguntei o que sente. Perguntei o que vê.

O que ela via? Aqueles números... foram feitos apressados, rabiscados. Cheios de imperfeições tortuosas. O oito inclinado demais. Os uns de comprimentos diferentes. O três à espreita, com pontas feito presas.

— Vejo a letra de outra pessoa — ela disse, finalmente.

Vlad continuou olhando para ela, à espera de mais.

— E... vejo o que fizeram comigo.

Ainda silêncio. Arrancando respostas dela.

— Vejo o que fizeram com todos eles.

Babushka ajoelhada na neve imunda. A mãozinha azulada na maca. Os olhos febris e as lamúrias enfraquecidas de sua mãe. Miriam segurando todas aquelas bonecas. (Por anos, Yael tinha alimentado a esperança de que sua amiga tinha dado um jeito de sobreviver, que aquelas bonecas voltariam a ficar juntas. Ela tinha se iludido a ponto de começar a planejar uma missão de resgate, até que descobriu em sua pesquisa o insuportável: o Barracão Sete tinha sido exterminado não muito depois de sua fuga.)

Todas elas. Mortas.

Os dentes de Yael se cerraram com tanta força que ela achou que iam se quebrar. O espaço vazio em seu peito ecoou, faminto. Cheio de vazios.

O passado sempre esteve ali: seguindo a trilha atrás dela, ressoando em seus tiros, queimando em suas trocas de pele. Mas havia sempre outros quilômetros a correr, outro alvo a atingir, outro rosto a aperfeiçoar. Coisas em que Yael podia enfiar a dor e a raiva. Combustível para seguir adiante.

Mas o braço de Yael estava sobre a mesa, como em sacrifício, desnudo. Aquilo era diferente.

Ao lado do corpo, ela podia se manter um passo à frente. *CONTINUE CORRENDO NÃO*

OLHE PARA TRÁS.

Frente a frente, ela só podia entrar naquilo. 121358ΔX. Lembrar e se entregar.

Já estava em pedaços. Quanto mais aguentaria?

DEMAIS.

Yael tirou o braço de cima da mesa. Estava tremendo.

Vlad não a repreendeu nem pediu para colocá-lo de volta. Sua voz era estranhamente suave, muito diferente das rugas em seu rosto.

— Este é o último estágio do treinamento. É o mais difícil e o mais importante.

— Por quê? — Yael se sentia sem ar, despedaçada. Como se todos os quilômetros que tinha corrido tivessem caído em cima de seu corpo de uma vez. — De que adianta?

Vlad colocou seu próprio braço sobre a mesa. A mão aberta. A cicatriz para cima. Era algo perfurado e reluzente. Como se um prego tivesse sido enfiado bem no centro da palma de sua mão.

— Essa eu consegui no mesmo dia em que perdi o olho. O mesmo dia em que minha esposa e minha filha foram mortas porque a Gestapo descobriu que eu era um agente duplo.

Em seus três anos na fazenda, Yael nunca tinha perguntado sobre as cicatrizes de Vlad, e ele nunca tinha contado. Mas ela sabia que havia uma relação com a aliança dourada que ele segurava diante da fogueira no meio da noite e seu hálito triste de vodca. (Ele pensava que ela estava dormindo.)

— Eu tinha acabado de voltar de uma missão em Moscou e encontrei — o punho de Vlad se fechou — a SS esperando por mim. Minhas garotas estavam mortas. Eu devia ter morrido também. Perdi tudo naquele dia. Minha família. Meu nome. Minha vida. Fiquei cego de um olho. O outro tinha visão perfeita, mas não consegui me encarar no espelho por dois anos. Toda vez que tentava, via minhas cicatrizes. Via o rosto delas: minha Therese e minha pequena Katja. Perguntando por que eu estava lá e elas não. Por que eu não tinha conseguido salvar as duas. Eu não conseguia responder.

Ele reabriu a palma. Mostrou a dor antiga.

— Quanto menos eu olhava, mais sabia que precisava encarar. Quanto mais tapava os ouvidos, mas sabia que precisava ouvir.

— Por quê? — Yael perguntou de novo.

— Porque acordei certa noite e me dei conta de que não era capaz de entrar num lugar com espelho. Que não usava colheres polidas nem olhava pela janela à noite para não ver meu reflexo. Fingia que a dor não estava lá. Mas tinha deixado que criasse raízes. Tinha dado a ela poder sobre mim. Então decidi que não podia ter medo da minha própria vida. Do meu próprio reflexo. Toda manhã, eu me olhava no espelho por cinco minutos. Encarava tudo.

Yael baixou os olhos para o colo, seu braço trêmulo.

— Então só tenho que olhar para as coisas melhorarem?

— Melhorarem? — Vlad engasgou com a palavra. — Nunca fica *melhor*. Só menor. Vira algo que você é capaz de enfrentar. Nem que seja por cinco minutos.

— Mas e a história de compartimentalizar? — Era uma palavra que Reiniger usava com frequência. Uma palavra de que Aaron-Klaus não gostava. Uma palavra que o próprio Vlad

tinha usado durante as primeiras sessões de treinamento. Uma palavra para a qual Yael tinha escrito sua própria definição:

COMPARTIMENTALIZAR: Pegar algo cheio de dor e queimar e enfiar no canto mais sombrio da alma, onde até você tem medo de entrar.

— Compartimentalizar é bom. Ainda mais quando se faz o que você faz. Mas não é uma solução definitiva. Se continuar guardando as coisas, sem nunca demonstrar nenhum sentimento, vai explodir como um vulcão. BUM! — A mão de Vlad, marcada por cicatrizes, voltou a se cerrar num punho, batendo com força na velha madeira gasta.

— Como Aaron-Klaus... — Exceto que não tinha sido um BUM, mas um *pop*. Baixo demais. Por nada.

— Sim. — Ele concordou. — Como Klaus. Cometi o erro de não ensinar para ele como dar vazão àquilo. Toda a dor saiu do jeito errado. Foi um trabalho malfeito.

Sangue e estática por toda parte. Tachinhas no chão. A morte errada.

— Não posso ver aquilo acontecer de novo. Não com você, Yael. — A mão cicatrizada dele, sem filha, pegou o braço marcado dela, sem pai. — É nisso que você é mais forte. Mas precisa aprender a ver dessa forma. E só vai ver quando se permitir olhar.

— Então preciso ficar encarando? Todos os minutos do meu dia?

— Você se lembra de onde veio e pelo que passou. Mas olhe firme. Fundo. Mesmo se só tiver um olho bom.

Yael olhou mais uma vez. Seu braço tremia menos agora que Vlad o segurava.

— Os fantasmas vão ficar. Assim como seus números. Assim como minhas cicatrizes. Assim como nossa dor. — Vlad tirou a mão. — Mas você não precisa ter medo deles.

Lembre e se entregue.

Ela voltou a estender o braço em cima da mesa.

DIA 29

Inspire.

Expire.

Encare bem. Com os dois olhos.

Veja os fantasmas alinhados numa fileira ordenada.

Entre os números que não podem ser apagados.

12, BABUSHKA, 13, MAMA, 58,
MIRIAM ΔX, AARON-KLAUS.

Não podemos esquecer os mortos.

Lembrar e se entregar. Entregar.
Encare bem, onde está o perigo.
Inspire.
Expire.
Até o fim.
E atire.



DIA 30

Adeus. Era sempre adeus, não?
Ela nunca conseguia dizer adeus em voz alta.

PRESENTE

25 DE MARÇO DE 1956
DE BAGDÁ A NOVA DELHI

Durante o Tour do Eixo de 1951, houve uma inundação súbita nos arredores de Dacca. Uma muralha de água enlameada avançou furiosamente sobre os líderes do bando, levando a vida de um corredor e afogando as motos de outros cinco. Um corredor — o futuro vencedor Kobi Eizo — pegou o jinriquixá de um fazendeiro e seguiu em frente, chegando ao sexto posto de controle com uma perda de apenas trinta minutos. A ação foi contestada por alguns (seria permitido competir numa corrida de motocicletas sem uma motocicleta?), mas, no fim, as autoridades elogiaram sua criatividade. O Tour do Eixo era um teste de força e sobrevivência sob as piores circunstâncias. Ao pegar o jinriquixá, ele não tinha exibido exatamente essas características?

Assim, a Regra 27 foi acrescentada ao Tour do Eixo: “Na ocasião de perda incontestável da motocicleta devido a forças fora do controle do corredor, ele pode terminar o trecho da corrida usando um meio de transporte alternativo”.

Segundo a Regra 27, a competição ainda estava de pé.

Felix sem dúvida dirigia como se estivesse na corrida, pisando fundo no acelerador. Os faróis da caminhonete cortavam o deserto, quilômetro por quilômetro. Yael, que tinha entrado na boleia pela abertura traseira, mantinha a cabeça para fora da janela, tentando entender as direções das estrelas sobre eles.

— A gasolina não vai durar. — Felix apontou para o indicador de combustível, cuja agulha pendia perigosamente para a esquerda.

Yael estudava o céu pontilhado por luzes. Eles estavam dirigindo rumo ao sul, um pouco para o leste — por horas. Era apenas uma questão de tempo até encontrar um assentamento. A questão era: será que o tanque aguentaria? Ou o motor morreria à beira da estrada, tornando-os alvos fáceis para os homens que Vetrov conseguisse mandar atrás deles depois que tivessem consertado os pneus?

— Continue — ela disse.

Felix obedeceu, segurando firme o volante.

— Luka não voltaria para salvar você. Sabe disso, não é?

Ela sabia. Não sabia?

A coisa toda era uma surpresa para Yael agora que ela parava para pensar — quilômetros depois da adrenalina e do heroísmo. Luka Löwe era uma das ameaças mais fortes a ela. Lógica e taticamente, deveria tê-lo deixado para trás. Eliminado o risco. (Afinal, ele — nacional-

socialista, loiro de olhos azuis — merecia. Não merecia?)

No entanto, lá estava Luka, deitado na traseira da caminhonete, com a camiseta servindo de travesseiro. A camiseta da própria Yael estava manchada com o sangue dele; sua arma tinha uma bala a menos; sua mão ainda tremia pela proximidade com a morte.

Nenhum deles era invencível.

Yael voltou a olhar pela janela, onde as estrelas brilhavam como cigarros prestes a apagar.

Felix guiou a caminhonete por uma curva fechada e, de repente, a noite se partiu. Luzes da cidade brilhavam contra as encostas distantes. Um brilho elétrico consumia a base das montanhas.

Não era uma cidade, Yael percebeu quando se aproximaram. Era um campo, envolto por cercas de arame farpado. Cravejado por torres de vigia. Emaranhado por trilhos de trem.

Números e memórias de seringas arderam em seu braço quando Felix se aproximou. As unhas dela cravaram no assento da boleia da caminhonete. Quando chegaram à cerca, tinha feito buracos no banco e a caminhonete morreu, tossindo sua fumaça final.

Os holofotes da torre de vigia tinham se voltado na direção deles. Vendo tudo. Soldados nacional-socialistas cercaram o veículo soviético com as armas apontadas. Por um momento, tudo o que Yael pôde ver foram as luzes ardentes, as braçadeiras de suástica e os canos de rifle. Seu coração se apertou e suas unhas cravaram mais fundo no banco, arranhando as molas.

Mas Adele Wolfe era a queridinha deles. Não sua prisioneira ou sua presa. Assim que avistaram seu rosto, abaixaram as armas e seu líder deu um passo à frente, balbuciando pedidos de desculpa.

Os corredores saíram da carroceria — acabados e zonzos. Um homem com um kit médico abriu caminho até Luka. (O rosto dele ainda estava cheio de sangue, mesmo com o vermelho que tinha deixado nas roupas de Yael e na sua própria camiseta amassada.) O garoto apontou para onde Yamato estava sentado, na traseira da caminhonete.

A primeira coisa que Yael pediu foi um rádio. Fingiu ignorância sobre os botões do equipamento, transmitindo uma mensagem através do operador para as autoridades da corrida em Nova Delhi. Foi uma sessão curta, coberta de estática. Basicamente dizia: Sequestrados. Fugimos. Bem agora. A corrida ainda está ativa? Sim. Cheguem a Nova Delhi.

Câmbio.

A segunda coisa que Yael pediu foi gasolina.

— O suficiente para nos levar a Nova Delhi.

— O combustível é escasso por aqui. — O supervisor, um homem atarracado com o maxilar quadrado, apontou para o terreno cercado atrás dele. Não era uma máquina de morte, mas um campo de trabalho forçado, Yael percebeu pelo aroma. Mineração, pelo jeito. — Tudo é racionado para os geradores e transportes programados. Além disso, se você dirigir isso aí, vai levar um tiro.

— Quando sai o próximo transporte para Nova Delhi?

— Alguns homens vão amanhã à tarde; devem chegar a Nova Delhi ao anoitecer.

— Amanhã à tarde? — Não dava. Não com a corrida ainda ativa e Katsuo nela. Lógica e taticamente, Yael imaginava que o garoto devia estar a pé e não tinha chance de alcançá-los.

No entanto, não conseguia esquecer a sensação de que o vencedor estava à frente de alguma forma. — Tem algum outro jeito?

— Tem um trem de carga carregado. Parte para Nova Delhi em dez minutos.

Um trem...

escuro,

chacoalhando,

espaço fechado,

corpos quentes.

(e, sob tudo: *ya-el, ya-el, ya-el*)

— Vencedora Wolfe? Algum problema?

Seus olhos estavam fechados, ela percebeu. Yael os abriu e encontrou o supervisor encarando-a. Queixo inclinado. Olhos estreitados.

— É... o jeito mais rápido? — ela conseguiu perguntar.

— O carregamento deve chegar a Nova Delhi no meio da manhã — ele disse.

Doze horas. Uma diferença de tempo capaz de garantir a corrida ou acabar com ela. Se Katsuo não estivesse lá fora — em algum lugar —, ela teria esperado. Escolhido outro meio. Mas ela não ia e não podia arriscar.

— Vamos nele — ela disse.



O trem era principalmente de carvão. Vagões e vagões de carvão, escuridão minada da escuridão, em pilhas altas. Havia dois vagões de ração no fim, recheado de caixas de comida vazias, pintadas com letreiros como ARROZ e FEIJÃO. Rações básicas para os trabalhadores — de volta a Nova Delhi para o reabastecimento. Os corredores se encaixaram entre as fendas. Ralf e Lars subiram no topo das caixas vazias. Yamato, com seu tornozelo recém-enfaixado, repousava num canto vazio. Ryoko estava sentada ao lado dele, com a cabeça em seu ombro, pronta para dormir. Felix dormia em cima da pilha mais próxima.

Ele roncava.

Yael não conseguiu pegar no sono. Estava sentada perto da porta aberta, onde seu nome passava velozmente com a noite. *Ya-el, ya-el, ya-el*. Lembranças surgidas com o som: o fedor de urina e suor, como o casaco de lã de sua mãe parecia garras de corvo contra sua bochecha, o som horroroso do trem diminuindo de velocidade. Até parar.

Seu próprio coração quase explodiu quando Luka apareceu em seu campo de visão. Ele se sentou ao lado dela, perto demais.

— Parece que você acabou de ver um fantasma, *Fräulein*.

Se ao menos Luka soubesse como estava certo. Não um fantasma. Centenas. *Milhares*. Não havia tristeza suficiente, raiva suficiente, *Yael* suficiente para números como aquele.

— Não gosto de trens. — Era ela quem estava falando, não Adele. A garota se deu conta tarde demais, antes que pudesse conter as palavras. Sua mente exausta, agitada, começou a folhear o arquivo da vencedora Wolfe. Ela não conseguia se lembrar de nada sobre trens.

Talvez Adele realmente os odiasse.

Luka pareceu desconfiado.

— A garota que pilota motocicletas e escapa de um campo soviético odeia *trens*?

Yael olhou por cima do ombro, para ver se Felix tinha ouvido, mas o irmão de Adele continuava dormindo. Ela voltou a encarar Luka. Ainda havia sangue em seu rosto. Seco, criando escamas.

— Você também não está com uma cara muito boa.

— *Verdammt!* É o cabelo, não é? — Luka cuspiu na mão e o colocou para trás. Foi um movimento em vão, que não tirou o sangue empapado. Apenas evidenciou a ferida.

— Sua orelha! — ela exclamou. A borda superior da cartilagem não estava mais lá. Fora arrancada e fechada com o sangue pisado escurecido.

— O comunista cortou quando estávamos correndo. Vou sobreviver. — Ele deu de ombros, fazendo o cabelo duro voltar a cair sobre o local. — A simetria é superestimada.

— Talvez, mas a infecção, não. — Yael voltou a estudar o garoto. Ele não *parecia* febril. Ainda. Seu rosto era sangue frio e luar. — Devia ter deixado darem uma olhada nisso aí.

— Vai ter médicos melhores em Nova Delhi. — A mão do garoto pousou na chapa de identificação em volta do pescoço. Seu polegar lustrou as letras. Um movimento distraído, habitual. A Cruz de Ferro não estava em lugar nenhum. Yael desconfiava que, assim como a dela, estivesse a um deserto de distância, guardada no cesto perdido da moto.

— Como a enfermeira Wilhelmina?

Houve uma mudança no rosto de Luka: sobrancelhas, narinas, um semissorriso. Sua chapa de identificação reluziu quando a deixou cair de volta no peito.

— É ciúme que estou ouvindo em sua voz?

— Acho que seria melhor verificarem sua audição também — ela retrucou.

O sorriso de Luka se abriu por completo. Ele não disse nada.

— Você tem uma habilidade incrível para fingir ser um *Arschloch* — ela disse.

Ele sorriu.

— Quem disse que estou fingindo?

— Você voltou para salvar Yamato — Yael argumentou. — Foi altruísta.

— Só estava tentando ficar quite com o comunista que destruiu minha beleza. Orelha por orelha. — A resposta de Luka foi rápida como o trem, uma velocidade mentirosa. — Mas vamos falar sobre você por um minuto, *Fräulein*.

— O que tem eu?

— Acho que... — a voz dele baixou até virar um sussurro que só ela podia ouvir — ... eu poderia perguntar como sabia exatamente onde estaria a caminhonete. Ou como sua pistola ressurgiu magicamente no seu bolso.

Yael respirou fundo. A P38 estava pressionada com força contra sua caixa torácica. O metal da arma encontrava os frenéticos raios, *tum*, *Verdammt*, de seu coração.

— Mas o que mais me interessa... o que não consigo entender... é por que você me salvou. A garota que conheci ano passado, que despedaçou meu coração... ela teria ido embora. Sem olhar para trás.

O trem balançava ruidosamente. Os olhos de Luka tentaram se fixar nela, mas Yael não os encarava. Ela preferiu olhar para a porta. Para o deserto vazio, enluarado.

— Não sou o único que finge ser outra pessoa. — Luka ainda estava sussurrando, mas suas palavras pareceram tão, tão altas. Tão próximas. *Ele* estava mais próximo, Yael percebeu ao olhar para trás. Perto o bastante para esfaqueá-la ou jogá-la pela porta, para os trilhos.

Ele a beijou. Um movimento com a mesma graciosidade fluida e leonina que havia derrubado Aleksei.

Ela tinha sido treinada para sobreviver a muitas coisas: fome e ferimentos de bala. Noites de inverno e sol escaldante. Nós duplos e interrogatórios sob pontas de facas. Mas aquilo? Os lábios de um garoto contra os dela. Movendo-se e se fundindo. Macios e fortes, aveludados e férreos. Elementos opostos que puxavam e rasgavam Yael por dentro. Sensações brotando, ardentes e calorosas. Sombrias e profundas.

Yael se afastou dele. Para trás e para longe. Todas as partes de seu corpo estavam despertas, sua pele resplandecia com calafrios.

Luka expirou, mais um suspiro do que uma respiração. Foi o som de uma nota numa sinfonia trágica. Ainda estava perto, inclinado para a frente, de forma que sua chapa de identificação pendia entre eles. Yael pôde ver a história gravada no metal: 3/KRADSCH 1411. (Kradschützen, unidade de guerra do pai dele.)

— Você mudou — Luka disse. Era assustador. Como ele estava atento, sagaz e próximo. Era como se ela não estivesse usando outro rosto.

Então Luka recuou. A chapa de identificação bateu contra seu peito quando ele se levantou de um salto.

— Pode ter salvado minha vida, mas não pedi isso. Você ainda me deve um favor.

Antes que Yael pudesse responder, ele desapareceu atrás de uma pilha de caixas. Ele a beijou e fugiu.

Yael se sentou imóvel por um longo momento, observando tudo se mover, correr e chacoalhar em torno dela. As montanhas no horizonte se desgarrando. A terra seca, rachada, se entesando como metros de tecido. Os garotos em suas caixas, ainda dormindo.

Exceto por um. Os olhos de Felix estavam abertos. Encarando de uma forma que indicava que tinha visto. Seus braços estavam tensos e nus. Como seus punhos quando sentou, deixando seu travesseiro de jaqueta.

— Quer que eu soque a cara dele? — Ele desceu da caixa. Seu cabelo loiro aureolar estava emplastrado pelo sono. Seria cômico se não fosse pela aspereza em seus lábios.

Lábios. A sensação da boca de Luka ainda estava grudada na dela. O gosto de areia e ferocidade, uivando por seus órgãos como uma tempestade.

Yael balançou a cabeça. Levou o braço à boca e esfregou.

Como se uma manga de couro pudesse livrá-la daquilo.

— É tudo o que eu quero — o irmão de Adele murmurou.

Ela não pôde deixar de lembrar a briga em Praga. A fúria no rosto de Felix, o sangue e a ameaça que cobriram o de Luka. Tantas emoções desiguais... *O que você fez contra o que ele tentou fazer com você.*

Qual das raivas era justificada? Nenhuma? Todas?

— Consigo lidar com ele — ela disse.

— Tome cuidado, Ad. — Felix começou a estalar seus outros dedos. — Luka não é uma pessoa com quem você quer se meter.

Não era. Ou era?

Ela achava que o conhecia. Luka Löwe. Nascido em 10 de fevereiro de 1939. Pomposo, “Arschloch” orgulhoso de primeira categoria.

Mas as pessoas eram mais do que letras datilografadas e documentos com carimbos de suásticas. Tópicos e fatos biográficos não seriam capazes de mostrar a alma atrás dos olhos. As muitas versões de Luka que ela tinha visto.

Havia o vencedor Löwe, que jurava fidelidade total ao Führer, gritava “Sangue e honra!” e “*Heil Hitler!*”. E havia o Luka que se sentava na areia, lustrando a chapa de identificação do pai, soprando fumaça proibida, zombando das regras de Hitler. O Luka que ficava para trás e levava um tiro na orelha por um garoto ferido.

O Luka que a beijara.

O *mais* dele estava começando a se mostrar. Da forma como ruínas eram escavadas por um arqueólogo. A cada escovada. Parte por parte. E, devagar, ela estava começando a ver sob a raça pura em marcha. Sim, Luka Löwe era um nacional-socialista. Mas Erwin Reiniger também era (pelo bem de um álibi e de tantas vidas). E Aaron-Klaus não estava usando todos os adornos de um elitista ariano quando Yael o conheceu? Ela não estava usando as mesmas coisas agora?

Sim, Luka Löwe era um nacional-socialista, mas era diferente por dentro.

Onde importava.

— Se ele causar mais problemas para você, qualquer que seja... — *Tec, crack, pop*, faziam os dedos de Felix. Uma contagem regressiva distorcida, violenta...

— Pare com isso. — Yael imitou a carranca de Adele, dando um tapa no punho de Felix como ela tinha dado uma vez em Aaron-Klaus para ele não comer sua parte dos biscoitos.

— Por quê?

— Artrite. Dedos inchados. Minha sanidade — ela acrescentou.

— Causas perdidas. Todas elas. — O irmão de Adele riu (e, mais uma vez, Yael se lembrou de Aaron-Klaus: piadas trocadas à mesa de carteado, provocações, mexidas no cabelo, a sensação de ser uma criança normal, mesmo que só por um momento). Um sorriso surgiu no rosto de Felix. Ele abriu os punhos e deu um tapinha na caixa de madeira. — Você devia descansar um pouco. Não é nenhuma cama de plumas, mas não é tão ruim assim.

A madeira ainda estava quente quando ela deitou. Felix se recostou contra a caixa. Tão perto que Yael pôde ouvir o tique-taque de seu relógio de bolso consertado, ver as sardas cor de páprica nas bochechas dele. O irmão de Adele ficou olhando para o nada, além da porta do vagão, para a plenitude da lua.

Enquanto fechava os olhos, Yael se perguntou em que ele estaria pensando. Martin, talvez? Também se perguntou para que vagão Luka tinha ido. Aquela orelha precisava de cuidados logo...

Tique, *ya-el*, taque, *ya-el*, tique...

Quando Yael abriu os olhos, viu o céu azul límpido da manhã. O ar úmido e a periferia da cidade passavam pela porta aberta do vagão de trem. Crianças, cachorros e galinhas. Barracos vacilantes com roupas dependuradas como bandeiras, os tetos de zinco já refletindo o calor do sol. Estradas de terra vermelha sulcadas, agitadas pelo canto de motocicletas.

Felix se recostou na porta aberta, olhando para a comunidade pobre.

Yael se sentou na caixa e sentiu as marcas fundas das ripas de madeira na bochecha. Não dormira tão profundamente em... dias, semanas, meses, anos? Não conseguia lembrar.

O irmão de Adele olhou para ela.

— Ad, vem ver isso aqui.

Do lado de fora, havia uma multidão — pessoas de pele terrosa, cabelo ainda mais escuro — dançando de uma forma que fazia Yael lembrar ondas do mar. Elas saltavam ao som da música e jogavam punhados de pó no ar sobre a cabeça.

Cores. Brilhantes, brilhantes, por toda parte. Roxos viçosos, magentas do pôr do sol, verdes como casca de limão, amarelo-pólen, laranja-lava, azul como a luz dos olhos dos Wolfe. O céu transbordava delas.

— O que acha que estão fazendo? — Felix perguntou.

Yael não achava. Ela sabia. O que estavam vendo era o Holi: um festival que comemorava a chegada da primavera. Tinha lido sobre aquilo num dos livros que Henryka resgatara das fogueiras nacional-socialistas. Suas páginas danificadas estavam cheias de frases secas em inglês descrevendo os “povos nativos do Império britânico”. O escritor descrevia o Holi em apenas um parágrafo: música, dança, fogueiras e pigmentos brilhantes. Quando leu aquilo, ela se afundou na poltrona do escritório de Henryka, tentando imaginar como seria.

Mas Yael nunca pensou que o veria com seus próprios olhos. Tantas cores num só lugar. Pó que significava algo além de decadência e morte.

— Estão celebrando. — Ela não conseguia conter a surpresa. Tinha pensado que aquele dia, como tantos outros, havia sido desperdiçado. Mas tinham passado do meridiano setenta. Estavam fora do Reich e dentro da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, onde palavras como “ariano” e “*Untermensch*” não significavam nada. Parecia que o imperador Hirohito permitia que as pessoas celebrassem seus festivais tradicionais.

Toda a cidade estava vicejante, ela percebeu conforme o trem seguia. Quilômetros passaram pela porta aberta — cores e multidões — até o trem finalmente começar a diminuir a velocidade, gemendo ao longo dos trilhos de metal. Felix colocou a cabeça para fora do vagão.

— Parece que estamos quase na estação.

Yael se levantou. Seus olhos ainda estavam nas nuvens empoeiradas (tão brilhantes, tão lindas!), mas sua mente estava tão tensa quanto os músculos de sua perna. Pelo canto do olho, pôde ver todos os outros corredores se levantando. Preparando-se para a corrida maluca da estação de trem até o posto de controle de Nova Delhi.

A competição ainda não tinha acabado.

— Pronto para correr? — ela perguntou a Felix.

Ele assentiu e ficou de pé ao lado dela.

ESTAÇÃO DE NOVA DELHI. A placa estava escrita em kanji, com legendas minúsculas em alemão e um rabisco em hindi ainda menor (feito à mão, com grafite). As panturrilhas de Yael se contraíam e berravam quando passaram sob a placa. O comboio rangia como dentes furiosos:

Devagar.

Mais devagar.

Parado.

Ela começou a correr.

PRESENTE

26 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE NOVA DELHI
11541 KM

O posto de controle de Nova Delhi não ficava muito longe do terminal ferroviário. Pelo menos, fora o que o chefe da estação dissera a Yael quando ela chegou correndo na bilheteria. Eram apenas alguns quilômetros ao sul, ele lhe explicou num japonês cortado, passando nomes de ruas e instruções casuais. Saia da estação. Desça a ruela. Passe o bazar. Atravesse uma praça. Siga outra rua. Você vai saber quando vir.

Homens, mulheres e crianças enchiam tanto a rua na frente da estação que mal havia espaço para o tráfego. Yael abriu caminho por entre a confusão de ombros. Procurando, procurando, procurando as placas certas na rua. Tentando ler o kanji por entre a névoa colorida borboleteante e a multidão de cabeças.

Felix, pelo menos, era fácil de encontrar. Seu cabelo brilhava branco em meio à nuvem colorida quando apontou para uma placa de rua distante.

— Por aqui!

Yael atravessou a folia aos empurrões. As risadas infantis, o soar de sinos nos tornozelos, os gritos e cantos de “Feliz Holi!”, os dedos que manchavam suas bochechas. Havia algo de elétrico nas cores que explodiam no céu, lembrando que nem tudo era chuva de cinza, ervas daninhas amareladas, mãos azuis caídas, rios vermelhos de sangue...

Ainda havia beleza no mundo. E valia a pena lutar por ela.

Por isso Yael correu ainda mais rápido.

A multidão se dispersava e se separava nas ruas laterais, onde ela podia correr sem parar. Felix não era o único que corria com ela. Outros a tinham seguido do trem. Takeo e Masaru corriam furiosamente logo atrás. Do outro lado da rua, esquivando-se pela bagunça das baias e das mulheres fosforescentes do bazar, estava Luka. O rosto do vencedor estava cheio de sangue seco e pó amarelo. Ele parecia um dos antigos deuses nórdicos das gravuras que Yael estudara.

Ele também se movia como um: rápido como raio, forte como trovão. Olhou para o lado quando pareceu com Adele, encarou seus olhos e piscou.

Então entrou na frente dela.

Eles depararam com uma praça cheia de pessoas que celebravam. Yael correu o máximo que pôde. Seu movimento era argênteo, a figura esbelta de Adele desviava dos cânions delgados entre as costas musculosas dos dançarinos. Luka não era nem de perto tão gracioso. Abria

caminho feito um touro, tropeçando em sáris e sacos cheios de pó.

Yael chegou ao outro lado da praça primeiro. Através da névoa verde-água, dourada e laranja, viu os estandartes do Eixo voando alto. O sol impetuoso do Japão. A cruz gamada do Terceiro Reich. Marcando a rua em linhas regulares.

O posto de controle estava perto.

A multidão sumia com as cores. Cada passo que Yael corria deixava os estandartes mais visíveis. Ela podia ver a linha de chegada agora, através da rua de terra vermelha.

Luka passou trotando, levantando poeira. Suas palavras nem soavam sem fôlego quando passaram por cima do seu ombro.

— Não se canse demais, *Fräulein*!

Ele atravessou a linha primeiro. Takeo passou com uma explosão, exatamente quando Yael atravessou a linha com dificuldade. Felix corria devagar atrás dela, sem nem tentar manter o ritmo dos outros.

Não importava que os dois garotos tinham cruzado a linha antes dela. Só tinham ganhado segundos. Yael ainda estava à frente.

— *Scheisse!* — Luka praguejou enquanto chutava a terra. A poeira anuviou o ar do mesmo vermelho do pó do Holi. Yael seguiu seu olhar fixo até o placar, onde um oficial estava calculando os tempos. Gravando-os na ordem.

O primeiro nome já estava lá.

1º: TSUDA KATSUO, 11 DIAS, 6H55MIN6

Ela encarou os números e o nome na frente deles, em choque, enquanto seu tempo era escrito a giz.

2º: ADELE WOLFE, 11 DIAS, 10H20MIN12

3º: LUKA LÖWE, 11 DIAS, 10H29MIN20

Não por segundos ou minutos, mas por horas. Três horas e meia.

Katsuo tinha vencido todos.



A notícia piorou a situação.

Foi dada a eles no jantar. Todos os corredores estavam exaustos, tanto pelo último trecho da corrida como pelo intenso interrogatório que as autoridades da competição impuseram a todos. (Quem os havia sequestrado? Por quê? Como tinham conseguido escapar? Vezes e vezes e mais vezes até todas as respostas estarem condensadas e escritas num relatório oficial. A equipe da Reichssender e os jornalistas japoneses receberam instruções de gravar uma versão fortemente editada da manchete: DESLIZAMENTO DE TERRAS DIZIMA ZÜNDAPPS DOS CORREDORES. O Tour do Eixo era uma demonstração de superioridade. Sequestros de

guerrilha não se encaixavam naquela narrativa.)

Yael tinha comido seu suprimento de frango ao caril e arroz *basmati*. Ficou encarando o placar, a liderança de Katsuo rangendo entre os dentes.

Três horas e meia e nenhuma tempestade de areia à vista.

O vencedor japonês tinha conseguido aquela liderança fugindo dos soldados soviéticos e se escondendo numa caverna até que a busca por ele cessasse.

— Não foi difícil voltar e pegar minha própria moto bem debaixo do nariz dos comunistas.

— Yael o ouviu se vangloriar para Takeo e Iwao. Os dois garotos se sentaram perto dele durante o jantar, embora parecessem muito menos entusiasmados com aquela história do que com as anteriores. Iwao não deu risada. Takeo enfiou a faca na mesa com tanta força que precisou usar as duas mãos para soltá-la de lá.

De acordo com o que contou, Katsuo dirigiu de volta até a pista de desvio que os caminhões de suprimento tinham usado para ladear as montanhas. Quando alcançou a caravana de suprimentos, os outros corredores já tinham emitido o rádio. Então avançou noite adentro em alta velocidade, rumo a Nova Delhi e à primeira colocação no placar.

Havia mais de nove mil quilômetros entre Nova Delhi e Tóquio. Recuperar o tempo seria difícil, mas não impossível. Yael teria que forçar: dormir em rajadas, pilotar durante a noite, torcer por uma estrada piedosa.

O oficial do posto de controle de Nova Delhi — um homem magro, firme, com o sol nascente amarrado em volta do braço — abriu caminho até a ponta da mesa de jantar. A sala ficou em silêncio.

— Não conseguimos recuperar as Zündapps. — Ele falou primeiro em japonês, depois repetiu as palavras em alemão claro e formal. — E não temos substitutas para todos os corredores.

Descanse em paz, Fenrir. Yael abaixou a cabeça para o resto da comida. *Foi bom enquanto durou.*

— Em todos os dez anos do Tour do Eixo nunca deparamos com uma situação como esta: corredores sem motos. Entramos em contato com a Alemanha e com Tóquio, e foi decidido que a corrida vai continuar com novas motos.

— No entanto, suas Zündapps foram especialmente adaptadas para as adversidades da competição, e não existem motocicletas desse calibre em Nova Delhi. As autoridades da Alemanha e de Tóquio concordaram com um plano de corrida revisado.

A mesa não estava apenas quieta, mas completamente imóvel. Até as colheres tinham parado. Catorze pares de olhos (oito castanhos, seis azuis) encaravam o oficial.

— Vocês serão mandados de avião para Hanói, onde um carregamento de Rikuo 98 montadas em Tóquio estará à espera. A corrida seguirá a partir daquele posto de controle. Os tempos continuarão os mesmos.

Nova Delhi a Hanói. Era mais de quatro mil e oitocentos quilômetros de corrida.

Quatro mil e oitocentos quilômetros. Deixariam de existir. De repente.

Yael sentiu o coração apertar, apertar, apertar. A comida borbulhava e ardia no estômago.

Katsuo sorriu.

— Hanói? — Luka, que tinha mantido um lugar na ponta da mesa, se levantou. Obviamente tinha ido ver a enfermeira Wilhelmina; uma quantidade absurda de gaze estava enrolada em sua cabeça, como se tivesse perdido uma orelha inteira, e não apenas a ponta. — Você está nos mandando até Hanói? É quase um quarto da corrida! Isso é inaceitável!

Ele bateu na mesa. Catorze pratos chacoalharam. O rubor nas bochechas de Luka ficou mais escuro, e ele continuou:

— Por que não mandam as motos para cá? Ou mesmo para Daka?

O oficial do posto de controle manteve a calma, com um discurso quase cirúrgico:

— Foi aprovado pelo imperador e pelo Führer. Questionar essa decisão é questionar os dois líderes.

A palma da mão de Luka se manteve plana no tampo da mesa. Ele voltou a sentar.

— Consideramos a decisão muito ponderada. — Katsuo sequer tentou esconder a empáfia na voz. Ela vazava de seus poros, alargava seu sorriso.

— Isso muda tudo — Felix murmurou.

Mudava mesmo. De “difícil” para “impossível”. O trajeto de Hanói até Tóquio era de apenas quatro mil quatrocentos e trinta e três quilômetros. Cerca de três mil e seiscentos dos quais seriam numa moto estranha e oitocentos através do Mar da China Oriental, completamente fora do controle de Yael. Noites insones e quartas marchas não seriam o suficiente. E ela não podia simplesmente esperar por mais um milagre.

Yael olhou ao longo da mesa. O rosto de todos os corredores — com exceção de Katsuo — estava enrugado, pasmo. Lars parecia à beira das lágrimas. Os olhos de Masaru estavam vazios, seus lábios finos como papel — a expressão dos perdidos. Porque todos sabiam a verdade: eles não tinham chance de ganhar. Nenhum deles tinha. A menos que...

Os olhos dela encontraram os de Luka. Ele estava esperando por Yael — um olhar frustrado através de camadas de curativos, passando uma mensagem. Diferente do beijo, mas igualmente perigosa. Igualmente astuta.

Aliados?

Yael fez que sim.

Era hora de jogar sujo.

PRESENTE

27 DE MARÇO DE 1956
VOO DE NOVA DELHI A HANÓI

Os quilômetros pareciam diferentes vistos de cima. Uma extensão fácil de centímetros: rios brotando como terminações nervosas entre montanhas de selvas vicejantes. Dias de lama, malária, sofrimento quente e úmido. Noites de rugidos de tigre e guinchos de primatas.

Yael observou tudo passar pela janela do avião. Parte dela estava contente com o descanso. Historicamente, a parte tropical da competição era a mais difícil, colecionando o maior número de nomes riscados, com as doenças transmitidas por picadas de mosquito e incontáveis travessias de rio. Já era um ano raro em que treze corredores chegavam até Hanói. (~~Yamato~~ estava fora da corrida; seu tornozelo distendido demais para continuar a pilotar.) Na verdade, Yael não conseguia lembrar a última vez em que aquilo tinha acontecido. Se é que acontecera.

A cabine do avião chacoalhava como se todos os parafusos e pinos estivessem se soltando: pulando e bradando entre as nuvens. Yael tinha algodão enfiado nos ouvidos, mas os propulsores abafavam todo o resto. Ela nem ouviu a aproximação de Luka até ele lhe dar um tapinha no ombro.

Teve um sobressalto e o encontrou em pé no corredor, debruçado sobre Felix. O rosto do irmão de Adele variava entre ódio e amargura. Deu um tapa na mão do vencedor, um típico “vá embora”.

— Se importa se... sentar... lugar, *Fräü*... — As sobrancelhas escuras e arqueadas de Luka preencheram as lacunas na pergunta.

Ele queria conspirar ali? Teriam de gritar para serem ouvidos. Katsuo estava sentado a apenas duas fileiras e um corredor de distância, com um sorriso no rosto. Luka se debruçou mais — fazendo sua chapa de identificação ficar no nariz de Felix — e ofereceu um caderno e uma caneta.

Felix olhou feio para Yael quando ela assentiu. Não precisava de anos de história fraternal para ler o aviso por trás dos olhos dele: “Não faça isso; não confie nele”. Ela continuou assentindo até Felix revirar os olhos e se levantar.

Quando Luka se acomodou no banco, Yael sentiu na pele sua proximidade. Seus cotovelos roçavam um no outro no descanso de braço. O couro marrom raspando no preto. Quando ele apoiou o caderno no colo e começou a escrever, seus cotovelos colidiram. Cada letra que escrevia cutucava os lobos escondidos.

Era uma letra bonita: robusta, mas não quadrada demais. Forte sem ser rígida. Se um de nós quisesse uma chance de vencer esta competição, precisamos dar um jeito em Katsuo.

Yael assentiu e olhou para o vencedor japonês. Ele ainda estava no sétimo céu, olhando triunfante pela janela. Sem prestar atenção nas fileiras de corredores atrás dele.

Luka continuou escrevendo. Lembra o que aconteceu perto de Hanói no ano passado?

Ele entregou o caderno e a caneta para ela. Yael tentou parecer calma enquanto ajeitava o caderno no colo. Cinejornais e páginas de entrevistas transcritas repassaram por sua memória enquanto ela pressionava a caneta no papel.

Hanói. Hanói. Hanói.

O que acontecera perto de Hanói?

Um corredor alemão de dezessete anos tinha derrapado para fora da pista e entrado num arrozal. Quebrando tanto o eixo frontal como sua perna de maneira irreversível. Mas não devia ser sobre aquilo que Luka estava falando. Ele e Adele estavam muito à frente do acidente. Não havia algo sobre uma briga na travessia de balsa? Tinha sido uma simples chamada na recapitulação daquele dia. Espremida entre relatos horrendos da amputação do corredor alemão e da *Conversa de Chancelaria*, em que o Führer elogiara o grande sacrifício do garoto pela glória imortal da Pátria e do Terceiro Reich.

Tinha que ser a balsa. Yael pressionou a caneta com tanta força que a tinta começou a borrar antes que conseguisse imitar a letra de Adele. A balsa?

Luka virou a página depois que ela lhe devolveu o caderno.

Precisamos ficar logo atrás de Katsuo para cruzarmos o Li todos no mesmo barco. Dar uma dose de história a ele. Mas, dessa vez, vamos terminar o serviço.

Aquelas palavras não aliviaram a náusea de Yael. O que tinha acontecido na balsa do rio Li? O que Luka esperava que ela fizesse? Empurrasse Katsuo para fora? Sabotasse sua moto?

O que quer que fosse, ela teria que improvisar.

Luka continuou escrevendo. De todo modo, precisamos ficar juntos. Pilotar perto.

Pilotar perto. Yael assentiu de novo (ela estava começando a sentir que tinha uma mola embaixo de si: pulando, balançando a cabeça, pulando, balançando a cabeça), mas seus dedos dos pés estavam contraídos dentro das botas. Já era um risco manter Felix ao seu lado, observando o tempo todo. Mas ele — ainda que fosse bom de soco e grudasse como um carrapato — estava interessado em apenas uma coisa: a segurança da irmã. Sua aliança era boa para proteção, mas agressão... era a especialidade de Luka. O vencedor tinha uma chama, um plano para garantir que Katsuo nunca alcançasse a linha de chegada.

Eles só teriam de se separar antes que Luka voltasse aquela chama contra ela.

Yael pegou o caderno das mãos dele. Por quanto tempo vamos pilotar juntos?

Ele sorriu ao ler aquilo. Um lampejo de dentes brancos entre os lábios rachados. Estranho, Yael pensou, eles não tinham parecido nada ásperos quando tocaram os dela naquela noite no trem. Pareceram mais sedosos e elétricos. Zunindo como o ar seco de inverno.

Yael se conteve e desviou o olhar. Os dedos de Luka roçaram nos dela — devagar, lentamente — quando tirou o caderno das mãos de Yael.

Seus dedos dos pés se contraíram com tanta força que alguns chegaram a estalar.

Foi apenas um toque. Apenas um beijo. Apenas uma reação química chamejando sob sua pele, mudando as coisas. Não significava nada, não quando Yael não era Yael, o mundo estava morrendo e ele era um *deles*. (Não era?)

Luka devolveu o caderno: Pelo tempo que for preciso.

Yael observou as palavras por um momento. Tão abertas, implorando perguntas ou uma resposta: “Até que ponto?” ou “Vamos!”. Ou *Borrão, mancha, rasura, segredos de tinta derramada*.

Ela fechou o caderno e devolveu para ele.

Não havia mais nada a dizer.

PRESENTE

27 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE HANÓI
16347 KM

— O que você pensa que está fazendo? — Nos ouvidos de Yael, a pergunta de Felix se misturou ao farfalhar das folhagens de palmeiras. Ela estava parada sob a vigilância úmida do sol de Hanói, tentando respirar através do couro da jaqueta, o ar tão denso que chegava a doer. Os outros corredores tinham se despido de seus equipamentos de corrida, deixando os músculos nus ou usando camisas enquanto atravessam o pátio mormacento em direção à linha de Rikuos 98. Treze motocicletas recém-saídas do avião: lustro virgem de poeira e amassados. Os corredores se aproximaram devagar, como um treinador que enfrenta uma fera bestial, inspecionando as marchas e os pneus de sulcos fundos por todos os ângulos.

Felix era o único que não estava prestando atenção às motocicletas novas. Ele vigiava Yael, franzindo a testa conforme ela se aproximava da moto.

— Luka está manipulando você.

— Como sabe que não sou eu quem está manipulando ele? — Yael se ajoelhou para olhar mais de perto os detalhes da Rikuo. Tambores de freio frontais e traseiros. Mudança de marcha manual de três velocidades. Corpo mais largo, mais pesado, com menos potência do que a Zündapp. Mesmo na marcha mais alta, ela percebeu, ofereceria apenas uma fração da velocidade de sua antiga moto.

Seria como pilotar um cavalo de tiro depois de semanas num puro-sangue.

(Luka falou em termos mais diretos a três Rikuos de distância: “Essas motos são uma *Scheisse* total!”.)

— Do jeito que as coisas estão, Katsuo vai vencer a corrida. — Yael manteve a voz baixa. Os outros corredores pareciam tão ocupados com a moto quanto ela, mas não dava para saber quem poderia estar ouvindo. — Ele tem mais de três horas de vantagem em casa, pilotando um modelo de moto em que é muito provável que tenha treinamento. Temos três, talvez quatro dias de corrida ainda. Luka tem um plano, e precisa da minha ajuda.

Fosse qual fosse. (Revirando a memória durante o resto do voo, Yael não conseguiu lembrar nada sobre a balsa do rio Li.)

— Ele não é parte da... daquele negócio, é? — O olhar incisivo de Felix soletrava “resistência”.

Yael fez que não.

— Então pode apostar que o plano dele não envolve deixar você vencer. — Felix parou

diante dela, com os braços cruzados, bloqueando parte do calor opressivo do sol com seu corpo magro.

— Se Luka e eu não trabalharmos juntos, perderemos juntos. Depois que eliminarmos Katsuo, vamos seguir caminhos separados.

O irmão de Adele chutou o pneu da Rikuo dela.

Todos os motivos de que ela tinha se enchido vazaram num sopro furioso.

— Além do mais, ele não vai tentar nada enquanto você estiver lá me protegendo.

Yael levantou os olhos depois de dizer aquilo, tentando medir o rosto de Felix. Mas havia luz demais atrás dele, sombras demais espalhadas na geometria nórdica de seus traços. Ele estava indecifrável.

— Por que deixou que ele beijasse você?

Yael levou um momento para processar a pergunta dele, ingeri-la palavra por palavra. *Você. Ele. Beijasse. Deixou. Por quê.* Ela levou mais alguns batimentos cardíacos para encontrar respostas.

Porque sou Adele Wolfe.

Porque não estava esperando. Porque sou diferente por dentro. Porque estava num trem. Porque Luka precisa pensar que confio nele. Porque estou sozinha.

Porque não sou Adele Valerie Wolfe.

Respostas demais, todas obstruindo sua garganta. Nenhuma delas era a certa.

— Só estou perguntando — Felix continuou — porque queria saber se seu bom senso não está comprometido.

Yael ficou indignada com a frase e se levantou, para que a luz ficasse igual entre eles. Sombra por sombra. Brilho por brilho.

— A questão aqui não é minha relação com Luka — ela sussurrou. — A questão é vencer. É...

Os lobos suaram sob o couro, pedindo ar. Seu coração parecia tão fraco, tão pesado — sempre se quebrando nas pontas, menor, menor, menor. Em pedaços que enfiava embaixo da manga. Tinha sobrado algo?

Felix ergueu a sobancelha, esperou que ela continuasse.

— Tenho tudo sob controle — ela lhe disse finalmente. — Só precisamos pilotar com Luka por um dia. Depois a corrida vai ficar equilibrada de novo.

— Qual é, Ad? Você não pode confiar nele...

— Não confio — Yael disse. — Mas, até onde eu sei, é o único jeito. Se tiver uma solução melhor, sou toda ouvidos.

Felix cerrou o maxilar enquanto se esforçava para recuperar a calma.

Quando ficou claro que ele não tinha resposta, Yael se virou e montou na moto. Ela ligou a ignição, dando uma partida suave, e sentiu o motor roncando, a tensão do manete e dos freios. Sabia que, nos primeiros dez segundos, a corrida seria um desastre — pura massa e marchas descontroladas.

As voltas de treino nas ruas ao redor do posto de controle foram hesitantes. O motor queimava sua panturrilha e, por reflexo, ela ficava tentando mudar as marchas com o pé.

Durante todo o tempo, a conversa com Felix se repetiu em sua cabeça. Uma enxameação de perguntas, respostas não dadas.

As dúvidas começaram a surgir quando Yael confundiu a mudança de marcha pela quinta vez, ficou irritada e soltou o manete. A moto tremeu embaixo dela. Katsuo a ultrapassou no exato momento em que o motor morreu, pilotando de maneira impecável.

Yael levou um momento para se recompor. Inspirar, enfiar tudo de volta.

Era apenas um beijo. Não significava nada.

Era apenas um dia, uma balsa, um risco em um nome. E significava tudo.

Yael voltou a ligar o motor da Rikuo, conduzindo-a numa velocidade constante pela rua.

Tinha tudo sob controle.



Eles partiram de manhã, formando uma linha de acordo com os tempos, como faziam em todo posto de controle — treze corredores amontoados sob o sol escaldante, com câibras nas panturrilhas, esperando para sair. Um silêncio opressivo, tenso, se estendia entre eles, pontuados pelos grilos e zumbidos dos motores, cortado finalmente pelo disparo.

BUM e já!

Katsuo saiu na frente. Yael levou dois segundos titubeantes para se equilibrar, agachar-se, seguir caminho e ver que seu competidor já estava metros adiante. Ela levou o motor à velocidade máxima. O ar úmido de Hanói assobiava sobre seus óculos de proteção e batia contra seu rosto. O asfalto cortava e a arquitetura colonial rica podia ser entrevista entre linhas de palmeiras, multidões acenando bandeiras e câmeras da Reichssender.

Mas ainda parecia tão *devagar*.

Yael manteve os olhos fixos na luz traseira de Katsuo. Sua velocidade era a mesma agora. Equidistantes conforme a cidade se adelgaçava das construções da era francesa rumo a cabanas e arrozais. Longos quilômetros de campos planos — cujas águas espelhavam o ardor pálido do sol através do verde do arroz cultivado. Ela o seguiu de perto, como Luka havia instruído. O outro vencedor estava atrás dela. Yael ainda não o tinha visto (ela não queria olhar por cima do ombro e correr o risco de desalinhar a moto), mas ouvia o ranger do motor dele logo atrás.

Torçera para que Katsuo maneyrasse depois que estivessem na área rural, longe da lembrança do tiro de partida. Mas ele continuou firme — acelerando na estrada aberta, dando alguns segundos a mais a sua liderança de três horas e meia.

Não importa, ela disse a si mesma. Tudo o que precisava era se manter perto. Chegar à balsa.

O sol estava a pino no céu com nuvens e a paisagem mudou, transformando-se em uma imagem típica de um conto de fadas. Montanhas íngremes, súbitas, formaram saliências de campos alagados. Como os dedos de um gigante subterrâneo, com sede de céu. Centenas de cumes arborizados e centenas de vales entrançados por rios e névoas, arrozais e declives. Tumbas antigas abraçavam a pista — montes menos íngremes de terra marcados por túmulos poéticos, enormes graças a ofertas falsas de dinheiro e garrafas de bebida.

Tudo aquilo e um farol traseiro.

Atravessaram o cenário aquarelado de colinas calcárias e fazendas calmas. As horas da tarde foram engolidas por nuvens sólidas, e a névoa aumentou. A segunda parada para abastecer foi numa cidadezinha de choupanas onde Yael devorou várias barras de proteína enquanto os oficiais de corrida colocavam gasolina em seu tanque com mangueiras improvisadas. Crianças observavam dos batentes finos enquanto Katsuo voltava à pista primeiro, dispersando um grupo de galinhas com sua prensa.

O rio Li não estava muito distante, só mais duas vilas. Suas águas serpenteavam em volta das montanhas, verdes e profundas demais para cruzar sem afogar os motores novos. A ponte que antes o atravessava estava despedaçada (destruída na guerra e, como muitas outras coisas, nunca reconstruída). Duas encostas em ruínas de frente uma para a outra. A pista que dava para a ponte estava marcada por um X de tábuas e kanji vermelho. NÃO ULTRAPASSE.

Um caminho de terra redirecionava os corredores para a margem, onde uma linha estreita de pedras margeada por cormorões subia sobre os baixios do rio. A balsa estava ancorada na ponta. A princípio, Yael pensou que fosse um engano. A estrutura em direção à qual Katsuo estava empurrando sua moto não podia ser uma balsa. “Barco” dificilmente seria a palavra adequada. “Jangada”, talvez, fosse um termo ainda melhor para os talos grossos de bambu que tinham sido cortados e amarrados em camadas com cordas.

Mas Katsuo empurrou a moto até o fim da doca e começou a embarcar. O operador da balsa — um homem magro com um chapéu na forma de sino e uma vara de bambu na mão — não pareceu discutir.

Yael não perdeu tempo para desmontar da moto e guiá-la ao longo da doca estreita. Atrás dela, ouviu a moto de Luka ser desligada e, à frente, o comando de Katsuo ao balseiro:

— Solte as amarras antes que os outros cheguem!

Ou o velho não entendia japonês ou não se importava. Suas articulações estavam enferrujadas e lentas enquanto encostava a vara e desfazia os nós das cordas de ancoragem. Ele não tinha terminado nem o primeiro nó quando Yael terminou de descer a moto pela rampa, subindo na jangada.

Katsuo a encarou do canto da proa da balsa — violento, agressivo, esculpido e entalhado.

Ela retribuiu o olhar.

— Saia. — Era a primeira vez que ele falava com ela, Yael percebeu. Ele nem se importou em usar o alemão.

Ela soltou os manetes da Rikuo.

Katsuo não se mexeu. (Era uma imobilidade inquietante, como a de uma cobra antes do bote.) A jangada tremeu quando novas rodas embarcaram, mergulhando mais alguns centímetros. Água do rio subiu pelas fendas no bambu, até a ponta das botas de Yael.

Luka tinha chegado. Yael pôde ver pela mudança no peso que ele tinha assumido a posição na popa. Ela estava imprensada entre os dois.

E agora?

— É tarde demais para descer — Yael disse em alemão, encarando a ruga na testa de Katsuo, afundada ainda mais pela tração de seus óculos de proteção. Era mais fácil do que ser

dissecada por aqueles olhos.

A resposta dele veio em japonês:

— Nem tanto.

Os dois se entenderam perfeitamente.

A água estava entrando pelas solas, levando o frio para o espaço entre seus dedos.

— Três! Chega! — Ela ouviu o operador da balsa gritar em japonês cortado e olhou para ver o homem empurrando a vara contra o peito do quarto corredor. Um par de cormorões lustrosos empoleirado na ponta da doca ficou observando enquanto o corredor praguejava, empurrando o bambu para o lado.

Aquela voz, aquele cabelo dourado longo demais caindo do capacete, o couro marrom rachado da jaqueta... o corredor na doca era Luka, observando enquanto o balseiro os levava para cima das correntes esmeraldas em torvelinho.

Então, quem estava atrás dela?

Um garoto, sem dúvida.

Alemão, segundo a braçadeira de seu uniforme. Eram os únicos dois detalhes que o olhar frenético de esguelha de Yael lhe oferecera. Todos os outros se perderam quando Katsuo voltou a falar, com a voz carregada de um veneno que a fez se virar.

— Você acha que pode me roubar a Cruz Dupla de novo, garota? Devia ter descido!

Yael viu que ele segurava uma lâmina — a mesma que tinha usado para destripar o peixe, agora apontada na direção da garganta dela. Ele estava a apenas três passos de distância (um pulo, na verdade, mas pulos não seriam possíveis em cima daquele monte de varas). Tecnicamente, Yael poderia desarmá-lo com dois golpes, mas a jangada era estreita, o rio profundo e a corrente forte. Uma escorregada ou uma facada e seria o fim.

NÃO SE MEXA ELE PODE ATACAR.

Yael se manteve parada, mas aquilo não impediu Katsuo de avançar. A jangada se curvou com o movimento; Yael teve de se segurar no banco da Rikuo para manter o equilíbrio. O vencedor parou no meio do passo. Sua faca saindo do punho. Nenhuma das duas margens tinha câmeras da Reichssender, Yael percebeu. Katsuo poderia esfaqueá-la e sair impune.

— PARADOS! — gritou o balseiro atrás deles.

Só mais dois passos agora. Meio pulo.

FIQUE PARADA FIQUE PRONTA.

— Se você se mexer demais, vai inundar a balsa. — O alemão dela era lento e insultante de tão alto, mas ela não conseguiu se conter. A centelha nos olhos dele, o brilho de sua lâmina, a chance muito real de que ele estivesse prestes a dar o próximo passo (viesse inferno ou maré alta), de que ela cairia no rio, em cima da faca, de que tudo fosse em vão...

Todas aquelas coisas a abalavam.

— Tem peso demais — ele disse, e ergueu mais a lâmina. — Eu devia tirar um pouco.

Eles estavam a um terço do caminho, pairando sobre a parte mais funda. O bambu mergulhava e cedia, e o operador da balsa gritava “PARADOS! PARADOS! PARADOS!” enquanto Katsuo avançava, centímetro por centímetro.

— Cuidado! — uma voz gritou atrás dela num alemão frenético.

Yael se segurou contra a jangada. Katsuo deu o segundo passo. Começou o salto. O treinamento de Vlad bombeou pelas veias dela, colocando seus membros no piloto automático.

DEFENDA ATAQUE SEJA A VALQUÍRIA.

Ela deu um pulo para trás, tirando os quadris e órgãos vitais da mira da lâmina, bloqueando seu trajeto com os braços cruzados em forma de X. O bambu sob as botas de Yael estremeceu. Duas vozes gritavam atrás dela; a água do rio chapinhava sobre a bainha da sua calça. Mas as instruções de Vlad eram mais altas, mais presentes do que tudo aquilo: “Pegue seu agressor pelo cotovelo, gire na sua direção. Agora a faca dele está à sua mercê. Você pode usar para acabar com ele”.

Vida? Ou morte?

SEJA A VALQUÍRIA QUAL É SUA ESCOLHA.

Não ainda. Não ele. (O que representaria, afinal?)

Yael jogou o garoto para trás, para cima, para fora.

SPLASH! O rio engoliu Katsuo — água faminta, correntes vorazes. Ele já estava longe da jangada quando voltou à superfície, engasgando de choque, raiva e frio. Debatendo-se contra todos os empecilhos de sua roupa de corrida.

A jangada também se debatia. Ricochetes violentos, resultado das mudanças súbitas de peso. Mas o balseiro conhecia a embarcação, conhecia a água, sabia como pacificar aquilo. Ele murmurou em sua língua nativa algo como “corredores malucos”, e seguiu em frente.

Depois de um momento de choque, Yael finalmente olhou por cima do ombro e viu o corredor na popa: nariz quebrado, boca torta, cabelo esbranquiçado saindo sob o capacete. Felix — o carrapato mágico Felix —, sempre aparecendo em lugares em que não devia estar.

Ele tinha sido o último corredor a sair de Hanói. Não *tão* longe em termos de distância, mas todos estavam se atracando na mesma velocidade, na marcha mais alta. Como pôde ultrapassar dez corredores? Chegar à jangada antes de Luka? Ela não o tinha visto na parada de reabastecimento...

— Como chegou aqui? — ela perguntou.

Ele se desviou da pergunta. Rebateu.

— Você acha que eu deixaria Luka Löwe subir nesta jangada com você? O que teria acontecido se fosse ele aqui, e não eu?

Os olhos de Yael seguiram as correntes cobertas de folhas, dando a volta até o cume mais próximo. Não dava para ver o vencedor japonês em lugar nenhum. Seu olhar parou na ponta da doca, onde Luka estava parado, observando. Uma fila de corredores estava reunida atrás dele.

Aquele era o plano? Empurrá-la entre ele e Katsuo? Deixar seus dois maiores concorrentes sair no braço, depois empurrar o ganhador na água? Não, ele tinha se esforçado ao máximo para embarcar. E não teria arriscado derrubar a própria moto, colocando sua colocação na corrida em perigo.

O que importava, afinal? Yael estava na frente do bando de novo. Destinada a vencer.

Felix olhou por cima do ombro, para o pontinho que era Luka, afastando-se, afastando-se.

— É isso, então.

A jangada deles raspou na costa rochosa até parar. E, como não havia ninguém na frente

dela, como ninguém podia avançar, Yael parou por mais um momento, olhando para Luka, cercado, ainda sozinho na ponta da doca.

O rio murmurava e corria entre eles.

Ela não pôde deixar de cogitar se não estava deixando algo para trás.

— É isso — ela disse, e deu meia-volta.

PRESENTE

28 DE MARÇO DE 1956
DE HANÓI A SHANGHAI

Ela estava na dianteira.

Aquilo era bom.

Eles fizeram um tempo excelente depois do rio, descendo pela estrada de terra o mais rápido que as motos permitiam. Horas se passaram e as montanhas desapareceram. Os campos de arroz se estendiam, fazenda após fazenda após fazenda. Vila, vila, cidadezinha, cidade grande. A terra da pista se transformou em asfalto e as Rikuos aceleraram ainda mais, cortando a névoa laranja do pôr do sol, noite adentro.

Quando a escuridão engoliu tudo, Yael ligou o farol e continuou em frente. (Não havia poeira para detê-la.) Ela não correria o risco de perder a liderança por nada. Nem acampar nem comer nem dormir. Seus únicos intervalos seriam para reabastecimentos apressados, mas necessários.

Felix se manteve firme ao seu lado. Sem reclamar ou gritar quando ela decidiu continuar em frente depois do crepúsculo. Ele apenas ligou o farol, iluminando a pista em dobro.

Yael não conseguiu evitar que seus pensamentos se voltassem ao que aconteceria depois. Depois de Shanghai, depois do barco atravessando o mar, depois da linha de chegada em Tóquio.

Ela contaria a verdade para ele?

Claro que não. Felix não entenderia.

Ela diria adeus?

Não, seria revelar demais.

Apenas o abandonaria, então? Como Aaron-Klaus a tinha abandonado — sem dizer uma palavra, pendendo na ponta de um penhasco que nunca poderia subir.

Aquela era a melhor opção. Mas parecia errado simplesmente desaparecer... Talvez, depois que tudo acabasse — o assassinato, a fuga, a perseguição e a guerra que com certeza se sucederia —, ela pudesse encontrá-lo novamente.

Encontrá-lo e dizer o quê? *Sou um experimento pseudocientífico que deu errado, sequestrou sua irmã e usou o rosto dela para matar o Führer. Desculpe por isso. Ah, e desculpe de novo pelo golpe com a pistola. Mas até que cicatrizou bem, hein?*

Ela nem conseguia imaginar como Felix receberia aquilo, considerando seu histórico.

Não — o adeus sem adeus era a melhor opção. A única de que ela era capaz.

Aqueles pensamentos se repetiam — em círculos e círculos e círculos —, e a pista se

escancarava escura diante dela, aberta como uma ferida. Suas margens começavam a se manchar: galhos de árvore se estendendo longe demais, vibrações como morcegos no canto dos olhos. Havia uma faísca em seu estômago, lembrando Yael que as barras de proteína que devorava nas paradas de reabastecimento não eram um sustento adequado.

Foi só quando ela parou na beira da estrada e começou a revirar o cesto que percebeu como suas pálpebras estavam pesadas de uma forma que pedia sono.

Felix também bocejava enquanto abria o relógio de bolso de Martin e via as horas pelas fendas aranhadas do visor de vidro.

— Temos mais quatro, talvez cinco horas para pilotar ainda. Cinco até o nascer do sol.

Yael desenterrou um pacote de carne desidratada. Seus dedos tateavam por toda parte, bêbados pelas dezessete horas seguidas na moto.

Felix observava incisivo enquanto ela desistia e atacava a embalagem com os dentes. Engolindo pedaços de frango seco direto do papel.

— É melhor parar para cochilar. Deve ser o que os outros corredores estão fazendo.

Yael olhou para a pista atrás deles. Nenhum farol. Só uma escuridão que flutuava diante de seus olhos, abrigando muita coisa (como toda escuridão): dias se misturando a vidas inteiras, enrolando-se a sonhos. Ela quase podia ouvir os uivos de seus pesadelos entrando por seus ouvidos.

Felix tinha razão. Ela precisava dormir. Mas aquele era o momento de “correr ou morrer” da competição. Não era a velocidade que determinaria o vencedor, mas a resistência.

E Yael sempre tinha resistido...

O uivo só ficou mais alto. Ela mastigava os últimos pedaços de frango quando viu o farol, subindo como um sol em miniatura. Uma aurora errada vinda do oeste. O uivo cresceu e cresceu e cresceu, nenhum grito de pesadelo, mas um motor, avançando na direção deles em velocidade máxima.

Yael derrubou a comida. O capacete? Onde? Não! Óculos de proteção primeiro!

VÁ VÁ VÁ RÁPIDO VÁ.

Enfia. Fecha. Trava.

Tarde demais. O farol tinha chegado e estava... parando? O coro enraivecido do motor diminuiu até virar um zumbido, uma parada. Seus olhos famintos de sono quase não tiveram tempo de processar a jaqueta marrom e os lábios rachados quando Luka Löwe desceu da moto e foi na direção dela, passo por passo furioso.

— VOCÊ! Em que estava pensando?

Felix entrou bruscamente entre eles, rápido e eriçado como um cão de guarda. Luka se deteve, mas seus olhos continuaram nela, por cima dos ombros de Felix.

— Sua manobrinha no rio não adiantou nada. Katsuo ainda está na corrida. — Ele não perdeu tempo para explicar.

— Como assim? — Yael perguntou.

Ele apontou para ela.

— Quero dizer: segundo lugar — então apontou o dedo para o próprio peito — e terceiro. De longe, muito longe. O balseiro desembarcou a moto da jangada depois que vocês desceram.

Katsuo nadou até a margem e já tinha dado partida quando atravessassei porque *alguém* não tomou o cuidado de cortar o tanque.

— Ah... — Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Katsuo. Na frente. Ainda. Nadando, claro. Por que ela não tinha pensado naquilo? (Porque estava ocupada demais pensando numa vitória que ainda não tinha conquistado e no que poderia ter sido, olhando através do rio.)

Felix não pareceu convencido. Seus ombros se prepararam para uma briga.

— Onde ele está então?

— Cinco quilômetros para trás. Tendo um *Verdammt* de piquenique à beira da estrada — Luka rosnou por cima do irmão de Adele. — Eu mesmo teria cuidado dele, mas está com seu bando. Precisamos acabar com Katsuo antes de Shanghai. Podemos usar o movimento em pinça da Alemanha...

— Aquele com que você tentou eliminar minha irmã? — Felix interrompeu. Os punhos cerrados. — Acho que não. Ela já suportou demais de você.

— *Suportou?* — Luka bufou. As sobrancelhas desaparecidas sob a linha do capacete. — *De mim?*

Felix saltou. (Destrave. Pegue o cabo. Segure o gatilho.) Ele voou para cima de Luka. Seu cotovelo enganchou furiosamente em volta do pescoço do vencedor, prendendo-o numa gravata.

— Não finja que não a atacou em Osaka! — Felix chiou no ouvido de Luka. Suas narinas alargadas, as veias do pescoço saltando. — Quando descobriu que era uma garota!

Era difícil saber no escuro, mas Yael tinha quase certeza de que o rosto de Luka estava ficando roxo — do tom do crepúsculo ao violeta ao berinjela — enquanto arfava e se debatia.

— Felix, solte! Precisamos dele!

— NÃO! — Seu grito transmitia toda a força de seu primeiro soco em Praga. — É para seu próprio bem, Ad. Estou protegendo você!

A raiva de Felix era um fósforo, mas a dela era um barril de gasolina. Toda aquela escuridão turva trancafiada esperando o momento certo (aquele momento certo no salão de baile, em frente ao Führer e ao mundo) para explodir.

Yael precisava afastá-lo se quisesse aceitar a aliança com Luka e chegar ao salão de baile.

— Não *preciso* da sua proteção, Felix! Nunca precisei.

O rosto dele ficou inerte, bestificado com aquelas palavras. Seu braço afrouxou um pouco demais. Luka agiu naquele momento: calcanhar na canela e punho no nariz de Felix. Houve um estalo e um xingamento, e Luka saiu livre. Massageando a garganta.

— Foi isso que ela disse? — ele falou rouco para Felix, depois se virou e olhou para Yael. — Foi isso que disse a ele? Que *eu* ataquei você?

Se ao menos ela soubesse o que Adele tinha dito a Felix. Se ao menos soubesse o que realmente tinha acontecido em Osaka. O coração de Yael, desprovido de verdade, batia tomado de adrenalina e desconhecimento.

Sangue — escuro e serpenteante — começou a descer do nariz de Felix. Ele não pareceu notar a vermelhidão ou a dor.

— Então aquilo *também* era mentira?

— Que engraçado. — Luka pigarreou e cuspiu no chão. — Eu esperaria um pouco menos de surpresa em relação a alguém que roubou sua identidade e o deixou à mercê dos abutres no deserto um ano depois.

A expressão de Felix Wolfe ficou feroz: rosnados, sangue em volta do nariz.

— Cala sua boca de *Scheisse*!

— Ou o quê? Vai me dar outra gravata? — O vencedor abriu um sorriso maldoso e voltou as costas para Felix, focando em Yael. — Escute, por mais que eu queira continuar com essa história, Katsuo vai terminar de comer a qualquer momento. Precisamos estar à frente dele para a manobra dar certo. Katsuo vai achar que estamos blefando e é orgulhoso demais para breca como você fez. Vamos conseguir pegar os manetes dele. Você topa, *Fräulein*?

— Pegar os manetes e o quê? — Ela encarou aqueles olhos azuis de tormenta, fundo demais para navegar sem se perder. — Como vou saber que você não vai jogar a moto na minha direção? Derrubar nós dois?

— Deixo você empurrar se faz você se sentir melhor. Primeiro as damas e tudo mais — Luka acrescentou. — Vou mandar Katsuo na sua direção e pisar nos freios no último momento. Você pega o manete dele e o joga para fora da pista.

— E o que acontece depois? — ela perguntou.

— Depois temos uma corrida justa. Só nós e a pista. — Ele sorriu. O ato rachou seus lábios ressecados. — Devo admitir que estou ansioso para isso.

Atrás dele, Felix estava balançando a cabeça, lançando-lhe o mesmo olhar do avião: “Não faça isso; não confie nele”.

Mas que escolha ela tinha? Com Katsuo tão à frente e Tóquio tão perto...

Os uivos voltaram a surgir à distância. Não mais vindos de pesadelos, mas um perigo desperto. Ali, real, naquele momento.

Katsuo estava chegando. Ela estava sem tempo.

Yael começou a caminhar na direção da moto.

— Não faça isso, Ad — Felix gritou atrás dela. — Você está botando tudo a perder.

Não tudo. Para ela, ainda era tudo possível: tudo, tudo.

— Preciso fazer isso — ela disse para ele.

— Existem outras maneiras...

— Quais? — Ela ligou o motor da Rikuo.

O sangue de Felix descia em elipses: para fora, para fora, para fora, pingando de seu queixo rumo ao nada. Ele parecia num conflito enorme na escuridão, olhando fundo para as costas de Luka enquanto o vencedor montava em sua moto. Ligava o motor.

— Não vá com ele. Por favor, só... só confie em mim — Felix arriscou, digno de pena.

Mas Yael era uma garota para quem a confiança não significava nada (as seringas a tinham arrancado dela, com tantas outras coisas) e lhe passou pela cabeça que — talvez, mesmo, ainda — Felix Wolfe só quisesse a segurança da irmã. Que — talvez, provavelmente, de verdade — não houvesse nenhuma outra maneira. Era aquilo. Se ela não seguisse Luka, tudo estaria perdido.

Os uivos cresceram. O farol de Katsuo irrompeu no horizonte, entalhando a silhueta deles.

Até não serem nada além de sombras.

— Somos Wolfe — Felix implorou. — Precisamos ficar juntos.

Mas o ferro no sangue de Yael não a ligava a Felix. Não. Ligava-a a muito mais: a um povo, a um mundo.

Nada podia ficar perdido.

Luka entrou no asfalto e olhou por cima do ombro. Sua moto parou, esperando por ela. Yael respirou fundo e o seguiu.

PRESENTE

29 DE MARÇO DE 1956

Todos os seus nervos, todas as moléculas que a compunham, estavam elétricos, a cem mil watts, enquanto Yael acelerava a moto na pista. Luka pilotava no acostamento esquerdo — rápido o bastante para usar a marcha mais alta, mas lento o suficiente para deixar que Katsuo os alcançasse. Yael dirigia paralelamente (um pouco mais à frente, para que Katsuo não notasse a emboscada), suas rodas rasgando o orvalho. Metro por metro, minuto por minuto, o farol atrás deles ficava mais iluminado e o ronco do motor de Katsuo devorava tudo.

Seu séquito (Takeo e Iwao) dirigia atrás dele. Perto o suficiente para lhe dar confiança, longe demais para fazer algo de útil quando chegasse o momento. Suas luzes eram pó de estrelas enquanto a dele era um meteoro: fulgurante, pronto para o impacto.

Aquela era a parte difícil. Yael precisava de três pares de olhos: um para Katsuo, um para Luka, outro para a pista à frente dela. Mas tinha que se contentar com frações dessas perspectivas através dos óculos de proteção manchados.

Uma curva na pista. Katsuo acelerando, ultrapassando Luka. Luka se aproximando, a poucos centímetros do escapamento de cromo de Katsuo. Outra curva. Luka de novo, afastando-se de Katsuo com um ronco do motor, provocando-o, assim como tinha feito com Yael perto da Alemanha. Katsuo, com a atenção fixada em Luka, tentando decidir se o empurrava ou não para fora da pista. Distraído demais para notar Yael fazendo seus próprios cálculos diante dele.

Era hora de atacar.

Yael apertou o freio, diminuindo um pouco a velocidade. Luka queimou combustível, levando Katsuo a fazer o mesmo. O cromo do manete dele chamejava. Yael podia ver perfeitamente — o lugar que sua mão deveria pegar, empurrar, soltar —, limpo e prateado.

Luka continuou avançando para cada vez mais perto.

O ar entalhava seus maxilares. A pista se fendia entre eles, uma velocidade capaz de rasgar a pele. Quilômetros, escuridão fria e velocidade atravessavam o espaço entre os dedos de Yael quando ela esticou a mão. Esticou...

Muitas coisas aconteceram num só momento. Seus dedos envolveram o cromo do manete. Os freios de Luka guincharam, e o chiado de borracha queimando encheu o ar. Katsuo virou a cabeça e seus olhos encontraram os dela.

Não havia mais lâminas nele. Não era mais o olhar fundo de um caçador. O que Yael viu quando o encarou era algo muito mais animal... muito mais humano: medo.

Aquilo a trespassou — até o fundo dos ossos, até a medula —, alcançando a menina amarrada na maca, com os olhos brancos de pavor enquanto as seringas a perfuravam, uma

após a outra após a outra. Que andou sob os holofotes, parou diante de um rio de sangue e ouviu todas as batidas no próprio peito. Que teve sua manga segurada, sua vida exposta pelo nacional-socialista que não era um nacional-socialista.

A menina que era caçada. A menina que tinha medo.

Ela havia desejado ser a caçadora por muito tempo. A predadora. A valquíria — juíza da vida ou da morte —, acima de tudo.

Mas não daquele jeito. O que estava fazendo? Dançando entre os limites, esquecendo-se de todos eles.

Pilotaram por mais dois segundos. Lado a lado. Paralisados e voando.

Foi demais — a crueza nos olhos de Katsuo se transformou em algo desesperado. Algo perigoso.

Os comandos de unhas e dentes entravam em ação. Matar ou ser morto.

Aquele não era um mundo para limites.

Katsuo agarrou o punho de Yael. Dedos apertando, prendendo-a. Se ela empurrasse os manetes dele agora, seria jogada para fora de sua moto. Enroscada no acidente de metal e carne. Se soltasse, recuasse, Katsuo a empurraria do mesmo jeito. Faria com que *ela* fosse jogada para fora da pista e seguiria em frente.

Mais um segundo passou. Uma curva estava se aproximando, saltando para dentro de seus faróis, a instantes de distância. Eles não podiam continuar daquele jeito por muito tempo. A mão de Katsuo perdeu força. Não mais as amarras da maca, mas o suficiente para segurá-la. A menos que...

Yael torceu a mão, como se estivesse tentando arrombar um cadeado, e puxou. Os dedos de Katsuo apertaram, mas já era tarde demais. Pegaram apenas luva, sem pele. Ele puxou com tanta força que o couro perdeu a aderência, serpenteando para fora da mão dela, escapando, voando — oco, vazio — para longe. Katsuo observou o couro disforme cair contra ele, seus olhos se alternando entre muitas emoções: ferocidade → incredulidade → medo de novo →

A luva continuou caindo. *Ele* continuou caindo. Para tão longe que o contato com os olhos de Yael se perdeu.

Mas ela viu todo o resto em detalhes perfeitos e agonizantes.

As leis da física assumiram. Gravidade, momento, força... garoto e moto encontrando o chão. Centelhas crepitaram pelo pavimento, e a luz do farol de Katsuo girou furiosamente. Cortando com uma luz forte demais a protuberância na pista que não era pista, mas um corpo estatelado e imóvel de uma forma que a garota conhecia bem demais.

Katsuo não se levantaria depois daquilo.

Foi parado, mas as leis da física continuavam agindo. A curva na pista chegou, e Yael entrou nela. Buscando a força centrípeta, tentando se manter no mesmo plano, lutando contra a mudança. A curva era fechada e, quando ela a completou e olhou para trás, não havia nada. Só as silhuetas das árvores e o farol de Luka.

O vento uivava em seu punho sem luva, entrando pela manga da jaqueta, cortando a pele do braço esquerdo. Correndo contra ela, de novo e de novo, até não conseguir sentir mais. Até ficar entorpecida.

PRESENTE

29 DE MARÇO DE 1956
POSTO DE CONTROLE DE SHANGHAI
18741 KM

1º: ADELE WOLFE, 12 DIAS, 10H37MIN5

2º: LUKA LÖWE, 12 DIAS, 10H37MIN10

Foi difícil saber se estava acordada ou sonhando quando chegou ao posto de controle de Shanghai. Os marcadores da corrida a guiaram pelas ruas com névoa pós-aurora — fervilhando de carros elétricos e jinriquixás balançantes, aromas de peixe fresco e sal — até as docas de madeira lascada que ziguezagueavam mar adentro. A linha de chegada ficava na rampa que dava para um barco chamado *Kaiten*. O perfil do tombadilho de comando era bélico, iluminado por um sol ainda baixo. Seu casco — tinta fresca e rebites lisos — fazia todas as outras embarcações do porto parecerem menores, cordames de pesca enferrujados e casas flutuantes.

Yael subiu a bordo, deixou o motor tremer e morrer. Vinte e quatro horas e dezessete minutos. Aquele era o tempo que tinha ficado na moto. Deveria ter sido menor — mas, depois do acidente, ela simplesmente não *conseguia* seguir em frente. Tinha parado à beira da estrada e tentado respirar. Tirou a luva da mão direita e a colocou na esquerda, mas não dava certo. Ela a jogou nos arbustos no exato momento em que Luka a ultrapassou, correndo no ar densamente orvalhado sem olhar para trás. Esperou mais alguns minutos (sem saber bem pelo quê... Takeo? Iwao? Felix?), até não conseguir mais ficar parada. Tinha que seguir em frente, continuar na dianteira, vencer.

Tinha que fazer todas aquelas mortes importarem.

Até mesmo a de Katsuo.

O nome dele já estava riscado quando ela subiu a bordo. (A caravana de suprimentos o tinha encontrado horas antes, o cronometrista contou para Yael quando ela perguntou. Não houve nada que os médicos pudessem fazer além de anunciar o acidente fatal via rádio.) Yael ficou olhando para a linha de giz até seus olhos se fecharem de sono e tudo virar um grande borrão. Tão indistinto quanto seus pensamentos.

~~Tsuda Katsuo~~. (Não. Tsuda Katsuo. Preciso pensar nele sem o risco. De que servem as linhas afinal?) Dezessete anos. Nascido em Kyoto. Vencedor do nono Tour do Eixo. Morto. Como tantos outros. Tantos, tantos outros...

Cinco segundos. Nenhuma grande liderança. Só mais um trecho. O trecho final. Onde estão minhas luvas? Ah, sim, na pista. Perdidas. Mortas.

Mortas, mortas, mortas.

Não havia dormitório a bordo do *Kaiten*. Foram oferecidas cabines individuais para os corredores. Eram quartos funcionais, nada além de um banheiro e uma cama. Quando Yael chegou ao quarto de Adele Wolfe, deixou-se cair nos lençóis de linho novos e dormiu o sono dos mortos. Imóvel, escuro e sem sonhos.

Daquela vez, quando acordou, não havia luz do sol. E não havia Felix, sorrindo para ela, chamando-a para ver as cores. Sua pequena portinhola estava tomada por trevas. (Crepúsculo talvez? Ou amanhecer? Não dava para saber.) E Felix... devia estar longe, em seu próprio quarto, se era que estava no navio.

A princípio, Yael pensou que sua cabeça estava girando quando se levantou, mas ela logo entendeu, ao pôr o peso nas pernas fracas, que era o movimento do barco. Já estavam no mar. Os outros corredores deviam ter chegado enquanto ela dormia.

Todos menos Katsuo.

O pensamento, o nome, a atingiram com a clareza terrível e fria da manhã. Sem indistinção, sem torpor.

A lembrança dele caindo na estrada com força, membros, articulações e vida afoitos, parecia um pesadelo. Mítica, segurando-se a ela como um filme oleoso, fazendo-a se sentir doente, suja.

Um número grande demais de seus pesadelos era real.

— Tsuda Katsuo está morto — ela disse para a parede metálica sem rachaduras. As palavras ecoaram de volta, baixas, mais baixas, mais baixas...

As justificativas vieram frenéticas, dançando em volta dos limites. *Era a vida dele ou a minha. Não foi minha culpa. Não no fim. Se tivesse soltado, se não tivesse puxado para trás com tanta força, não teria perdido o equilíbrio. Não decidi a morte dele. Mas a causei...*

E a voz que sussurrava alto, mais alto, mais alto — o sussurro mais antigo de todos — dizia apenas uma única palavra: monstro.

Yael temia que fosse verdade.



O mar ficou pior, suas águas viravam, saltavam, surravam para todos os lados. A tripulação do *Kaiten* parecia imperturbável, atravessando os corredores com a segurança de cabras da montanha. Mas Yael e os outros corredores passavam boa parte do tempo sentados, tentando impedir que a comida ingerida pintasse o piso de suas cabines. O lugar estava quase vazio quando Yael, segurando-se às paredes, foi buscar alimento. Ela ficou mais do que grata por aquilo. Não achava que conseguiria aguentar os olhares dos outros corredores — reais ou imaginários — a perfurando como o de Katsuo. Cem vezes seguidas.

O olhar que mais temia era o de Felix. (Segundo o placar, ele *tinha* chegado ao navio, no décimo segundo e último lugar.) Mas o irmão de Adele e seus olhos cor de gelo não estavam em lugar nenhum. Lars (que estava com o rosto um tanto quanto verde) e Ryoko eram os únicos a comer, segurando tigelas de *kake udon* enquanto tentavam se manter firmes nas

cadeiras fixas.

Yael manteve a cabeça baixa enquanto pegava sua tigela e sentava numa mesa à parte. O balanço do barco criava miniondas no caldo, reverberando o reflexo triste de Adele. Yael olhou e olhou no fundo dos fios de macarrão enrolados, tentando estabilizar o estômago para comer. O último trecho do Tour do Eixo era de pouco mais de mil e duzentos quilômetros, de Nagasaki a Tóquio. Doze horas dirigindo na marcha mais alta. Doze horas com Luka indo atrás dela com tudo, tentando estreitar a distância de cinco segundos entre eles.

Yael precisava de todas as forças que pudesse reunir. E, embora não estivesse cheia, tampouco tinha fome.

Só vazio e náusea.

Ela olhava para a comida quando a cadeira ao seu lado rangeu. Era Ryoko, sentando-se à sua mesa. O cabelo curto, acetinado, roçou o queixo dela quando fez uma reverência.

— Olá. Meu nome é Ono Ryoko.

— Sou Adele. — Ela retribuiu o aceno e tomou coragem para encarar a garota nos olhos.

Não havia ferocidade neles. Nenhuma acusação cortante. Covinhas surgiram em suas bochechas.

— Obrigada por nos ajudar a fugir dos soviéticos. E por ajudar Yamato. Ele ficou muito grato.

Yael não soube o que dizer. “De nada” parecia uma heresia. Não responder seria um insulto. Então ela se agarrou ao último assunto.

— Como ele está?

— Feliz por não ter saído. Yamato é bom de corrida, mas não é nisso que está seu coração.

— As bochechas de Ryoko coraram, ficando entre rosa e ameixa. Ela continuou rápido: — Ele quer estudar literatura e virar professor.

Yael pensou no livro gasto do garoto, em como lia haicais em voz alta no tom e ritmo perfeitos.

— Vai ser um bom professor.

Ryoko assentiu.

— Também acho.

Yael enfiou a mão no bolso, tirando as dobraduras de papel. A estrela estava amassada e o pescoço do cisne estava dobrado para trás, quebrado.

— Obrigada por isso.

— Você não abriu. — Ryoko franziu a testa e pegou os papéis da mão de Yael. Seus dedos habilidosos separaram as formas amassadas e alisaram os vincos.

Os dois pedaços de papel guardavam bilhetes escritos à mão — uma letra caprichada entre a propaganda alemã e o jornal árabe.

Na estrela: Katsuo está planejando um bloqueio na pista com Hiraku, Takeo e Iwao. Fique à frente deles assim que puder.

No cisne: Katsuo vai drogar sua água. Mantenha seus cantis por perto.

A verdade estava ali dentro. Sempre dentro. (Aquilo fez Yael pensar no que encontraria se ela mesma se desdobrasse. O monstro criado pelo dr. Geyer? Ou a valquíria projetada por si própria?)

Ela não sabia.

Ela não sabia.

Como podia ter esquecido a própria identidade?

— Você estava tentando me avisar... — Yael pensou em voz alta. — Mas por quê?

— Vi você correndo ano passado. Pilotou muito bem. Melhor que os garotos. Fiquei feliz. Me deu... — Ryoko fez uma pausa, buscando a palavra que queria em alemão. — Esperança. Esperança de que também poderia correr, mesmo sendo uma garota. E em Praga, quando eu estava sentada sozinha, você sorriu para mim, me dando esperança de novo. Queria dar algo em troca.

Esperança. Gottverdammt esperança. Yael precisava muito de um pouco daquilo agora. Olhou para os papéis amassados. Eles nunca voltariam a ficar lisos. Tinham passado por coisa demais. Mas, talvez, pudessem ser dobrados novamente.

— Pode me mostrar como fazer a estrela? — ela perguntou. — E o cisne?

A garota à frente dela sorriu.

— Claro.

Ryoko também era uma boa professora. Passaram uma hora debruçadas sobre a mesa, vincando papel com os polegares, falando sobre motocicletas e os garotos. (Sabe-se lá como, a conversa sempre voltava para Yamato. Toda vez que Yael mencionava o nome dele, o rosto de Ryoko adquiria mais um tom de vermelho.) Quando a aula acabou, Yael conseguiu montar uma estrela firme e um cisne que realmente lembrava uma ave de verdade.

É um bom começo, ela pensou enquanto guardava as dobraduras no bolso.



O mar finalmente acalmou, mas o estômago de Yael continuou girando, as refeições prévias de *kake udon*, arroz, peixe e ameixas secas revirando. Ela subiu ao convés em busca de ar, um truque que tinha aprendido com os marinheiros heroicos da estante de romances banidos.

Ela não era a única ali. Todo o barco tinha se revirado de dentro para fora: corredores e membros da tripulação estavam debruçados nos parapeitos, banhando-se na brisa do mar e na luz da manhã.

Yael olhou ao redor em busca de Felix, mas ele não estava em nenhum lugar. Ela não o tinha visto durante a viagem inteira. Faltava-lhe coragem para bater na sua porta, e Yael não sabia direito o que dizer depois que o fizesse. De que importavam mais vinte e quatro horas, afinal? O adeus que não era um adeus continuava sendo a melhor opção.

A proa era isolada, cercada pela torre de comando. O melhor lugar para ela observar o horizonte de azul sobre azul.

— Preparando-se para a ação, *Fräulein*? — Luka, outro rosto que ela não tinha visto, se recostou no parapeito ao lado dela. — Temos um dia e tanto à frente. O capitão disse que faltam só algumas horas para aportar. Logo mais vamos poder ver terra.

Ele estava bonito. Arrumado para a multidão de câmeras que se preparavam para enfrentar. Seu cabelo tinha sido lavado e penteado para trás. A barba rala tinha sido feita. Seus lábios não

estavam mais rachados; ele havia passado geleia de petróleo neles. A ponta da orelha que tinha perdido ao salvar Yamato estava envolvida num pedaço limpo de gaze.

Aquilo deixou Yael ainda mais consciente de como estava suja. Não tivera firmeza nas pernas para parar embaixo do chuveiro do banheiro. Tinha apenas jogado um pouco de água para tirar a terra do rosto.

Mas a sensação pegajosa ainda estava lá. Em torno de sua escápula, embebida em sua pele. Precisaria de muito mais do que chuveiro e sabonete para se livrar dela. Muito mais.

Yael voltou a olhar para o mar.

Luka logo entendeu seu silêncio.

— Está assim por causa de Katsuo?

Ela era tão óbvia? Ou ele tinha ficado bom em romper a casca dela e lê-la?

— Ele morreu. — Yael disse aquilo como tinha dito para a parede. Só que, daquela vez, a frase não ecoou.

Gritou de novo para o nada:

— Ele morreu e a culpa é minha.

— *Scheisse* — Luka praguejou e se debruçou mais no parapeito, os dedos dos pés equilibrados na grade mais baixa.

Yael se deu conta de como seria fácil empurrá-lo para o mar. Mas ficou só observando enquanto o vento e a luz do sol cortavam o cabelo dele.

— Você mudou *mesmo*. — Ele voltou a encará-la, fechando os lábios numa carranca. — Não me leve a mal. Gosto da nova Adele. Só não sei se a entendo completamente.

— Não incomoda você?

— O quê? Que Katsuo esteja morto? — Ele saltou para o chão. — Eu estaria mentindo se dissesse que não... Mas antes ele do que eu. Ou do que você. E teria sido você, Adele, se não o tivesse empurrado. Não devia ficar se culpando — ele continuou. — Você fez o que precisava fazer. Se ele tivesse o bom senso de soltar na hora certa, ainda estaria aqui.

Palavras duras, cheias de verdades desagradáveis. Contra tudo, contra sua vontade, fizeram Yael se sentir um pouco melhor.

Os primeiros traços de terra estavam brotando no mar. Encostas surgindo como mudas de primavera. Crescendo e crescendo com o passar dos minutos silenciosos entre eles e o avanço do barco.

— Fico feliz por Felix ter se enganado sobre você — ela disse, voltada para as montanhas que surgiam.

Ele se debruçou novamente no parapeito, pendurando-se intrépido no campo de visão dela.

— Pelo visto você deu a ele uma impressão bem errada de mim.

— Eu minto muito.

— Já notei. Você é muito boa nisso, aliás. — Luka se voltou para ela, tão perto que Yael tinha que olhar. Tinha que ver como o rosto dele estava sombrio, como segurava com força no parapeito. — Adele... algum dia foi real? Houve alguma fração de segundo em que você gostou de mim?

Os pensamentos de Yael se inundaram de fendas, trens e *mais*. Parecia haver indícios de

sentimentos — verdadeiros e luminosos — emaranhados naquela mistura de codinomes. Luka + Adele. Luka + não Adele. Yael + aquele garoto que era um nacional-socialista e, no entanto, muito mais.

Algum dia foi verdadeiro? Algum deles chegou a ser verdadeiro?

— Não tenho mais certeza — ela disse.

Luka Löwe riu baixinho. O canto de seu lábio ficou tenso.

— Você é uma criatura cruel, Adele Wolfe.

Ele ia beijá-la de novo. Dava para perceber pela leve inclinação na cabeça dele, na forma como se aproximava.

Importava? O sol estava brilhando e nem tudo era mentira.

Em menos de quarenta e oito horas ela nunca mais o veria novamente.

Não poderia ter aquilo? Uma sensação que não fosse tristeza, raiva, culpa? Um adeus que não fosse apenas lágrimas, silêncio e gritos?

Ele se aproximou. Ela deixou.

O beijo foi muito parecido com o anterior, o mundo se movendo em volta deles e os lábios de Luka contando uma história aos dela. Tinha o gosto de um poema épico grego: bélico; heroico; vasto. Cheio de amores, nascimentos e mortes.

Tinha o gosto errado.

Ela se deu conta assim que o sabor passou dos lábios dele para os dela. Substâncias químicas prateadas cortaram suas papilas gustativas, apunhalaram o fundo de sua garganta.

Era um sabor que Yael conhecia bem. Vlad o tinha usado em seus testes diversas vezes, sempre o colocando entre os líquidos que a fazia cheirar e identificar. Ela podia ouvir a voz dele, segurando o frasco amarelo, explicando o que havia dentro: “Isso derruba uma pessoa em menos de um minuto e a deixa caída por algumas horas. É impossível acordar. Só se o antídoto for aplicado antes”.

Yael engasgou, sufocou com a sensação da droga entrando dentro dela. Luka recuou.

O brilho em seus lábios ainda estava lá, e não era geleia de petróleo. O vencedor passou a manga da jaqueta na boca.

— Vocêêê diiisse... — Suas palavras já estavam se alongando. A visão dela estava embaçada. — Corrida j-justa.

Luka deu de ombros ao som das palavras. (Ou, pelo menos, foi o que ela pensou ver. Ele era pouco mais do que uma mancha marrom contra a luz do dia.)

— Bom, você sabe o que dizem sobre o amor e a guerra.

A mão de Yael tateou em busca do parapeito. Errou. O tranquilizante era pesado como chumbo em suas veias, perpassando todas as partes dela, derretendo com o resto do peso. Não havia como se manter em pé.

Luka a pegou no meio da queda, sussurrando em seu ouvido enquanto a deitava no convés:

— Desculpe, amor. Desculpe mesmo. Mas mesmo a cinco segundos de distância você é boa demais. E não vou deixar que vença de novo.

A escuridão girava como fumaça, arrancando as últimas palavras baixas de Luka:

— Vejo você em Tóquio.

E, de repente, tudo se apagou. Escuridão total...

PRESENTE

1º DE ABRIL DE 1956

O mundo em volta de Yael estava completamente escuro e chacoalhando. Uma voz insistia:

— Acorde! Você precisa levantar agora!

Por quê? Estava tão bom ali, no escuro quentinho... Se o tremor parasse, ela poderia descansar naquele lugar para sempre. Mas o tremor cresceu e cresceu. Até zumbir sob seus dentes e sacudir suas unhas. Chacoalhando tudo dentro dela — palavras, visões, lembranças —, como dados num copo.

Um longo, longo trem. Cores do Holi rebentando de uma nuvem de fumaça. A mulher de cabelo amarelo demais no porão do bar chorando e chorando enquanto arrancava o mundo da parede. Tachinhas caindo no chão, vermelhas como sangue. Sangue na jaqueta. Sangue entre os ladrilhos no chão, infiltrando-se no reboco.

— Acorde! — a voz chiou novamente. Daquela vez, Yael se segurou a ela, tentou lembrar por que soava tão familiar.

O tremor continuou, mas as lembranças que voltaram eram mais sólidas: a serra da costa do Japão se aproximando. O sol da manhã tão quente em seu rosto. Luka Löwe se aproximando, tocando os lábios envenenados nos dela... um beijo que significava tudo.

ACORDE ACORDE AGORA É A HORA.

Abrir os olhos trouxe a forte e dolorosa LUZ. Yael olhava para o céu da tarde sem fim. Então, um tom diferente de azul, mais cortante, surgiu na forma do olhar de Felix.

— Levante! — Ele fez a maior parte do trabalho por ela. Puxando Yael para que se sentasse, apoiada nos cotovelos. Ela viu que ainda estava sobre o *Kaiten*, embora tivesse sido arrastada da proa até o meio do convés. O trecho engolfante do mar tinha ficado para trás. Havia uma porção de navios e a agitação do porto de Nagasaki ao fim da rampa.

Duas motocicletas estavam estacionadas ali perto: a dela e a de Felix. Não dava para ver as outras dez Rikuo em nenhuma parte. O sol estava alto demais sobre eles.

É TARDE DEMAIS.

O corpo de Yael levou mais um segundo para reagir à terrível descoberta. Primeiro gerou um grito. Depois uma corrida frenética para montar na moto. Felix caminhou em movimentos sincronizados ao lado dela enquanto Yael avançava na direção da Rikuo.

— Dormi por quanto tempo? — ela arfou, colocando os óculos de proteção sobre o cabelo oleoso.

— Não vi você enquanto todos os competidores se enfileiravam. Então saí procurando...

— Quanto tempo? — Ela se virou e gritou na cara de Felix. Um pouco de saliva caiu na

parte quebrada do nariz dele. O irmão de Adele nem reagiu.

— Não consegui acordar você — ele continuou. — A enfermeira Wilhelmina disse que parecia ter sido drogada. Tentei de tudo. Tentei fazer os oficiais adiarem a corrida, mas eles se recusaram. Isso foi duas horas atrás.

O capacete que Yael segurava escapou de sua mão. Tombou no convés do *Kaiten*.

Ela não se importou em pegar.

Duas horas. Luka e o resto do bando já deviam ter passado Fukuoka àquela altura. Destruindo sua liderança de cinco segundos. Terceira marcha, dirigir sem parar, toda fúria e razão no mundo não seriam capazes de levá-la a Tóquio a tempo.

Estava tudo acabado.

Parte de Yael queria chorar, mas não havia lágrimas dentro dela. No lugar, tinha um vazio, raspando o fundo do peito. Forçando, expandindo-se, ameaçando devorar todos os momentos a seguir.

Felix pegou o capacete e o ofereceu a ela.

— Vista.

Os braços de Yael pendiam inúteis ao lado do corpo.

Como ela não se moveu, ele colocou o capacete nela. Amarrou a fita com firmeza em seu queixo.

— Eu disse que tem outras formas. Essas Rikuos foram feitas mais para resistência do que para velocidade. Luka tinha razão. Elas são uma *Scheisse* para uma corrida como esta, mas, em termos mecânicos, são capazes de muito mais. Quando eu estava treinando em Hanói, passei por uma oficina e decidi mexer um pouco nela. Troquei as rodas dentadas, para melhorar a relação de engrenagens e aproveitar o RPM da moto. Ela consegue velocidades máximas maiores agora.

Ele tinha equipado a moto em Hanói? Claro, fazia todo sentido. Chegara tão rápido à balsa...

— Por que não me contou? — ela perguntou.

— Não pareceu importar depois que empurrou Katsuo no rio. Você parecia destinada a vencer. E então, à beira da estrada... eu tentei. Mas não podia dizer em voz alta. Pensei que Luka roubaria a moto se soubesse.

Luka. O nome fez um calafrio percorrer seu corpo. Não de medo. Não só de fúria.

(Mas quase.)

Yael engoliu em seco.

— Mais rápido quanto?

— Uns vinte quilômetros por hora a mais. Mas precisei comprometer um pouco a potência de aceleração. Demora mais para pegar.

Os cálculos rodaram na cabeça de Yael. Vinte quilômetros por hora a mais... Eram mil e duzentos quilômetros de Nagasaki a Tóquio. Se ela forçasse o suficiente, conseguiria chegar ao Palácio Imperial em pouco mais de dez horas e meia.

Duas horas antes do esperado.

Se partisse naquele momento, poderia alcançar os outros corredores na periferia da capital.

Ainda havia uma chance.

— Vá — Felix disse. — Mantenha a família unida. Vença aquele *Saukerl*.

Uma droga diferente corria pelas veias de Yael. A por qual ela tanto ansiara no refeitório. A que tinha tentado construir com papel amassado e beijos tolos. A que aquele Wolfe tinha lhe dado, em nome de sangue e ferro: *esperança*. Era tão forte e potente como sempre tinha sido. Mas, em vez de impulsionar Yael para baixo, a impulsionava para a frente. Fazendo-a montar na Rikuo de Felix, ligar o motor com um ronco, impelindo-a pela rampa do *Kaiten*, pelas ruas de Nagasaki.



O Japão passou voando por ela em pinceladas sólidas e coloridas, como partes de uma pintura a óleo impressionista. Verde amarronzado nos arrozais. Azul argênteo nos desfiladeiros de montanhas. Prata cintilante nas faixas da costa. Rosa pálido nas linhas e linhas de cerejeiras em flor. E, quando a noite caiu, o brilho neon das placas das lojas.

Era uma linda cadeia de tons e terra. Paisagens que pediam que ela diminuísse a velocidade, olhasse, aproveitasse. Em outro rosto, em outra vida, em outro tempo, Yael poderia ter parado. Mas manteve o olhar fixo à frente, na pista. Aquele asfalto era o mais liso que tinha encontrado em toda a corrida. Depois que tinha levado a Rikuo de Felix à velocidade máxima — e ela tinha precisado de um pouco de persuasão (ele estava certo; a aceleração tinha se perdido, não era mais o estrondo potente que a tinha feito sair de Hanói em disparada) —, o percurso passou feito um sonho.

Ela ainda não sabia dizer se era ou não um pesadelo.

Seu tempo fora bom. Chegara a Hiroshima pouco depois da marca de três horas e meia, e a Osaka na marca de seis horas e meia. Forçando o motor da Rikuo ao máximo.

Ela tinha acabado de chegar à periferia de Tóquio quando avistou a primeira luz traseira. A última numa longa fila de Rikuos sedentas, corredores exaustos. Não ousou diminuir a velocidade enquanto passava costurando pelos dois primeiros retardatários. Passou voando por suas motocicletas com toda a velocidade extra que as rodas dentadas de Felix tinham a oferecer. Rápido demais para as muitas curvas da cidade. Yael pilotava por elas incansavelmente. Alcançou outra luz traseira e a ultrapassou, catapultando-se rumo ao coração da capital.

Os pneus de sua Rikuo cantaram enquanto passava pelo próximo corredor. E pelo próximo. Todo o tráfego das ruas tinha sido esvaziado, santificando-as para os corredores. Estandartes do Eixo ladeavam o caminho, assombrando-se igualmente sobre espectadores e câmeras. A multidão gritava como muralhas de água dos dois lados dela: um mar de bandeiras vermelhas e brancas. Faltavam apenas alguns quilômetros até o Palácio Imperial. A linha de chegada. Ela podia sentir seu gosto no ar iluminado pelo neon, no ronco de seu motor, nos gritos ensandecidos da multidão.

Mais três luzes traseiras: o meio do bando. Yael passou costurando feito uma agulha por eles.

Sonho ou pesadelo? De todo modo, ela estava voando. O manete girado ao máximo. Abastecido pelos gritos e pela *esperança, esperança, esperança*. Encontrou Takeo e Luka pilotando próximos. O pneu da frente do dono da faca estava lado a lado do traseiro do vencedor. O portão principal do Palácio Imperial não estava longe. Seus holofotes iluminavam as cabeças na multidão. E, embora Yael ainda não conseguisse ver a linha de chegada, já conseguia imaginá-la (graças às imagens das finais de corridas de Tours do Eixo anteriores). Uma ponte de pedra ladeada por lanternas circulares, terminando num bocejo de porões de ferro preto. O limiar seria marcado com uma grossa linha branca, flanqueada por um estandarte com a suástica à direita e o sol nascente à esquerda.

O fim. Quase lá.

A vitória. Quase dela.

Em uma fração de segundo, Yael estava ao lado de Takeo. Passando por ele. Ela pôde ouvir o garoto gritar apesar do ranger dos motores, mas não olhou para trás. Seu foco estava no corredor à frente. Yael olhava firme para a jaqueta enquanto sua Rikuo voava: mais perto, mais perto, lá.

Devagar — centímetro por centímetro —, ela o ultrapassou. A linha de chegada não estava muito longe e Yael tinha cinco segundos de vantagem... Cinco segundos preciosos, maravilhosos, cheios de *esperança* que destruiriam um império. Curariam o mundo.

O caminho até a ponte do portão principal não era reto, mas um par de curvas de noventa graus — ao redor de praças e um mundo de espectadores —, fechadas demais para entrar na marcha máxima. Yael quase derrapou na primeira, apertando os freios apenas o suficiente para se manter firme. A Rikuo resmungou embaixo dela — seu galope de cavalo de corrida fraquejando. Yael praguejou contra o manete, apertando-o com a mão sem luva, lembrando o aviso de Felix: “Demora um pouco mais para pegar”.

Quanto mais? Quatro segundos? Cinco segundos? Mais?

A motocicleta soltou um som explosivo e desesperado perto da segunda curva. A ponte e a vitória. Seu motor corria lento como um cavalo de tiro, cavalgando em saltos sonolentos.

E não foi o suficiente.

Luka, com o motor completamente recuperado da mesma curva, passou rasgando — um borrão de couro marrom — cruzando a linha de chegada aos gritos de tremer a terra da multidão. Yael tentou não se abalar pela visão, pelo som, enquanto avançava.

Pop. Pop. Pop. Ela acelerava sua Rikuo. Cansada demais, raivosa demais, impotente demais. Os segundos se arrastavam feito horas, feito vidas inteiras. Cada um com sua própria morte.

1, 2, 3, 4, 5.

Ela não chegou.

6, 7, 8. (Outra morte, e outra, e outra.)

Yael atravessou o portão do Palácio Imperial e parou a motocicleta. O motor arrancou, engasgou, morreu quando ela soltou a embreagem, mas os gritos não cessaram. Bradaram, ergueram-se e comeram a noite como estática de televisão.

Takeo foi o próximo a chegar, cheio de marchas ardentes e decepção. (Ele não tinha a menor chance de vencer, mas aquele era o poder da esperança, sua crueldade máxima.) Outros

corredores vieram atrás. Iwao, Taro e Ralf entraram em disparada em rápida sucessão. Masaru, Ryoko e Karl chegaram alguns minutos depois. E então os retardatários Lars e Isamu. Mas não importava.

Não importava.

Só havia um vencedor, e não era Yael. O vencedor do décimo Tour do Eixo só seria anunciado quando todos os tempos estivessem calculados. Quando Felix e a antiga Rikuo dela chegassem duas horas e meia depois para assumir a décima segunda colocação. Mas Luka já estava sendo cercado — as câmeras da Reichssender e os oficiais da corrida voaram para cima dele. O garoto de ouro do Reich abriu um sorriso de dentes brancos e retos enquanto olhava para as lentes.

Yael não conseguia se mover (ela estava estática, toda estática). Sentou na Rikuo morta e observou enquanto Luka Löwe tirava seu equipamento de corrida e respirava sonoramente nos microfones. Em volta dela, os outros corredores estacionavam e se despiam: capacetes, óculos de proteção, luvas. Mas ela não conseguia tirar os olhos de Luka. O garoto que agora estava no centro de tudo.

Ela devia ter continuado a sentir ódio dele.

Mas tudo o que sentia naquele momento era... nada.

Os espaços vazios dentro dela estavam se abrindo novamente — fracos e largos como teias de aranha. Yael caía por entre eles, agarrando-se a meros fiapos de pensamentos e palavras. Só conseguia se segurar em três:

Tudo.

Em.

Vão.

Tudo. Por nada. Ela tinha falhado. Falhado com Reiniger, Henryka, Vlad. Falhado com Aaron-Klaus, Babushka, *Mama*, Miriam. Falhado com o jovem guerrilheiro atrás da porta vermelha em Roma. Falhado com o velho calvo no café. Falhado com incontáveis pessoas.

Yael não tinha mudado nada.

Sua mente estava se engalfinhando, tentando encontrar uma saída. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Ela podia roubar o rosto e o quimono de uma das garçonetes, entrar despercebida no Baile da Vitória com uma bandeja de canapés envenenados. Mas aquilo não daria certo. A segurança do Führer era forte demais. Eram os próprios guardas da SS em volta dele que serviam as refeições, alimentos importados de fazendas seletas do Reich e preparados sob a mais rígida supervisão.

Talvez ela pudesse se disfarçar como esposa de um dos embaixadores. Mas o Führer nunca tinha dançado com uma delas. Nem mesmo com a imperatriz Nagako. Adele Wolfe tinha sido a exceção. O único rosto que permitira que se aproximasse.

Se tentasse ceifar a vida dele de longe — lançar uma faca, dar um tiro e torcer para que trespassasse a sempre alerta armadura humana dele, torcer para que acertasse o vazio de seu peito —, seriam poucas as chances de sucesso. Provavelmente — certamente — ela acabaria cercada pela SS e torturada devagar para revelar informações. Cortada em pedaços lentos num

calabouço enquanto entregava aos gritos de dor os nomes e endereços da resistência.

Agora que tinha perdido a corrida, Reiniger e Henryka não estariam prontos... presumiriam que ela voaria de volta para a Germânia (como o protocolo da missão a instruí-a a fazer naquela possibilidade). Se tentasse se infiltrar no baile, a resistência seria pega desprevenida, sem o elemento surpresa e a unidade.

Ir ao Baile da Vitória como Adele Wolfe era o único jeito.

— Parece que nós dois estamos cheios de surpresas hoje. — A voz que a tirou de sua maquinação era como uma dose de rum: ardente, queimando. Yael ergueu os olhos para encontrar Luka na frente de sua moto, com as mãos nos manetes, debruçado sobre a roda dianteira. Uma muralha de câmeras da Reichssender estava a certa distância dele, com as lentes bulbosas apontadas para o par.

Yael se perguntou se Henryka estava assistindo àquilo ou se já tinha desligado a televisão.

— Você... — O que ela poderia dizer? Que palavras existiam para uma derrota tão gigantesca? Uma raiva tão profunda? — Você me enganou. — Foi tudo o que conseguiu.

— Ora essa, *Fräulein*, não fique assim. — Luka bufou. — Não finja que não fez exatamente o mesmo no ano passado, me deixando com a cabeça e o coração sangrando enquanto partia para a vitória. Tudo o que fiz foi dar o troco: pegar de volta o que tinha roubado de mim. Traição por traição. Vitória por vitória. E fiz isso com muito menos sangue.

— Devo agradecer? — Yael murmurou, furiosa. O ardor que ela sentiu na primeira vez que o viu estava de volta: apertando, crescendo. Perto, perto demais do tanque de gasolina de sua raiva.

— Acho que não é para tanto — Luka disse, contraindo as sobrancelhas escuras demais. Ele estava praticamente enganchado sobre os manetes, montado na roda dianteira. Yael não pôde evitar fantasiar que ligava o motor e deixava a moto rodar, tirando aquele sorriso de *Scheisse* da cara dele.

Ele continuou:

— Não está vendo? Você e eu estamos quites agora. Quer dizer, quase quites. — Ele se interrompeu. — Você ainda me deve um favor.

Um favor? Um FAVOR? Se ele soubesse como ela estava perto de ligar o motor. Libertar as trevas. Yael enfiou toda a sua raiva na resposta.

— Você é um *verdammt dummkopf* se realmente acha que vou lhe fazer um...

— Vá ao Baile da Vitória comigo — ele disse.

Ela levou um minuto para processar o convite, já que ele o tinha feito com tanta calma, apagando o carvão de suas palavras.

— Foi tão chato da última vez. Todos aqueles soldados e políticos e discursos... — Luka suspirou e se inclinou para trás. Suas mãos ainda seguravam o guidão dela, girando o manete inerte e apertando os freios inúteis. — A gente pode se divertir. Vai ser um recomeço para nós dois.

Yael o encarou. Aquele estranho e enigmático garoto que não hesitou em deixar sua primeira Cruz de Ferro com os russos, mas lutou brutalmente para ganhar a segunda. Que a beijou com sentimento. (As duas vezes.) Que perdeu a ponta da orelha para salvar Nagao Yamato e mal

derramou uma lágrima com a morte de Tsuda Katsuo. Que a fazia querer enforcá-lo e abraçá-lo ao mesmo tempo.

Arschloch, herói, nacional-socialista, santo.

Não fazia sentido.

Mas daquela vez Yael não precisava entendê-lo. Não precisava examinar com cuidado máscara após máscara após máscara para descobrir qual era real. Só precisava dizer “sim”.

Ela queria, mas não conseguia acreditar naquilo.

— Você... quer que eu seja sua acompanhante? Isso é permitido?

Luka deu de ombros.

— Sou o primeiro a vencer o Tour do Eixo duas vezes. Posso fazer o que quiser.

Ah, então eles estavam de volta à versão de Praga de Luka Löwe: peito estufado, orgulhoso, cheio de empáfia e vaidade, antes dos punhos de Felix quebrarem sua cara.

Tinham fechado o círculo.

Mas círculos não têm fim. Outro golpe estava a caminho. Tudo graças a ele.

Yael desceu da moto e caminhou até onde Luka estava empoleirado. As câmeras da Reichssender tinham se aproximado, capturando todos os movimentos, todos os ângulos, todas as palavras entre eles ao vivo.

— Vou ao Baile da Vitória com você. — Yael olhou para as câmeras ao dizer aquilo. Mesmo se Henryka tivesse desligado a tela, alguém na resistência estaria vendo. Chegaria a ela, a Reiniger e aos outros líderes de células que a missão ainda estava ativa.

A multidão continuava comemorando atrás deles, mesmo não tendo motivo para tanto.

Luka se levantou e desceu da roda para que eles ficassem perto. Cara a cara. Ombro a ombro. Ainda havia alguns centímetros entre os dois (tensos, tesos, os cheiros de couro e almíscar a provocando), mas, para Yael, podiam muito bem ser quilômetros.

— Vai ser nossa primeira dança de verdade. — Ele sorriu, mostrando os dentes de novo. — Não vejo a hora.

Em vez de vazio e raiva, tudo o que Yael sentia era a pressão de sua faca dentro da bota. O peso extra da Walther P38 logo abaixo do peito.

Não era com ele que ela planejava dançar.

— Nem eu — Yael disse, e sorriu de volta.

PRESENTE

2 DE ABRIL DE 1956
PALÁCIO IMPERIAL
TÓQUIO, JAPÃO

A luz do fim de tarde entrava pelas janelas e portas corrediças abertas do Palácio Imperial. Ondas de ar quente vinham junto, misturando-se ao aroma doce das flores de cerejeira. Yael inspirou aquele ar com o peito leve.

Tantas coisas eram novas. Ou estavam prestes a ser.

Ela estava um lixo quando se viu no espelho do banheiro pela primeira vez. Embora toda a terra e o cabelo oleoso tivessem sido lavados no banho pela manhã, ainda havia leves círculos rosados dos óculos de proteção em volta de seus olhos — sombras de exaustão rabiscadas neles como o desenho de uma criança. Casquinhas de feridas cobriam suas bochechas, tornando as sardas que compartilhava com Felix quase invisíveis. Seus lábios estavam tão rachados quanto os de Luka antes da falsa geleia de petróleo.

Yael cuidou daqueles problemas um a um com o kit de maquiagem que havia encontrado numa das gavetas do banheiro. (Uma das poucas habilidades em que Vlad *não* a havia treinado. Batom, base e rímel era a área de especialidade de Henryka.) Até todos os traços da pista ficarem para trás. Até parecer que ela não havia passado por nada.

O resto de seu corpo parecia igualmente exausto. Todos os músculos rígidos, todos os ligamentos superestendidos. Ela os tinha mergulhado por horas em seu segundo banho, à tarde, olhando fixamente para os painéis de madeira no banheiro. Imaginando a noite seguinte, várias e várias vezes.

Havia uma programação oficial, que tinha sido dado a ela quando lhe mostraram o quarto.

18h — Apresentação dos convidados

18h30 — Canapés e coquetéis

18h45 — Brindes

19h — Jantar

20h — Baile

20h15 — Assassinato

20h16 — Fuga

Os dois últimos itens não estavam na programação oficial, claro, mas era ali que se encaixavam em seu cronograma. Seria melhor empreender a fuga de estômago cheio, Yael

pensou. Quem saberia quando poderia parar de correr?

Tinha dado um passeio pelas proximidades naquela manhã. Conhecia tudo das plantas que Henryka havia reunido, mas ter uma visão física do complexo ajudava. Sentir os prédios de teto de cobre e as trilhas do jardim.

No fim, Yael tinha um plano de fuga solidamente mapeado: sair do salão de baile o mais rápido possível, pegar o pacote de sobrevivência que tinha escondido nos jardins, atravessar o fosso a nado (pontes estavam fora de cogitação — guardas e portões demais) e desaparecer na noite de Tóquio. Deixar o rosto e o nome de Adele Wolfe para trás, bem para trás.

Seu quarto havia sido adaptado para hóspedes ocidentais. Tinha uma cama elevada e janelas cobertas por cortinas suntuosas de veludo. Havia até uma televisão no canto — maior e mais imponente do que a de Henryka. Yael a ligou enquanto se preparava para o baile, ouvindo as histórias enquanto retocava a maquiagem e prendia o cabelo.

Ao contrário da TV de Henryka, aquela passava mais do que um único canal, mas todas as emissoras da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental exibiam a mesma coisa: recapitulações da corrida. Havia imagens de todos os trechos, de todas as cidades com postos de controle. Embora Yael tivesse visto recapitulações parecidas antes, aquela era hipnotizante.

Na tela, parecia tão estranha, tão distanciada. Como uma peça dramática, não as últimas três semanas às quais tinha acabado de sobreviver. O narrador do canal detalhou as aventuras dos corredores num japonês acelerado — incluindo algumas que a própria Yael desconhecia. (Lars quase tinha sido mordido por uma cobra no Saara. Norio tivera um ataque de pânico na balsa da Sicília para Túnis.)

O narrador tinha acabado de chegar a Bagdá quando Yael estava pronta para se vestir. Com a programação, ela tinha recebido um magnífico quimono *hōmongi* para usar no baile. A seda era de um azul-celeste que quase fazia os olhos de Adele Wolfe parecerem apagados. Tinha uma estampa vermelha que Yael pensou que devia representar raízes ou galhos. Para ela, pareciam veias.

Ela fechou as cortinas, mergulhando o quarto numa escuridão bruxuleante enquanto tirava o roupão. Atrás dela, a TV narrava a aparição milagrosa dos corredores sem moto em Nova Delhi. (O narrador tinha se mantido fiel à história falsa do deslizamento de terra.) Havia imagens deles correndo sob o pó do Holi até a linha de chegada. A tela havia sugado todas as cores. Nenhuma alegria, apenas cinzas se derramando sobre suas testas, prendendo-se a seus pescoços e braços.

O quimono serviu perfeitamente. As mangas ficavam folgadas, mas longas o suficiente para cobrir seu braço marcado. Embora o lobo de Vlad estivesse quase cicatrizado, Yael preferia colocar curativos novos. Um rolo de gaze estava na cama, esperando para ser usado, mas ela não conseguiu cobrir as imagens. Tinha removido os curativos sujos antes do primeiro banho e era bom deixar a tinta respirar livremente, para variar.

Havia o problema das armas. Embora as mangas do quimono fossem largas, a saia descia muito justa até o chão. Mesmo se *pudesse* usar botas no baile, precisaria de tempo demais para se agachar e pegar a lâmina lá. Embora a faca coubesse perfeitamente em volta de sua coxa, Yael não teria como pegá-la. Já tinha encontrado uma maneira de esconder sua Walther P38 no

obi de seda em volta da cintura — bastaria pegar e puxar. Mas se sentia pelada sem a faca, então deixou o cabelo de Adele um pouco mais longo e mais volumoso. Voltou a prender os cachos pálidos e prendeu a faca dentro deles.

Fácil de esconder, fácil de pegar.

O narrador continuou falando na escuridão do quarto, contando a história de Hanói. Yael sentou na beira da cama, sem conseguir tirar os olhos da tela quando a câmera mostrou Katsuo. Atravessando longos quilômetros de arrozais. Rosto indolente e membros tranquilos, mergulhado no luxo de sua longa liderança.

Uma das últimas imagens dele vivo.

A câmera voltou a Adele Wolfe — abrasadora na traseira do vencedor, com os lábios tensos. A expressão em seu rosto era quase bestial. A curvatura de seu corpo em cima da Rikuo era predatória. Como se estivesse esperando o momento certo de pular e enfiar as garras em...

Era fácil ver agora, do outro lado da tela. A quilômetros e uma morte sombria de distância.

Ela tinha se perdido novamente. À deriva numa vida que não era a dela. Enroscada em sorrisos, histórias, segredos e relacionamentos que não tinha como fingir. Tinha se esquecido de quem era por um momento. Por mais de um momento. E Katsuo havia pagado o preço. Tinha perdido a corrida pelo mesmo motivo.

Uma leve batida na porta a levou de volta ao presente. Ainda não era a hora, era? O baile só começaria dali a quarenta e cinco minutos. Ela estava armada e vestida, mas não *pronta*. Sentia-se dispersa demais, desmembrada demais. O rolo de gaze ainda estava em cima da cama, mas não havia tempo para enfaixar o braço. Ela enfiou a gaze dentro do obi, puxando a manga esquerda do quimono ainda mais para baixo antes de atender a porta.

Quando abriu a porta corrediça, não foi Luka que encontrou, mas Felix. Ela pôde ver que o irmão de Adele tinha passado um dia parecido com o dela, limpando-se da sujeira da pista. Seu cabelo estava aparado e havia um curativo em seu nariz. Em vez da roupa de couro, ele usava um uniforme. Uma camisa parda com marcas do partido em todos os lugares certos: o símbolo da Juventude Hitlerista na lapela, a braçadeira com a suástica apertando seu braço. Uma gravata preta caindo sobre o peito.

Parecia uma pessoa diferente naquelas roupas. Yael levou um momento para lembrar o nome dele.

— Felix...

O garoto parecia igualmente espantado com seu quimono florido e a maquiagem em seu rosto.

— Então é verdade. Você vai ao baile com Luka Löwe.

Yael assentiu e deu passagem para ele entrar no quarto. Aquela não era uma conversa para o corredor, onde os empregados corriam de um lado para o outro e as paredes finas tinham ouvidos.

— Procurei você de manhã, mas não estava aqui. — Felix entrou. Seus olhos pousaram na tela, onde Takeo estava dando uma entrevista esbaforida a bordo do *Kaiten* sobre quando encontrou Katsuo, usando palavras como “quebrado” e “destroçado” (que era como Yael se sentia por dentro).

Ela fechou a porta.

— Estava reconhecendo o terreno.

O irmão de Adele não tirou os olhos da tela. Estavam exibindo o placar do *Kaiten*, a imagem focada no nome riscado de Katsuo. O narrador tinha passado para uma espécie de elogio fúnebre, falando sobre a infância, a conquista, a família e os amores do corredor.

Tudo perdido.

— Obrigada por me dar sua moto. — Ela não podia fingir. Mesmo naquele momento. Felix Wolfe estava pálido contra a luz da televisão. A maneira como ele se portava, com os punhos cerrados, os olhos duros, as imagens do mundo se refletindo em seu rosto... era Aaron-Klaus mais uma vez.

Só que era Yael quem estava partindo, quem não podia dizer adeus.

Todas aquelas coisas se enraizaram na voz dela, impossíveis de tirar.

— Obrigada por tudo.

Ele se virou. Yael soube que tinha falado demais. O medo voltou ao rosto de Felix, tão intenso e forte como na noite do acidente dela. O olhar que imaginava ser o mesmo de quando Martin bateu a moto na pista de Nürburgring, assistindo à morte, à destruição, à perda se desdobrar em câmera lenta.

— É o fim, não é? — ele perguntou, com um tom de voz que deixou Yael subitamente ciente da disposição do quarto. As cortinas pesadas, perfeitas para o golpe do lençol que ela tinha aplicado em Roma. Um abajur de bronze ao lado da cama, duro o suficiente caso chegasse a esse ponto...

Ela realmente esperava, do fundo do coração, que não chegasse.

Felix cruzou os braços, deixando a braçadeira vermelha latejar em frente ao peito.

— O que eles querem que você faça... imagino que vá acontecer hoje à noite, certo? No baile. Foi por isso que aceitou o convite de Luka?

A televisão se encheu de silêncio com imagens ao vivo da cerimônia de premiação. Aquela sendo realizada em algum lugar do palácio naquele exato momento. Aquela para a qual Yael e os outros corredores não tinham sido convidados. (Por que homenagear a fraqueza?) Luka estava na plataforma, com as mãos unidas atrás do corpo. O monte Fuji se erguia à distância atrás dele. O imperador Hirohito estava à sua direita. E perto dele...

Os pelos de Yael se arrepiaram quando ela viu o Führer — ao vivo, em preto e branco. Ele segurava duas Cruzes de Ferro nas mãos. Dois guarda-costas da SS o rodeavam.

Adolf Hitler estava ali. No complexo. Ao alcance.

As mãos de Yael quiseram pegar a arma.

Felix notou. Ele mudou o corpo de posição para bloquear a tela, de maneira que tudo o que ela podia ver era ele.

— Se sua missão for o que estou pensando... o que você está prestes a fazer... — Ele foi escolhendo as palavras como um soldado num campo minado. — Não há volta de uma coisa dessas.

Yael quase sorriu quando ele disse aquilo, porque estava certo. Porque havia muitas coisas das quais não havia volta. Porque todas aquelas versões dela estavam espalhadas pelo seu

braço, e Yael estava quase começando a reuni-las.

— O mundo pode estar errado, mas você não precisa ser a pessoa que vai consertar tudo — Felix disse.

— Alguém precisa fazer isso — ela ecoou.

Mas Felix não era Aaron-Klaus. Nem um pouco. Ele não entendia.

— Talvez. Mas não *você*.

Você ainda vai mudar as coisas, seus fantasmas sussurraram. *Você, Yael*.

— Treinei para isso, Felix — ela tentou explicar. — Posso mudar as coisas. Consertar o mundo. Manter nossa família unida.

— Eu queria confiar em você, queria ajudar. Mas agora que está aqui... Você pode morrer, Ad. Pode fazer toda a nossa família ser morta. — O medo na voz de Felix transparecia, medo sobre medo sobre medo. Ele deu um passo à frente. Aquilo fez as pernas de Yael ficarem tensas no quimono. Fez sua mente continuar esquadrinhando o quarto.

Todo mundo tem medo, o quarto lobo uivou. *Até mesmo ele*.

Yael não devia ter aberto a porta. Não devia tê-lo deixado entrar.

— Felix. — Sua voz era lenta e ameaçadora.

— Algumas coisas estão quebradas demais para consertar. — Ele deu outro passo ao dizer aquilo. Porque aquele era um acidente que Felix se achava capaz de impedir. Porque faria tudo para manter a segurança dela. Não. Da irmã.

Quando se lançou em cima Yael, ela não ficou surpresa. Apenas triste.

O ponto forte dela era a velocidade. Não era tão simples com o quimono, mas conseguiu desviar de sua tentativa de pegá-la. Girou para longe do seu alcance. Eles trocaram de lugar, de maneira que Felix ficou de costas para a porta e Yael de costas para a cortina.

— Por favor, Ad. Mesmo se você conseguir, o que acha que a Gestapo vai fazer com *Mama* e *Papa*? Você vai acabar com os dois...

Ela poderia ter lhe dito que havia agentes da resistência esperando do lado de fora da casa deles em Frankfurt. Prontos para levar os Wolfe para um abrigo seguro assim que o ato tivesse sido cometido. Poderia ter explicado que a verdadeira irmã dele estava em segurança, não era uma assassina.

Mas não havia tempo. Felix avançava de novo. Como só queria conter a irmã, seus movimentos eram hesitantes, lentos, fáceis de desviar. Yael o levou na direção da janela e das cortinas bordô.

Ela virou, cravou as unhas no veludo pesado e puxou. As argolas da cortina estalaram e o quarto se encheu de luz novamente. Felix tropeçou embaixo do tecido, cego e confuso. Yael agiu rápido, prendendo-o no chão e amarrando-o com firmeza. Depois que terminou, desdobrou um pouco o tecido para que ele pudesse respirar.

Yael sabia o que precisava fazer. Usou a mão direita para manter o tecido preso. (Ele já estava se contorcendo, debatendo-se furioso como se estivesse dentro de um casulo.) Ela levou a outra mão ao obi para pegar a arma.

Felix parou de se debater, ficou imóvel embaixo dela. Seus olhos se fixaram no braço esquerdo dela. Mas não era a P38 que fitava. Quando Yael seguiu seu olhar, viu os lobos.

Todos os cinco — correndo, correndo, correndo para dentro da seda do quimono.

Mangas largas de *Scheisse*!

O irmão de Adele nem olhou para a arma. Estava hipnotizado pela tinta. Feras pretas rodopiantes subindo pela pele da irmã.

— O que é isso?

Não o quê.

Quem.

Quem, quem, quem, quem, quem.

— Você devia ter ido para casa. — Yael sentiu vontade de chorar ao dizer aquilo. Ela estava girando a pistola, pegando-a pela coronha.

Felix observou enquanto fazia isso. Seus olhos eram iguais aos de Adele, cheios do mesmo gelo e da noção lenta e semicerrada de que alguma coisa estava errada.

— Não entendo — ele disse, por fim.

— Você vai entender — Yael lhe disse. — E, quando entender, saiba que eu sinto muito. Você é um ótimo irmão.

Ela não encontrou coragem em seu coração para dar o golpe com a mesma força do último (havia sentimentos demais). Quando estava feito, não conseguiu olhar muito para Felix. Ela o desenrolou do veludo destruído, rasgou os lençóis da cama em tiras e as transformou em amarras. Três em volta das pernas, duas nos punhos, uma como mordança. Mesmo se Felix acordasse antes do fim do baile, levaria horas para conseguir se libertar.

Depois que o irmão de Adele estava amarrado e escondido embaixo da cama, Yael se esforçou ao máximo para colocar a cortina de volta na haste, prender o cabelo de novo e retocar a maquiagem. Restaurar as coisas à forma como estavam antes.

Algumas coisas estão quebradas demais para consertar.

Felix estava certo? Sobre sua família? Sobre o mundo? Sobre... ela?

Quão quebrado era quebrado demais?

Um brilho prateado chamou a atenção de Yael. O relógio de bolso de Martin estava no chão perto do televisor. Devia ter caído do bolso de Felix quando ele atacou. Yael se ajoelhou e pegou o relógio. Sentiu o toque frio do metal, os arranhões no nome de um irmão morto, a pulsação ainda tiquetaqueando contra sua pele. Fechou os olhos e lembrou todas as suas dezenas de peças cintilantes espalhadas em cima da mesa. O irmão de Adele revirando o que parecia uma bagunça impossível com as mãos. Tirando todas elas e pondo-as de volta no lugar.

O relógio em sua mão não era bonito nem perfeito, mas estava inteiro. Dizia que faltavam quinze para as seis por entre as rachaduras no vidro. Em breve, muito em breve, ela estaria na tela da televisão.

Precisava ficar pronta. Inteira.

Yael tirou o volume da TV, sentou na cama e arregaçou a manga uma última vez. Os lobos. Fazia tanto tempo que não olhava para eles, muito menos traçava suas formas, dizia seus nomes. Tanto tempo que o lobo de Vlad já não era mais uma ferida, tinha cicatrizado. Tanto tempo que ela tinha se esquecido de lembrar. Tinha se perdido na vida.

O lobo de Miriam sussurrou do beliche, sobre uma vela sem chama, sem cera: “Nunca se

esqueça...”.

Então Yael traçou todos. Um por um. Vida por vida. Lobo por lobo.

PASSADO
LUISENSTRASSE
GERMÂNIA, TERCEIRO REICH
NOVEMBRO DE 1955

Toda noite, antes de Yael se deitar (antes de as cobertas se enrolarem em suas pernas agitadas pelos sonhos de fuga), ela olhava para o braço. Encarava a própria pele e a tinta que os nacional-socialistas tinham colocado ali. Deixava que os fantasmas se acomodassem perto dela e murmurassem. E não sentia medo.

Mas os números começavam a cansar.

Ela não tinha como apagá-los. Não tinha como esquecer.

Lembranças e fantasmas pertenciam a ela. Os números, não.

Yael lembraria quem eles eram, quem ela era, mas seria em seus próprios termos, com sua própria tinta. Por isso tinha ido atrás do homem na Luisenstrasse.

Ele não era nada do que ela tinha esperado de um tatuador clandestino. Era um homem delicado — todo vime e loiro — que mantinha o apartamento limpo. Era um espaço pequeno, de paredes brancas, pisos de madeira, cadernos de desenho em pilhas organizadas, carvões amontoados em volta.

Nenhum sinal de agulhas, mas Yael sabia que estavam lá. Eram o motivo por que tinha vindo — seguindo o rastro dos contatos do mercado negro da Alemanha.

— Que tipo de obra você procura? — o homem perguntou devagar. Até seus passos eram cautelosos enquanto caminhava pela sala apertada. (Todo mundo na Alemanha pisava em ovos. Fossem legais ou não suas transações.) — Tenho paisagens. Retratos. Carvão, acrílico, óleo...

Ele era um verdadeiro artista. A maioria não existia mais. O Führer — ainda orgulhoso e amargurado por seu fracasso artístico em Viena — tinha esvaziado o Reich das verdadeiras obras-primas. Yael pôde ver o talento daquele homem no caderno aberto mais próximo. Uma mulher nua sentada de costas, olhando por cima do ombro. Havia cuidado nas linhas do artista — elas se viravam e se curvavam gentilmente como o toque de um amante.

— Eu estava procurando algo mais... permanente. Algo com tinta. — Ela recitou as palavras que seu último contato a havia instruído a dizer.

— Entendi. — Ele parou de andar de um lado para o outro. — Venha comigo, então.

Era um pouco maior que um quartinho — escondido por um falso painel e um cabide de casacos pesados. Dentro, havia uma cadeira, frascos de tinta, uma bandeja cheia de gaze, algodão e esterilidade. Nada de enfermeira carrancuda.

E a agulha. Era mais complexa do que aquela que havia feito os números de Yael: com molas, parafusos e um longo cabo firme. Quase nem parecia uma agulha. Mas a ponta ainda estava lá. Esperando para ser enfiada e perfurar. Entrar em sua pele.

— O que você quer? — Ele caminhou até a bandeja e pegou a agulha. Devia ser pesada, mas a segurou como seguraria um pincel. Com graça.

Yael tirou o casaco. Arregaçou a manga da camisa. Estendeu o braço esquerdo, como tinha feito tantas vezes na mesa de Vlad. Encarou o artista e sua agulha.

Ele olhou para os números. Seu rosto frágil se inclinou para o lado. Como se avaliasse uma pintura, cada pincelada e ponto de luz. Cada linha malfeita, tremida, permanente. Fitou por tanto tempo que o braço dela começou a doer.

Mas Yael o manteve firme. Sua mão não tremeu.

— Já vi isso antes — ele disse por fim —, mas nunca numa loira tão bonita.

— Você pode cobrir? — ela perguntou.

Ele ajeitou os óculos de aro fino sobre o nariz delicado.

— Claro. Tem um desenho em mente?

Sim. A decisão não tinha sido difícil.

— Quero lobos. — O animal que carregava a valquíria Gunnr para a batalha. Criaturas feitas de liberdade e ferocidade. Que eram capazes de sobreviver sozinhos, mas uivavam, sempre uivavam, por sua matilha.

— Quantos?

— Cinco. — Quatro para seus fantasmas e um para Vlad. Assim ela sempre se lembraria de encarar aquela visão.

— Vai levar um bom tempo. Várias visitas. — Ele franziu a testa e ergueu a agulha. Ela rebrilhou sob a luz da lâmpada do quartinho, como um fuso amaldiçoado de contos de fadas. — Vai doer. E também tem a questão do dinheiro.

— Posso pagar — ela disse.

Yael tirou um pacote de Reichsmarks de sua jaqueta. Meses de seu salário, ainda guardados com o clipe de bronze que Reiniger tinha encaixado quando entregou o dinheiro para ela dizendo: “Não vá gastar tudo de uma vez”.

Era muito dinheiro. Mesmo para os padrões do mercado negro. O artista nem contou. Só a grossura das notas foi suficiente. Ele apontou para o assento.

— Lobos. Cinco lobos — ele disse, mais para si mesmo, enquanto Yael se sentava na cadeira. Ele pôs a agulha na mesa por um momento, substituindo-a por um caderno e carvão. Sua mão traçou as criaturas com um cuidado veloz. Cinco lobos. Correndo, selvagens, elegantes. Compostos de muitas, muitas, muitas linhas. — Tem certeza de que é esse o desenho que você quer?

Yael fez que sim.

— Me avise quando puder começar.

Yael olhou para os números uma última vez. Olhou para a mão do artista — tensa com as futuras linhas dos lobos — enquanto ele pegava a agulha e a erguia sobre suas veias. Afiada, mas firme.

Assim como seu braço.

— Estou pronta — ela disse.

PRESENTE

Lembre e se entregue.

(É preciso estar quebrada para ser consertada.)

Lembre e se entregue.

Babushka: aquela que lhe deu o propósito.

Mama: aquela que lhe deu a vida.

Miriam: aquela que lhe deu a liberdade.

Aaron-Klaus: aquele que lhe deu a missão.

Vlad: aquele que lhe deu a dor.

Aqueles foram os nomes que ela murmurou no escuro.

Aqueles foram as peças que ela colocou no lugar.

Aqueles foram os lobos que a levaram para a batalha.

PRESENTE

2 DE ABRIL DE 1956
PALÁCIO IMPERIAL
TÓQUIO, JAPÃO

Por que esta noite é diferente das outras?

Era uma pergunta vinda de outro tempo, de outro lugar. Vivendo numa das raras memórias fotográficas de Yael. A cena estava desenhada em preto e branco — a noite escura do gueto protegida pelos tocos de vela que sua mãe acendera. Era um Pessach desesperado, o último de Yael. (O trem chegaria naquele outono.) Rostos cinzentos cercavam a mesa do seder, devorando uma refeição escassa. Nem tudo estava certo, mas eles se reuniram mesmo assim. Enchendo a noite com histórias de Êxodo e liberdade.

Yael era a mais nova à mesa e a obrigação de proclamar o *Ma Nishtaná* recaía sobre ela. Suas primeiras palavras eram: “Por que esta noite é diferente das outras?”.

Aquela era uma pergunta vinda de outro tempo, de outro lugar, mas veio à mente de Yael quando ela parou na entrada do salão de baile. E encontrou uma resposta para ela.

Nesta noite, a morte bate à porta de Hitler. E sou eu sua portadora.

Sempre fui eu.

Yael perdeu o fôlego quando o locutor anunciou a chegada deles:

— Apresentando o vencedor do décimo Tour do Eixo, Luka Wotan Löwe, e sua acompanhante, a srta. Adele Valerie Wolfe.

Luka ofereceu o braço esquerdo, como uma antiga alma cavalheiresca dos *junkers* da Prússia. Ele era perfeito para o papel: queixo liso, cabelo penteado para trás, uniforme engomado. Estava usando sua jaqueta de sempre, mas até mesmo ela tinha sido tratada — hidratada e lubrificada para que as rachaduras ficassem menos visíveis. O couro da manga dava a Yael a sensação de manteiga amolecida quando segurou o cotovelo dele e entrou no salão de baile.

Uma análise rápida da área mostrou a Yael que seu alvo ainda não havia chegado. O mundo poderia estar morrendo, mas o salão de baile do Palácio Imperial de Tóquio estava cheio de vida: coberto de cores, música e risadas. O teto se abria como um jardim sobre eles, cada ladrilho dourado pintado com uma planta diferente. Camélias vermelhas, lírios com pétalas cor de fogo, enxames de urzes roxas, peônias cor-de-rosa, estrelas de edelvais. Candelabros de cristal iluminavam a multidão de uniformes de gala e quimonos de seda sob eles.

O imperador Hirohito e a imperatriz Nagako foram os primeiros a cumprimentá-los com grandes honras e sorrisos. O encontro foi breve, o dever de bons anfitriões.

Assim que Yael e Luka deixaram o imperador e sua esposa, os corredores foram rodeados de pessoas — a versão editada. Apenas os mais apurados traços e genes. Eram camisas pardas em sua grande maioria. Homens cujos nomes estavam afixados como um detalhe ao fim dos vários títulos militares intrincados. Suas suásticas dançando em volta do par enquanto apertavam a mão de Luka e apontavam admirados para as Cruzes de Ferro no seu pescoço. (X sobre X. Um cruzando o outro.)

Para homens que cometiam atos tão horrendos, até que suas conversas eram mundanas e baixas. (“O clima aqui está muito agradável, não acha?”, “Quais são suas perspectivas para o futuro, vencedor Löwe?”, “Nunca foi ao lago Zell no verão? Precisa ir!”) Aquilo facilitou para Yael desligar as vozes enquanto observava os convidados chegando. Seu coração batia como um *taikô* a cada nome anunciado. Havia casais da alta sociedade de Tóquio e generais japoneses. Havia oficiais da corrida e mais camisas pardas.

Mas nunca ele.

O salão estava ficando lotado. Yael prestou atenção em todas as câmeras. (Eram seis, montadas em vários pontos da sala, numa formação de estrela, pensada para capturar todos os momentos do Baile da Vitória, todos os ângulos.) Ela precisaria escolher o local exato, com visão para a maioria das câmeras, mas próximo da beira do salão. Perto de uma porta ou mesmo de uma janela. Havia duas saídas principais (uma ao sul e uma a oeste), mas era nelas que estava a maioria dos guardas. A série de janelas no lado leste era sua melhor opção.

— Você parece prestes a sair correndo. — Luka se aproximou e sussurrou em sua orelha: — Sou um parceiro tão terrível?

Houve uma pausa no enxame em volta deles, Yael percebeu. O burburinho geral do salão de baile tinha diminuído.

Luka não pareceu notar. Continuou falando sozinho:

— Não vou mentir. Também me sinto assim. Não é meu tipo de ambiente. — Ele puxou o colarinho do uniforme. As cruzes se emaranharam penduradas em seu pescoço. — Queria um cigarro.

Já fazia um minuto que o locutor estava em silêncio. As portas do salão de baile estavam fechadas, o que significava que algo ou alguém estava se preparando atrás delas.

Aquela era a hora. Ela podia sentir, vazando, subindo, quente como lava.

Podia sentir a presença *dele*. Logo do outro lado. Tão poderosa que precedia o corpo. Entrando no salão. A multidão estava em silêncio, olhando para a porta com expectativa, esperando...

— Eu agradeceria se deixasse meu braço sobreviver a esta noite. — Foi só depois que Luka murmurou aquilo que Yael percebeu que ainda estava apoiada no cotovelo dele, e cravava as unhas em sua jaqueta.

Quando ela soltou, não soube o que fazer com as mãos. Estavam coçando, coçando, contraindo-se em busca da arma, mas ainda não era a hora. Então Yael as fechou, cravando as unhas na palma.

— Parece que você precisa fumar também — Luka murmurou.

— Chega de fumaça — Yael disse. — Chega.

O salão estava tão silencioso, tão *pronto*, que deu para ouvir o fôlego que o locutor tomou antes de suas próximas palavras altas e agudas.

— Apresentando o Führer do Terceiro Reich, Adolf Hitler.

As portas se abriram.

Ele estava tão envolto pela SS que, no começo, mal dava para vê-lo. Guarda-costas cercavam o Führer como se estivesse em quarentena. Uma parede impenetrável de uniformes pretos e armas, protegendo-o do populacho doentio. Mas o círculo se alargou quando Adolf Hitler entrou no salão.

E lá estava ele. Não em preto e branco. Não uma voz sem corpo. Não um rosto num cartaz. Mas o homem em pessoa. O monstro em carne e osso.

A maioria das pessoas aplaudiu sua chegada. Yael só cravou mais as unhas.

O Führer caminhou diretamente na direção deles.

Não era um homem grande. Yael ficava alguns centímetros mais alta que ele no corpo de Adele Wolfe. Seus olhos estavam quase na mesma altura, colidindo quando ela o encarou. A íris dele era azul. O tom de um céu sem nuvens e do espírito de um esqueleto. A cor das veias sob a pele, prontas para a agulha. Uma corrente como sangue correu por elas — algo faiscante, queurgia palavras vermelhas, vermelhas.

O resto dele parecia quase morto em comparação.

Em *Conversa de Chancelaria*, o Führer era todo fogo ardente e enxofre. Mas ali, na frente dela, sob o brilho dourado do teto do salão de baile, ele parecia apagado. Eram tantas as coisas que as câmeras da Reichssender não mostravam... Fios grisalhos se arrepiavam em seu bigode, cobriam a linha do cabelo e a lateral arrumada. A barriga que acompanha a idade empurrava os botões da camisa parda. Rugas vincavam e formavam teias em volta dos olhos.

Ele era um velho: tinha sessenta e seis anos. Vivera mais do que muitos.

O estômago de Yael se revirou. Seus olhos vazaram ácido como uma bateria estragada.

— Meus parabéns novamente, vencedor Löwe — disse o Führer assim que parou, mantendo certa distância, os guardas entre eles. — A Cruz Dupla não é para qualquer um. Você é um espécime primoroso do ideal ariano. Forte, inteligente, sagaz. A Nova Ordem precisa de homens iguais a você como líderes da próxima geração.

A cabeça de Luka afundou de uma maneira que poderia ser interpretada como um agradecimento. As cruzes em seu peito bateram uma contra a outra.

— Era meu dever correr, *mein Führer*.

As unhas de Yael cravaram mais e mais fundo.

— Talvez seu próximo dever seja entrar para a Chancelaria. Quando retornar à Germânia, vou mandar minha equipe entrar em contato a respeito de um cargo.

Daquela vez, Luka não agradeceu. Ele não sorriu.

— Sim, *mein Führer*.

Adolf Hitler tampouco sorriu. Foi só quando se voltou para Yael que seus lábios finos sugeriram alguma emoção.

— Vencedora Wolfe. É um prazer revê-la aqui. Espero que nos encontremos mais vezes esta noite. — Suas palavras não eram rubras nem ásperas. Ele parecia civilizado, amigável, *mais*

que amigável.

“Ela é loira e bonita.” Ela pôde ouvir a voz de Vlad, resmungando sobre a xícara de chá batizada. “Bem o tipo dele.”

Yael precisou de todo o seu treinamento para não esfaquear o Führer bem ali. (Não que não o tivesse considerado. Teria sido pouco prático; ainda havia guardas da SS entre eles e rostos demais bloqueando as câmeras.) Mas fez o impossível: sorriu e tremulou os cílios pálidos, como uma adolescente ao ver o namorado.

— É uma honra vê-lo novamente, *mein Führer*. Gostei muito da nossa noite no ano passado.

Ele sorriu. Seus lábios formaram uma curva perfeita — toda uma distribuição de emoções, intenções.

— Vai dançar comigo esta noite? — ele perguntou.

Yael abriu a mão — ela precisava parar de cravar as unhas antes que tirasse sangue, antes que fosse derramado na hora errada — e respondeu:

— Será um prazer.

Ao lado dele, Luka foi vítima de um acesso de tosse que contorceu seu rosto. Yael não soube dizer se era real ou não.

— Está bem, vencedor Löwe? — A preocupação do Führer soou falsa. Como se estivesse recitando uma frase. Seus olhos cintilavam algo ferino enquanto observava o rapaz.

— Cigarros demais — Yael disse.

Luka parou de tossir. O olhar que lançou para ela era ardente, uma obra de arte de fúria e emoções: “era-segredo” misturado com “e-agora-o-que-eu-faço” e uma pitada de “vá-pro-inferno” e “pode-puxar-o-saco-dele-eu-não-ligo”.

Assim ele aprenderia a não trapacear.

O Führer pareceu enojado.

— O vício das raças menores, plantado para sabotar a pureza corporal dos arianos. Espero que não seja adepta do tabagismo, vencedora Wolfe.

Yael olhou fundo naqueles olhos enfeitiçantes e se perguntou se ele já tinha visto o preto rodopiante saindo das chaminés do campo de extermínio. Uma evisceração sem fim.

— Acho repulsivo — ela disse com um sorriso (embora suas tripas estivessem se retorcendo).

A noite foi passando, chegaram os canapés e os coquetéis, os brindes, as poesias sobre a força do vencedor Löwe, um jantar formal num salão contíguo com câmeras contíguas. Luka manteve uma expressão azeda durante tudo. O Führer manteve seus guarda-costas por perto. E o negrume ácido nos ossos de Yael continuava borbulhando, subindo.

Então finalmente veio a dança.

A primeira era do vencedor. Os braços de Luka estavam tensos em volta dela quando entraram na pista. Yael segurou a ponta da manga esquerda enquanto apoiava o braço sobre o ombro de Luka (ela não queria que a seda caísse de novo, expondo seus curativos). Não era uma valsa de verdade (era *impossível* com as restrições do quimono), mas um giro pela pista a passos miúdos e constrangidos. Estavam dançando havia mais de um minuto quando Luka finalmente abriu a boca.

— Então, quando é o casamento? — Havia um tom de provocação em sua voz que era um pouco perverso demais. Real demais. — Vou ser convidado?

Ele estava falando sobre ela e o Führer. Pelo menos, significava que os flertes dela tinham parecido genuínos.

— Você está com ciúmes. — Ela riu.

— Está mesmo tão surpresa? — Ele parecia sério. Aqueles olhos de uma ferocidade leonina estavam mais suaves do que nunca. Sua mão estava leve, levíssima, em sua cintura. — Você realmente não sabe?

Yael sabia. E ficou surpresa que, apesar do caldeirão de fúria e dor em seu peito, o garoto de jaqueta marrom ainda conseguisse encontrar um coração dentro dela. Apertá-lo. Fazer com que sentisse outra coisa...

PARE.

NÃO É POR ISSO QUE VOCÊ ESTÁ AQUI.

Ela estava se perdendo de novo. Tornando-se alguém que não era. Alguém de quem Luka gostava muito antes de Yael roubar seu rosto.

Tentou dizer aquilo a ele. Decepcioná-lo — e, em muitos sentidos, decepcionar a si mesma — levemente.

— Luka, eu... não sou uma pessoa que você pode amar.

Mas “não” era uma resposta que Luka Löwe não estava acostumado a aceitar.

— Sei que você jurou não se casar e não entrar para o Lebensborn, mas prometo que seria diferente comigo. Tentei seguir com a vida depois do ano passado. Mas todas as garotas que eu conhecia eram chatas, burras como uma porta. Você me desafia, Adele. Sempre me desafiou.

Por mais suaves que estivessem os olhos dele, seu rosto estava ainda mais. O rosto que era capaz de fazer cem mil donzelas alemãs se apaixonarem estava coberto de emoções, a dureza se desfazendo.

— Você está errada — ele sussurrou. — Não posso amar outra pessoa.

Scheisse! Ele estava... pedindo Adele em *casamento*?

Ela precisava impedir aquilo. Rápido. Antes que as câmeras da Reichssender sentissem o cheiro. Antes que todo o salão de baile soltasse “ooh” e “aah”, e qualquer chance que ela tivesse de dançar com o Führer fosse arruinada.

— Nunca vamos conseguir confiar um no outro — ela disse.

— Bobagem. — Luka balançou a cabeça. — Estamos quites agora. Lembra?

O “não” dela precisava ser mais forte. Esmagar suas esperanças. Ir para onde Luka não pudesse voltar. Pelo menos por alguns minutos.

— Não amo você. — Yael não teve coragem de encarar Luka ao dizer aquilo. (Havia sentimentos demais.) Olhou para o círculo de espectadores. Encontrou *Hitler*. Aquele por quem não tinha amor nenhum. — E nunca vou amar.

Os braços de Luka ficaram rígidos, mas ele continuou se movendo. Encenando a dança. Ele a girou para que Yael não pudesse mais ver o Führer. Ela olhou para o teto, estudando o bonsai pintado nos ladrilhos logo acima deles.

— Você sempre olha para o alto. — Sua voz ardia. Uma mágoa descarada.

A música ficou mais lenta. Seus passos pararam.

A dança deles chegara ao fim.

Do outro lado do salão, o Führer deixou seus guarda-costas, entrando no centro da pista de dança para a valsa que havia prometido. Ele se movia como um lutador entrando no ringue, ignorando todos os espectadores, girando os ombros, com os olhos no prêmio.

— Parece que seus sonhos estão prestes a se tornar realidade. — Luka não se deu ao trabalho de tirar a amargura da voz. Ele soltou Yael. — Vou sair para fumar.

— Adeus. — A palavra saiu de sua boca antes que ela tivesse tempo de impedir.

O garoto agiu como se não tivesse ouvido. Virou as costas para ela e saiu pela porta.

Yael também virou as costas para ele e encarou o Führer. A mão do homem se curvou como um gancho de carne em torno da cintura dela. A corrente elétrica em seus olhos se intensificou e luziu. Ele não estava exatamente sorrindo, mas seus lábios pareciam famintos e tensos sob o bigode.

A música recomeçou.

Adolf Hitler era um dançarino muito melhor que Luka Löwe. Mas seus movimentos eram brutos, vigorosos. Ele pareceu não se importar com as limitações do quimono de Yael, fazendo com que ela as ultrapasse.

Todas as seis câmeras estavam reunidas em volta da pista. Seis imagens claras.

Havia um pequeno espaço na multidão, perto das janelas. O mundo lá fora estava escuro e as luzes contra o vidro mostravam o reflexo de Yael. Em miniatura — sendo girada de um lado para o outro pelo homem que mais odiava no mundo. Ele a aproximava cada vez mais. Estava cada vez mais próximo da própria morte. Só mais alguns passos agora.

A mão direita dela estava apertada contra a dele, presa na postura tradicional da valsa. Ela teria de usar a esquerda.

— Você é uma mulher e tanto, vencedora Wolfe — disse o Führer. — Linda, inteligente, corajosa... É um dos maiores elogios à nossa raça.

Ela não sabia se conseguiria controlar o fogo dentro de si por mais tempo. Seu sangue fervia e subia: para cima, para cima, para cima, até ela imaginá-lo vazando através do quimono. Do mesmo vermelho que corria por sua seda. O mesmo vermelho que corria por todas as veias. O mesmo vermelho que estava prestes a arrancar *dele*.

Mas, antes que Yael fizesse tudo aquilo, ela queria que ele *soubesse*. Não só por quê, mas por quem. *Quem, quem, quem*. Se não podia ser ela mesma naquele momento, de que adiantava aquilo tudo?

Yael tinha esquecido quem era tantas vezes. Nunca mais esqueceria.

Ninguém esqueceria. Não depois daquilo.

Todas as versões dela subiram com o sangue. A boneca menor e a menina judia marcada com um X. A trombadinha selvagem e a garota que comia biscoitos e estudava cálculo. A garota que correu sem olhar para trás. A garota que parou e fez. O monstro e a valquíria.

Tantas vidas atrás de uma voz firme:

— Sou Yael. Sou a prisioneira 121358ΔX. Sou sua morte.

A mão esquerda dela mergulhou em seu obi enquanto dizia aquilo, pegando a P38. Yael

precisava agir rápido. O salão, o *mundo*, a tinha ouvido e os guarda-costas já estavam se movendo.

— Você foi a primeira... — A voz do Führer virou um murmúrio, mas o atordoamento em seus olhos só cresceu: um medo tão frenético quanto tubarões que sentiam o primeiro cheiro de sangue.

Ela não inspirou. Não expirou. Mas olhou firme.

Vida e morte. O poder em suas mãos e os lobos em seus braços.

MATE O DESGRAÇADO.

O medo nos olhos dele disparou, alto, mais alto, mais alto, através da íris de Adolf Hitler. E, de repente, ela mudou: azul, verde, dourado, castanho, cinza, preto... até um *brilho*. Yael viu todas aquelas cores passarem pelos olhos dele assim que apertou o gatilho. Exatamente quando a bala atravessou o cano da P38, cortou o espaço minúsculo entre eles, atravessou a camisa parda, a pele, a carne de seus músculos cardíacos.

Era daquele jeito que impérios caíam. Era daquele jeito que os tiranos caíam.

Como todos os outros.

Por um momento, ele estava voando. As asas da morte o carregaram para trás, lançaram seu corpo ao chão. Vermelho brotou feito musgo em volta dos botões de sua camisa. Seus olhos vidraram — vazios e de um brilho impossível —, sem ver nada do teto dourado acima deles.

Adolf Hitler, o Führer do Terceiro Reich, estava morto.

Mas algo estava errado... não eram apenas seus olhos... o prateado de seu cabelo escapava, passando o branco por todos os fios. Até sua pele ficou um tom mais pálido.

Ele estava morto, sim, mas estava mudando. Mudando de uma maneira que ela já tinha visto antes. No campo de extermínio, no Barracão Sete. Nas sombras dos becos da Germânia. Em espelhos manchados de mercúrio.

“Você foi a primeira”... não a única.

Não era o Führer quem acabara de morrer. O corpo aos pés dela pertencia a um metamorfo. Alguém igual a ela.

Alguém em quem tinha atirado e matado.

Os segundos estavam acabando, voltando ao ritmo real. Os guarda-costas avançaram de todos os lados, e ela tinha de *CORRER OU MORRER*. Ainda havia raiva dentro de Yael e ela a usou para acelerar seus movimentos. A pleno galope.

Yael ergueu a barra do quimono e correu para a janela. O vidro era antigo e frágil, precisando de apenas um tiro para estilhaçar, ruir, abrir caminho. Yael saltou; mais balas cortaram os lados da janela, seguidas pelos gritos agressivos dos guarda-costas e por um caos de emoção, subindo, crescendo no salão.

O terreno não era bem iluminado, e havia vários trechos de escuridão onde se esconder. Yael arrancou o quimono, plantou-o sob algumas das poucas luminárias e correu na direção oposta. Seu corpo se movia segundo o manual de instruções do treinamento incansável de Vlad, mas sua mente estava empacada numa única linha de pensamento.

Não era ela. Não era ele. Não foi o Führer que eu matei, só um boneco inocente. Mas as câmeras pegaram e a resistência vai se levantar, agir, sem saber que o verdadeiro monstro

continua vivo... sua gordura sobre os ossos do mundo.

Um monstro que eu cutuquei, violentamente.

O pensamento fez Yael querer vomitar enquanto chegava aos arbustos que escondiam seu kit de sobrevivência. Trocou de roupa, trocou de rosto, calçou as botas.

Ela precisava encontrar um telefone, um telégrafo, algo para enviar uma mensagem a Reiniger e Henryka, avisá-los...

Mas era tarde demais.

O tiro tinha sido ouvido em todo o mundo.

O pavio tinha sido aceso.

E não havia como apagar.

PRESENTE

2 DE ABRIL DE 1956

O Anjo da Morte estava sentado na frente da televisão. Seus óculos tinham deslizado para a ponta do nariz. Estava tudo desfocado, mas ele não se deu ao trabalho de ajustar os óculos de volta.

Não havia mais nada para ver. Ele já tinha assistido a tudo. A multidão feliz, o jantar elaborado, a linda garota loira dançando com o sócia do Führer e o matando em seguida.

Não foi a visão do sangue que perturbou o dr. Geyer. (Afinal, ele era um cirurgião. Era naquilo que chafurdava o dia todo — sujeira, imundície, vermelhidão... Sangue era só sangue era só sangue.) Não... foram as palavras que entraram na pele do dr. Geyer, encheram-no de um pavor maior que qualquer outro.

“Sou Yael. Sou a prisioneira 121358ΔX. Sou sua morte”, a garota disse, com uma fúria infernal. Com o tipo de julgamento reservado aos deuses.

Yael. Detenta 121358ΔX. Ela atendia por outros nomes na mente do dr. Geyer: Paciente Zero, Menina Perdida, Segredo Mais Oculto.

Sempre fora uma de suas favoritas. Forte, difícil de quebrar, relutante a morrer. Era uma qualidade que ele nunca conseguira definir de verdade até vê-la. Determinação ferrenha, alma ferrenha. Era raro que visse aquele tipo de sentimento nos olhos que saíam dos vagões de gado. Ainda mais raro nas crianças.

A Paciente Zero tinha sido fácil de identificar do alto da caixa de maçãs — embora um rio de humanos esfarrapados ameaçasse a afogar. Como muitas outras crianças, ela se segurava à batinha do casaco da mãe. Também havia medo em seus olhos, mas não era o mesmo terror animal que cegava os outros. Não... o medo calculava, despiu a menina, expunha o ferro dentro dela.

Assim que aquela menina o encarou de volta (e continuou encarando através do medo, da dor e dos lamentos dos muito mais velhos), Geyer soube que ela era algo que ele poderia derreter. Algo que poderia sobreviver à forja.

Ele estava certo. Ela foi o princípio de tudo, seu primeiro sucesso. Foi só depois que escapou que o dr. Geyer entendeu o que havia encontrado por acaso: camuflagem — o potencial definitivo, infinito. A fuga em si ele tinha acobertado o mais rápido possível: demitindo a enfermeira (nunca tinha gostado dela mesmo) e ordenando o extermínio do Barracão Sete. (Ele havia explicado a Vogt que o barracão estava infectado por piolhos, o que não era mentira.) Carimbou FALECIDA na pasta de 121358ΔX e a arquivou. Quando Himmler perguntou sobre ela meses depois, o dr. Geyer disse que a menina havia morrido.

Então, o Anjo da Morte seguiu em frente. (O progresso não esperava ninguém.) Testou o composto em outras cobaias, fazendo questão de trancá-las em celas de observação enquanto os sintomas se manifestavam. A maioria morreu pela febre e pela infecção. Outros atravessaram a linha da loucura. Mas alguns poucos sobreviveram. E aqueles poucos foram tudo de que ele precisou para mostrar a Himmler o mundo que havia desvendado, as possibilidades. Himmler foi tudo de que ele precisara para apresentar os resultados do Experimento 85 ao Führer em pessoa. Sua permissão foi tudo de que ele precisara para testar o composto em soldados e iniciar o Projeto Doppelgänger, uma iniciativa ultrassecreta para criar sócias de personalidades políticas importantes.

Embora tivesse fechado o arquivo onze anos antes, ele às vezes pensava na Menina Perdida. A lógica lhe dizia que ela tinha morrido de fome na floresta ou atingida por uma bala perdida e sangrado até a morte — toda aquela pesquisa maravilhosa desperdiçada... Ele não esperava que ela fosse reaparecer. Muito menos daquele jeito.

Ela tinha sobrevivido bem demais. Sido forjada em algo forte demais.

A televisão estava desligada, mas a voz de ferro da garota continuava repercutindo em seus ouvidos. *Sou, sou, sou*. Revelando os segredos do Führer e suas mentiras para que o mundo inteiro visse.

A sentença dela não foi em vão. O dr. Geyer sabia que a culpa de tudo aquilo desceria pelas fileiras. Recairia sobre seus ombros com todo o trovão do martelo de Thor. Ele já começava a tremer...

Se ao menos não tivesse mentido para Himmler. Se ao menos a tivesse trancado numa cela de observação como os demais. Se ao menos tivesse escolhido outra pessoa naquela noite em cima da caixa de maçãs.

Mas o que estava feito estava feito, e não adiantava se contorcer por conta daquilo. Uma garota tinha sobrevivido e um sócia havia morrido, e tudo que o dr. Geyer podia fazer era ajeitar os óculos sobre o nariz e esperar. Ele sentou à mesa, fitando o telefone de disco preto reluzente.

O aparelho continuou em silêncio por um longo, longo tempo. Ele imaginou que a Chancelaria estava ocupada tentando resolver o incidente (afinal, *todos* tinham visto). Himmler provavelmente seria o bode expiatório e levaria um sermão. Uma surra verbal que seria repassada a Geyer com uma fúria exponencial.

O Anjo da Morte torcia para que aquilo fosse tudo o que receberia.

A garota era o princípio de tudo. Quando o telefone tocou, o dr. Geyer não conseguiu abandonar a sensação de que seria o fim de tudo também.

PRESENTE

2 DE ABRIL DE 1956
TERRITÓRIOS VERMELHOS

Foi isso que o mundo viu: o Führer morrendo milhões de vezes. O grito da garota, o disparo e a queda se iluminaram em milhões de telas separadas em milhões de momentos separados.

E então veio a estática, tudo estática, guinchando SEM SINAL ENCONTRADO.

Mas o sinal já tinha sido dado. Uma a uma, as pessoas desligaram suas televisões. E começaram a agir.

Em Roma, uma porta vermelha se abriu. Guerrilheiros percorreram as ruas feito ratos. Só que, daquela vez, era uma praga em vez de uma fuga. Um garoto marcado pela acne fez o sinal da cruz e louvou a Volchitsa.

No Cairo, um homem colocou o narguilé na mesa e pegou a carabina que mantinha escondida desde a Grande Rendição. Em toda a cidade, outros fizeram o mesmo. Eles tinham que comparecer a uma reunião no prédio do *Reichskommissar*.

Na Germânia, o general Erwin Reiniger terminou de se reunir com todos os oficiais que tinha trazido para a causa da resistência. Alguns estavam temerosos, com os bigodes suados e o olhar agitado. Outros estavam inabaláveis. Todos tinham a consciência ardente. Juntos, representavam mais da metade do Exército do Reich, e seus regimentos já estavam cercando a cidade. Prontos para devorá-la inteira.

Num porão, Henryka enrolava seu cabelo oxigenado demais e trocava tachinhas de lugar no mapa. Entre uma respiração e outra, rezava pela garota que poderia ser sua filha. Entre outra respiração e uma, rezava pelo sumiço da vermelhidão.

Vinte mil quilômetros de distância (mais ou menos), Yael mancava pelas ruas de Tóquio, com o cabelo preto e curto ainda molhado pela água do fosso, os traços do rosto perfeitamente camuflados entre os pedestres por que passava. Ela manteve os ouvidos atentos enquanto caminhava, tentando escutar o que estava acontecendo no Ocidente — absolutamente qualquer coisa. Mas as únicas palavras que saíam da boca das pessoas eram “Adele” e “assassinato”. A atenção de todos estava no tiro disparado no Baile da Vitória. Como Reiniger havia planejado.

A missão tinha falhado, mas não tinha fracassado. Ela havia feito tudo o que tinha sido pedido: atravessado continentes, comparecido ao Baile da Vitória, sacado a arma, disparado. Um homem havia morrido para tornar o mundo melhor e, embora não fosse o sacrifício certo, não havia como voltar.

O vermelho tinha sido derramado. Mas, daquela vez, a *esperança* correria com ele.

A Segunda Operação Valquíria era um sucesso. Em todo o Reich, a teia da resistência estava

agindo, espalhando-se. Londres. Paris. Bagdá. Trípoli. Praga. Viena. Amsterdam. Cidades atrás de cidades insurgiam.

O mundo não estava apenas se movendo. Estava vivo.

E pronto para lutar.

NOTA DA AUTORA

Como escritora, busco examinar todas as facetas da vida através de uma única pergunta: “E se?”. Ela costuma levar a outras, que levam a outras... E não é raro eu tentar respondê-las na forma de um livro.

A história — vuma coleção tão fluida e frágil de datas e acontecimentos — sempre me fascinou. Inclui uma quantidade incontável de “e se”. E se Hitler tivesse tomado a decisão de executar a Operação Leão-Marinho, invadindo a Inglaterra no verão de 1940? E se, em vez de atacar Pearl Harbor, os japoneses tivessem auxiliado no ataque de Hitler à União Soviética, fazendo Stálin combater uma guerra de duas frentes? E se os americanos tivessem se mantido fiéis à política isolacionista tão popular durante a década de 1930?

E se o Eixo tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial?

Livros inteiros e fóruns virtuais exploram os aspectos técnicos dessa possibilidade. (Um livro particularmente bom é a coletânea de ensaios *If the Allies Had Fallen: Sixty Alternate Scenarios of World War II* [Se os Aliados tivessem perdido: Sessenta cenários alternativos da Segunda Guerra Mundial], organizado por Dennis E. Showalter e Harold C. Deutsch.) Embora os historiadores discordem da possibilidade de uma vitória definitiva do Eixo, a maioria concorda que, em um ou outro momento, ela foi possível.

O mundo que entrevemos nestas páginas poderia ter sido o nosso. E foi, durante um tempo e em um lugar.

A Nova Ordem de Hitler seria construída com o suor e o sangue dos povos eslavos. Sua cultura seria aniquilada, sua terra seria tomada para o Lebensraum (território para o que Hitler acreditava ser o direito divino dos arianos de se expandir para o Oriente), sua população seria usada no trabalho escravo. Perto do fim de 1944, mais de nove milhões e meio de estrangeiros e prisioneiros de guerra trabalhavam até a morte em fábricas, campos e minas em toda a Alemanha.

Hitler, que alimentava um ódio especial contra os judeus desde seu tempo em Viena, buscava não apenas escravizá-los, mas exterminá-los. Sua Solução Final para a Questão Judaica foi aplicada com pelotões de fuzilamento, caminhões de gás e campos de extermínio. Estima-se que seis milhões de judeus tenham morrido antes que os aliados vencessem a Segunda Guerra Mundial.

As mulheres do Reich eram dissuadidas de prosseguir com os estudos ou trabalhar fora de casa. Eram estimuladas a gerar o máximo de filhos possível para espalhar a raça ariana pelos territórios recém-conquistados. Mães que tinham quatro filhos ou mais chegavam a ser premiadas com a Cruz de Honra da Mãe Alemã. No entanto, como no caso da personagem Adele Wolfe deste romance, havia exceções. Entre as mais notáveis, esteve Hanna Reitsch, piloto de teste nazista que foi premiada com a Cruz de Ferro pelo próprio Hitler em 1941.

Houve mais de quarenta tentativas documentadas de assassinar Hitler, mas o mais famoso foi o Atentado de Julho, um plano elaborado por oficiais de alta patente do Exército do próprio Hitler, que — assim como Reiniger neste romance — se sentiam moralmente obrigados a pôr fim ao reinado de terror.

Em 20 de julho de 1944, o coronel Claus von Stauffenberg compareceu a uma reunião no Wolfsschanze (quartel-general de Hitler no Fronte Oriental) com uma bomba-relógio na mala e a intenção de matá-lo. A morte de Hitler era parte essencial do plano dos conspiradores de executar um golpe de Estado contra o governo nazista usando a Operação Valquíria: um protocolo militar (projetado pelo general Friedrich Olbricht, um conspirador, e aprovado pelo próprio Hitler) que permitia que o Exército de Reserva Territorial da Alemanha dominasse Berlim em caso de agitação civil.

Quando a morte de Hitler fosse anunciada (e todos os soldados alemães fossem liberados de seu juramento de fidelidade a ele), Olbricht e os outros conspiradores poderiam iniciar a Operação Valquíria, controlar a Wehrmacht (as Forças Armadas) e instaurar um novo governo antinazista.

Quando a bomba de Stauffenberg disparou eram 0h42, a explosão matou quatro pessoas. Adolf Hitler não estava entre elas. Infelizmente, Stauffenberg, que tinha escapado, não sabia daquilo e convenceu os conspiradores em Berlim a iniciar a Operação Valquíria. Assim que a notícia da sobrevivência de Hitler chegou à capital, o golpe cuidadosamente planejado fracassou.

A resposta da Gestapo ao Atentado de Julho foi implacável. Houve sete mil prisões e quase cinco mil execuções.

Durante um tempo e em um lugar, esse foi nosso mundo.

A história alternativa é um gênero composto pelo estudo de hipóteses e especulações. Alguns elementos dessa história são muito mais especulativos do que outros. Apesar de a relação entre Hitler e Mussolini ser temperamental e de Hitler não ser conhecido por honrar alianças, não há evidências de que pretendesse trair Mussolini a fim de conquistar seus territórios. Também não há evidências de que pretendesse estender sua política de Lebensraum à África e ao Oriente Médio. O planejamento do Lebensraum se limitava à Europa Oriental, embora haja historiadores que defendam que essa aquisição de território fosse apenas um primeiro passo para a dominação mundial. Afinal, Hitler nomeou seus planos de reforma arquitetônica de Berlim Welthauptstadt Germania, ou Germânia, a capital mundial.

Tomei outras liberdades criativas mais óbvias. A corrida de motocicleta de Berlim a Tóquio foi um evento criado inteiramente por mim, embora houvesse um grupo na Juventude Hitlerista chamado Motor-HJ, que se dedicava a treinar jovens alemães a pilotar motocicletas. O Exército alemão também fazia uso intenso de tropas de motocicleta, conhecidas como Kradschützen, que eram respeitadas por sua velocidade e mobilidade.

O maior afastamento da realidade, porém, é o metamorfismo de Yael. Alguém pode se perguntar por que decidi introduzir um elemento fantástico num cenário tão sério.

O racismo era indissociável das políticas de Hitler. Sua crença de que os arianos eram a raça superior, destinada à dominação mundial, alimentou sua determinação de invadir outros países

e dominar seus territórios como Lebensraum. Sua escala racial perversa e seu desejo de manter a raça ariana “pura” geraram males como a eugenia, a esterilização forçada, a eutanásia de idosos e deficientes, e a eliminação de todos aqueles que Hitler considerava indignos de viver.

E se, nesse ambiente, a raça se tornasse irrelevante?

Este livro, no fundo, trata de identidade. Não apenas de como nos vemos, mas como vemos os outros. O que faz as pessoas serem quem são? A cor de sua pele? O sangue em suas veias? O uniforme que vestem? Dei a Yael a capacidade de trocar de pele para tratar dessas questões, além de destacar o absurdo da superioridade racial. Ao tomar liberdade criativa com esse elemento fantástico, desejei tirar os leitores de sua zona de conforto e colocá-los nas muitas peles de Yael, oferecendo assim uma compreensão mais profunda do que a humanidade é capaz. Tanto para o bem como para o mal.

Quando este livro for publicado, mais de setenta anos terão se passado desde que os Aliados venceram a Segunda Guerra Mundial. Há quem considere se enveredar na história que nunca aconteceu uma atividade macabra e perturbadora. Afinal, Adolf Hitler não saiu vitorioso, e os horrores do Holocausto chegaram ao fim. De que adianta imaginar outro cenário?

Para muitos, é tentador repudiar os nazistas e suas políticas como males isolados na história. Mas o racismo e o antissemitismo estão longe de ser coisa do passado. A Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia relatou em seu levantamento de 2013 que 76% dos pesquisados acreditam que o antissemitismo cresceu em seu país nos últimos cinco anos. No momento em que escrevo esta nota, tanto o *New York Times* como a *Newsweek* publicaram artigos sobre a ascensão do antissemitismo, detalhando ataques de multidões a sinagogas.

Minha esperança é que a história de Yael não apenas lembre os leitores que todas as pessoas são iguais, mas também os estimule a aprender a história por trás da ficção e usar o conhecimento para refletir sobre a atualidade.

O mundo dentro destas páginas poderia ter sido o nosso. E foi, durante um tempo e em um lugar, então devemos fazer o possível para não esquecer isso.

AGRADECIMENTOS

Desde o começo, este livro foi um projeto grandioso, assustador e intimidante, mas tive muita ajuda, mesmo antes de começar a escrever. Meu amigo Nagao me trouxe uma infinidade de livros de referência sobre motocicletas e armamentos da Segunda Guerra Mundial, respondeu minhas perguntas aleatórias sobre cestos de motos e me permitiu entrar na pele de Yael me ensinando a atirar com uma Walther P38. Meu padrasto passou horas sentado comigo à mesa da cozinha, conversando sobre resultados hipotéticos da Segunda Guerra Mundial. Meu marido, David, me levou a um passeio surpresa de mountain bike, em que pude sentir o gostinho dos machucados e das dores musculares que estava infligindo a meus personagens. Kate Armstrong e Megan Shepherd aperfeiçoaram esta história com suas críticas precisas e me guiaram por muitas conversas atenciosas sobre o que este livro deveria ser. Anne Blankman me deixou usar um pouco de seu conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial. Jacob Graudin me apresentou os planos de Hitler para uma Berlim transformada em Alemanha.

Eu não podia ter pedido uma editora melhor para *Lobo por lobo* do que Alvina Ling, que entende minhas histórias melhor do que ninguém. Também sou eternamente grata à minha agente, Tracey Adams, que acreditou neste livro no momento mais importante. Nikki Garcia, Hallie Patterson, Kristin Dulaney, Victoria Stapleton, Andrew Smith, Megan Tingley, equipe NOVL: todos vocês tornaram meu trabalho com a Little Brown uma experiência maravilhosa! Obrigada. Amber Caravéo, Nina Douglas e o restante da equipe da Orion: obrigada por dar um lindo lar britânico às minhas histórias.

Aos meus leitores: obrigada por tornar possível viver meu sonho de infância. À minha família: obrigada por me amar e alimentar este sonho. Ao meu Deus: obrigada por me dar este sonho. *Soli Deo Gloria*.



DAVID STRAUSS

RYAN GRAUDIN nasceu e cresceu em Charleston, Carolina do Sul. Em 2009, formou-se em escrita criativa pelo College of Charleston. Viajou para diversas partes do mundo — deu aulas de inglês na Coreia do Sul, viveu numa fazenda na Nova Zelândia, fez um mochilão pelo Peru e observou os leões no Quênia. Dela, a Seguinte já publicou *A cidade murada*.

Copyright © 2015 by Ryan Graudin
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Wolf by Wolf
CAPA Alceu Nunes
PREPARAÇÃO Lígia Azevedo
REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

**ACIDADA
MURADA**

**RYAN
GRAUDIN**

EUNIMEDIA

A cidade murada

Graudin, Ryan

9788543802985

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

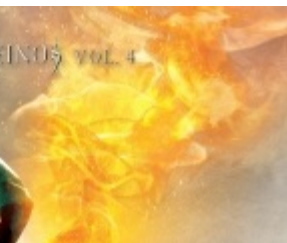
Existem três regras para sobreviver na Cidade Murada. Corra muito. Não confie em ninguém. Ande sempre com uma faca.

Hak Nam é uma cidade murada de ruas estreitas e sujas, onde vivem traficantes, assassinos, prostitutas e ladrões. É também onde mora Dai, um garoto cujo passado o assombra e o mantém preso naquele lugar horrível. Para alcançar a liberdade, ele terá de se envolver com a principal gangue ali dentro e formar uma dupla com alguém que consiga entregar drogas muito, muito rápido. Alguém como Jin, uma garota ágil e esperta que finge ser um menino para conseguir sobreviver e continuar a busca por sua irmã, Mei Yee. Confinada num bordel, Mei Yee está mais perto do que Jin imagina. Ela passa os dias sonhando em fugir... até que Dai cruza seu caminho.

Inspirado na cidade murada de Kowloon, que existiu em Hong Kong até os anos 1990, este romance lírico e ao mesmo tempo cheio de adrenalina a luta desses três jovens, que, unidos pelo destino, tentam escapar da Cidade Murada para recomeçar a vida bem longe dali.

[Compre agora e leia](#)

AQUEDA DOS REINOS VOL. 4



MARÉ CONGELADA

MORGAN RHODES

SEGUINTE

Maré congelada

Rhodes, Morgan

9788543805405

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quarto volume da série A Queda dos Reinos, rebeldes e realza lutam pelo trono de Mítica.

As disputas pela Tétrade, quatro cristais mágicos capazes de conferir poderes inimagináveis a quem os encontrar, continua. Amara roubou o cristal da água, Jonas conseguiu o da terra, Felix enganou os rebeldes para ficar com o cristal do ar, e Lucia está com o do fogo. Mas nem todos sabem como ativar a magia da Tétrade, e apenas a princesa feiticeira conquistou poder até agora, aliando-se ao deus do fogo que libertou de seu cristal.

Gaius, o Rei Sanguinário, também não desistiu de encontrar os cristais. Ele está mais sedento por poder do que nunca, especialmente agora que não conta mais com a ajuda da imortal Melenia nem com o apoio de Magnus, o herdeiro que o traiu para poupar a vida da princesa Cleo. Para conquistar todo o mundo conhecido, Gaius resolve atravessar o mar gelado até Kraeshia, e tentar um acordo com o imperador perverso de lá. No caminho, o rei vai encontrar muitas dificuldades e inimigos, como Amara, princesa de Kraeshia, que tem seus próprios planos para conquistar o poder.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO
KIERA CASS

A SEREIA

SEGUINTE

A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil!

Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou.

Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



O cavaleiro fantasma

Funke, Cornelia

9788580866278

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SÉQUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)